A DOUTRINA DA TRINDADE

A ferida autoinfligida do cristianismo

Anthony F. Buzzard

e

Charles F. Hunting

A DOUTRINA DA TRINDADE

A ferida autoinfligida do cristianismo

Anthony F. Buzzard e *Charles F. Hunting*

Título original em inglês:

"***The Doctrine of the Trinity:***

Christianity's Self-Inflicted Wound"

Tradução: (Translation)

Fernando Coutinho Sánchez

Machalí – Chile

Janeiro de 2024

(ferjoscousan@gmail.com)

Todas as citações bíblicas neste estudo em português foram retiradas da Versão Bíblica Juan Ferreira de almeida, Revisada, Corrigida, Fiel (ARA). ─ Publicações eletrónicas. Salvo indicação em contrário. Estas citações estão em caracteres. (Itálico)

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um verso da Escritura são incluídas em [COLCHETES].

Todas as palavras gregas, hebraicas, aramaicas ou outras palavras não-portuguesas estão entre aspas, em "ITALICAS" e/ou transliteradas para português.

Estes capítulos são dedicados à memória daqueles estudantes de espírito magnânimo que, tendo descoberto o Deus da Bíblia, morreram pela convicção de que Ele é Um.

TABELA DE CONTEÚDOS

PREFÁCIO …… 6
RECONHECIMENTOS ……... 8
INTRODUÇÃO ……. 9
I. O DEUS DOS JUDEUS ……. 15
II. JESUS E O DEUS DOS JUDEUS ……... 25
III. OS SEGUIDORES DE JESUS ACREDITARAM QUE ELE ERA DEUS? . 39
IV. PAULO E A TRINDADE …… 55
V. DO MUNDO HEBRAICO DA BÍBLIA AO SÉCULO XX VIA FILOSOFIA GREGA .. 67
VI. A TRINDADE E A POLÍTICA ……. 81
VII. A NATUREZA DA PREEXISTÊNCIA NO NOVO TESTAMENTO ……. 90
VIII. JOÃO, A PREEXISTÊNCIA E A TRINDADE …… 101
IX. O ESPÍRITO SANTO: UMA TERCEIRA PESSOA OU DEUS EM AÇÃO? 124
X. O CONFLITO SOBRE A TRINDADE NA HISTÓRIA DA IGREJA E NO DEBATE ATUAL 132
XI. O DESAFIO DE ENFRENTAR O TRINITARISMO HOJE ……. 147
XII. MUDÁMOS POR OUTRO DEUS? ……. 161
XIII. UM APELO POR UM RETORNO AO CRISTO BÍBLICO …… 171
XIV. EPÍLOGO: ACREDITAR NAS PALAVRAS DE JESUS …….. 181
BIBLIOGRAFIA …… 184

"No ano 317, surgiu uma nova contenda no Egito com consequências de natureza perniciosa. O tema desta controvérsia fatal que acendeu divisões tão deploráveis em todo o mundo cristão foi a doutrina das três Pessoas na Divindade, uma doutrina que nos três séculos anteriores felizmente escapou à vã curiosidade das investigações humanas". **[1]**

"Quando olharmos para trás, através dos longos séculos do reinado da Trindade... perceberemos **que poucas doutrinas produziram um mal mais simples**". **[2]**

"A doutrina cristológica na prática (o que quer que tenha dito que tem feito na teoria) nunca foi derivada simplesmente por meio de inferência lógica das declarações das Escrituras... Na prática, a Igreja geralmente não "baseou a sua cristologia exclusivamente no testemunho do Novo Testamento". **[3]**

"Os gregos distorceram o conceito legítimo e definido de Jesus numa identidade ontológica, criando um conjunto de credos e doutrinas ilógicas que causaram confusão e terror às gerações subsequentes de cristãos". **[4]**

"Em nenhum lugar o Novo Testamento identifica Jesus com Deus". **[5]**

"Como tal doutrina da Trindade é uma parte tão importante da doutrina cristã posterior, é surpreendente que o termo não apareça no Novo Testamento (NT). Da mesma forma, o conceito desenvolvido de três parceiros iguais na Divindade, encontrado em formulações posteriores dos credos, não pode ser claramente detetado dentro dos limites do cânone". **[6]**

"Como deveríamos determinar a natureza da diferença entre o Deus que se tornou homem e o Deus que não se tornou homem, sem destruir a unidade de Deus, por um lado, ou interferir na cristologia, por outro? Nem o Concílio de Nicéia, nem os Padres da Igreja do século IV responderam satisfatoriamente a esta questão": **[7]**

"A adoção de uma frase não-bíblica em Nicéia constituiu um marco no desenvolvimento do dogma; A Trindade é uma verdade, porque a Igreja - a Igreja universal representada pelos seus Bispos - a mantém, embora a Bíblia não!... Temos uma fórmula, mas o que contém a fórmula? Nenhum filho da Igreja ousaria procurar a resposta." **[8]**

Notas Finais

[1] JL Mosheim, "Institutos de História Eclesiástica" (New York, Harper, 1839), 1:399.
[2] Andrews Norton, Uma Declaração de Razões para Descrer da Doutrina do Trinitarismo Relativa Natureza de Deus e a Pessoa de Cristo (Hilliard. Gray & Co., 1833), 287.
[3] Maurice Wiles, El Rehacimiento de la Doctrina Cristiana (Londres: SCM Press, 1974), 54-55.
[4] Professor G.W. Buchanan, de correspondência, 1994.
[5] William Barclay, Uma Autobiografia Espiritual (Grand Rapids: Eerdmans, 1975), 50.
[6] "Trinity", em The Oxford Companheiro da Bíblia (Oxford University Press, 1933), 782.
[7] I.A. Dorner, A História do Desenvolvimento da Doutrina da Pessoa de Cristo (Edinburgh: T&T Clark, 1882), Div. 1,2:330.
[8] "Dogma, Teologia Dogmática", em Encyclopaedia Britannica, 14ª edição (1936), 7:501, 502.

PREFÁCIO

Eu não poderia ler "*A Ferida Autoinfligida Do Cristianismo*" sem ficar novamente entusiasmado com a doutrina cristã (e judaica) primitiva de que "Deus é Um". Se houver alguma incrustação nicena na mente de alguém, este livro deverá removê-la completamente.

É uma experiência agradável ler as explicações claras de *Anthony Buzzard* e *Charles Hunting* sobre textos-chave das Escrituras, geralmente vistos através do prisma trinitário. Ao mesmo tempo, é uma delícia ler as declarações concisas, suficientemente claras para ficarem gravadas na mente do leitor. Um exemplo é a explicação da grande confissão de Tomé em *João 20:28*. Tomé reconheceu no ressuscitado Jesus aquele designado para ser o "Deus" da era vindoura, substituindo Satanás, o "Deus" da era atual. No entanto, as palavras "Senhor" e "Deus" de Tomé são simplesmente títulos messiânicos análogos ao título divino dado no Antigo Testamento (AT) ao anjo do Senhor como representante de Deus. O anteriormente duvidoso Apóstolo não adotou repentinamente o Credo Niceno ou Atanasiano e percebeu seu Senhor como "verdadeiro Deus do verdadeiro Deus". O Evangelho de João não deveria ser forçado a conformar-se com a especulação que veio muito mais tarde através dos teólogos gregos.

Nenhuma aparente pré-existência ou passagem trinitária foi deixada sem contestação (isto inclui as palavras enigmáticas de Jesus em *João 8:58*, que devem ser equilibradas por muitas outras declarações cristológicas paralelas em João e em todo o resto das Escrituras). É um ponto importante e base do livro que a afirmação da preexistência de Cristo como Deus forçou uma tensão sobre a verdade da sua humanidade, no pensamento teológico, que foi incapaz de sustentar.

Neste contexto, *Buzzard* e *Hunting* apresentam uma tese extremamente interessante: as epístolas de João são a sua resposta aos gnósticos heréticos que usaram mal o seu Evangelho. João rotula o tratamento dado ao seu Evangelho como verdadeiramente "anticristo".

Mas os autores de "*A Ferida Autoinfligida Do Cristianismo*" não estão satisfeitos em fornecer explicações de textos críticos das Escrituras. Geralmente são apoiados pelas palavras confirmatórias de teólogos proeminentes na Europa e na América do Norte. Sua familiaridade com todo o campo da opinião teológica, especialmente sobre o tema da Trindade, é óbvia e impressionante.

Há um elemento de humor agradável neste livro que o eleva acima do gênero livro-texto. O *Professor Buzzard* e *Charles Hunting*, salientam que uma das grandes maravilhas da história cristã tem sido a capacidade dos teólogos post-bíblicos de convencer o povo cristão de que três Pessoas são realmente Um Deus. Paulo pregou todo o conselho de Deus (*Atos 20:28*). Por que ele não explicou a Trindade?

Ao discutir o uso que Jesus faz da palavra "somente" em *João 17:3* ("*por único Deus verdadeiro*"), os autores enfatizam que desconfiaríamos de qualquer um que afirmasse ter "apenas uma esposa" se na verdade sua família consistisse de três mulheres distintas, todas as quais ele declarou serem sua única esposa!

Paulo explicou aos coríntios que "*Não há outro Deus senão um só*", definindo esse único Deus como o único Pai. Ele continuou dizendo que *"nem todo mundo tem esse conhecimento*". Os autores acrescentam: "Somos tentados a pensar que pouca coisa mudou desde o primeiro século".

Finalmente, a este respeito, a doutrina da Trindade é um mito teológico adulto. O Cristianismo condena o mundo por impor à humanidade a teoria não comprovada da evolução. Mas a ortodoxia impõe algo igualmente problemático: um Deus pessoal múltiplo.

É uma crítica familiar à Reforma Protestante que esta ideia só veio do Concílio de Nicéia. Lá ele encontrou uma obstrução, neste caso uma barricada construída com política, filosofia, fanatismo, inveja e

intriga. Os autores deste livro não se sentem desencorajados por tais obstáculos – Nicéia, Calcedônia ou qualquer outro meio.

A Ferida Autoinfligida do Cristianismo não tenta ignorar os primeiros concílios da igreja nem permanece em torno deles.

Ele os enfrenta de frente e os percorre, chegando aos "decretos" mais autorizados de Jesus e de seus Apóstolos. Se Jesus não era evidentemente trinitário, por que deveriam ser seus discípulos?

Os leitores ficarão intrigados com o título deste livro. É o mais adequado para a tese dos autores. No que diz respeito ao cristianismo judaico imaculado de Jesus e dos seus apóstolos, a ferida foi quase fatal. A vida do paciente foi salva com o princípio bíblico de que Deus sempre tem o seu remanescente.

Dito de outra forma (a ilustração é minha, não dos autores), o dogma da Trindade é aquela poção de cicuta que os teólogos com inclinações gnósticas escolheram deliberadamente beber, misturando a fonte pura da doutrina hebraica com o veneno da filosofia grega. Então eles impuseram a mistura aos seus discípulos. A penalidade por recusar seria a condenação eterna.

Se há um versículo chave para o livro, é *João 17:3*: "*a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste*". Neste contexto, eles destacam o fato de que Jesus era o Filho de Deus desde a conceição, não desde a eternidade (*Lucas 1:35*). Ele veio ao mundo em Sarkis, um ser humano, não *dentro* de um corpo humano (compare, *1 João 4:2; 2 João 7*).

O Trinitarismo tem tido muito tempo livre acusando os não-trinitários de não serem realmente cristãos. O Credo Atanasiano é famoso por suas cláusulas condenatórias. Os autores opõem-se a esta acusação apontando que a "vida eterna" (a vida do reino vindouro) está ligada ao conhecimento da verdade sobre Deus e Jesus (*João 7:3; 1 Timóteo 2:4, 5*). São os trinitários que deveriam estar na defensiva, e não os unitaristas bíblicos. Este último grupo teve seus expoentes heroicos e os autores nos contam muitas de suas histórias pouco conhecidas.

Este livro é uma crítica eficaz do dogma central da corrente dominante ou do cristianismo histórico – aquela versão da fé que, desconhecida por muitos, se opõe à corrente dominante dos concílios e credos. O Cristianismo ainda se prostra diante do trono de ouro esculpido de Constantino. O seu dogma produziu episódios trágicos e sangrentos na história.

Ao mesmo tempo, porém, a mensagem e o propósito da *Ferida Autoinfligida do Cristianismo* são positivos. Ele não condena, mas tenta contar ao paciente sobre a ferida no seu corpo eclesiástico e depois oferece-lhe o bálsamo curativo do credo unificador do próprio Jesus. Seu verdadeiro objetivo é propor formas de crença que se ajustem mais exatamente ao que Jesus acreditava e ensinava sobre Deus e sobre si mesmo. Rezemos para que esta mensagem não passe despercebida.

Sydney A. Hatch, B.A (UCLA),
M.Div. (American Baptist Seminary of The West),
Th.M. (Dallas Theological seminary)

RECONHECIMENTOS

Agradecimentos especiais são devidos ao Professor George Buchanan por suas sugestões inestimáveis; Jeff, Harry, Lorraine, Sarah, Claire, Heather, Aaron, Jason, Lisa, Amy, Wendy, Barbara, Martha e Don, cujas habilidades deixaram sua marca neste manuscrito; a muitos outros pelo seu apoio corajoso.

INTRODUÇÃO

"Em nenhum lugar do Novo Testamento existe… um texto com 'Deus' que deve ser inquestionavelmente atribuído ao Deus Trinitário como um todo existindo em três Pessoas" – Karl Rahner

Este livro está comprometido com uma questão simples: a Bíblia ensina que Deus é uma Pessoa única, o único Criador do universo, ou a Divindade é composta de dois ou três parceiros? Os autores subscreveram formalmente o entendimento predominante de que Jesus é coigual e coeterno com seu Pai. Ensinamos esta mesma opinião durante vinte anos. Estamos plenamente conscientes dos versículos do NT que parecem apoiar a doutrina tradicional da Trindade. Mas a investigação prolongada das Escrituras e da história da doutrina levou-nos à convicção determinada de que a defesa da Trindade assenta em tratamentos questionáveis dos documentos bíblicos. Ela ignora a enorme evidência do monoteísmo unitário – a crença num Deus Único como uma Pessoa, o Pai de Jesus Cristo – e coloca a sua confiança fortemente na inferência de alguns versículos escolhidos. Eles também separam certos textos e esquecem que seus contextos são toda a Escritura.

As doutrinas bíblicas devem ser estabelecidas por textos simples que não se desviem e que conduzam diretamente ao assunto em questão. Quando as declarações do Credo Bíblico são tomadas ao pé da letra, de acordo com as regras comuns da linguagem, elas apresentam uma doutrina sobre Deus que não pode ser reconciliada com os sistemas de crenças tradicionais. À medida que abordávamos a questão do credo bíblico, fomos estimulados em nossa pesquisa por uma série de estudos contemporâneos escritos por proeminentes estudiosos da Bíblia. Muitos estudiosos admitem agora que o Trinitarismo não pode ser documentado na Bíblia. É uma distorção gentia da Bíblia que foi erigida em tempos post-bíblicos.

Talvez a mais significativa de todas as confissões sobre a tentativa de basear a Trindade na Bíblia venha de um proeminente teólogo trinitário deste século. *Leonard Hodgson* informa-nos que nos debates bíblicos nos séculos XVII e XVIII entre trinitários e unitaristas, ambos os lados "aceitaram a Bíblia como contendo revelação dada na forma de proposições". Ele conclui então que "com base no argumento que ambos os lados tinham em comum, os unitaristas tinham o melhor caso". **[1]** Esta observação merece consideração cuidadosa pelos trinitários.

Nossa esperança é que o leitor examine as evidências apresentadas com a mente aberta. Percebemos que isso seria pedir um ponto de vista teológico diferente. Uma vez que uma crença tenha sido aceita como verdadeira, tanto emocional quanto intelectualmente, qualquer desafio a esse princípio acalentado provavelmente será automaticamente rejeitado. O verdadeiro desejo humano de todos nós de nos conformarmos com um grupo que nos alimentou e os padrões de pensamento ao longo da vida aprendidos com professores sinceros em quem confiamos e respeitamos tendem a criar barreiras que nos protegem contra todas as objeções e podem cegar-nos para as verdades mais óbvias. Quando essas crenças profundamente arraigadas são confrontadas, naturalmente nos sentimos ameaçados e na defensiva. *Robert Hall*, um escritor sobre religião do século XIX, observou sabiamente que: Tudo o que reprime o espírito de investigação é favorável ao erro, e aquilo que o promove favorece a verdade. Mas nada, deve-se admitir, tem maior tendência a obstruir o espírito de investigação do que o espírito e o sentimento de partido. Permitir que uma doutrina, mesmo que errônea, seja separada de um partido e seja imediatamente protegida

de interesses e vínculos que tornem extremamente difícil sua remoção pela mais poderosa artilharia da razão. **[2]**

Os conceitos desenvolvidos nos capítulos seguintes, embora em grande parte ocultos da vista do público neste século, não são novos. Estes conceitos foram a pedra angular da Igreja apostólica do primeiro século e (inicialmente, pelo menos) as crenças sem oposição daquele grupo dinâmico e combativo. Pode parecer surpreendente para alguns, mas os historiadores da Igreja registam que os crentes em Deus como uma só pessoa – *os cristãos unitários* – eram "no início do terceiro século ainda constituindo a grande maioria". **[3]**

Embora rapidamente atacada pela filosofia grega concorrente e pela ambição política romana e subsequentemente substituída por um Deus Tri-pessoal, a crença numa única pessoa, Um Deus e Criador, nunca foi totalmente eliminada. Foi forçado a conformar-se tenazmente às margens do Cristianismo como uma voz pequena, mas persistente, apelando à consciência de quem quiser ouvir.

Grande parte da confusão que obstrui o pensamento claro sobre a Divindade pode ser atribuída a uma causa primeira. Não levamos em conta as mudanças no significado das palavras, que foram afetadas pelo tempo, à medida que a língua foi transplantada de uma cultura para outra. Um exemplo mais proeminente disto é o termo "Filho de Deus", que muitos hoje traduzem inconscientemente como "Deus, o Filho", um significado que não poderia ter tido nos documentos cristãos originais. "Filho de Deus" é um título que identifica o ator principal do drama cristão, Jesus, o Messias. "Filho de Deus" é um nome dado na Bíblia aos representantes de Deus, principalmente ao seu rei escolhido. Uma distorção no significado desse título terá um efeito desastroso na nossa compreensão da fé original. O Cristianismo original deve ser moldado pelas ideias e conceitos que circularam no seu ambiente apostólico do primeiro século, agora visto por nós à distância de 1900 anos. A passagem do tempo nos alienou do mundo de pensamento dos escritores apostólicos da Bíblia. Uma imagem muito diferente daquela que eles ensinaram emerge se examinarmos as nossas Escrituras em relação aos antecedentes linguísticos, culturais e religiosos daqueles crentes históricos do primeiro século.

Você pode estar convencido, como nós, de que a ironia final deste cristianismo fundamental do século atual, que defende fervorosamente a crença na inerrância das Escrituras, é que ele simplesmente nunca chegou a acreditar na declaração sumária de Cristo. alcançar a salvação: "*a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste*" (*João 17:3*). Poderia a nossa geração ter-se tornado insensível à advertência que Jesus deu quando disse: "*Em vão, porém, me honram, Ensinando doutrinas que são mandamentos de homens*"? (*Marcos 7:7*). Poderíamos ter caído sob o feitiço dos líderes teológicos do mundo gentio, principalmente dos séculos II e III, cuja formação filosófica grega os levou a corromper o pensamento e a teologia hebraica que formaram a base da Igreja Apostólica Cristã?

Seguindo os passos daqueles que alegaram discordância com a teologia trinitária, é nossa intenção mostrar que nem o AT nem o NT oferecem evidências substanciais para a doutrina da Trindade como popularmente se acredita. Acreditamos que o leitor possa estabelecer este facto através de um exame cuidadoso dos documentos sagrados. Não há nenhuma passagem nas Escrituras que afirme que Deus é três. Nenhum versículo autêntico afirma que o único Deus é três pessoas, três espíritos, três mentes divinas infinitas ou três de qualquer coisa. Nenhum versículo ou palavra na Bíblia pode ser apresentado como tendo o significado de "Deus em três Pessoas". Qualquer afirmação de que existem três componentes da Deidade deve ser baseada em inferências e não em declarações claras. O conceito trinitário depende de uma lógica sofisticada e muitas vezes tortuosa que carece de apoio sólido nos primeiros escritos cristãos. Nossa impressão é que a maioria dos trinitaristas aborda o NT como se fosse um documento a caminho do Trinitarianismo. Eles ignoram o fato principal de que em nenhuma ocasião qualquer escritor do NT pode ser apresentado como significando "O Deus Triuno" quando fala de "Deus". Eles então pesquisam nos documentos para obter evidências de que os apóstolos forneceram os materiais para a criação posterior da doutrina da Trindade. O fato de nenhum deles aderir ao Trinitarianismo não os impede.

Houve um tempo em que os líderes religiosos exigiam que se aceitasse como um facto bíblico que a Terra é o centro do universo e que é plana. Considerar o contrário marcava alguém como herege, apesar da descoberta revolucionária de Copérnico. A situação atual com respeito à doutrina da Trindade pode revelar-se surpreendentemente a mesma.

Se acreditarmos que Deus se revela através das palavras da Bíblia, será necessário que qualquer pessoa que afirma levar o nome de Jesus examine as evidências nas Escrituras para determinar quem é o Deus da Bíblia. Um cristão que busca a verdade é pessoalmente responsável por examinar cuidadosamente os vários textos relevantes, assim como fizeram os entusiastas bereanos. Eles eram conhecidos por sua nobreza mental revigorante, mas rara (*Atos 17:11*). Eles ousaram ver "*se estas coisas eram assim*". O resultado foi que eles se tornaram verdadeiros crentes.

Muitos de nós podemos pensar que a doutrina da Trindade é um mistério incompreensível que é melhor deixar para as deliberações de teólogos eruditos. Mas poderíamos deixar um assunto tão crucial seguro para eles? Até mesmo um observador astuto como *Thomas Jefferson* (terceiro presidente dos Estados Unidos [1800-1809] e autor da Declaração da Independência) comentou que a Trindade é "uma proposição incompreensível dos misticismos platônicos de que três são um e um é três; e ainda assim *um não é três e três não é um*". Ele prossegue dizendo: "Nunca tive julgamento suficiente para compreender a Trindade, e pareceu-me que a compreensão deve preceder o consentimento". **[4]**

No entanto, não é incomum que os líderes religiosos insistam que é preciso acreditar na Trindade para ser cristão, ou será considerado um cultista. Ser membro do Conselho Mundial de Igrejas, por exemplo, exige a aceitação da doutrina da Trindade.

Parafraseando os comentários de *Thomas Jefferson*, fazemos a pergunta: Como se pode esperar que alguém concorde com algo que não pode ser explicado nem compreendido? É justo pedir à comunidade cristã que aceite esta doutrina "com fé" – uma doutrina que nunca é mencionada nominalmente e, como admitem alguns trinitaristas, que nunca é discutida nas páginas do NT? Não deveríamos esperar em algum lugar das Escrituras uma formulação clara e precisa da estranha proposição de que Deus é "três em um"?

Se as nossas suspeitas forem bem fundamentadas, o que hoje conhecemos como Cristianismo pode involuntariamente estar em desacordo com as instruções do seu fundador, Jesus, o Messias. A fé como a conhecemos parece ter adotado uma doutrina de Deus que Jesus não teria reconhecido.

A história da Igreja mostra até que o conceito de duas pessoas iguais na Divindade – o Pai e o Filho – não recebeu aprovação formal na comunidade cristã até trezentos anos depois do ministério de Cristo, no Concílio de Nicéia. em 325 DC, e isso em circunstâncias confundidas com turbulência política. O que era verdade nos séculos IV e V deve ter sido verdade no primeiro século. Se Jesus foi distinguido como Deus no Primeiro Século, porque demorou tanto tempo para a Igreja declarar formalmente uma Deidade de duas pessoas, e depois de três pessoas – e só então sob grande pressão política? Depois de Nicéia, milhares de cristãos morreram nas mãos de outros cristãos porque acreditavam sinceramente que Deus era uma só pessoa.

O dogma trinitário é um dos grandes enigmas do nosso tempo. O facto de desafiar tanto a lógica convencional como a explicação racional não parece diminuir o desejo dos trintaríamos de proteger a todo o custo a sua complexa fórmula teológica. Ficamos perplexos com a turbulência criada quando a Trindade é questionada. Isto parece apontar para uma falta de confiança no que se afirma serem os princípios oficiais de praticamente todos os ministros cristãos. O estigma comum de todos os opositores como incrédulos não faz nada para nos tranquilizar.

A aceitação esmagadora de uma ideia religiosa pela maioria não justifica nem valida a sua veracidade. É a Terra plana ou o centro do nosso sistema solar? Houve uma época em que se exigia que toda a cristandade acreditasse nisso como um artigo de fé, e grande era a penalidade por não acreditar nisso. No entanto, ainda era um falso dogma.

Uma pergunta adicional deve ser feita: a Igreja apostólica era composta por teólogos brilhantes e sofisticados? Com exceção do apóstolo Paulo, na liderança da Igreja primitiva, vemos um espectro da humanidade representado por trabalhadores comuns, comerciantes e funcionários públicos. Eles não teriam ficado confusos como nós sobre a ideia de que Deus era duas ou três pessoas, e ainda assim, de alguma forma, ainda permanecendo um ser? Tal inovação teria exigido explicações mais cuidadosas e repetidas a homens e mulheres que estavam imersos desde o nascimento na crença de que Deus era apenas uma pessoa. É inegável que a ideia de um único Deus criador era o credo mais sagrado da herança nacional de Israel. A sua crença fundamental num Deus único não poderia ter sido dissipada rápida ou facilmente. Na verdade, a crença no Deus Trinitário teria sido o conceito mais revolucionário e explosivo que alguma vez teria convulsionado a igreja do primeiro século. Contudo, o NT não nos dá nenhuma pista sobre essa revolução, se é que alguma vez ocorreu.

Muitos de nós talvez não percebamos ingenuamente que a controvérsia não resolvida sobre a Trindade dura há quase dois mil anos. Milhares de pessoas foram torturadas e assassinadas como cúmplices deste desacordo. Contudo, correndo o risco de serem rotulados como "liberais", "heréticos", "cultistas" e forçados ao isolamento pela religião "estabelecida", hoje um número crescente de teólogos católicos e protestantes, com uma elevada estima por as Sagradas Escrituras e com tudo a perder ao abandonar o que é estabelecido pelo Cristianismo, questionam se esta, a mais fundamental de todas as crenças – *a Trindade* – pode ser encontrada na Bíblia.

A tradição teológica foi dividida em três campos, em termos de definição de Deus. A crença foi expressa em um Deus Trinitário (três pessoas – Pai, Filho e Espírito Santo), um Deus Binitário (duas pessoas – Pai e Filho) e um Deus composto de uma pessoa, o Pai, incriado e único em todo o universo (unitarianismo). **[5]** Qualquer doutrina que tenha causado tal hostilidade entre os crentes professos em Cristo merece uma análise cuidadosa.

Em nosso exame da Trindade usamos a Bíblia e a história registada como nossas fontes. Não estamos preocupados com as diversas controvérsias sobre se a Bíblia é ou não a Palavra revelada de Deus. Ignoramos a acusação de que a Bíblia é obsoleta e não é mais relevante na sociedade moderna. Nosso principal interesse é a questão: O que as palavras proferidas por Jesus e seus apóstolos significaram para os cristãos que formaram a Igreja do primeiro século? Se a religião cristã se baseia no que a Bíblia diz, então a Bíblia deve ser a nossa fonte para a autêntica fé cristã.

É claro que não desafiamos a sinceridade da fé trinitária. Insistimos, porém, que a sinceridade não transforma a crença em verdade. Não subestimamos o poder extraordinário da tradição na formação de convicções teológicas e a capacidade quase ilimitada dos professores religiosos para nos fazer presumir que o que eles ensinam tem a autoridade das Escrituras para apoiá-lo.

O objetivo deste livro é ajudar a quebrar as barreiras que o tempo e a tradição ergueram entre nós e a Igreja Cristã do primeiro século fundada por Jesus. Estamos convencidos de que um novo conceito de Deus surgiu sob a influência da filosofia grega e que foi autoimposto à fé original. Acreditamos que isto foi um erro e não um desenvolvimento cultural legítimo.

Estamos muito gratos a muitos estudiosos que ajudaram a esclarecer o significado das palavras bíblicas em seu contexto original. Somos os sortudos pelos seus estudos ao longo da vida neste campo tão importante. Temos sido constantemente estimulados por aqueles intérpretes que insistiam em nos dizer o que o texto diz, e não o que deveria dizer. Estamos impressionados com o método de *Alexander Reese* que, enquanto investigava a verdade sobre um assunto diferente, recorreu "aos grandes exegetas (intérpretes)… confiando que o leitor médio instruído consideraria uma interpretação natural apoiada por estudiosos da mais alta reputação como sendo preferível ao dogmatismo e às exigências de um sistema." **[6]**

Tomamos emprestado do tesouro de ideias de numerosos escritores do passado e do presente, sem parar para dar crédito em todos os casos. Suas obras aparecem na lista de fontes no final deste livro. Algumas

vezes incluímos extensas citações de obras de ilustres especialistas no campo dos estudos bíblicos. Queríamos que todo o peso do seu profundo conhecimento fosse incluído no diálogo.

Desde o início deveríamos questionar as declarações comuns dos trinitarianos e binitarianos de que, a menos que Jesus seja o "verdadeiro Deus", nenhuma expiação adequada foi feita pelos pecados do homem. Nosso desafio para eles é: Se isso for verdade, onde então poderá ser documentado na Bíblia? Deus não é livre para salvar o mundo por quem ele escolher? A descoberta de que as Escrituras não são a fonte deste argumento trinitário clássico é tão surpreendente quanto o facto de a palavra "Deus" no NT nunca descrever um Deus Tri pessoal. Quase sem exceção, o NT refere-se ao Pai quando fala de "Deus". Imploramos aos trinitarianos que levem em conta a diferença gritante entre a Bíblia e eles próprios a este respeito.

É importante afirmar o que *não* estamos dizendo neste livro. Não acreditamos que Jesus fosse "apenas um homem bom" ou um de uma série de profetas. Nossa fé está depositada nele como o agente escolhido e sem pecado do único Deus para a salvação de homens e mulheres em todos os lugares. Contudo, dizer em português contemporâneo que ele é Deus distorce as Escrituras Cristãs. É suficiente, e completamente bíblico, acreditar que ele é o Messias, o Filho de Deus. Não nos deixamos intimidar pelos argumentos populares de que Jesus deve ser "louco, mau ou Deus". Forçar-nos a fazer uma escolha entre aceitá-lo como um lunático, um mentiroso ou o próprio Deus desvia-nos habilmente da verdade sobre a sua verdadeira identidade. Há outra opção – uma que satisfaz exatamente a descrição bíblica.

Num ponto técnico, queremos declarar a nossa decisão consciente de falar de Deus e Jesus como "pessoas", sem o uso do "P" maiúsculo. Somos avisados de que Trinitarianos bem-educados expressam sua crença em três "Pessoas", e que por "Pessoa" eles não querem dizer o que normalmente entendemos por essa palavra. Contudo, visto que parece muito óbvio que *na Bíblia* o Pai e o Filho são apresentados como pessoas, isto é, indivíduos distintos, no sentido moderno, objetamos ao procedimento confuso de tentar explicar a Bíblia introduzindo a noção antibíblica de "Pessoa". Trinitarianos sérios e atenciosos têm sido incapazes de definir o que querem dizer com "Pessoa" na Divindade. Os termos obscuros "distinção" ou "subsistência" não contribuem em nada para aliviar a sua situação. *Agostinho*, o famoso Padre da Igreja Latina, pediu desculpas por usar o termo "Pessoa" ao falar dos membros da Trindade. Como admitiu, o melhor que se pode argumentar a favor do uso da palavra "Pessoa" é que era preferível ao silêncio total. **[7]** Para os escritores da Bíblia, entretanto, tal terminologia especial não era necessária para definir o relacionamento entre Deus e Jesus. Um era o Pai e o outro Seu Filho.

Quanto à tentativa de alguns de definir Deus como um "quem" em três "quem", achamos que é desprovida de apoio bíblico. Um momento de reflexão revela que nas Escrituras o Deus de Israel nunca é descrito como um "quem" ou de qualquer forma impessoal. Os pronomes pessoais singulares nos informam que o único Deus é definitivamente um "quem". Tornar três "quem" viola demonstrativamente o testemunho consistente das Escrituras. Qualquer um deveria confessar que a ideia trinitária de Deus como ambos, três e um, não pode ser compreendida, embora sugerimos que tal admissão aponte apenas para a fraqueza de todo o conceito trinitário.

Finalmente, não negamos a existência do "mistério" na religião. Não nos recusamos a aceitar qualquer doutrina que não possamos explicar completamente. Mas mistério e contradição são duas coisas diferentes. Há muita coisa que não entendemos sobre a segunda vinda de Jesus, mas quando Cristo declara que não sabe a hora de seu retorno à terra, é um erro completo dizer então que ele era onisciente. É um abuso de linguagem dizer como *Charles Wesley*: "É tudo um mistério; os imortais morrem." O colapso do pensamento ocorre quando as palavras se tornam ininteligíveis. A nossa queixa em relação à doutrina da Trindade é o facto de ser um *shibboleth* (palavra de prova ou senha) sem um significado claro. Um dos argumentos mais fortes contra isso é que não pode ser expresso sem abandonar a linguagem bíblica. Há ainda uma resposta adicional: por muitos isto é concebido em termos de três "Deuses" iguais, uma vez que esta é a única maneira pela qual podem imaginar três pessoas que são todas Deus.

Começamos por considerar a questão mais crucial que deve ser respondida por qualquer cristão, se ele realmente afirma acreditar que a Bíblia é a palavra autorizada do Ser Supremo: O que quis dizer o fundador do Cristianismo quando, dirigindo-se ao Pai, disse: "*E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste*?" (*João 17:3*).

Notas Finais

[1] A Doutrina da Trindade (Nisbet, 1943), 220.223, grifo nosso. A compreensão "unitária" da natureza de Deus que propomos nos capítulos seguintes não deve ser confundida com a teologia unitarista universalista contemporânea.

[2] "Terms of Communion", Works, 1:352, citado por John Wilson em "Unitarian Principles Confirmed by Trinitarian Testimonies (Boston: American Unitarian Association, 1848), 156.

[3] Enciclopédia Britânica, 11ª ed, Vol. 23.963.

[4] C.B. Sanford, The Religious Life of Thomas Jefferson (University Press of Virginia, 1987), 88.

[5] Outra visão é defendida pela Igreja Pentecostal Unida. O conceito deles da "unidade" da Divindade é que Deus e Jesus são a mesma pessoa.

[6] The Approaching Advent of Christ (Grand Rapids: International Publications, rep.1975), xii.

[7] Agostinho, Sobre a Trindade, livro V, cap.9.

I. O DEUS DOS JUDEUS

"Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos porque a salvação vem dos judeus"
– Jesus Cristo

A profundidade do sentimento judaico em relação ao monoteísmo foi moldada por séculos de experiência. Enquanto a nação aderiu à sua convicção central sobre o Deus único, prosperou. Um sofrimento terrível foi a penalidade para qualquer apostasia em relação ao politeísmo. O resultado foi que o célebre: "Ouve, ó Israel: Jeová, nosso Deus, Jeová é um" (*Deuteronômio 6:4* VRV; compare *Marcos 12:29*) **[1],** que define o credo nacional de Israel, foi proferido por todo israelita piedoso. durante toda a sua vida e na hora da sua morte. Para sentir o fervor que rodeava a crença judaica num Deus único, deveríamos pensar nos nossos compromissos mais profundos: Amor à liberdade e à pátria, ao lar e à família.

Se você tivesse nascido judeu, de pais religiosos ortodoxos, na Palestina do primeiro século, teria que manter a firme convicção de que existe um, e apenas um, Deus criador supremo digno de adoração no universo. Este credo estava intrinsecamente entrelaçado na estrutura ou estrutura da vida judaica. Os dias santos nacionais, o calendário agrícola, bem como a esperança de libertação nacional do opressor romano e a promessa de grandeza futura, foram todos fundados na revelação de um único Deus pessoal contido nas páginas dos escritos que chamamos de AT. A literatura religiosa dos judeus definia o relacionamento do crente com aquele Deus único e fornecia instruções para lidar com outros seres humanos. Grande parte de The T é uma história, às vezes positiva, às vezes trágica, do único Deus lidando com Seu povo escolhido, Israel. Além disso, os escritos sagrados previram um futuro glorioso para a nação e para o mundo, um dia em que todos na terra reconhecerão e servirão o único e verdadeiro Deus de Israel (*Zacarias 14:9*).

Foi dentro desta comunidade religiosa distinta e comprometida que Jesus nasceu. As origens da devoção fiel da comunidade ao monoteísmo estavam enraizadas na aliança feita com Abraão como pai dos fiéis. O credo fundamental do Judaísmo de que Deus é o único Senhor foi fortemente instilado no povo por Moisés. Subsequentemente, alguns israelitas apóstatas voltaram a acreditar nos deuses dos seus vizinhos pagãos. Representantes desses poderosos deuses antigos defendiam a prostituição nos templos, a queima de crianças ao deus Moloque e a mutilação do corpo – para citar alguns de seus ritos mais notáveis.

A história registada nos primeiros cinco livros da antiga literatura judaica descreve uma nação divinamente escolhida para ser separada do mundo politeísta. Através da poderosa intervenção divina, primeiro no chamado de Abraão e depois no Êxodo, uma nação inteira foi apresentada a um ser que afirmava ser não apenas o único criador de tudo o que existe, mas também o único Deus verdadeiro em toda a existência. Sua mensagem ao Seu povo Israel era inconfundível. Por meio de Moisés, Ele disse: "*Mas o SENHOR vos tomou, e vos tirou da fornalha de ferro do Egito, para que lhe sejais por povo hereditário, como neste dia se vê... A ti te foi mostrado para que soubesses que o SENHOR é Deus;* ***nenhum outro há senão ele***" (*Deuteronômio 4:20, 35*).

É certo que a nação de Israel, a quem foram dadas estas declarações grandiosas sobre a Divindade, nada sabia sobre a dualidade ou Trindade de pessoas na Divindade. Nenhum facto pode ser mais firmemente estabelecido, uma vez que a sua literatura nacional seja tomada como guia e se a língua tiver algum significado permanente.

Uma coisa é indiscutível: as nações que cercam Israel não foram enganadas quanto à crença de Israel num Deus único. Este credo foi parcialmente responsável pela perseguição secular dos judeus religiosos, que se recusaram a aceitar qualquer objeto de adoração que não fosse o seu único Deus. Os Cruzados, aqueles bravos guerreiros cristãos do século XI, assumiram de bom grado a tarefa de expulsar os "infiéis" muçulmanos monoteístas da Terra Santa. O seu fervor também os levou ao assassinato de judeus europeus

inofensivos, numa comunidade após outra. Três séculos mais tarde, nem o judeu unitarista ou cristão, nem o protestante trinitário poderiam sobreviver às perseguições da Inquisição espanhola sem renunciar às suas crenças religiosas e aceitar o catolicismo romano ou fugir para uma parte menos hostil do mundo. Pode ser chocante para muitos, mas milhares de cristãos, que também acreditavam num Deus pessoal único dos Judeus, estavam dispostos a escapar do mesmo destino cruel às mãos da Igreja apenas fugindo.

Acreditar em uma pessoa só, Deus deu a Israel uma visão de mundo que o separava de outras filosofias, religiões, culturas e nações. Ela mantém sua compreensão especial de Deus até hoje. Em contraste, o amplo espectro do Cristianismo se mantém na ideia de um Deus em três pessoas da Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), com uma minoria afirmando acreditar em um Deus em duas pessoas (Pai e "Verbo"), **[2]** ambas pessoas existentes desde a eternidade. As religiões orientais aceitam muito mais de um Deus, ou pelo menos seres pessoais intermediários entre o Deus Supremo e a criação, como ocorreu no mundo grego por quem a Igreja Cristã foi influenciada logo após a morte de seu fundador, Jesus, o Messias. Um grande número de pessoas hoje encontra as suas raízes teológicas no conceito oriental de muitos deuses – o credo de que todos nós somos deuses à espera da autodescoberta e, num grau desconcertante, de que tudo é Deus. É difícil não observar que a anarquia religiosa surge inevitavelmente quando cada pessoa é um deus na sua própria opinião, determinando o seu próprio credo e conduta.

A fim de enfatizar o único Deus para o Israel nacional, para que não houvesse ocasião para erro ou equívoco, Deus repetiu por meio de Moisés: "*Por isso hoje saberás, e refletirás no teu coração, que só o SENHOR é Deus, em cima no céu e em baixo na terra; nenhum outro há*" (*Deuteronômio 4:39*). Com base neste texto, e em muitos outros semelhantes, podemos simpatizar plenamente com a devoção judaica ao Deus unipessoal. A afirmação parece ser uma prova contra qualquer possibilidade de erro. Os judeus entendiam que "um" significava "um" e nunca tiveram dúvidas sobre a expressão "qualquer outro". Um proeminente porta-voz judeu contemporâneo, Pinchas Lapide, enfatiza a persistência com que os judeus guardaram o coração da sua fé:

> A fim de proteger a unidade unipessoal de Deus de qualquer multiplicação, adulteração ou amálgama com os ritos do mundo circundante, o povo de Israel escolheu para si aquele versículo da Bíblia como seu credo, que até hoje pertence à liturgia diária da sinagoga e que também é incutida como primeira máxima numa criança em idade escolar de cinco anos. Este é o credo que Jesus reconheceu como o "mais importante de todos os mandamentos" **[3]**

Como reconhece *Lapide*, quando Jesus explicava a base da sua crença, ele repetiu as palavras ditas por Moisés à nação de Israel: "*Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus* ***é o único*** *SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças*" (*Deuteronômio 6:4,5; Marcos 12:29,30*). Da confirmação de Jesus das palavras de Moisés registadas no livro de Deuteronômio, somos forçados a concluir que ele deve ter entendido e acreditado no que Moisés acreditava que essas palavras significavam. Se tivesse sido de outra forma, ou se alguma mudança radical tivesse ocorrido para negar a afirmação definitiva de Moisés sobre "um Deus", os escritores do NT falharam completamente em fornecer qualquer declaração igualmente inequívoca para reverter ou corrigir esta peça-chave da história: a fé judaica.

Outra confirmação da persistência do credo fundamental do Judaísmo é encontrada na conversa de Jesus com a mulher samaritana. Ele disse a ela diretamente e sem ambiguidade: "*Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos porque a salvação vem dos judeus. Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem*" (*João 4:22, 23*). Nem uma única vez encontramos Jesus criticando seus compatriotas por terem uma compreensão inadequada do número de pessoas na Divindade. Certamente Paulo não reconheceu nenhum outro Deus além do Deus de Israel. Ele esperava que os gentios fossem enxertados em Israel e adorassem esse mesmo Deus: "*É porventura Deus somente dos judeus? E não o é também dos gentios?*

Também dos gentios, certamente" (*Romanos 3:29*; compare com *11:17*). O Deus conhecido pelo judeu Paulo foi definido concisamente por ele em *Gálatas 3:20*, nas palavras da Tradução Amplificada do NT que diz: "*Deus é* (apenas) *uma pessoa*".

No início do seu ministério, Jesus confirmou fortemente a revelação divina dada a Moisés: "*Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir*" (*Mateus 5:17*). O primeiro princípio do grande resumo da lei de Israel dado na Torá através de Moisés forneceu o credo nacional: "*Não terás outros deuses diante de mim*". (*Êxodo 20:1-3*).

Se houvesse um único ser todo-poderoso no universo desejando revelar à Sua criação o fato de que somente Ele é Deus, e que não havia outro, como isso poderia ter sido indicado sem qualquer possibilidade de erro? foi dito? para garantir até mesmo a menor chance de erro? Como cada um de nós expressaria a singularidade absoluta do Deus único se fosse nossa responsabilidade tornar essa mensagem clara para uma nação inteira? Não teríamos dito, como Moisés relata de Deus dizendo: "*Vede agora que eu, eu o sou, e mais nenhum deus há além de mim*" (*Deuteronômio 32:39*). Israel, até hoje, em resposta a estas declarações categóricas, não aceitará nada além do Deus unipessoal de Moisés como resultado destas palavras. Independentemente de quaisquer outras diferenças religiosas, o Deus unipessoal continua a ser o fio que une a comunidade judaica.

A Bíblia Hebraica e o NT contêm aproximadamente vinte mil pronomes e verbos singulares que descrevem o Deus unipessoal. A linguagem não tem uma maneira mais clara ou óbvia de fornecer um testemunho do monoteísmo unitário de Israel e de Jesus.

O Ser revelado na Torá de Israel era um Deus que deveria ser claramente distinguido dos deuses pagãos do Egito. Por um ato de poder, Deus resgatou uma nação escravizada do cativeiro. Ele era um Deus de poder surpreendente, mas pessoal e acessível – Um Deus a ser amado, de quem foi dito: "*E falava o SENHOR a Moisés face a face, como qualquer fala com o seu amigo*" (*Êxodo 33:11*). Ele era uma pessoa com quem Davi se comunicava: "*o meu coração disse a ti: O teu rosto, SENHOR, buscarei*" (*Salmo 27:8*). No Êxodo, os judeus aprenderam que, pela primeira vez na história, uma nação inteira foi posta em contacto íntimo com o Deus criador, através do seu representante constituído. Este evento sem paralelo ficaria para sempre incorporado na consciência nacional. O que precisava ser banido de sua adoração eram os deuses do mundo ao seu redor. Tragicamente, os medos supersticiosos e o desejo de ser como as outras nações tentavam Israel de tempos em tempos a abraçar os muitos deuses do paganismo. Por isso eles sofreram desastrosamente. Pouco depois de partirem do Egito, com um custo terrível para si mesmos, construíram um bezerro de ouro como objeto de adoração.

A nação precisava continuamente ser lembrada de seu credo excepcional: "*Ouve, Israel: Yahweh nosso Deus é o único Yahweh*" (*Deuteronômio 6:4*, Bíblia da Nova Jerusalém). Através do profeta Isaías, Israel foi mais uma vez consciente da sua identidade nacional: "*Vós sois as minhas testemunhas... e entendais que eu sou o mesmo, e que* ***antes de mim deus nenhum se formou****, e depois de mim nenhum haverá*" (*Isaías 43:10*). As teologias que prometem aos seus seguidores que um dia eles serão "Deus" não parecem se apegar à prerrogativa exclusiva de quem insiste *que não houve outro Deus formado antes dele* e que não haverá outro depois dele.

A ênfase contínua de Isaías na uni personalidade de Deus é direta e clara. Ele cita Deus que diz: "*Eu sou o primeiro, e eu sou o último,* ***e fora de mim não há Deus***" (*Isaías 44:6*). A pergunta se repete: "*Porventura há outro Deus fora de mim? Não, não há outra Rocha que eu conheça*" (*Isaías 44:8*). Esta declaração exclusiva foi parte integrante da instrução religiosa com a qual Jesus foi educado e criado. Era um credo que ele tinha em comum com todos os jovens judeus. Sua repetida referência ao profeta Isaías, e na verdade a todo o AT, durante seu ministério público demonstra quão fortemente sua teologia foi moldada pelas Escrituras Hebraicas. O Deus a quem Jesus servia anunciou-se como uma só pessoa, nunca Triuno.

Não deveríamos ficar surpresos com a tenacidade com que os judeus preservaram o conceito de um Deus criador único e único. A persistência deles foi estimulada pela constante repetição, por parte de Isaías, do mais importante de todos os fatos religiosos. O profeta fala novamente do Deus de Israel: "*Eu sou o SENHOR que faço tudo, que* ***sozinho*** *estendo os céus, e espraio a terra* ***por mim mesmo***" [ou, quem estava comigo?] (*Isaías 44:24*). Poucas declarações poderiam ter sido mais bem calculadas para banir para sempre da mente judaica a ideia de que *mais de uma pessoa* foi responsável pela criação.

A ênfase é ainda mais impressionante quando este mesmo escritor, em sete versículos separados no *capítulo 45* do seu livro, regista o seguinte: "*Eu sou o SENHOR, e não há outro; fora de mim não há Deus*" (*Isaías 45:5*). Estas declarações foram concebidas para fixar para sempre nas mentes de Israel a ideia de que Deus é um (uma pessoa). O próprio Deus Único prosseguiu dizendo através de Isaías: "*Eu fiz a terra, e criei nela o homem*" (*Isaías 45:12*).

É frequentemente ensinado que aquele que se supõe ser Jesus, o Filho de Deus do NT, foi responsável pela obra da criação. Com base no que lemos, como tal ideia poderia ser concebida? Os escritos de Isaías não teriam impedido que tal noção entrasse nas mentes judaicas? "*Deveras Deus está em ti, e não há nenhum outro Deus*" (*Isaías 45:14*). E novamente: "*Porque assim diz o SENHOR que tem criado os céus, o Deus que formou a terra, e a fez; ele a confirmou, não a criou vazia, mas a formou para que fosse habitada: Eu sou o SENHOR e não há outro*" (*Isaías 45:18*).

Duas passagens adicionais desafiaram Israel à devoção fiel ao único Deus: "*Anunciai, e chegai-vos, e tomai conselho todos juntos; quem fez ouvir isto desde a antiguidade? Quem desde então o anunciou? Porventura não sou eu, o SENHOR? Pois não há outro Deus senão eu; Deus justo e Salvador não há além de mim. Olhai para mim, e sereis salvos, vós, todos os termos da terra; porque eu sou Deus, e não há outro*" (*Isaías 45:21, 22*). Alguns confundiram o uso da palavra "Salvador" neste texto com as frequentes referências da mesma palavra a Jesus, o Messias. É bastante óbvio que ele também é chamado de Salvador no NT (como são os juízes no livro dos Juízes e como Josefo também chamou Vespasiano). **[4]** Notamos a distinção feita em *Judas 25*, onde Jesus e Deus são chamados no final do livro: "*Ao único Deus, nosso Salvador, por Jesus Cristo, nosso Senhor, glória, majestade, força e poder diante de todos os tempos, agora e para sempre*" (V. Bíblia de Jerusalém). É bastante claro que o conceito judaico de um Deus unipessoal não é perturbado por este escritor do NT. Na verdade, não pode haver declaração mais claramente formulada do que esta – que existe "apenas" uma pessoa na Divindade. Tanto Deus, o Pai, como Jesus Cristo são mencionados na mesma frase, mas Jesus é obviamente distinto do "único Deus". Outros escritores do Novo Testamento fazem declarações igualmente claras. O Pai de Jesus é o único Salvador absoluto. Outros aléns dele só podem funcionar como salvadores num sentido subordinado e delegado.

Foi dentro desta cultura judaica, com a sua crença profundamente arraigada no único Deus, que Jesus nasceu. 19 séculos depois, um judeu ortodoxo israelense, *Pinchas Lapide*, membro do corpo docente da *Universidade Bar Ilan* em Israel (de quem citamos anteriormente), mostra que os judeus foram proibidos de se desviarem da crença no Deus unipessoal: "Do hebraico palavra "*Echad*" (que significa um), aprendemos não apenas que não há ninguém separado do Senhor, mas também que o Senhor é um e que, portanto, o Senhor não pode ser visto como algo aglomerado que seria divisível em várias propriedades ou atributos". **[5]** Não é de surpreender que, de acordo com o registo bíblico, quando Israel escolheu abraçar outros deuses, o caos se instalou, a nação foi dividida e as sinistras profecias de Isaías foram cumpridas. O cativeiro nacional foi a penalidade pela sua apostasia em direção ao politeísmo. Pode muito bem acontecer que a confusão e a fragmentação que temos testemunhado na história do Cristianismo possam ser atribuídas exatamente à mesma apostasia da crença original de que Deus era uma única pessoa.

O conceito de um Deus unipessoal não se limitou ao profeta Isaías. Oseias relata que o Deus de Israel disse: "*Todavia, eu sou o SENHOR teu Deus desde a terra do Egito; portanto não reconhecerás outro deus além de mim, porque não há Salvador senão eu*" (*Oseias 13:4*). Além disso, o status único do Deus Único não se limitou àqueles tempos antigos. Recebemos a clara impressão do profeta Joel quando ele fala de um futuro Israel depois de ter alcançado sua promessa de grandeza, de que esta nação ainda estará, e para

sempre, ligada ao Deus único e único: "*E vós sabereis que eu estou no meio de Israel, e que eu sou o SENHOR vosso Deus,* ***e que não há outro*** (*Joel 2:27*). Joel nos lembra que quem quer que fosse o Deus dos judeus do AT, Ele deveria permanecer seu Deus para sempre.

A mente judaica estava convencida de que o único Deus, o criador, era também o Pai da nação. Isto é o que diz o profeta Malaquias: "Não temos nós um só Pai? Não foi o mesmo Deus que nos criou?" (Malaquias 2:10). **[6]** Nada poderia ser mais claro do que o único Deus do monoteísmo judaico, sobre o qual a herança judaica de Jesus foi fundada, era o Pai. Este ser único é frequentemente descrito como Deus e Pai no NT. Verdadeiramente Ele é o "Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo", **[7]** Seu Filho. É extremamente significativo que Jesus, como "Senhor", ainda esteja subordinado ao seu Deus. O título messiânico "Senhor", portanto, não significa que Jesus é Deus.

A Palavra Hebraica "*Elohim*"

Com pouca autoridade daqueles treinados na língua hebraica, os trinitarianos e os binitarianos às vezes apresentam a afirmação em *Gênesis 1:26* como prova (contradizendo a evidência de milhares de pronomes singulares que denotam o único Deus) de que uma pluralidade de pessoas na Divindade foi responsável por criação. "*E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança*" Este argumento é precário. Os estudiosos modernos não consideram mais a frase "*Façamos*" ou a palavra "*elohim*" como significando um Deus composto por uma pluralidade de pessoas como o criador de tudo. O substantivo plural "nós" provavelmente contém uma referência ao conselho de anjos do único Deus, **[8]** que foram criados à imagem de Deus e testemunharam a criação do universo (*Jó 38:7*). É fantasioso imaginar que este versículo apoia a ideia de que Deus estava falando ao Filho e ao Espírito Santo. Onde nas Escrituras Deus falou com seu próprio Espírito? O texto não diz absolutamente nada sobre um Filho eterno de Deus, o segundo membro coigual de uma Trindade. Além disso, o "nós" do texto não dá nenhuma indicação de outros parceiros iguais na Divindade. Se Deus é uma pessoa ou uma pessoa singular, o Seu uso da palavra "nós" significa que Ele está se dirigindo a outra pessoa em vez de Si mesmo, isto é, alguém que não é Deus.

Um léxico hebraico da Bíblia confirmará que a palavra "*elohim*" (Deus) não é uma palavra "uni plural", significando que duas ou mais pessoas constituem a Divindade (ou, como alguns pensaram, a "família de Deus"). As peculiaridades de qualquer língua devem ser levadas em conta se quisermos obter uma noção adequada de seus significados. Isto, descobriremos, é indispensável em nossa investigação para a verdadeira compreensão.

Os fatos reconhecidos da língua hebraica não apoiarão um único caso de Deus ser composto de múltiplas pessoas. Tomamos nota do que "*The Gesenius' Hebrew Grammar*" (A Gramática Hebraica de Gesenius), uma autoridade normativa, tem a dizer sobre a palavra "*Elohim*":

> O termo "plural de majestade" … resume as diferentes características pertencentes à ideia [de Deus], além de incluir o sentido secundário de uma intensificação da ideia original. No caso da palavra "*elohim*" a linguagem rejeitou inteiramente a ideia do plural numérico quando denota [ou tem a ver com] um [único] Deus – uma realidade demonstrada pelo fato de que esta palavra é quase sempre unida a um atributo único. **[9]**

Devemos respeitar o facto de que a familiaridade dos judeus com a sua própria língua nunca os levou a concluir que uma pluralidade de pessoas na Divindade fosse, mesmo remotamente, sugerida neste capítulo de *Gênesis*. Caso possamos sentir que os judeus perderam algo de sua própria Bíblia, devemos notar nos versículos seguintes (*versículos 27-31*) que o pronome singular é sempre usado com a palavra Deus: "*E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou*" (*Gênesis 1:27*). Alguém poderia estar em uma situação embaraçosa ao concluir, com base neste texto, onde o pronome pessoal (Seu) que descreve Deus é singular, que uma pluralidade de seres estava sendo revelada. Observe

ainda: "*E disse Deus: Eis que* (não nós) *vos tenho dado toda a erva que dê semente... para mantimento*... E viu Deus tudo quanto tinha feito (não tinham) *, e eis que era muito bom*" (*versículos 29-31*). **[10]**

Um estudo da palavra hebraica para Deus (*Elohim*) não fornece suporte para a ideia persistente de que "Deus" em *Gênesis 1:1* inclui tanto o Pai como também Seu Filho e o Espírito Santo. Não deveríamos ficar surpresos com a dificuldade óbvia de tal interpretação. Se "*elohim*" implica mais de uma pessoa neste texto, como explicar que a palavra idêntica, "*elohim*", se refere a Moisés: "*ENTÃO disse o SENHOR a Moisés: Eis que te tenho posto por deus* [*elohim*] *sobre Faraó, e Arão, teu irmão, será o teu profeta*" (*Êxodo 7:1*)? Certamente ninguém afirmaria uma pluralidade para a única pessoa de Moisés. O único deus Dagom é chamado "*elohim*" (Deus): "*Não fique conosco a arca do Deus de Israel; pois a sua mão é dura sobre nós, e sobre Dagom, nosso deus* [*elohim*]" (*1 Samuel 5:7*). Da mesma forma, a palavra "*elohim*" é usada para descrever o deus dos amorreus: "*Não possuirias tu aquilo que Quemós, teu deus* [*elohim*] *desapossasse de diante de ti? Assim possuiremos nós todos quantos o SENHOR nosso Deus desapossar de diante de nós*" (*Juízes 11:24*). Além disso, o próprio Messias é tratado como "*elohim*" (*Salmo 45:6; Hebreus 1:8*). Ninguém argumentaria que o Messias é mais de uma pessoa.

A partir desta evidência concluímos que os Judeus, em cuja língua o AT está escrito, não usam a palavra "elohim", usada para o único Deus verdadeiro, para implicar que Ele é mais do que uma pessoa. Aqueles que tentam ler a Trindade ou Binidade em Gênesis 1:26, ou na palavra "*elohim*", estão envolvidos em uma interpretação forçada. "*Elohim*" é plural na forma, mas singular no significado. Quando se refere ao único Deus é seguido por um verbo no singular. Ninguém antes do século XII imaginava que uma pluralidade na Divindade fosse de alguma forma indicada pelo título hebraico para Deus. Muitos trinitarianos há muito pararam de defender a Trindade com base em *Gênesis 1:1* ou *Gênesis 1:26*.

É razoável fazer esta pergunta aos trinitarianos que dizem que "*elohim*" é um verdadeiro plural: Por que não colocam "é" no final da palavra Deus? Em espanhol, os plurais são marcados por "es", "as" ou "os" no final ou na última sílaba. Se o pronome "nós" em *Gênesis 1:26* descreve uma Deidade plural, então deveríamos nos referir regularmente à Deidade como "Eles" e "Eles". Os trinitarianos estão insatisfeitos com isso, afirmando que a sua noção de Divindade desafia as leis da linguagem e da lógica. Se Deus realmente é plural, por que não traduzir o versículo inicial de *Gênesis 1*: "No princípio, Deuses…"? O politeísmo latente de grande parte do pensamento trinitário seria então claramente desmascarado.

A Palavra Hebraica para Um – "*Echad*"

É falso dizer que a palavra hebraica "*echad*" (um) em *Deuteronômio 6:4* aponta para uma "unidade composta". Uma defesa recente da Trindade **[11]** argumenta que quando "um" modifica um substantivo coletivo como "aglomerado" ou "rebanho", então isso implica uma pluralidade "*inechad*". O argumento é falacioso. O sentido de pluralidade é derivado do substantivo coletivo (rebanho, etc.), não da palavra "um". "*Echad*" em hebraico é numérico. "*Abraão era um* [*echad*]" (*Ezequiel 33:24*; "*um só homem*", NVI). *Isaías 51:2* também descreve Abraão como "um" ("*echad*"; "sozinho", KJV; "o único", NJB), onde não há espaço para erros sobre o significado desta palavra simples. "*Echad*" aparece traduzido como o numérico "um", "único", "único", "todo, indivisível", "um apenas" **[12]**. Seu significado normal é "um e não dois" (*Eclesiastes 4:8*). "*Deus é Senhor*" (*Deuteronômio 6:4*, citado por Jesus em *Marcos 12:29*, NASV), obviamente, portanto, uma pessoa única e distinta do "Senhor Messias" mencionado na mesma passagem (*Marcos 12:36*). O único Deus é identificado com o Pai em *Malaquias 1:6* e *2:10* e é constantemente distinguido no NT de Jesus, o Filho de Deus, que é apresentado como um indivíduo separado. Na Bíblia Hebraica "o ungido do Senhor" (literalmente "Cristo") é o Rei de Israel. Este agente do Senhor Deus nunca é confundido com Deus.

Afirmar que "um" realmente significa "unidade composta" é um exemplo de argumento sem prova lógica. *Robert Morey* sustenta que "*echad*" não significa absoluto, mas composto. **[13]** Este argumento envolve um erro linguístico facilmente percetível. "*Echad*" aparece cerca de 960 vezes na Bíblia Hebraica

e em nenhum caso a palavra traz uma sugestão de pluralidade. Ela significa estritamente "um e não dois ou mais". "*Echad*" é um adjetivo numérico e às vezes é encontrado normalmente modificando um substantivo coletivo. – Uma família, um rebanho, um agrupamento. Mas devemos observar cuidadosamente que o sentido de pluralidade reside no substantivo composto e não na palavra "*echad*" (um).

No início de Gênesis ouvimos dizer que "os dois (Adão e Eva) se tornarão uma só carne" (*Gênesis 2:24*). A palavra "um" aqui significa precisamente um e nada mais (uma só carne e não duas "carnes"!). Um cacho de uvas é exatamente isso – um e não dois cachos. Assim, quando se diz que Deus é "um só Senhor" (*Deuteronômio 6:4; Marcos 12:29*, NASV), Ele é um só Senhor e nada mais.

Suponha que alguém diga que a palavra "*um*" significa "um composto" nas palavras "*um* tripé". Suponha que alguém pensasse que a frase *um* Estados Unidos da América implicava que *um* é realmente plural em seu significado. O raciocínio enganoso é óbvio: a ideia de pluralidade pertence às palavras Tripé e "Estados", não à palavra "*um*". É um subterfúgio transferir para "*um*" a pluralidade que pertence apenas ao substantivo seguinte. Isto seria semelhante a dizer que "*um*" realmente significa "*cem*" quando aparece na combinação "uma centopeia"!

Nosso ponto pode ser confirmado em qualquer léxico do hebraico bíblico. O *léxico de Koehler e Baumgartner* nos dá o significado fundamental de "*echad*", "um". **[14]** Quando os espias regressaram com provas da fertilidade da terra prometida, trouxeram "um cacho (*echad*) de uvas" (*Números 13:23*, NRSV). "*Echad*" é frequentemente traduzido como "um solo" ou "apenas um". **[15]** Assim, quando se trata da questão do credo de Israel, o texto nos informa (assim como os múltiplos pronomes singulares para Deus) que o Senhor supremo de Israel é "um Senhor", "um só Senhor".

Foi necessário ridicularizar o nosso argumento porque a recente defesa da Trindade faz a surpreendente afirmação de que "*echad*" implica sempre uma "unidade composta". O autor então constrói sua defesa de um Deus multipessoal no que ele acredita ser um fundamento sólido na Bíblia Hebraica. O fato linguístico é que "*echad*" nunca significa "composto um", mas estritamente "apenas um". O fato de que "muitas águas foram reunidas em um só lugar (*echad*)" (*Gênesis 1:9*) não fornece dados completos para um sentido de algo composto, muito menos para uma pluralidade na Divindade. **[16]**

Uma vez que o estranho argumento sobre a chamada "pluralidade" na palavra "um" está tão difundido e aparentemente foi aceite sem críticas, acrescentamos aqui os comentários de um professor de teologia trinitário que admite que o argumento popular para a palavra "*echad*" (um) é tão frágil como o argumento para a palavra "*elohim*". Nenhum argumento a favor de um Deus multipessoal pode basear-se no facto de "um" em hebraico e inglês poder, por vezes, modificar um termo coletivo. termo coletivo:

"Ainda mais fraco (do que o argumento "*Elohim*") é o argumento de que a palavra hebraica para "um" (*echad*) usada no "*Shema*" ("*Ouve, Israel: O Senhor nosso Deus é um Senhor*") se refere a um unificado, e não absoluto. Consequentemente, alguns trinitarianos argumentaram que o AT tem uma visão de uma Deidade unida. É, claro, verdade que o significado da palavra pode, em alguns contextos, denotar uma pluralidade unificada (por exemplo, *Gênesis 2:24*, "*e eles serão uma só carne*"). Mas isso realmente não prova nada. Um exame do uso do AT revela que a palavra "*echad*" é tão capaz de múltiplos significados quanto a nossa palavra portuguesa "um". foi feita uma tentativa de dizer uma singularidade numérica ou uma singularidade unificada. **[17]**

Às vezes tem sido argumentado que Deus teria sido descrito como "*yachid*", ou seja, "solitário, separado, o único", se houvesse apenas uma pessoa na Divindade. O uso de "*echad*" ("um"), entretanto, é inteiramente suficiente para indicar que a Deidade consiste em um Deus único e unipessoal. "*Yachid*" é raro no hebraico bíblico. Isto carrega na Bíblia o significado de "amado", "unigênito" ou "solitário", e seria inapropriado como uma descrição da Deidade". **[18]** Há outra palavra hebraica ruim, "sozinho, sozinho", separado". O que de fato descreve o Deus Único. *Deuteronômio 4:35* afirma que "*não há outro além dele*". A singularidade absoluta do único Deus é igualmente enfatizada quando se diz Dele: "*Só tu és SENHOR*"

(*Neemias 9:6*), "*só tu és Deus de todos os reinos da terra*" (2 Reis 19:15), "*Só tu és Deus*" (*Salmos 86:10*). O único Deus de Israel é uma pessoa, incomparável e de uma classe própria. Ele é um, com toda a simplicidade matemática implícita nessa palavra. **[19]**

Com estes factos diante de nós, seria difícil não simpatizar com o judeu do primeiro século, tendo o AT como seu guia, por manter com tenacidade determinada a crença num Deus Único composto por uma única pessoa. Uma investigação das Escrituras Hebraicas para encontrar qualquer sinal de dualidade ou Trindade de pessoas divinas ativas na criação mostrar-se-á infrutífera. **[20]** Propor uma Deidade de mais de uma pessoa exigirá que deixemos de lado as regras da linguagem e da gramática. Historiadores responsáveis, tanto seculares como religiosos, concordam que os judeus dos dias de Jesus mantinham firmemente a fé num Deus unipessoal. É uma das maiores ironias da história que os teólogos cristãos tenham negado aos judeus o direito de explicar o significado de Deus nas suas próprias Escrituras. É necessário que a voz judaica neste assunto seja ouvida novamente:

> O AT é estritamente monoteísta. Deus é um único ser pessoal. A ideia de que a Trindade deve ser encontrada ali ou mesmo de alguma forma escondida é uma suposição que há muito domina a teologia, mas é totalmente infundada. Os judeus, como povo, tornaram-se, sob seus ensinamentos, duros oponentes de todas as tendências politeístas até hoje. Neste ponto não há rutura entre as Escrituras do AT e do NT. A tradição monoteísta continua a persistir. Jesus era judeu, treinado nas Escrituras do AT por pais judeus. Seu ensino era judaico em sua essência; verdadeiramente um novo evangelho, mas não uma nova teologia. **[21]**
>
> O Judaísmo não é tão desprovido de fórmulas dogmáticas como muitas vezes se supõe... O Judaísmo tem os seus próprios credos e artigos de fé. O "*Shemá Israel*" (*Deuteronômio 6:4*) não é apenas uma fórmula litúrgica e um mandamento; é também uma confissão de fé e é considerada mais importante que os credos judaicos históricos. Como confissão de fé, o "*Shema*" é a afirmação da unidade e singularidade de Deus. Constitui a mais alta expressão do "monoteísmo judaico": "*Adonai*" **[22]** é o nosso Deus; "*Adonai* é um..." Os símbolos cristãos da fé – O Credo dos Apóstolos, o Credo Niceno-Constantinopolitano, o Credo Atanasiano, para citar apenas os mais importantes – são considerados pelos judeus como uma contradição retumbante a esta declaração fundamental do monoteísmo judaico. *Claude Montefiore* expressou isso de forma muito inteligente: "No que diz respeito à natureza de Deus, todos os judeus sustentam que a doutrina da divindade de Cristo, da Trindade, do Filho Eterno, da personalidade do Espírito Santo, são infrações". da Unidade divina e falsa". **[23]**
>
> A ideia de que Deus é composto de diversas personalidades, tal como apresentada na crença cristã na Trindade, é um afastamento da conceição pura da unidade ou singularidade de Deus. Israel rejeitou ao longo dos séculos tudo o que obscureceu ou alterou a conceção de monoteísmo puro que deu ao mundo, e em vez de admitir que há alguma fraqueza nisso, os Judeus estão dispostos a vaguear, a sofrer, a morrer. **[24]**

Os teólogos trinitários têm lutado com o problema óbvio de como reconciliar a Trindade com o facto de a matriz do Cristianismo ser unitária. O teólogo trinitário *Leonard Hodgson* escreveu:

> (Cristianismo) emergiu dentro do Judaísmo, e o monoteísmo do Judaísmo era então, e ainda é, unitário. Como a Igreja Cristã estabeleceria uma teologia adequada para expressar um novo Conhecimento de Deus que lhe veio através de Jesus

> Cristo?...poderia o monoteísmo ser revisto a tal ponto que incluísse a nova revelação, embora ainda fosse monoteísta? **[25]**

Jesus era um judeu comprometido com o credo de Israel (*Marcos 12:28* e seguintes). Este facto por si só deveria convencer-nos de que um afastamento do credo judaico de Jesus ocorreu algures na história da fé. No momento devemos enfatizar que o Judaísmo era Unitário, nunca trinitário. Foi sob a tutela desta escola de pensamento judaico, e fortalecido pela crença no único Deus de Israel, que o Messias prometido atingiu a maturidade e iniciou o seu ministério excecional.

Pode ser demonstrado que Jesus manteve e ensinou a crença no mesmo Deus Único dos Judeus ao longo de sua carreira? Para responder a esta pergunta, é razoável que consultemos as suas próprias palavras, fielmente registadas por aqueles que o acompanharam enquanto ele proclamava o evangelho salvador do vindouro Reino de Deus na Palestina (*Marcos 1:14,15; Lucas 4:43*, etc.).

Notas Finais

[1] O Papiro Nash, o exemplar mais antigo do texto hebraico bíblico, provavelmente do século II, termina o *Shemá* com as palavras "um só Senhor é Ele".

[2] A Igreja Mundial de Deus, fundada por Herbert W Armstrong, defendia esta visão "binária". Mudanças doutrinárias em favor da Trindade ocorreram em 1995.

[3] Jewish Monotheism and Christian Trinitarian Doctrine (Philadelphia: Fortress Press, 1981), 27.

[4] Juízes 3:9,15, onde a palavra "libertador" é traduzida em outro lugar como "salvador".

[5] Jewish Monotheism and Christian Trinitarian Doctrine, 31.

[6] Ver também 1 Crónicas 29:10, onde o Deus de Israel é também "nosso Pai".

[7] *Romanos 15:6; 2 Coríntios 1:3; 11:31; 1 Pedro 1:3.*

[8] Ver 1 *Reis 22,19-22*, e notar a forte declaração do comentador trinitário *G.J. Wenham*: Os cristãos têm tradicionalmente visto este versículo (*Génesis 1:26*) como delineando (prefigurando) a Trindade. É agora universalmente admitido que não era essa a intenção do plural do autor original" (*Genesis 1-15*, "*World Biblical Commentary*", *ed. David A. Hubbard e Glenn W. Barker*, Waco, TX: Word Books, 1987, 27). Ver também a nota na Bíblia de Estudo NVI (Nova Versão Internacional) [Grand Rapids: Zondervan, 1985], 7: "Deus fala como o Rei-Criador, anunciando a Sua obra-prima aos membros da Sua corte celestial" (ver *3:22; 11:7; Isaías 6:8*; ver também *1 Reis 22:19-23; Job 15:8; Jeremias 23:18*).

[9] **"***Gesenius' Hebrew Grammar*", *ed. E. Kautzsch* (Oxford: Clarendom Press, 1910), 398, 399. Veja também a autoridade normativa, "Hebrew and English Lexicon of the Old Testament", de *Brown, Driver e Briggs* (Oxford: Clarendon Press, 1968), 43, 44. *Gesenius* lista muitos exemplos de palavras hebraicas com terminações plurais que não são plurais em significado. Por exemplo, "*panim*" = rosto. "*Elohim*" é modificado por um adjetivo singular no *Salmo 7:10*.

[10] Uma anomalia gramatical ocasional não pode contrabalançar a evidência de milhares de ocorrências em que o substantivo e os títulos levam verbos no singular. Quando um verbo no plural é encontrado com "e*lohim*" em *2 Samuel 7:23*, a passagem paralela em *1 Crónicas 17:21* substitui o plural pelo verbo no singular. Isto mostra que o plural muito excecional não tinha significado. "*Elohim*" em *Génesis 31:24* pode ser traduzido (como *Calvino* e outros pensaram) como anjos, como por exemplo também no *Salmo 8:5* e a sua referência em *Hebreus 2:7*. Yahweh e "*Adonai*" ("O Senhor") têm invariavelmente um verbo no singular. O singular de El e "*Eloah*" (Deus) confirma que Deus é uma pessoa. É espantoso que continuem a propagar, contra a evidência de milhares de textos onde Deus é descrito por pronomes e verbos singulares, os quatro versículos "nós", como uma indicação de que Deus é Trino!

[11] Robert Morey, "*The Trinity: Evidence and Issues*" (A Trindade: Evidências e Questões) (World Publishing, 1996).

[12] **"***Theological Dictionary of the Old Testament*" (Dicionário Teológico do Novo Testamento) (Grand Rapids: Eerdmans, 1974), 1:194.

[13] Morey, 88.

[14] **"***Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*" (Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento) (Leiden: E. J. Brill,1967).

[15] Ver RSV, *Exodo 10:19*, *"una única lagosta*"; *Exodo 33:5*, "um único momento"; Deuteronômio 19:15, "uma única testemunha", etc.

[16] Só em Génesis 1:2, temos exemplos de "um dia", "um lugar", "um das suas costelas", "um de nós". Se, de acordo com a teoria trinitária, "nós" significa uma Deidade Trina, "um" provavelmente significaria "um único membro dos três".

[17] *Gregory Boyd*, "*Oneness Pentecostals and the Trinity*" (Os Pentecostais da Unidade e a Trindade) (Baker Book House, 1995), 47, 48. Não é estritamente verdade que "*echad*" denota uma pluralidade unificada. "*Echad*" pode modificar um substantivo composto.

[18] **"***Yachid*" é de fato encontrado como uma descrição do único Deus na Pseudoepígrafe.

[19] Comparar. As notas sobre "*O Nome de Deus no Antigo Testamento*" (no Dicionário Teológico do Novo Testamento, resumido em um volume, 489): "O nome Yahweh se distingue por um conteúdo específico. Deus não é apenas uma divindade, mas uma pessoa divina distinta... por trás de declarações como 'O Senhor é Deus' (*1 Reis 18:39*) ou 'O Senhor é o seu nome' (*Êxodo 15:3*) estão as expressões mais específicas. 'Javé (ou Javé dos Exércitos) é o seu nome.' Há aqui um encontro com a pessoa definitiva de Deus." Não há aqui nenhuma sugestão de que Deus seja três pessoas.

[20] As seguintes declarações de autoridades normativas confirmam a fraqueza de qualquer tentativa de basear a Trindade no AT. "Não há nenhum sinal no AT de distinções na Divindade; É um anacronismo encontrar em suas páginas a doutrina da encarnação ou a da Trindade" ("*Deus*", na Enciclopédia de Religião e Ética, T&T Clark, 1913, 6:254). "Os teólogos hoje concordam que a Bíblia Hebraica não contém uma doutrina da Trindade" (*The Encyclopedia of Religion*, *ed. Mircea Eliade*, Macmillan Publishing Company, 1987, 15:54). "*A doutrina da Trindade não é ensinada no Antigo Testamento*" (New Catholic Encyclopedia, Pub.Guild., 1967, 14:306). "O AT não diz nada explicitamente ou por implicação necessária de um Deus Triuno que é o Pai, o Filho e o Espírito Santo... não há nenhuma evidência de que qualquer escritor sagrado tenha sequer suspeitado da existência de uma [Trindade] dentro da Divindade... Mesmo querer ver no AT sugestões ou alegorias ou 'sinais velados' da Trindade de pessoas, é ir além das palavras e intenções dos escritores sagrados." (*Edmund J. Fortman*, "*O Deus Triúno*", Baker Book House, 1972, XV, 8,9). O AT dificilmente pode ser usado como autoridade para a existência de distinções dentro da Divindade. O uso do plural "vamos", "nosso", "desçamos" e "confundamos" pelo orador divino (*Gênesis 1:26; 3:22; 11:7*) é estranho, mas talvez devido à Sua consciência de estar cercado por outros seres de uma ordem superior à dos homens (*Isaías 6:8*). (A.B. Davidson, "Deus", Dicionário Hastings da Bíblia, Charles Scribner's Sons, 1911, 2:205).

[21] *L. L. Paine*, "*Uma História Crítica da Evolução do Trinitarianismo*" (Boton e Nova York: Houghton Mifflin and Co., 1902), 4.

[22] **"***Adonai*" significa "O (supremo) Senhor" e encontra-se na Bíblia hebraica (449 vezes), assim como o nome divino YHWH. Atualmente, os judeus substituem o nome sagrado por "*Adonai*" na leitura das Escrituras e na oração.

[23] Lev Gillet, "Communion in the Messiah: Studies in the Relationship between Judaism and Christianity" (A comunhão no Messias: Estudos sobre a relação entre o judaísmo e o cristianismo) (Lutterworth Press, 1968), 75, 76. (Lutterworth Press, 1968), 75, 76.

[24] *Chief Rabbi J.H. Hertz*, "Pentateuch and Haftorahs" (Pentateuco e Haftorá) (London: Socino Press, 1960), 770.

[25] "*Christian Faith and Practice, Seven Lectures*" (Fé e Prática Cristã, Sete leituras) (Oxford: Blackwell, 1952), 74.

II. JESUS E O DEUS DOS JUDEUS

"Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade"
– Jesus Cristo

Os perspicazes defensores do Judaísmo fundamental ficaram muito agitados pela crescente competição e ameaça apresentada à comunidade religiosa pelo impertinente Galileu, Jesus. A sua comitiva cada vez maior, atraída pelos seus milagres, o seu intelecto ágil e as suas observações francas que expunham a hipocrisia dos líderes religiosos, criaram um clima de medo e antagonismo dentro da instituição.

Desde o início da história registada, o medo da competição religiosa tem produzido tipicamente um estado velado de beligerância por parte dos guardiões oficiais da fé. Nessa atmosfera parece haver pouco espaço para a calma e a discussão aberta das diferenças. É apropriado perguntar-nos como vemos qualquer diferença, imaginária ou real, face às nossas convicções acalentadas. A resposta ideal aos desafios é uma atitude humilde e inquisitiva, ávida por considerar os méritos ou deficiências de qualquer coisa que nos seja colocada para exame. Infelizmente, os sistemas religiosos tradicionais enfrentam frequentemente qualquer ameaça ao status quo com hostilidade e intransigência. Eles trataram os não-conformistas com severidade.

No caso de Jesus, um clero intolerante mostrou os seus receios por conspirar para acabar com a ameaça representada pela influência de professores iniciantes nas mentes dos membros do seu público que procuravam a verdade. O Evangelho de Marcos regista a história de uma batalha teológica contínua na qual representantes de duas fações religiosas concorrentes cooperaram enviando "*E enviaram-lhe alguns dos fariseus e dos herodianos, para que o apanhassem nalguma palavra*" (*Marcos 12:13*). Sua bajulação inicial teve como objetivo prender Jesus em suas teias de aranha: "*Mestre, sabemos que és homem de verdade, e de ninguém se te dá, porque não olhas à aparência dos homens, antes com verdade ensinas o caminho de Deus*" (*Marcos 12:14*). Esta tática inicial foi seguida por perguntas destinadas a desacreditar Jesus aos olhos do seu público. Suas respostas perspicazes a essas questões difíceis, no entanto, lhe renderam a admiração de pelo menos um ou mais escribas de mente aberta.

O escriba (um estudioso da Bíblia) decidiu fazer a sua própria pergunta. Sua abordagem era sincera, desprovida de truques ou pretensões ruins. Parafraseado em linguagem moderna, seria assim: "*Qual é o cerne, a ideia central daquilo que você acredita e ensina? Qual é o credo mais importante e único da sua teologia?*" Marcos relaciona a questão da seguinte forma: Qual é o primeiro mandamento de todos? Ou, como outros tradutores captam o sabor da pergunta: "*Qual é o primeiro de todos os mandamentos?*" (*Marcos 12:28*).

A resposta de Jesus contornou os Dez Mandamentos e citou diretamente uma declaração divina anterior, a chamada "*Shema*": "*Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças*" (*Deuteronômio 6:4, 5; Marcos 12:29, 30 – A Bíblia das Américas*). Os estudantes da Bíblia devem considerar se retiveram as implicações da resposta cristã básica de Jesus. Evidentemente, Jesus considera as palavras de Moisés no AT como um repositório da verdade divina. A sua definição de Deus conta para a sua autoridade naquilo que tanto Jesus como o seu público sabiam ser uma revelação fundamental. Jesus simplesmente reafirmou com total clareza o credo fundamental do sistema religioso judaico, confirmando, além de qualquer argumento, que o verdadeiro Deus é um Senhor – *e, portanto, uma pessoa*.

A conversa que continuou revela o caráter crítico da questão. Poucas mudanças poderiam ser mais instrutivas quando ouvimos o próprio Jesus estabelecer o fundamento de toda a verdadeira fé e compreensão. Aqui estavam dois judeus religiosos conversando sobre a questão mais crucial para a vida espiritual. Uma resposta incorreta teria destruído a credibilidade de Jesus junto à comunidade judaica. A

resposta que Jesus deu, porém, causou imediatamente uma reação emocional positiva no escriba completamente monoteísta. Seu entusiasmo pelo credo histórico de Israel é demonstrado por sua reação calorosa: "*Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que há um só Deus, e que não há outro além dele*" (*Marcos 12:32*).

Na mente deste ou de qualquer outro judeu ortodoxo, a referência de Jesus só poderia ter sido ao Deus unipessoal do AT. O célebre "*Shemá*" ("*Ouve, Israel*") declarou que "*o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR*" (*Deuteronômio 6:4*).

Deus é um, afirmou Jesus, "*o Senhor nosso Deus é o único Senhor!*" (*Marcos 12:29*). Este mais simples e claro de todos os credos penetra ou atravessa o AT: "*Pois quem é Deus, senão Jeová?... Não há santo como o SENHOR; porque não há outro fora de ti; e rocha nenhuma há como o nosso Deus*" (1 Samuel 2:2).

Poderia a ideia de que ele próprio era outra pessoa coigual na Divindade e, portanto, totalmente Deus, ter sido ocultada na consciência de Jesus? Está além da nossa imaginação que tal noção pudesse ter sido detetada aqui ou em qualquer outra coisa relatada sobre Jesus por Marcos. Não houve desacordo entre o teólogo judeu ortodoxo e Jesus, o pioneiro da fé cristã. Deus é um e apenas um. Ele é um Senhor. Esta é a declaração central de Cristo sobre a natureza da Divindade. Vindo do próprio Cristo, deve automaticamente permanecer como o credo cristão central.

O comentário final de Cristo confirma o entendimento que ele tinha em comum com o escriba: "*E Jesus, vendo que havia respondido sabiamente, disse-lhe: Não estás longe do reino de Deus*" (*Marcos 12:34*). Desta observação deduziremos que sem esta crença inteligente num único Deus unipessoal dos judeus, estaríamos longe do reino de Deus. A declaração aberta de Jesus sobre o fundamento da verdadeira religião deveria levar-nos a comparar o nosso próprio pensamento com o dele, neste aspeto mais fundamental de todos os tópicos.

É importante notar que esta conversa ocorreu no final do ministério de Cristo. Se ele fosse introduzir uma mudança radical que destruiria a compreensão de Deus pelo Judaísmo, esta teria sido a oportunidade mais adequada. Alguns teólogos modernos tentaram explicar a ausência nos ensinamentos de Jesus de qualquer nova declaração sobre Deus. Uma comentarista, *Loraine Boettner*, observou:

> Que a doutrina [da Trindade], que é tão difícil para nós, e que deveria, mesmo nas mãos de um povo que se tornou furiosamente monoteísta, ocupar o seu lugar, silenciosa e impercetivelmente entre as verdades cristãs aceitas sem luta e sem controvérsia, é certamente um dos fenômenos mais notáveis na história do pensamento humano... Na época dos livros do NT, a Trindade já era propriedade comum. **[1]**

Esta é uma observação surpreendente, se não problemática. Primeiro, há um reconhecimento sincero de que o povo judeu – *e isto incluiria os doze discípulos originais, que eram todos judeus* – era "ferozmente monoteísta". Em relação às afirmações de que a ideia trinitária "tomava silenciosa e impercetivelmente o seu lugar entre as verdades cristãs" e "na época dos livros do NT a Trindade já era propriedade comum", perguntamos: onde está a evidência disso, tendo em vista os claros ensinamentos de Jesus registados em Marcos? Jesus evidentemente não sabe absolutamente nada sobre qualquer Trindade. Ele não introduz nenhuma ideia nova sobre Deus. Além disso, ele concorda com o AT, com o escriba judeu e com milhões de judeus que acreditaram em um Deus desde o momento em que Ele se revelou como pessoa. O que isto implica sobre o Cristianismo Tradicional, que há muito proclama uma definição de Divindade diferente daquela em que Jesus insistiu?

A afirmação de *Boettner* parece ignorar o facto de que o Evangelho de Marcos representa a fé cristã tal como a Igreja a entendia quando ele o escreveu, talvez já em 80 DC. *Boettner* atribui à Igreja do primeiro século uma doutrina de Deus que não veio a ser totalmente formulada como parte do credo oficial da Igreja

até o século IV, e mesmo então com grande protesto. Suas conclusões de que o Trinitarianismo já estava em casa no círculo dos discípulos de Jesus não têm lugar por causa da sensibilidade mais extrema da maioria judaica que constituía os membros da Igreja primitiva, para quem a ideia de um Deus Triuno teria sido estranha, para não dizer blasfemo.

O registo mais antigo da história da Igreja Cristã, o livro de Atos, relata uma conferência inteira realizada para decidir questões como a circuncisão dos gentios, o consumo de alimentos contendo sangue e o consumo de carne de animais estrangulados. Se estas questões físicas fossem consideradas dignas de uma discussão formal, quanto mais uma conferência teria sido necessária para discutir a mudança explosiva da crença num Deus unipessoal para a de um Deus Triuno, entre aqueles ferozes judeus monoteístas, líderes de a comunidade primitiva Cristã?

O que parece ainda mais extraordinário em vista de toda a controvérsia de Jesus com os principais líderes é o seguinte: nunca houve o menor vestígio de qualquer discussão a respeito da Trindade. Isto não significa ignorar a controvérsia que ocorreu como resultado da afirmação de Jesus de ser o "Filho de Deus". Mas a declaração não deve ser confundida com a declaração posterior da Igreja de que ele era "Deus, o Filho". Permanece o fato de que a doutrina da Trindade nunca foi defendida em todo o NT. Dizia-se que isso acontecia simplesmente porque nunca se tinha ouvido falar dela. O Messias é visto nos documentos do NT como o único representante legal (de Deus), não como um segundo membro da Trindade.

A observação de *Boettner* também parece ignorar os debates dos séculos II e III que resultaram sobre a natureza de Deus e de Cristo e a violenta controvérsia na época do próprio Concílio de Nicéia, quando os cristãos foram forçados a aceitar a crença numa existência pré-existente. segunda pessoa da Divindade, identificada com Jesus. *A Enciclopédia Americana*, falando do conflito entre os crentes num Deus unipessoal e os que acreditam num Deus bi e tri pessoal, faz este importante comentário:

> O unitarismo como movimento teológico começou muito antes na história; Ele realmente antecedeu o Trinitarianismo em muitas décadas. O Cristianismo derivou do Judaísmo, e o Judaísmo era estritamente unitarista. A estrada que levava de Jerusalém ao (Concílio de) Nicéia era pouco reta. O Trinitarianismo do século IV não refletia exatamente o ensino do cristianismo primitivo a respeito da natureza de Deus; Pelo contrário, foi um desvio deste ensinamento. Ela, portanto, desenvolveu-se contra a constante oposição unitarista, ou pelo menos uma de natureza antitrinitária. **[2]**

Uma declaração da *Enciclopédia Britânica* mostra quão longe de ser correta está a sugestão de que o Trinitarismo era o credo profundamente enraizado dos primeiros cristãos: "Trinitarianos e Unitarianos continuaram a colidir entre si, estes últimos ainda constituindo a maioria dos crentes. terceiro século." **[3]**

Em vista desta evidência documentada, não é razoável afirmar que a doutrina da Trindade "ocupou silenciosa e impercetivelmente o seu lugar entre as verdades cristãs aceitas sem luta e sem controvérsia". **[4]** O julgamento de *Boettner* parece ser inconsistente com o desenvolvimento da doutrina ao longo de três séculos.

Existem também outras declarações claras que confirmam a crença de Jesus no Deus do Judaísmo. Não há nenhum indício da introdução da segunda pessoa na Divindade na oração de despedida que Jesus fez na conclusão do seu ministério. Pouco antes de sua morte, ele orou ao Pai em favor dos discípulos, a quem comissionou para realizar a obra que havia começado. Resumindo a verdadeira fé, ele declarou: "*E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste*" (João 17:3).

Notamos o comentário extraordinário de um famoso Padre da Igreja. Foi tão difícil para *Agostinho* harmonizar o credo cristão original com o dogma trinitário que ele conhecia no século V, que este imensamente influente Pai da Igreja realmente reestruturou as palavras de Jesus para acomodar tanto o Pai

como o Filho na Divindade. *Agostinho*, em suas "*Homilias sobre João*", declarou corajosamente que *João 17:3* significa: "Esta é a vida eterna, que conheçam a ti e a Jesus Cristo, a quem enviaste, como o único Deus verdadeiro". **[5]** Esta alteração ousada da Sagrada Escritura distorce seriamente as palavras ditas por Jesus para nós. Jesus define sua própria posição como o *Messias*, distinto da Divindade, que consiste somente no Pai. O crente sábio se distanciará de tal violência à Bíblia. Tal forçamento do texto apenas expõe o desespero de *Agostinho* para encontrar este credo nas Escrituras.

A declaração original de Jesus precisa de poucos esclarecimentos. Ela é franca e honesta. Jesus é uma pessoa separada e distinta de seu Pai, o único Deus verdadeiro. Jesus não foi incorporado à Divindade. A importância do credo do próprio Jesus não pode ser subestimada. A palavra "único" na língua grega é "*monos*", termo que possui alguns equivalentes em português. Seu significado é "sozinho", "apenas", "solitário". A palavra "verdadeiro" no grego é "*aletinos*", que significa verdadeiro no sentido de genuíno ou real. Juntando as duas palavras gregas "*monos*" e "*aletinos*", vemos que Jesus descreve seu Pai como o único Deus real ou genuíno.

Considere o uso adicional que Jesus faz da palavra "único". Não há dúvida sobre o significado da palavra ou sua exatidão a partir de sua tradução em *João 17:3*. "Único" é uma palavra que limita e exclui. Qualquer coisa que seja descrita como "única" é de um tipo único – completamente único. Todas as outras coisas estão excluídas. Se algo é "o único…" automaticamente não pode haver nada além dele. Para ver seu uso em outro texto bíblico, olhamos para as palavras de Paulo à igreja em Filipos: "*nenhuma igreja comunicou comigo com respeito a dar e a receber, senão vós somente*" (*Filipenses 4:15*). Todas as outras igrejas foram excluídas da referência de Paulo. Em outra passagem, falando da Segunda Vinda, Jesus disse: "*Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, mas unicamente meu Pai*" (*Mateus 24:36; Marcos 13:32*). Somente o Pai sabia disso; e ninguém mais tinha esse conhecimento.

Não necessitamos de um exército de teólogos ou linguistas especialistas para nos ajudar a compreender estas declarações. Todos nós usamos uma linguagem semelhante, incluindo a palavra "único", desde que aprendemos a falar. Todos nós sabemos o que significa "único". Jesus descreveu o Pai como o "único Deus verdadeiro". Ninguém discorda de que o Pai é o *verdadeiro* Deus. Mas observe com cuidado: o Pai não é apenas "o verdadeiro Deus", ele é o *único* Deus verdadeiro". Seríamos cautelosos com qualquer pessoa que dissesse ter "apenas uma esposa" se o seu agregado familiar consistisse em três mulheres distintas, cada uma das quais ele afirmava ser a sua única esposa. Como o "único Deus verdadeiro", ou como poderíamos igualmente dizer, "O único que é verdadeiramente Deus", o Pai de Jesus mantém uma posição única e incomparável.

Outra declaração de Jesus, registada por João, fornece a maior evidência de sua crença contínua no Deus unipessoal dos judeus. Aos fariseus ele disse: "*omo podeis vós crer, recebendo honra uns dos outros, e não buscando a honra que vem só de Deus?*" (João 5:44). **[6]** A NRSV (The New Revised Standard Version) traduz as palavras de Jesus como "*Só ele é Deus*". Seria difícil imaginar uma declaração unitária mais transparente e simples. "*O único que é Deus*" nos lembra uma série de declarações monoteístas encontradas nos documentos da herança de Jesus. Foi o Deus de Israel que "só conhece os corações dos homens", "*porque só tu conheces o coração de todos os filhos dos homens*" (*1 Reis 8:39*). Ezequias orou a Deus com estas palavras: "*Ó SENHOR Deus de Israel, que habitas entre os querubins, tu mesmo, só tu és Deus de todos os reinos da terra; tu fizeste os céus e a terra*" (*2 Reis 19:15*). O salmista apelou "*a quem só pertence o nome de SENHOR, és o Altíssimo sobre toda a terra*" (*Salmo 83:18*). E para: "*Tu és o Grande e único Deus*" (*Salmos 86:10*, LXX). Jesus faz eco destes testemunhos brilhantes sobre o privilégio único de Israel como guardião do monoteísmo. Foi a seu Pai que se aplicaram as palavras "único Deus" e "o único que é Deus". Jesus esclarece isso na declaração que segue imediatamente sua referência ao "*único que é Deus*" (*João 5:44*). Os fariseus não pensavam que Jesus os acusaria diante do Pai (*João 5:45*). As próprias palavras de Moisés condenaram-nos por não terem visto o Messias prometido em Jesus. Por outro lado, Jesus sempre buscou honra "*daquele que o enviou*" (*João 7:18*). Verdadeiramente, o Messias foi aquele sobre quem "*este o Pai, Deus, o selou* (*João 6:27*).

João descreve Jesus como um judeu leal ao estrito monoteísmo de seu povo e disposto a falar em harmonia com eles sobre "o único que é Deus", "o único Deus verdadeiro" e o Deus que colocou Seu selo de aprovação sobre ele. Seu único Filho." Se o Pai de Jesus é "o único que é Deus", **[7]** é óbvio que nenhum outro pertence a essa classe. O Jesus de João subscreve inequivocamente o monoteísmo unitário de Israel.

Jesus como Filho de Deus

Apesar das declarações definitivas de Jesus sobre os seus credos, que mostraram que ele era um verdadeiro filho de Israel, alguns teólogos atuais estão determinados a justificar o credo muito posterior formulado nos séculos IV e V. Eles sustentam que Jesus, afinal, afirmou ser Deus porque não negou que era "o Filho de Deus". A repetida equação de "Filho de Deus" com "Deus" nos escritos trinitários precisa ser examinada.

Klaas Runia é típico de uma escola de pensamento contemporânea que afirma que o termo Filho de Deus leva naturalmente ao dogma ortodoxo desenvolvido de que Jesus é Deus, o Filho. O que significa, porém, *na Bíblia* ser o Filho de Deus?

Runia examina o título Filho de Deus em seu livro sobre cristologia e afirma categoricamente que o fato de os teólogos tomarem o termo "Filho de Deus" em seu significado do AT "vai contra o que os Evangelhos nos dizem". **[8]** Ele sustenta que o título "Filho de Deus", conforme usado no NT, é uma indicação clara de que Jesus era uma Deidade pré-existente.

Nenhuma evidência é apresentada para mostrar que o NT abandona suas próprias raízes no AT e atribui ao título "Filho de Deus" um significado nunca sugerido na Bíblia Hebraica. O significado de "Filho de Deus" no AT é devastador para a causa trinitária. "Filho de Deus" foi usado de várias maneiras – para descrever a nação de Israel, seu rei e, no plural, até mesmo os anjos. Em nenhum desses casos o título implica Divindade no sentido trinitário. Um tratamento muito mais sensível desta questão aparece num artigo de outro estudioso bíblico, *James R. Brady*, que diz:

> Quando as Escrituras falam de Jesus como o Messias, provavelmente o título mais significativo que usam é "Filho de Deus". Em passagens como *Mateus 16:16* e *26:63* fica claro que esses dois títulos – Messias e Filho de Deus – são justapostos (um define o outro). *O título Filho de Deus, sem dúvida, vem de textos do AT, como 2 Samuel 7:14 e Salmos 2:7, em sua associação com o rei davídico*. **[9]**

Rumia oferece *Marcos 2:7* e *João 5:18* como prova de que as afirmações de Jesus de perdoar pecados e de que Deus era seu próprio Pai significavam que ele acreditava ser Deus. Quando Jesus disse que ele era o "Filho de Deus", somos convidados a acreditar que ele afirmava ser Deus. Em vez de apoiar os fariseus hostis nas suas críticas precipitadas às afirmações de Jesus, seria sensato considerar a resposta do próprio Jesus à acusação de blasfémia.

É extremamente importante não perder de vista o uso do termo "Filho de Deus" no AT. Seria fatal permitir que este título fosse extraído do seu contexto bíblico e dar-lhe um significado não encontrado nas Escrituras. Jesus apelou frequentemente ao AT para apoiar o seu ensino. Esta técnica, noutra ocasião, como veremos, destrói os argumentos dos líderes religiosos judeus, quando estes o acusaram falsamente de usurpação das prerrogativas de Deus. Jesus protestou que eles interpretaram mal as suas próprias escrituras sagradas.

Examinemos primeiro os dois textos apresentados por *Runia*. Segundo Marcos, Jesus disse ao paralítico: "*Filho, perdoados estão os teus pecados*". Alguns dos escribas disseram entre si: "*Ele diz blasfêmias. Quem pode perdoar pecados senão somente Deus?*" (*Marcos 2:5, 7*). A afirmação de Jesus de que ele é capaz de perdoar pecados parece colocá-lo no mesmo nível de Deus. A título de esclarecimento e para silenciar as

críticas, que Jesus atribuiu a más intenções, disse-lhes: "*Ora, para que saibais que o Filho do homem tem na terra poder para perdoar pecados (disse ao paralítico), A ti te digo: Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa*" (*Marcos 2:10,11*). A autoridade para perdoar pecados foi dada a Jesus como *representante* de Deus, mas um ser humano investido de poderes extraordinários como agente legal de Deus. A questão não passou despercebida às multidões. Elas não acreditavam que Jesus tivesse afirmado ser Deus, mas que Deus havia dado autoridade excecional a um homem. Mateus relata que "*E a multidão, vendo isto, maravilhou-se, e glorificou a Deus, que dera tal poder* ***aos homens***" (*Mateus 9:8*).

Nada no relato sugere que as multidões entendessem que Jesus afirmava ser Deus. Não há indicação de que o monoteísmo do AT tenha sido de alguma forma perturbado. Na verdade, a questão do monoteísmo do AT não estava em questão. Os oponentes de Jesus ofenderam-se com a sua afirmação de ser o único agente autorizado de Deus. A sua igualdade funcional com Deus não tem nada a ver com a reivindicação de ser um membro coigual e coeterno da Divindade. Jesus teve o cuidado de salientar que o Filho nada pode fazer sozinho (*João 5:19*). Numa ocasião posterior, ele conferiu aos seus apóstolos o direito de perdoar pecados – uma responsabilidade que não os incluía na Divindade (*João 20:23*).

Estamos grandemente encorajados pela declaração de um ilustre professor de Teologia Sistemática no Seminário Fuller e editor geral do prestigiado "*New International Dictionary of the New Testament Theology*" (Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento). Numa discussão esclarecedora sobre questões relacionadas com a Trindade, ele diz: "A questão é como entendemos o termo 'Filho de Deus'... o título Filho de Deus não é em si uma designação de Deidade pessoal ou uma expressão de metafísica. distinções dentro da Divindade. Verdadeiramente, para ser um 'Filho de Deus' é preciso ser outro ser que *não é* Deus! É uma designação para uma criatura que indica um relacionamento especial com Deus. Em particular, denota o representante de Deus, o vice-regente de Deus. É uma designação de dignidade real, identificando o rei como o Filho de Deus". **[10]** Os teólogos que simplesmente afirmam, sem provas, que "Filho de Deus" significa "Deus o Filho" estão, de acordo com as declarações de *Brown*, trabalhando sob "um mal-entendido sistemático do termo 'Filho de Deus' nas Escrituras".

O Messias não é Deus, mas o Agente de Deus

Será que hoje os trinitarianos, inadvertidamente, desejando exaltar Jesus com sinceridade, caíram na armadilha de atribuir ao Messias uma posição como Deus que ele nunca reivindicou para si mesmo? A alegação de ser uma Deidade no sentido trinitário teria sido na verdade uma blasfêmia para os próprios patronos de Jesus, uma vez que ele afirmou repetidamente que seu Pai era o *único* Deus verdadeiro.

Runia insiste que Jesus declarou que ele era Deus, e que alguns líderes judeus em *João 5:18* entenderam que ele afirmou isso, mas ele leu uma controvérsia trinitária muito posterior retrospetivamente nesses relatos do primeiro século, gerando confusão em todo o mundo. tema. No quarto Evangelho, Jesus é um defensor intransigente do monoteísmo unipessoal de sua herança judaica. **[11]** Como "Filho de Deus", Jesus reconheceu que não possuía nenhum poder inerente à parte do Pai. Ele era uma autoridade canalizada. Ele sempre buscou a vontade Daquele que o comissionou, o que significa que ele era totalmente dependente do único Deus. Sua troca de palavras com os fariseus acabou com a crença declarada de Jesus naquele que é o único Deus (*João 5:44*). Ele defendeu o monoteísmo de sua herança judaica.

Uma acusação posterior de blasfêmia feita pelos fariseus deu a Jesus a oportunidade de mostrar aos seus oponentes quão mal eles entendiam as suas próprias Escrituras. O episódio está registado em *João 10:32-36*. Nesta ocasião, Jesus fez a pergunta: "*por qual destas obras me apedrejais?*" Os judeus responderam-lhe: "*Não te apedrejamos por alguma obra boa, mas pela blasfêmia; porque, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo*" **[12]** Jesus abordou esta acusação citando o AT, mostrando que as Escrituras Hebraicas ainda eram a autoridade suprema capaz de esclarecer sua declaração messiânica: "*Não está escrito na vossa lei: Eu disse: Sois deuses? Pois, se a lei chamou deuses àqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida, e*

a Escritura não pode ser anulada, *Àquele a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, vós dizeis: Blasfemas, porque disse: Sou Filho de Deus?*".

Jesus aproveitou a oportunidade para redefinir sua posição em relação a Deus. Citando o *Salmo 82:6*, ele salientou que a palavra "Deus" poderia legitimamente ser usada para designar seres humanos que desfrutam de posições especiais como agentes divinamente comissionados. "Deus", no caso dos juízes de Israel, certamente não significava o Deus Todo-Poderoso. Ninguém reivindicaria a Divindade nesse sentido para estes líderes de Israel. Os "deuses" descritos no *Salmo 82* eram provavelmente administradores autorizados a agir como Deus. Jesus baseou seu argumento para uma compreensão correta da frase "Filho de Deus" neste Salmo, onde "deuses" são definidos como "filhos de Deus": "*Eu disse: Vós sois deuses, e todos vós filhos do Altíssimo. Todavia morrereis como homens*" (*Salmos 82:6, 7*).

Não seria razoável afirmar que Jesus alterou o significado especial da palavra do AT "deus" equivalente à frase "Filho de Deus" ("Filhos do Altíssimo") quando apelou expressamente ao Salmo 82 para esclarecer o seu próprio direito de reivindicar o título de "Filho de Deus". Em resposta à acusação de blasfémia, Jesus deixou clara a sua posição única como agente divino. Ele é o exemplo supremo de um governante humano investido de poderes divinos. Ele recorreu ao registo para declarar a Sua verdadeira posição: "*vós dizeis: Blasfemas, porque disse: Sou Filho de Deus?*" (*João 10:36*). Mas isto não fornece qualquer base para a afirmação posterior de que "Filho de Deus" é equivalente a "Deus, o Filho". Assim, a defesa que Jesus faz da sua própria posição contém explicitamente a afirmação de que ele não é o Deus Todo-Poderoso. Os trinitarianos passam frequentemente por cima de *João 10:34-36* em silêncio.

Expectativas do Antigo Testamento sobre o Messias

Jesus foi plenamente instruído nas Escrituras Hebraicas e não poderia ter feito declarações sobre si mesmo que contradissessem os registos divinos aos quais ele constantemente apelava. Uma profecia extremamente importante em *Deuteronômio 18:15*, aplicada a Jesus por Pedro e Estêvão no livro de *Atos* (*3:22; 7:27*), descreve o tão esperado "Moisés maior". O ponto importante é que o profeta seria, como disse Moisés, "um profeta como eu dentre vocês, dentre seus irmãos". Moisés e seus irmãos eram evidentemente plenamente humanos, todos membros das tribos de Israel. Nenhuma indicação mais forte poderia ser dada de que aquele que cumpriria essa profecia seria igualmente humano e mortal. Moisés teria ficado horrorizado ao saber que o profeta "como eu" já existia como Deus e não se originou realmente na família humana. Além disso, Deus atendeu ao pedido de Israel para que o agente de Deus, e não o próprio Deus, se dirigisse a eles. **[13]** Ler o Evangelho de João como se Jesus afirmasse ser Deus estaria, portanto, em conflito direto com o importante texto cristológico do Deuteronômio, bem como com as próprias declarações de Jesus sobre quem ele era. Além disso, os Apóstolos afirmaram ter encontrado "*aquele de quem Moisés escreveu na lei, e os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José*" (*João 1:45*). O Messias predito não era Deus, mas o porta-voz final de Deus. Afirmar, portanto, que João tentou apresentar Jesus como Deus teria atolado o seu próprio testemunho numa contradição inútil.

Algum conhecimento de uma Deidade de duas ou três pessoas que sempre se infiltrou através dos séculos, passou completamente despercebido pela consciência do povo judeu. Citamos novamente as palavras do teólogo judeu ortodoxo contemporâneo, Lapide:

> A confissão que Jesus reconheceu "como o mais importante de todos os mandamentos", e que é proferida por cada filho de Israel como a palavra final na hora da morte [foi]: "*Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR*" (*Deuteronômio 6:4*). O que "*Shema Israel*" significou para a vida íntima e a sobrevivência do Judaísmo só pode ser compreendido com dificuldade a partir do exterior. Como Ortodoxo, Liberal ou Progressista, como alguém poderia ser na sua própria religiosidade, a uni personalidade de Deus surge como uma fé

> unidimensional em face da qual outras questões diminuem como questões secundárias. Independentemente do que possa separar o judeu marginal do judeu central, a uni personalidade do Deus comum assegura a unidade da consciência religiosa. **[14]**

Salmo 110:1

Embora os judeus não pudessem encontrar nada de um Filho de Deus já existente, muito menos eterno, no AT, isso não impediu que um grande número de estudantes contemporâneos da Bíblia provasse com confiança a preexistência de Jesus e, portanto, pelo menos, uma dualidade em Deus. do *Salmo 110:1*: "*DISSE o SENHOR ao meu Senhor: Assenta-te à minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés*" Tanto os fariseus como Jesus reconheceram que o segundo senhor deste versículo descreveu o Messias prometido. Jesus apresentou este texto como um oráculo divino declarando a sua visão do Messias como o Filho de David e o Senhor de David (*Marcos 12:35-37*). Então, o que significa a inspirada declaração cristológica quando ele chama o Messias de "Senhor"? Tem sido argumentado por alguns que este versículo deveria ser traduzido como "Deus disse ao meu Deus..." Eles insistem que Davi sabia de uma dualidade na Divindade e sob inspiração declarou a filiação eterna e Deidade do Filho, daquele que iria veio a ser o homem Jesus.

Tal teoria envolve um mau uso da língua hebraica que pode ser facilmente esclarecido. As duas palavras para "senhor" na frase "o 'Senhor' disse ao meu 'senhor'" são consideravelmente diferentes. O primeiro "Senhor" é *Yahweh*. É bem verdade que os textos do AT que contêm esta palavra são às vezes transferidos para Jesus no NT quando ele funciona como um agente de *Yahweh* (assim como o anjo do Senhor que exerce a autoridade de *Yahweh* é às vezes equiparado a *Yahweh*). **[15]** No Salmo 110:1, entretanto, não há dúvida de que o primeiro Senhor mencionado (*Yahweh*) se refere a Deus, o Pai, o único Deus de Israel (como é o caso cerca de 6.700 vezes). A segunda palavra para "senhor" (aqui, "meu senhor") é "*adoni*", **[16]** que significa, de acordo com todos os léxicos hebraicos padrão, "senhor", "mestre" ou "proprietário", e se refere aqui, via predição, ao Messias. **[17]** Se Davi esperasse que o Messias fosse Deus, a palavra usada não teria sido "*adoni*", mas "*adonai*", um termo usado exclusivamente para designar o único Deus. **[18]**

O *Salmo 110:1* fornece a chave principal para entender quem é Jesus. A Bíblia Hebraica distingue cuidadosamente o título divino "*Adonai*", o Senhor Supremo, de "*adoni*", a forma adequada de tratamento aos superiores angélicos ou humanos. "*Adoni*", "meu senhor", "meu mestre" nunca se refere à Divindade. "*Adonai*", por outro lado, é a forma especial de "*adon*", Senhor, reservada para se dirigir somente ao único Deus. **[19]**

Um leitor da Bíblia Hebraica é treinado para reconhecer a distinção vital entre Deus e o homem. Há uma enorme diferença entre "*adoni*", "meu senhor", e "*Adonai*", o Deus Supremo. Nada menos que 195 vezes no cânon hebraico "*Adoni*" designa o destinatário como o destinatário da honra, mas nunca como o Deus Supremo. Este importante fato nos diz que as Escrituras Hebraicas não esperavam que o Messias fosse Deus, mas sim o descendente humano de Davi, a quem Davi corretamente reconheceu que também seria seu senhor. **[20]**

Num livro inteiramente dedicado ao estudo do *Salmo 110* no cristianismo primitivo, *David Hay* observa que há nada menos que "trinta e três citações e alusões ao *Salmo 110* espalhadas por todo o NT... muitas dessas referências aparecem em passagens de extrema importância teológica". **[21]** O *Salmo 110:1* é cercado por "uma aura especial de revelação profética". **[22]** Fica claro na discussão de Jesus com os fariseus, bem como no "*Targum*" judaico que reflete a tradição antiga, que *Salmos 110:1* apontava para o Messias em seu relacionamento com o único Deus. Essa era uma figura messiânica davídica, "o príncipe do mundo vindouro". As alusões do NT ao *Salmo 110:1* sugerem que este versículo fazia parte dos primeiros credos cristãos e até mesmo dos hinos. Evidentemente, alguma pessoa augusta, de acordo com o oráculo

divino, desfrutaria de uma posição única no lado direito da Divindade. Mas quem foi esse? O segundo membro da Deidade Trina?

Tal ideia é absolutamente impossível no contexto bíblico. O que o Salmo fornece é uma chave inestimável para a natureza e identidade do Messias como agente designado por Deus. Num sermão apostólico crucial que estabelece os fundamentos da fé, Pedro declarou que, na sua ascensão, Jesus, "um homem a quem tinham crucificado", foi agora confirmado na sua posição real como "Messias e Senhor" (*Atos 2:22, 23, 36*). É aqui que encontramos a verdade suprema da cristologia. Jesus, porém, não é o Senhor Deus, *Yahweh*, mas o Senhor Messias baseado, como Pedro afirma, no oráculo do *Salmo 110:1*. É sobre esta definição fundamental sobre a posição de Jesus que toda a cristologia do NT é construída. Jesus é o senhor a quem Davi se dirigiu profeticamente como "meu senhor" (*adoni*). Jesus é de fato "*kurios*" (senhor), mas certamente não é o Senhor Deus. Esse título, "*adoni*", invariavelmente distingue um superior humano do único Deus no AT. É uma distinção clara e consistente. "*Adonai*", por outro lado, aponta para o único e supremo Deus da Bíblia 449 vezes.

Na verdade, é raro que escritos acadêmicos declarem incorretamente fatos sobre uma palavra que aparece no texto hebraico ou grego. Surpreendentemente, porém, um erro extraordinário penetrou nas declarações da mais alta autoridade a respeito da identidade do Messias nesta passagem cristológica crucial no *Salmo 110:1*. Esse versículo, frequentemente citado pelo NT, legitima o título de "senhor" para Jesus. Foi até objeto de ataques extraordinários por parte da pena teológica. Nem o hebraico nem o grego da Septuaginta e do NT permitirão que "senhor" seja uma Deidade. Ambos os Testamentos estão unidos, portanto, na sua oposição à ideia da Trindade. É a Jesus como "Senhor" que a Igreja dirige a sua adoração, serviço e até mesmo a sua petição. **[23]** Jesus, com base no *Salmo 110:1*, é o senhor de Davi ("meu senhor") e, portanto, é "nosso senhor Jesus Cristo". O Pai de Jesus permanece sozinho como o único Senhor Deus, que também é "*O Deus de nosso Senhor Jesus Cristo*" (*Efésios 1:17*). "Deus" e "senhor", portanto, sinalizam uma diferença crucial de posição. O Messias não é um "Deus coigual".

Observe agora a evidência de confusão generalizada no tratamento deste Salmo. A posição de Jesus como o "*Adoni*" humano provou ser um embaraço para a "ortodoxia" mais recente. Um escritor católico romano, num esforço para provar a sua doutrina tradicional do Filho eterno, declara:

> No *Salmo 110:1* "*Yahweh* disse a *Adonai*: Senta-te à minha direita." Esta passagem é citada por Cristo para provar que ele é "*Adonai*", sentado à direita de *Yahweh* (*Mateus 22:44*). Mas "*Adonai*", "meu senhor", como nome próprio, é usado exclusivamente para a Deidade, uma de duas, sozinha ou em uma frase como *Yahweh Adonai*. É claro, então, que nesta lírica *Yahweh* se dirige a Cristo como uma pessoa diferente e ainda assim idêntica em Deidade. **[24]**

A informação está correta. O segundo senhor do texto hebraico não é especificamente "*adonai*", mas "*adoni*". O último nunca é um título divino. O primeiro sempre aponta para a Divindade. Todo o argumento trinitário deste Salmo falha porque os fatos da linguagem são apresentados erroneamente.

Em um artigo publicado no "*Evangelical Quarterly*", *William Robinson* afirma com segurança que:

> Há muito tempo é defendido e ensinado na Igreja Presbiteriana do Sul que Cristo é Jeová; isto é, que Aquele que foi adorado como Jeová, como o fizeram os santos do AT, sem deixar de ser Deus, tornou-se homem "para nós, homens e para a nossa salvação" … Mas o professor escocês de teologia sistemática no *Union Seminary*, Nova Iorque, recentemente contestou esta declaração, escrevendo no *The Presbyterian of the South* o seguinte: "A visão ortodoxa certamente não é que 'Cristo é Jeová' – Tal frase é nova para mim." **[25]**

O autor então argumenta que a proposição "Jesus é *Yahweh*" é um axioma de longa data da Igreja e o apogeu da Ortodoxia.

As dúvidas do professor do *Union Seminary* indicam uma preocupação muito profunda com o relacionamento do Messias com Deus. *Dr. Robinson*, entretanto, argumenta que porque Jesus é chamado de "*kurios*" (senhor), ele deve ser Deus. Ele se refere a *Lucas 2:11*, que apresenta o Salvador como "o Senhor Messias" e conclui que isso significa "Cristo-Jeová". Depois ele se volta para *Atos 2:34-36*, onde Pedro cita o *Salmo 110:1* para estabelecer a posição de Jesus como "senhor". Mas ele interpreta mal o texto hebraico e afirma que Jesus está sentado como "o Senhor "*Adonai*" à direita de Jeová". "Este sublime messianismo celestial – colocar o Filho escatológico de Deus, "*Adonai*", no lado direito de Jeová" prova que Jesus é Jeová. **[26]** Mas os fatos estão contra ele. O Messias não é chamado de "*adonai*", como ele afirma, mas de "*adoni*". A Bíblia Hebraica não confunde Deus com os seres humanos como fazem os trinitarianos.

O famoso "*Smith's Bible Dictionary*" (Dicionário Bíblico de Smith) ignorou o título humano dado ao Messias no *Salmo 110:1* e então apelou para este texto como evidência de um Jesus Trinitário:

> Portanto, descobrimos que, após a Ascensão, os apóstolos trabalharam para levar os judeus ao reconhecimento de que Jesus não era apenas o Cristo, mas também uma pessoa divina, sim, o Senhor Jeová. Assim, por exemplo, São Pedro, depois da efusão do Espírito Santo no Dia de Pentecostes por Cristo, diz: "*Saiba, pois, com certeza toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo*" (*Atos 2:36*).

Um editor posterior, porém, preocupou-se com esse feito de habilidade, que apresentou Pedro como um adepto dos concílios posteriores da Igreja. Ele emitiu um corretivo em uma nota de rodapé editorial:

> Ao atribuir a São Pedro a surpreendente proposição de que "Deus fez de Jesus Jeová", o escritor deste artigo parece ter esquecido o fato de que "*kurion*" ("Senhor") se refere a "*ho kurio mou*" ("meu senhor") em *versículo 34*, citado do *Salmo 119:1*, onde o hebraico correspondente não é Jeová, mas "*Adon*", a palavra comum para "senhor". **[27]**

A mesma desinformação sobre o título crucial "senhor" para o Messias reaparece até mesmo no prestigiado "*International Critical Commentary on the Gospel of Luke*" (Comentário Crítico Internacional sobre o Evangelho de Lucas): "No hebraico temos duas palavras diferentes para senhor.": 'Jeová diz a *Adonai*'. Sempre se acreditou que o *Salmo 110:1* fosse messiânico e tivesse sido escrito por Davi". Certamente existem duas palavras diferentes, mas conforme relatado pelo *Dr. Plummer*, Deus estava falando **[28]** consigo mesmo e não com seu agente humano, o Messias. Mais uma vez o dogma trinitário foi empurrado de volta para as Escrituras ao custo de mudar as palavras do texto.

Numerosos exemplos do mesmo erro de informação podem ser encontrados nos primeiros comentários e surpreendentemente também nas notas bíblicas de Scofield sobre o *Salmo 110:1*: "A importância do *Salmo 110* é atestada pela surpreendente proeminência dada a ele no NT Afirma a Divindade de Jesus, respondendo assim àqueles que negam o pleno significado do seu título de Senhor no NT". Mas como este versículo afirma a "Divindade de Jesus" quando o título hebraico aplicado à sua pessoa designa, em cada uma de suas 195 ocorrências, superiores humanos (e ocasionalmente anjos)? A frase "ao meu senhor" usada no oráculo ao Messias no *Salmo 110:1* aparece 24 vezes. Nessas ocasiões, homens ou mulheres o dirigem ou aplicam aos homens, especialmente ao rei. Em cada ocasião em que "meu senhor" (*adoni*) e *Yahweh* aparecem na mesma frase, como no *Salmo 110:1*, "meu senhor", sempre contrasta o único Deus com uma pessoa humana. Os leitores da Bíblia Hebraica são constantemente expostos à diferença entre Deus e seus agentes. "*Ó SENHOR, Deus de meu senhor* (*adoni*) *Abraão*" (Gênesis 24:12). "*Bendito seja o SENHOR Deus de meu senhor* (*adoni*)*, Abraão, que não retirou a sua benevolência e a sua verdade de meu senhor*

(*adoni*)" (*Gênesis 24:27*). "*assim o SENHOR vingou hoje ao rei meu senhor* (*adoni*)*, de Saul e da sua descendência*" (*2 Samuel 4:8*). O título, "meu senhor, o rei" ocorre frequentemente como um discurso ao governante de Israel.

Os leitores da Bíblia espanhola estão acostumados a reconhecer a palavra "SENHOR", em letras maiúsculas, como a tradução do original *Yahweh*. Eles também podem saber que a forma "Senhor" (com S maiúsculo) indica o título divino original "*adonai*". No *Salmo 110:1*, no entanto, a distinção é tristemente perdida – e apenas neste caso – quando o Messias aparece em muitas versões como Senhor (com letra maiúscula) onde a palavra não é "*adonai*", o título divino, mas "*adoni*", "meu senhor, o rei (humano)". Cria-se assim a falsa impressão de que o Messias é aquele único e divino Senhor, já que em todas as suas 449 ocorrências "*Adonai*" aparece em espanhol como Senhor (com inicial maiúscula). A "*Cambridge Bible for Schools and Colleges*" (Bíblia de Cambridge para Escolas e Faculdades) observa que a Versão Revisada "colocou corretamente a palavra senhor em maiúscula (no *Salmo 110:1*), como sendo da natureza de uma interpretação. "Meu senhor (*adoni*) é o título de respeito e reverência usado no AT para se dirigir ou falar com uma pessoa de posição e dignidade, especialmente um rei (*Gênesis 23:6; 1 Samuel 22:12* e frequentemente)" **[29]**

A distinção consistente entre referências divinas e humanas, indicada por uma diferença vital na pontuação da palavra hebraica Senhor, tem sido ignorada ou distorcida em traduções, notas bíblicas e comentários sob a pressão do dogma trinitário. A correção de "Senhor" para "senhor" na Versão Revisada do *Salmo 110:1* foi preservada na Versão Padrão Revisada (RSV) e na Nova Versão Padrão Revisada (NRSV). Também está traduzido corretamente na Tradução da Sociedade Publicadora Judaica, na versão Moffat e na Nova Bíblia Católica Romana Americana. **[30]** Outras traduções modernas continuam a dar a impressão de que o oráculo da Bíblia Hebraica sobre o Cristo, tão precioso para o Cristianismo apostólico, coloca Jesus na categoria de Divindade. A visão de longa data de que Jesus é o Senhor Deus deveria dar lugar ao testemunho bíblico de que ele é de fato o Senhor Messias, o ser humano superior de David, o único agente humano do único Deus de Israel. A aplicação dos textos do AT de *Yahweh* a Jesus significa que ele age em nome do único Deus, seu Deus e Pai. Isso não significa que ele *seja Yahweh*. Quando, porém, Jesus é chamado de "senhor", "o Senhor Jesus", "o Senhor Jesus Cristo", "O Senhor Cristo" e "nosso Senhor", isso não é positivamente uma indicação de que ele seja *Yahweh*. Esses títulos nos informam que ele é o Senhor Messias conforme especificado pelo texto cristológico fundamental em *Salmos 110:1*.

O notável Apóstolo de Jesus seguiu o argumento do *Salmo 110:1* de seu professor quando descreveu a posição do Messias em relação a Deus. Tendo a Bíblia Hebraica em mente, Paulo distingue cuidadosamente, numa declaração na forma de um credo crítico, entre o "único Deus, o Pai" e o "único Senhor Jesus Cristo". Paulo não dividiu o "*Shemá*" de Israel entre duas pessoas. Isto seria abandonar o seu precioso credo judaico. Na verdade, Paulo faz uma declaração clara e unitária: "*Há um só Deus... Só há um Deus, o Pai*" (*1 Coríntios 8:4, 6*). Ele então reivindica para Jesus uma posição de senhor baseada na afirmação cristológica central, através de um oráculo divino, de que ele é o prometido, "*meu senhor, o Rei Messias, o ungido do Senhor*" (*Salmos 110:1; Lucas 2:11*): "*Há um só Senhor Jesus Messias*" (*1 Coríntios 8:6*). Este é o seu título oficial mais alto. Pedro também proclamou em *Atos 2:34-36*, com autoridade apostólica derivada do Messias, que Jesus era o Senhor Cristo designado, de acordo com o *Salmo 110:1*, tão distinto e servo do Senhor Deus.

Nem os Judeus nem Jesus interpretaram mal a sua própria linguagem nesta questão crítica de definir Deus e o seu Filho. Eles nunca pensaram que o *Salmo 110:1* tivesse introduzido distinções na Divindade ou que Deus estivesse falando consigo mesmo. Somente lendo uma visão trinitária ou binária neste texto é que a afirmação de que o Messias seria plenamente Deus pode ser sustentada. O "senhor" esperado pelo Rei David seria tanto seu descendente ou filho, como também seu superior e mestre, mas enfaticamente não o próprio *Yahweh*. **[31]** O *Salmo 110:1* permanece como uma barreira contra qualquer expansão da Divindade em duas ou três pessoas. A evidência das Escrituras Hebraicas é contrariada pela sugestão de que o NT vê o Filho de Deus como um membro da Divindade. A Ortodoxia Tradicional substituiu a sua

própria definição de Senhor, como se se aplicasse a Jesus, e avançou a ideia extraordinária e anti hebraica de que Deus é mais do que uma única pessoa, em oposição à declaração definitiva do oráculo – *Salmos 110:1*.

Num artigo intitulado "*God or god?: Arianism, Ancient and Modern*" (Deus ou deus? Arianismo, Antigo e Moderno), **[32]** *Donald Macleod* termina com um clamor pelo Trinitarianismo ortodoxo, insistindo: "Não podemos chamar uma criatura, por mais gloriosa que seja, Senhor!" Ele parece ter ignorado o facto de que David, na sua inspirada declaração profética sobre o Messias, um texto precioso para Jesus e usado por ele em controvérsia para silenciar a oposição, designa de facto o Messias como o seu exaltado senhor (*adoni*). Desde os tempos antigos até agora, esta pérola cristológica de grande valor foi descartada. No fascinante estudo de *Bart Ehrman*, "*The Orthodox Corruption of Scripture*" (A Corrupção Ortodoxa das Escrituras) **[33]**, ele regista extensas evidências de alteração deliberada dos manuscritos do NT (algumas dessas corrupções chegaram às nossas traduções), onde Jesus é chamado de Deus em vez de Cristo. Na citação do *Salmo 110:1* em *Lucas 20:42* o texto da harmonia persa dos Evangelhos foi alterado para que não se leia mais: "O Senhor disse ao meu senhor", mas "Deus disse ao meu Deus". A ausência de qualquer divisão da Deidade no texto verdadeiro da Bíblia não impediu os ortodoxos de imporem aos registos inspirados, quer por adulteração dos documentos quer por comentários, uma substituição alarmante de um título de Deidade para o Messias.

Os cristãos do NT certamente concordariam que Jesus funcionou como seu agente no papel de *Yahweh*. Que ele fosse *realmente Yahweh* era impensável. Suas confissões sobre este assunto são claras. Como então os seguidores íntimos de Jesus definiram a posição de seu professor? Jesus estava profundamente interessado nessa questão. Ele deliberadamente lhes perguntou: "*E vós, quem dizeis que eu sou?*" (*Mateus 16:15*). Sua resposta é crucial para nossa compreensão da fé cristã.

Notas Finais

[1] "*Studies in Theology*" (Estudos em Teologia) (Grand Rapids: Eerdmands, 1957), 95.

[2] (1956), 27:2941, ênfase adicionada.

[3] 11ª ed., 23:963.

[4] *Boettner*, "*Studies in Theology*" (Estudos em Teologia), 95

[5] *Tractate CV*, Chp. 17.Compare, *H.A.W. Meyer's* , "Commentary on John2 (Comentários sobre Joao), New York: Funk & Wagnalls, 1884, 462). Apesar da sua própria insistência na divindade de Jesus, ele admite que foi "uma perversão da passagem que está em oposição ao monoteísmo estrito de João", quando *Agostinho, Ambrósio, Hilário, Bede, Tomé, Areto* e alguns outros explicaram o texto (*João 17:3*) como dizendo 'para que te conheçam a ti e a Jesus Cristo, o único Deus verdadeiro'. Apenas um, o Pai, pode absolutamente ser chamado de o único Deus verdadeiro (compare, "*o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente*" – *Romanos 9:5*), não ao mesmo tempo Cristo (que também não é em *1 João 5:20* "*Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna*"), uma vez que Sua entidade divina repousa na relação de Sua subsistência genética com o Pai, *João 1:18*, embora Ele, em unidade com o Pai, trabalhe como Seu comissionado, *10:30*, e seja Seu representante, *14:9, 10*". É difícil imaginar como um Unitarista poderia discordar desta bela declaração.

[6] Os comentários mais comuns reconhecem que Jesus subscreveu sem reservas a sua herança judaica. Por exemplo, G.R. *Beasley-Murray* diz: "O Deus único [*João 5:44*] reflete a confissão da fé judaica, baseada no "*Shema*" em *Deuteronómio 6:4*" (John, "*Word Biblical Commentary*" (Comentário Bíblico de Word), Waco, TX. Word Books, 1987, 70).

[7] Compare, *Walter Bauer*, "*A Greek Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*" (Um léxico grego do Novo Testamento e outra literatura cristã primitiva), 527, que traduz "*o único soberano*" (*Judas 4*) como "*O único que é soberano*". A referência de Jesus a "*o único Deus*" (*João 5:44*) também designa o Pai como "*o único que é Deus*".

[8] The Present-Day Christological Debate (Inter Varsity Press, 1984), 93.

[9] "*Os milagres autenticam o Messias?*" Evangelical Review of Theology 13 (1989): 101, ênfase adicionada.

[10] *Colin Brown*, "*Trinity and Incarnation: In Search of Contemporary Orthodoxy*" (Trindade e Encarnação: Em Busca da Ortodoxia Contemporânea), Ex Auditu, 1991, 87-88.

[11] *João 17:3; 5:44*; compare, *Marcos 12:28-30* – Jesus realmente declarou uma "igualdade" com Deus (*João 5:18*), mas não é a igualdade expressa pelo Trinitarianismo. Jesus atuou em nome do único Deus como seu representante. Nesse sentido, pode-se dizer que ele é "igual a Deus". É um abuso destes textos afirmar que Jesus tinha qualquer conhecimento de uma Divindade de três pessoas.

[12] O grego é ambíguo e também pode ser traduzido por "um deus".

[13] Ver *Deuteronómio 18:15-20*, onde se afirma especificamente que o profeta prometido, o Messias, *não é* Deus.

[14] "*Jewish Monotheism and Christian Trinitarian Doctrine*" (Monoteísmo Judaico e Doutrina Trinitária Cristã), 27,28.

[15] Por exemplo, *Juízes 13:3, 6, 9, 13, 15-18, 20, 21*, em comparação com o *versículo 22*.

[16] Ou seja, "*adon*" com o sufixo pessoal "i" ("mi"). É surpreendente que vários comentários afirmem erroneamente que o segundo senhor é "*adonai*". Veja, por exemplo, "*The Bible Knowledge Commentary*" (O Comentário sobre o Conhecimento da Bíblia) (ed. Walvoord e Zuck, representando o corpo docente do Dallas Theological Seminary, Victor Books, 1987) que afirma erroneamente que, "meu senhor", no Salmo 110:1 traduz o hebraico "*Adona*i", usado apenas para "Deus" (73). Infelizmente, este comentário sugere que o Messias é o próprio Deus. Na verdade, a palavra hebraica para "meu senhor" não é "*Adonai*", mas "*adoni*", que nunca é usada para se referir a Deus, mas frequentemente ao rei de Israel e a outros humanos superiores. Este surpreendente erro factual é sintomático da confusão generalizada entre Deus e o Messias. *1 Samuel 24:6* é típico da maneira hebraica de distinguir, "meu senhor, o rei" de Deus, o Senhor. Ninguém que leu o *Salmo 110:1* poderia imaginar que o Messias era o Senhor Deus. O Messias é o ungido do Senhor. Veja Lucas 2:11, 26 para os títulos cuidadosamente redigidos por Lucas. O "*Senhor Cristo*" (Lucas 2:11) é, o "meu senhor", do *Salmo 110:1*. Existem, portanto, dois Senhores: O único Senhor Deus e o único Senhor Messias, Jesus. Este é exatamente o credo de Paulo em *1 Coríntios 8:4-6*. *Robert Summer*, em seu "*Jesus Cristo é Deus*" (Biblical Evangelism Press, 1983), baseia seu principal argumento a favor da Trindade no *Salmo 110:1*: "A referência de Jesus era ao frequentemente citado *Salmo 110:1*, facilmente reconhecido pelos judeus de Seu dia que é ao mesmo tempo davídico e messiânico, onde o Rei Davi chama o Cristo de 'meu Senhor' usando um dos nomes da Divindade, *Adonai*" (321). Ele então encontra a Trindade completa em Jeová, "*Adonai*", Espírito. Informações precisas sobre os fatos da língua teriam tornado essa conclusão impossível. O mesmo erro sobre a palavra "senhor" no *Salmo 110:1* aparece frequentemente na literatura evangélica. Veja, por exemplo, *Hebert Lockyer*, "*Todos os Nomes e Títulos Divinos na Bíblia*" (Zondervan, 1975): "Aqui, Jeová fala a "*Adonai*" palavras que são apropriadamente aplicadas a Cristo" (15). A nota marginal NASV da *Fundação Lockman* sobre *Atos 2:36* também fornece parte da palavra hebraica como "*Adonai*". Felizmente eles concordam em corrigir o erro em impressões futuras.

[17] Tanto os fariseus como Jesus reconheceram este texto como um oráculo divino dirigido ao Messias vindouro, o filho de David. Ver *Mateus 22:41-45*.

[18] O leitor deve notar que esta distinção não está claramente descrita na "*Concordancia de Strong – Hebrew and Chaldee Dictionary*" (Concordância de Strong – Dicionário Hebraico e Caldeu), números de palavras 113, 136.

[19] A diferença depende dos pontos da vogal hebraica. É claro que a distinção entre "*Adonai*" e "*adoni*" foi preservada fielmente desde os tempos antigos. Tradutores da LXX no século III aC atestam uma distinção cuidadosa entre as formas de adon usadas para referência divina e humana, traduzindo "*adoni*" como "*to kurio mou*", "meu senhor". O NT valida esta tradução. No *Salmo 110:5* o título divino "*adonai*" aparece (aqui Yahweh apoia o Messias ficando do seu lado direito, compare, *Salmo 109:31; 16:8*) e a LXX traduz "*adonai*", geralmente, como "*kurios*". O Senhor (Deus) do *versículo 5* é, portanto, claramente distinguido do senhor humano de Davi, o Messias (*versículo 1*).

[20] Para uma análise das ocorrências de "*adonai*", ver *Herbert Bateman*, "*Psalm 110:1 and the New Testament*" (Salmo 110:1 e o Novo Testamento) Bibliotheca Sacra 149, (1992): 438-453. O autor, como trinitário, argumenta que o Salmo não se pode aplicar primariamente a Jesus porque "*adoni*" descreve um Messias humano! O trinitarismo de *Bateman* leva-o a rejeitar a óbvia referência messiânica direta deste Salmo. Jesus não tinha dúvidas de que era o "Senhor" (*Mateus 22:41-45*), e sabia que não era o único Deus.

[21] "*Glory at the Right Hand; Salmo 110 in Early Christianity*" (Glória à Mão Direita; Salmo 110 no Cristianismo primitivo); (Nashville: Abingdon, 1973), 15.

[22] *Ibid*., 21.

[23] É aceito que a oração no NT é geralmente dirigida ao Pai através do Filho.

[24] *Walter Drum, SJ*, "*Christology*", (Cristologia) Enclyclopedia Americana (1949), 694.
[25] *William Childs Robinson*, "*Jesus Christ is Jehovah*" (Jesus Cristo é Jeová) Evangelical Quarterly 5:2 (1933): 144.
[26] *Ibid*., 155.
[27] "*Son of God*" (Filho de Deus), Dicionário da Bíblia de Smith, ed. Hackett (Baker Book House, 1971), 4:3090
[28] *Alfred Plummer*, "*Gospel According to S. Luke*" (Evangelho segundo S. Lucas), International Critical Commentary (Edimburgo: T&T Clark, 1913), 472.
[29] *A.F. Kirkpatrick*, "*Psalms*" (Salmos) (Cambridge University Press,1901), 665.
[30] **"***The Companion Bible*" b(La Biblia Compañera) de *E.W. Bullinger* informa-nos erradamente nas suas notas sobre o *Salmo 110:1* que o segundo senhor é "*adonai*".
[31] O ponto pode ser confirmado por *I. Howard Marshall*, "*Acts, Tyndale New Testament Commentaries*" (Atos, Comentários do Novo Testamento de Tyndale) (Grand Rapids: Eerdmans, 1980). Falando da citação de Pedro dos *Salmos 110:1* em *Actos 2:34*, Marshall diz, "o atributo de senhorio... é dado a Jesus; ele não é equiparado a Yahweh" (80, ênfase acrescentada).
[32] *Evangelical Quarterly* 68:2 (1996):121-138.
[33] (Oxford University Press, 1993), 85.

III. OS SEGUIDORES DE JESUS ACREDITARAM QUE ELE ERA DEUS?

"Paulo nunca iguala Jesus a Deus" – *Professor W.R. Matheus*

Se o relato da vida de Jesus for exato, o segredo mais bem guardado de sua mãe deve ter sido a questão da divindade de seu filho. Cidadãos que desfrutavam de uma vida interagindo com Jesus e sua família ficaram surpresos com sua coragem e sabedoria, mas ofendidos com a autoridade com que ele falava. A resposta deles aos seus ensinamentos e poderes milagrosos foi de ceticismo. Eles perguntaram: "*Não é este o filho do carpinteiro? e não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, e José, e Simão, e Judas? E não estão entre nós todas as suas irmãs? De onde lhe veio, pois, tudo isto? E escandalizavam-se nele.*" (*Mateus 13:55-57*). Evidentemente, consideravam-no um homem como eles, membro de uma família humana composta de irmãos e irmãs, filho de um comerciante bem conhecido na comunidade local.

Obviamente, sua família imediata nunca pensou que Jesus tivesse afirmado que era Deus. A certa altura, sua família o convidou a deixar a área de sua casa porque representava um risco pessoal para sua segurança. Juan conta a história:

> "*E DEPOIS disto Jesus andava pela Galileia, e já não queria andar pela Judeia, pois os judeus procuravam matá-lo. E estava próxima a festa dos judeus, a dos tabernáculos. Disseram-lhe, pois, seus irmãos: Sai daqui, e vai para a Judeia, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes. Porque não há ninguém que procure ser conhecido que faça coisa alguma em oculto. Se fazes estas coisas, manifesta-te ao mundo. Porque nem mesmo seus irmãos criam nele*" (*João 7:1-5*)

Mesmo quando levamos em conta o facto de a família de Jesus não ter aceitado as suas reivindicações, nada na história nos leva a pensar que eles rejeitaram Jesus porque ele acreditava que era Deus. Nenhum dos relatos dos Evangelhos sugere que a família do Messias estava ciente de qualquer informação sobre ele de que ele era Deus – informação que teria criado um abismo entre sua família e ele.

Lucas, ao apresentar um relato da fé cristã a Teófilo, não conseguiu fazer qualquer sugestão sobre a divindade de Jesus. Ele o chama de Filho de Deus, mas isso se deve ao seu nascimento virginal (*Lucas 1:35*). "*Filho de Deus*" (não "Deus Filho") também era um título messiânico reconhecido. Se Lucas falou com a mãe de Jesus para confirmar a história do nascimento virginal, ou ela deixou de mencionar a questão da divindade de Cristo ou Lucas não a considerou importante. Será que a ideia de que Jesus já existia como parte da Divindade nunca lhes ocorreu? Se Maria se considerasse a mãe de Deus, certamente teria mencionado esse fato.

É um conceito muito natural para alguém criado em um ambiente cristão moderno aceitar a ideia de um Deus composto de duas ou três pessoas, embora ninguém tenha sido capaz de dar uma explicação lógica de como três, cada um chamado de "Deus" pode de fato ser "um Deus". Isto continua a fazer parte da nossa herança religiosa. Acreditar no contrário é correr o risco de ser considerado um herege perigoso. Para os primeiros cristãos, porém, a ideia de uma segunda pessoa pré-existente na Divindade era impensável. *Raymond Brown*, um teólogo católico romano e certamente não um inimigo do conceito trinitário por formação, salienta que Mateus e Lucas "não mostram nenhum conhecimento da pré-existência de Jesus; aparentemente para eles a conceição era a vinda à existência ou a geração do Filho de Deus". **[1]** Se Jesus não existisse, não haveria Filho eterno. Não há nenhuma evidência, portanto, de que Mateus e Lucas acreditassem no Deus Triuno.

Devemos rever o método Trinitariano de lidar com este problema – a amplamente admitida falta de evidências sólidas para o conceito Trinitariano ou Binitariano.

Expoentes trinitários como *Warfield* concordam que "os escritores do NT certamente não tinham consciência de serem promulgadores de deuses estranhos. Eles adoravam e proclamavam, na sua própria opinião, precisamente o Deus de Israel e não davam menos ênfase do que o próprio AT à Sua unicidade ou singularidade. Mas as observações adicionais de *Warfield* são intrigantes:

> A simplicidade e confiança com que os escritores do NT falaram de Deus como uma Trindade tem, contudo, uma implicação adicional. "Se eles não revelam qualquer senso de novidade ao falar assim Dele, isso é em parte, sem dúvida – porque não é mais novidade falar assim Dele". É claro, em outras palavras, que ao lermos o NT, não estamos testemunhando o nascimento de um novo conceito de Deus. O que encontramos é um conceito firmemente estabelecido de Deus. A doutrina da Trindade não aparece no processo de formação no NT, mas sim como já feito. **[2]**

De acordo com *Warfield*, a posição trinitária é esta: **1)** Acreditamos em um Deus em Três Pessoas. **2)** A doutrina não está desenvolvida no NT. **3)** Esta deve ter sido uma doutrina estabelecida na época em que o NT foi escrito e não é mais considerada um ponto de discórdia devido à sua ampla aceitação. Embora não seja mencionado nominalmente, os escritores escreveram com "simplicidade e confiança" sobre esta doutrina inexplicável e sem nome. Aparentemente, *Warfield* foi estimulado pela ideia de que a Bíblia Hebraica "[há] algumas repetições do nome de Deus que parecem distinguir entre Deus e Deus". **[3]** Um exemplo semelhante foi encontrado no *Salmo 110:1*, mas ele aparentemente não examinou o texto hebraico que, como vimos, distingue cuidadosamente entre Deus e o Messias que não é Deus.

Tendo em conta as palavras dos discípulos de Jesus, da sua família e amigos, toda a premissa do argumento de Warfield é insustentável. Aqueles que conheciam Jesus intimamente certamente o consideravam um homem que não poderia ser comparado a outra pessoa humana. Mas eles não pensavam que ele fosse o Deus de Israel. Como é que Lucas, por exemplo, não diz uma palavra sobre qual seria o conceito religioso mais revolucionário a ser sempre levado em conta pela comunidade judaico-cristã? A ideia de que em algum momento de sua carreira um homem foi subitamente descoberto como o Deus-homem da Trindade teria sido causa de extensa discussão. Omitir o registo deste acontecimento extraordinário teria sido semelhante a que os livros de história americanos não mencionassem os Pais Fundadores ou a Guerra Civil, ou que os historiadores britânicos ignorassem a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais e Winston Churchill. A ideia é inconcebível. A nova ideia de que Jesus era Deus teria causado uma grande reviravolta doutrinária que mereceria toda a atenção. Ela não poderia ter penetrado silenciosa e silenciosamente nas mentes da comunidade monoteísta apostólica judaica. Um novo conceito sobre a Divindade certamente teria provocado uma controvérsia furiosa.

A Confissão de Fé de Pedro

Pedro teve uma oportunidade maravilhosa de se expressar sobre a questão da identidade de Jesus quando Jesus lhe perguntou especificamente: "*Disse-lhes ele: E vós, quem dizeis que eu sou? E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo*". Jesus aplaudiu a ideia inspirada de Pedro, respondendo: "*Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus*" (*Mateus 16:15-17*). A definição de Pedro da identidade de Jesus é simples e clara. É uma definição repetidamente enfatizada em todo o NT. É também a declaração refrescante e descomplicada de um discípulo de Jesus que desconhece algumas das complexidades do Trinitarianismo. Infelizmente, esta confissão cristã central tem sido seriamente mal compreendida. Com total indiferença ao significado bíblico do termo "Filho de Deus", tem sido afirmado que Pedro quis dizer que Jesus era "verdadeiro Deus".

Deve-se admitir que a adição do termo "*Filho do Deus vivo*" ao título "Messias" (*Mateus 16:16*) não altera de forma alguma o fato de que Jesus era uma pessoa humana completa. Passagens paralelas em Lucas e Marcos (*Lucas 9:20; Marcos 8:29*) registam o reconhecimento de Jesus por Pedro como o "Cristo de Deus" e simplesmente "o Cristo", respetivamente. Esses escritores não sentiram

Deve-se admitir que a adição do termo "*Filho do Deus vivo*" ao título "*Messias*" (Mateus 16:16) não altera de forma alguma o fato de que Jesus era uma pessoa humana completa. Passagens paralelas em Lucas e Marcos (*Lucas 9:20; Marcos 8:29*) registam o reconhecimento de Jesus por Pedro como o "Cristo de Deus" e simplesmente "o Cristo", respetivamente. Esses escritores não sentiram necessidade de expandir ainda mais o título. Isto prova que a frase acrescentada por Mateus, "*Filho do Deus vivo*", não afeta dramaticamente a identidade de Jesus. "*Filho de Deus*" é virtualmente sinônimo de Messias baseado no *Salmo 2:2, 6, 7*: Messias (o ungido) = Rei = Filho de Deus. Ambos os títulos – Messias e Filho de Deus – apontam para o tão esperado filho de Davi, Rei de Israel. Filho de Deus é equivalente no NT ao Rei de Israel (*João 1:49*). Salomão também era "Filho de Deus" (*2 Samuel 7:14*), assim como toda a nação de Israel coletivamente (*Êxodo 4:22*). Também muito significativo é *Oseias 1:10*, onde Israel, na sua futura restauração, será digno do mesmo título dado por Pedro a Jesus, "filhos do Deus vivo".

Como nação, os judeus aguardavam ansiosamente o Messias prometido. O fator no messianismo de Jesus que causou ofensa foi a insistência de Jesus de que ele deveria sofrer a morte em vez de livrar-se do jugo romano. Seria somente através da ressurreição e do seu eventual retorno à terra na Segunda Vinda que o prometido Reino de glória seria estabelecido. É verdade que Pedro demorou a compreender que o Messias deveria primeiro sofrer a morte. No entanto, ele foi calorosamente elogiado por Jesus porque percebeu que seu professor era verdadeiramente o Filho Messiânico de Deus. Pedro teve o privilégio de ouvir a mensagem que Jesus deu a Israel. Ele testemunhou seus milagres de cura; ele esteve presente quando Jesus confundiu os líderes religiosos com sua sabedoria superior; ele tinha visto autoridade exercida sobre demônios e mortos ressuscitados. Ele pôde consultar o AT e ver exatamente como Jesus havia cumprido as muitas profecias relativas ao predito Salvador da nação. O que Deus revelou a Pedro baseou-se em evidências sólidas e verificáveis. E a confissão de que Jesus é o Messias se tornaria o fundamento da fé da Igreja para todos os tempos (*Mateus 16:16, 18*).

Sem o benefício da doutrinação prévia de que Jesus era um ser eternamente pré-existente e, portanto, Deus, um leitor do NT deduziria que o Messias esperado era uma pessoa humana real, um descendente gerado sobrenaturalmente de Abraão e Davi (*Mateus 1:20*). Tal como nós, ele veio ao mundo como uma criança indefesa; cresceu em conhecimento e sabedoria; experimentou todas as fraquezas comuns da humanidade – fome, sede e fadiga; ele tinha as emoções profundas de qualquer pessoa, expressas em raiva, compaixão e medo da morte; ele tinha vontade própria e rezou para escapar da morte cruel que sabia que enfrentaria. Ele morreu como um homem mortal e, antes de sua morte, como filho amoroso e compassivo, providenciou a segurança contínua de sua mãe. Após a sua morte, os seguidores de Jesus reagiram inicialmente como se ele fosse um homem que tivesse falhado na sua tarefa de promover a restauração de Israel, tal como outros chamados Messias antes dele também falharam (*Lucas 24:21*). Se nossas mentes não estivessem obscurecidas por séculos de doutrinação e por um infeliz mal-entendido sobre o significado do título "Filho de Deus" no ambiente judaico daquela época, teríamos pouca dificuldade em compreender, como Pedro, que Jesus era o Messias, não Deus.

Supõe-se que Israel foi pego de surpresa pela chegada do próprio Deus? O que deveria ser o Messias de acordo com as expectativas dos profetas de Israel? Um homem, Deus-homem, um anjo da mais alta ordem? O que Pedro e o restante de Israel estavam procurando? A história mostra que vários homens se passaram por Salvador de Israel e ganharam seguidores entre a comunidade judaica. A nação esperava, com razão, que o libertador viesse da linhagem real de Davi. Eles previram um homem que ascenderia ao trono restaurado de David, revestido de poder para estender o seu reinado a fim de abranger todas as nações. Isto foi o que todos os profetas previram. Portanto, a última pergunta que os discípulos fizeram a Jesus antes de sua partida final foi: "*Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?*" (*Atos 1:6*). Eles tinham todos

os motivos para acreditar que Jesus, como Messias, realizaria agora a prometida restauração. A resposta de Jesus foi meramente: "*Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder*" (*Atos 1:7*). Jesus não questionou o fato de que um dia o reino seria restaurado a Israel. O *horário* do grande evento não foi revelado. Que o Messias restauraria o Reino era a crença comum de Jesus e de seus discípulos. Afinal, era o que todos os profetas previam constantemente.

Os discípulos esperaram que o Messias nascesse da semente de Davi. Como teria parecido a qualquer judeu monoteísta, o termo Filho de Deus carregava o significado de realeza que havia adquirido no AT. Isto designava um ser humano, um rei especialmente relacionado com Deus e investido do Seu espírito. Que isto implicasse a Divindade de Jesus num sentido trinitário teria sido a informação mais surpreendente e revolucionária que alguma vez invadiria a mente de Pedro ou de qualquer outro judeu religioso. Em nenhum lugar entre as palavras registadas dos primeiros apóstolos, com a possível exceção de Tomé, há a menor indicação de que estivessem lidando com um Deus-homem. Judas sabia que estava traindo seu criador e Deus? E nas ocasiões em que os apóstolos abandonaram Jesus, tinham consciência de que estavam a abandonar Deus, acreditavam que Deus lhes lavava os pés na Última Ceia? Quando Pedro desembainhou a espada para cortar a orelha do soldado, será que ele pensou que o Deus que o criou era de alguma forma incapaz de se proteger? No Monte da Transfiguração, depois dos discípulos terem tido uma visão de Jesus num futuro estado glorificado juntamente com Moisés e Elias, eles quiseram construir três tabernáculos, um para cada um destes três homens (*Mateus 17:4*). **[4]** Por que não foi feita distinção entre estes três, se um deles era Deus?

O Messias humano apareceu na Galileia como portador da mensagem do Reino do único Deus (*Lucas 4:43; Marcos 1:14, 15*, etc.). O Evangelho do Reino continha uma expectativa tão realista e vívida de glória futura que surgiu uma rivalidade entre os discípulos sobre quem seria o maior no Reino Vindouro. A mensagem do Reino tinha a ver com a terra prometida a Abraão – promessas ainda não cumpridas. Referiam-se ao restabelecimento do trono de Davi e à restauração e expansão permanentes da sorte da nação de Israel. **[5]** Seus profetas estavam preocupados com a existência futura de Israel como uma testemunha do único Deus dentro da nova sociedade organizada sob a teocracia. O céu, como recompensa pelas almas desencarnadas, estava completamente fora dos pensamentos dos discípulos. O que eles buscavam era a herança da terra (*Mateus 5:5; 20:21*; compare com *Apocalipse 5:10*) e o reinado futuro com o Messias em um mundo restaurado a um paraíso, como todos os profetas haviam previsto. **[6]** A restauração do mundo do caos do reinado de Satanás era o seu sonho. Finalmente, deram a vida para antecipar aquela mensagem, mas não viveram para ver as suas esperanças realizadas.

Este Jesus parecia ser aquele que poderia tornar reais as aspirações dos profetas. Ele foi autorizado a ressuscitar os mortos, a alimentar multidões praticamente do nada e a escapar ileso das tentativas das autoridades de assassiná-lo. Ele confundiu os críticos com sua sabedoria. Visto que era chegado o tempo para a chegada do Messias, parecia que Jesus daria substância ao sonho duradouro da nação. Não é de admirar que outros imediatamente quisessem torná-lo rei (*João 6:15*). Quão apropriado foi que folhas de palmeiras fossem espalhadas no caminho do Messias, dando-lhe a receção devida ao seu reinado. Contudo, ele rejeitou a oferta e logo depois as vibrantes esperanças de seus seguidores foram frustradas. Atrás da porta de pedra de um túmulo guardado estava o corpo inerte do seu Messias. Um homem nunca parecia desistir completamente. "*E eis que um homem por nome José, senador, homem de bem e justo* [e não havia consentido com seu acordo ou com suas ações] … *e que também esperava o reino de Deus*" (*Lucas 23:50-52*).

Onde estavam seus associados mais próximos logo após sua morte? Quando a crucificação parecia acabar com toda a esperança da restauração de Israel e da sua própria promoção a uma posição real no Reino do Messias, Pedro e vários deles voltaram aos seus negócios arriscados. Alguém poderia pensar que a curiosidade humana pelo menos os teria motivado a se juntarem à mulher no túmulo para ver o que iria acontecer ao seu "Deus" morto. As suas reações, contudo, dizem-nos que eles encararam a morte de Jesus como a de um ser humano extraordinário, e que ela pôs fim à história de um herói Messias caído.

Eles pareciam perder temporariamente de vista as respostas à pergunta: "*E vós, quem dizeis que eu sou?*" Uma pergunta anterior: "O que os homens dizem que é o Filho do Homem?" revelou uma profunda divisão entre aqueles fora do seu círculo imediato. Alguns disseram que ele era "*Uns, João o Batista; outros, Elias; e outros, Jeremias, ou um dos profetas*" (*Mateus 16:14*). A variedade de respostas não difere das atuais opiniões conflitantes. Alguns dizem que ele nunca existiu; outros, que ele foi um grande professor de moralidade – um mero mortal como nós, mas que recebeu uma posição sobre-humana através da história do nascimento virginal, como parte de uma antiga elaboração mitológica cristã. Alguns dizem que ele era Deus, pré-existente, que se tornou um Deus-homem e depois retornou à sua antiga posição como Deus através de uma ressurreição. Alguns escreveram livros para provar que a sua ressurreição foi uma conspiração arranjada pelos seus seguidores, destinada a promover uma nova religião. Outros avançaram a ideia de que ele era um anjo superior pré-existente ou pré-humano, **[7]** o primeiro da criação de Deus. A maioria afirma ter alguma autoridade da Bíblia para apoiar estas opiniões amplamente divergentes.

Alguns afirmam que aquilo em que acreditamos é irrelevante se seguirmos os seus preceitos morais e sociais. Isto pode parecer uma abordagem razoável, mas uma série de considerações bíblicas importantes vão contra essa ideia. Jesus definiu todo o sentido da sua fé cristã com estas palavras: "*E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste*" (*João 17:3*). Obviamente, a identificação adequada de Deus e do Messias tem tudo a ver com a vida eterna. Se estas eram questões menores, por que Jesus fez a sua pergunta central sobre a sua própria identidade e elogiou Pedro de forma tão poderosa pela sua ideia de que Cristo era o Messias? (*Mateus 16:15-19*). O apóstolo Paulo mostra grande ansiedade quando adverte a igreja de Corinto sobre o engano envolvido na aceitação de "*outro Jesus*" (*2 Coríntios 11:1-4*). Há também a declaração crucial sobre Cristo em *1 João 4:2*: "*Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus*" Isto também torna a questão da identificação adequada (de Jesus Cristo) extremamente importante.

É somente a partir das palavras do Salvador e de seus seguidores que podemos determinar a identificação correta de Jesus entre todas as ideias concorrentes. Sabemos como os discípulos viam o seu professor durante a sua vida, e traçamos brevemente as suas reações imediatamente após a sua morte. Mas e o Jesus ressuscitado? Se esses homens estivessem tentando melhorar a nova religião falsificando uma ressurreição, como alguns alegam, eles também poderiam ter reivindicado a Divindade para si próprios, como era a honra comum concedida aos heróis e governantes daquela época. A ideia estava longe de ser única. O livro de Atos relata que quando o rei Herodes assumiu o trono e falou, o povo gritou: "*A voz de Deus e não do homem!*" Ele teria sido mais bem servido por uma saudação menos entusiástica. O resultado de sua recusa em rejeitar a adulação foi a morte. Seu corpo foi comido por vermes (*Atos 12:21-23*).

Os imperadores romanos foram deificados e adorados como deuses. O apóstolo Paulo evitou o destino fatal do rei Herodes ao rejeitar a multidão quando disseram dele que "*deuses semelhantes aos homens, e desceram até nós*" (*Atos 14:11*). Paulo foi rápido em colocar uma distância considerável entre ele e qualquer ideia de Divindade. Não só não há evidência de que Jesus tenha sido considerado Deus pelos seus seguidores mais próximos durante a sua vida, mas a ressurreição em si não fez nada para mudar a perceção que os seus discípulos tinham de Jesus como um homem completo. Eles não acreditavam que Jesus era realmente Deus. Eles simplesmente acreditavam que Deus havia ressuscitado um ser humano. No dia de Pentecostes, Pedro emitiu o que é considerado pelo Cristianismo como uma declaração extremamente importante sobre a fé:

> "*Homens israelitas, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, homem aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis; A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, prendestes, crucificastes e matastes pelas mãos de injustos*" (*Atos 2:22, 23*).

Que oportunidade maravilhosa de testemunhar a morte de uma segunda pessoa na Divindade, para enfatizar a enormidade do crime de deicídio. Pedro continua: "*Sendo, pois, ele profeta, e sabendo que Deus lhe havia prometido com juramento que do fruto de seus lombos, segundo a carne, levantaria o Cristo, para o assentar sobre o seu trono, Nesta previsão, disse da ressurreição de Cristo*" (*Atos 2:30, 31*). Pedro reflete o ensinamento de seu professor. Desde o nascimento de Jesus até à sua morte e após a sua ressurreição, é impossível encontrar qualquer afirmação bíblica definitiva que perturbe o estrito monoteísmo unitarista de Jesus e as principais crenças judaicas (e cristãs) dos seus discípulos.

A compreensão de Lucas sobre a origem de Jesus

Lucas, o médico, era um historiador cuidadoso e um observador atento. Ele foi um ardente discípulo e evangelista do cristianismo apostólico. Como explicou na introdução do seu primeiro volume, ele pretendia deliberadamente investigar e documentar a fé cristã tal como a conhecia, consultando testemunhas de primeira mão que conheciam Jesus (*Lucas 1:1-4*). Em seu segundo volume, o livro de Atos, Lucas dá a entender que passou muito tempo na companhia de Paulo enquanto viajavam juntos. Seria extraordinário se Paulo e Lucas estivessem divididos sobre a questão da origem de Jesus. Em seu relato do milagre do nascimento de Jesus, ele não faz nenhuma menção a Jesus como tendo existido anteriormente. Seu registo descreve a conceição milagrosa de uma pessoa humana que passou a existir no ventre de sua mãe. Lucas escreveu dois volumes completos da Bíblia (contribuindo mais para a escrita do NT do que qualquer outro escritor) sem sequer sugerir a crença num segundo membro pré-existente da Trindade. Quando o anjo Gabriel anunciou a chegada do Messias há muito prometido a Maria, ele informou-lhe que "*E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus… e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai*" (*Lucas 1:31, 32*). Gabriel falou de uma grandeza *futura* que seria alcançada através de uma nomeação divina para o trono do famoso ancestral de Jesus. Não houve nenhuma indicação do anjo de que Maria carregaria em seu corpo alguém que já existisse como Deus ou como um anjo superior. A boa notícia era que ela conceberia e daria à luz um filho, que seria, portanto, Filho de Deus e também filho de Davi. A fé de Lucas e da comunidade cristã para a qual ele escreveu dificilmente poderia ser definida de forma mais clara.

Lucas regista o fato de que o filho de Maria seria concebido de forma milagrosa, por uma especial intervenção divina: "*Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus*" (*Lucas 1:35*). Não há nenhuma palavra de "filiação eterna" aqui; simplesmente a promessa de que seu descendente seria chamado de Filho de Deus *por causa do milagre que Deus realizaria nela* – um milagre que implicaria diretamente o único Deus no nascimento de um ser humano único, o prometido Messias de Israel.

Ele nos é apresentado nestes versículos, pela autoridade do emissário de Deus, com uma declaração clara sobre a origem de Jesus como Filho de Deus. A conceição milagrosa de Maria, segundo Lucas, foi a causa imediata da filiação divina de Jesus. É "*por esta razão*" (*Lucas 1:35*) – A conceição de Maria pelo poder do Espírito Santo Deus – que Jesus seria chamado de Filho de Deus. Um comentarista francês desta passagem traduz muito bem o grego, "*dio kai*", como "*c'est précisément pourquoi*" ("é precisamente por essa razão", "por essa razão realmente") que ele será chamado de Filho de Deus. **[8]**

Não é difícil ver que a visão de Lucas sobre a filiação de Jesus está em desacordo com a ideia tradicional de que alguém, que já existia como Deus e Filho de Deus, havia entrado no ventre de Maria. Se assim fosse, a conceição de Jesus não seria a causa da filiação divina de Jesus. Ele já teria sido o Filho de Deus. *Alfred Plummer* faz uma avaliação honesta do relato de Lucas sobre o início de Jesus: "O título 'Filho do Deus Altíssimo' (*1:32*) expressa alguma relação estreita entre Jesus e Jeová, mas não a filiação divina da Trindade". **[9]** O autor chama a atenção para o fato de que os cristãos também são chamados de "*filhos do Altíssimo*" (*Lucas 6:35*), mas isso não os torna seres eternamente pré-existentes. É somente sob a influência

do pensamento doutrinário trinitário e uma distorção do uso hebraico do título "Filho de Deus" que muitos leem no relato de Lucas um "Deus Filho" desconhecido para Lucas.

Outro reconhecimento sincero de que Lucas não pensava em Jesus como pré-existente antes de seu nascimento vem de um proeminente estudioso católico romano, *Raymond Brown*. Ele enfatiza o fato de que Mateus e Lucas "não demonstraram conhecimento da pré-existência; aparentemente para eles a conceição fez dele (gerando) o Filho de Deus." [10] *Brown* aponta que o conceito tradicional de pré-existência significa que a conceição de Jesus foi o rompimento de uma existência como Deus e o início de uma carreira terrena, mas não o nascimento do Filho de Deus. No entanto, para Lucas, *Jesus começa a existir no ventre de Maria* – "a conceição está causalmente relacionada com a sua filiação divina". **[11]** Jesus foi gerado como Filho de Deus em sua conceição. Lucas não achava que Jesus tivesse tido uma vida pré-humana. Portanto, Lucas não poderia ter acreditado na Divindade Trina. **[12]**

Referindo-se à frase, "*por isso também*" em *Lucas 1:35*, *Brown* diz que "envolve uma certa causalidade". **[13]** A filiação de Jesus vem da conceição milagrosa. Isto, diz ele, é uma vergonha para muitos teólogos ortodoxos porque na teologia tradicional da encarnação uma conceição do espírito santo não produz a existência do Filho de Deus". **[14]** *Brown* então se refere aos teólogos que "tentam escapar da conexão causal, '*por isso também …*' em *Lucas 1:35*, argumentando que a conceição de uma criança não traz à existência o Filho de Deus". **[15]** Brown se vê incapaz de concordar com eles. O que Brown mostrou é simplesmente uma relutância do estudante médio da Bíblia em admitir que as Escrituras, nesta questão crítica da origem e natureza de Jesus, não concordam com o que ele ou ela aceitou como verdade sem um exame cuidadoso.

Se as conclusões dos Concílios de Nicéia e, mais tarde, das de Calcedônia foram complexas e confusas, o relato de Lucas é exatamente o oposto. Segundo ele, Jesus era uma pessoa humana cuja existência e personalidade derivavam de sua mãe, Maria, ela mesma descendente de Davi. Se ele não fosse uma pessoa humana completa, como poderia ser o Messias prometido, a semente (descendente) de Abraão e Davi? Como poderia uma pessoa, que existe desde a eternidade, ser descendente de Davi em algum sentido significativo? As ideias trinitárias sobre Jesus parecem eliminar a sua ascendência de David e, portanto, a sua pretensão de ser o Messias.

Será que o conceito de uma segunda pessoa na Divindade teria feito sentido para Lucas, um ser divino pré-existente transformado num feto indefeso no ventre de sua mãe, Maria, mantendo ao mesmo tempo seu status de Deus? Se alguma revelação especial fornecida por Deus fosse dada a alguém, Paulo, Pedro ou Maria, com quem Lucas deve ter verificado minuciosamente antes de compor sua história dos fundamentos da fé original, ele não teria feito alguma ligeira menção a isso? evento? Devemos lembrar que o ensino trinitário sustenta oficialmente que Jesus possuía uma "natureza humana impessoal" (a doutrina conhecida tecnicamente como "*anhipóstasia*"), *mas que ele não era uma pessoa humana*. Esta negação vem logicamente da premissa equivocada de que Jesus é Deus, um membro eterno da Divindade Trina. O argumento é este: se o ego de Jesus, o único centro da sua personalidade, é Deus, segue-se que o elemento humano nele não pode ser outro ego ou self. Portanto, deve ser dito que a sua humanidade é realmente uma "natureza humana impessoal". Dizer que Jesus tinha um segundo ego humano teria feito dele duas pessoas.

Toda esta extraordinária complexidade é desconhecida por qualquer escritor das Escrituras. É significativo que Gabriel, Lucas e Mateus, ao tratarem da origem de Jesus, não tomem plenamente nota de uma suposta pré-existência eterna do Filho de Deus que se tornou homem, e desconhecem algumas das complexidades sobre a humanidade de O Salvador. Julgados pelos padrões religiosos de hoje e pelas opiniões de muitos teólogos, Gabriel, Lucas e Mateus eram muito pouco ortodoxos e poderiam até ser acusados de não serem cristãos.

O Messias do Livro de Hebreus

Uma ênfase especial é colocada na humanidade de Jesus no livro de Hebreus. É evidente que Jesus faz parte da raça humana:

> *Hebreus 2:17*: "*Por isso convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos*" (Seus irmãos eram todos seres humanos).
>
> *Hebreus 7:14*: "*Visto ser manifesto que nosso Senhor procedeu de Judá*" (Como Filho de Davi, ele fazia parte da raça humana.)
>
> *Hebreus 5:8*: "*Ainda que era Filho, aprendeu a obediência*" (Ele sofreu como qualquer outra pessoa humana. Deus não aprende a obediência.)
>
> *Hebreus 2:18*: "*que ele mesmo, sendo tentado, padeceu*." ("*Deus não pode ser tentado*", *Tiago 1:13*.)
>
> *Hebreus 5:7*: "*O qual, nos dias da sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte*" (Se ele fosse Deus, deveria ter sido capaz de se salvar a si mesmo.)
>
> *Hebreus 4:4*. Deus, e não Jesus, descansou na criação; ou seja, Deus era o Criador.
>
> *Hebreus 2:2*. Jesus se junta aos cristãos na adoração a Deus.

Dunn reconhece que muitas vezes se acredita que o livro de Hebreus apoia a preexistência de Cristo: "A contribuição especial de Hebreus é que parece ser o primeiro dos escritos do NT que aceitou o pensamento específico de um Filho divino preexistente". Mas observe sua conclusão:

> Certamente seria ir além da nossa evidência concluir que o autor passou a compreender o Filho de Deus como tendo tido uma pré-existência pessoal real. Em suma, um conceito de Filho pré-existente, sim; mas a preexistência talvez seja mais uma ideia e propósito na mente de Deus do que a de um ser divino pessoal. **[16]**

Quando o livro de Hebreus fala de Jesus (*Hebreus 2:6-8*) refere-se à passagem clássica dos Salmos que tem a ver com o destino do homem: "*Que é o homem mortal para que te lembres dele? e o filho do homem, para que o visites? Pois pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste*" (*Salmos 8:4-6*).

Esta passagem que originalmente fala da humanidade pode ser aplicada a Jesus se ele era de fato Deus? Como ele poderia ser "menos que Deus (ou que os anjos) e, ao mesmo tempo, mesmo como homem, ser totalmente Deus?

O livro de Hebreus tem sido usado para apoiar uma existência passada e eterna para o Messias. Tais provas dependem fortemente de deduções extraídas de versículos simples. Por exemplo, "Deus… nestes últimos dias nos falou através do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e através de quem também fez o universo" (Hebreus 1:2). Alguns supõem que este versículo é uma evidência de que Jesus criou o mundo. O versículo é traduzido mais corretamente *através de* [e não *por*] aquele que também fez o universo". Não há nada aqui que implique que Jesus criou o céu e a terra. O que se diz é que o único Deus que, segundo o Seu próprio testemunho, como vimos, esteve sozinho no ato da criação (*Isaías 44:24*), estabeleceu os séculos da história humana com Jesus no centro do Seu propósito, muito antes de Ele falou apenas através do Filho "nestes últimos dias". Não é difícil conceber que a vida, a morte e o governo mundial do Messias impactarão todas as épocas, passadas, presentes e futuras. A mesma figura é encontrada em Colossenses 1:15-18. Em Hebreus é extremamente significativo que Deus *não* falou através de um Filho nos tempos do AT, mas apenas "*nestes últimos dias pelo Filho*" (*Hebreus 1:2*). Há aqui uma forte sugestão de que o Filho não é eterno, mas veio à existência como o Jesus histórico.

O que emerge dos dois primeiros versículos do livro de Hebreus é que Jesus não era o agente de Deus para Israel nos tempos do AT. Deus falou através de outras pessoas e não através de Jesus no passado. Os anjos eram frequentemente os agentes de Deus. Isto não significa que o "anjo do Senhor", que representava o Deus de Israel, fosse o Filho de Deus pré-existente, como às vezes se afirma. Muito especificamente, argumenta nosso autor, Deus não se dirigiu a nenhum anjo como "Filho" (*Hebreus 1:5*). Este privilégio foi reservado ao único Filho de Deus, Jesus. Este fato deveria enterrar qualquer teoria de que Jesus preexistiu como um anjo. A noção de que ele poderia ter sido Miguel, o arcanjo, é positivamente excluída pelo primeiro capítulo de Hebreus. O ministério do Filho de Deus é muito superior ao dos anjos, embora eles tenham sido instrumentos na promulgação da lei no Sinai (*Gálatas 3:19*).

O escritor de Hebreus chama nossa atenção para um período diferente quando diz: "*Porque não foi aos anjos que sujeitou o mundo futuro, de que falamos*" (*Hebreus 2:5*). Ele não tinha em mente eventos passados, mas uma nova era que estava por vir. A preeminência do Messias como cabeça desta nova criação do futuro é um ensinamento dominante do NT. O autor de Hebreus enfatiza o fato de Jesus ter recebido uma herança superior à dos anjos. A herança dele foi legítima de um filho primogênito: "*Porque, a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, Hoje te gerei?*" (*Hebreus 1:5*). Jesus não poderia ter sido Deus. Ele era um ser criado pelo Pai. Gerar implica começo, e Deus não tem começo. Jesus foi o primogênito da nova criação de Deus. Sua origem foi única, envolvendo uma conceição milagrosa (*Lucas 1:35*), mas ele não era Deus nem literalmente pré-existente. Nem era ele o Melquisedeque de *Gênesis 14:18-20*. Melquisedeque não era o Filho de Deus, mas era semelhante a ele, como diz Hebreus 7:3. Na verdade, Melquisedeque tinha uma genealogia, embora ela não esteja registada nas Escrituras. O sacerdote misterioso, de cuja linhagem não há registo bíblico, não era o Deus supremo! (De qualquer forma, Deus "não é um homem" na Bíblia Hebraica). As traduções estão corretas quando apontam para Melquisedeque como "*este homem*" (*Hebreus 7:14*). Ele também é a pessoa "*cuja genealogia não é contada entre eles* [os levitas]" (*Hebreus 7:6*), mas a questão é que ele pode ser rastreado até alguém "*cuja genealogia*" (*versículo 6*) supõe que ele tinha uma, como todos fazem. A verdade é que todo este tipo de argumento baseado na ausência de um registo ancestral de um rei-sacerdote está muito longe de nós neste século XXI. Esta é a principal razão pela qual a Bíblia deve ser estudada à luz do seu próprio contexto e muitas vezes com a ajuda daqueles cujo trabalho é ser informado sobre o seu contexto. **[17]** A mentalidade daqueles que dizem: "Eu só estudo a Bíblia, não os comentários" pode revelar-se um passaporte para o desastre e a ignorância.

O que o escritor aos Hebreus e Paulo procuraram esclarecer foi a preeminência de Jesus como "*é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência*" (*Colossenses 1:18*). O filho primogênito pela lei judaica recebeu a maior herança. O livro de Hebreus descreve a posição elevada do Filho: "*E outra vez, quando introduz no mundo o primogênito, diz: E todos os anjos de Deus o adorem*" (*Hebreus 1:6*). Os escritores do NT acharam necessário enfatizar a magnitude do ofício de Jesus como Messias. Por que o autor não afirmou claramente que Jesus era o Deus Único? Isto teria estabelecido sua superioridade sobre os anjos, Moisés e Josué, sem qualquer dúvida. Como o autor sabia, juntamente com Pedro e os apóstolos, que Jesus era o Messias (*Mateus 16:16*), ele teve de demonstrar pelas Escrituras a sua superioridade sobre todas as outras autoridades criadas. Observe também que foi Deus, e não Jesus Messias, quem descansou na criação (*Hebreus 4:4*). Isto não faria muito sentido se o Filho tivesse realizado a obra de criação de Gênesis – um fato que ele negou em *Marcos 10:6*. À luz de *Isaías 44:24*, Jesus dificilmente poderia ter pensado que estava presente com Deus em *Gênesis 1*.

Inquestionavelmente, a humanidade de Jesus como Sumo Sacerdote foi outro ponto especial a ser enfatizado no livro de Hebreus. A confusão surgiu, no entanto, sobre o versículo oito do primeiro capítulo: "*Mas do Filho diz: O teu trono, ó Deus, para todo o sempre*". *Brown* apresenta as seguintes observações:

> *Vincent Taylor* admite que no *versículo 8* a expressão "*Ó, Deus*" é uma expressão vocativa de Jesus, mas diz que o autor de Hebreus estava meramente citando o Salmo e usando sua terminologia sem qualquer intenção deliberada de sugerir que Jesus é Deus. É verdade que o ponto principal ao citar o Salmo foi contrastar o Filho com os

> anjos e mostrar que o Filho goza de domínio eterno, enquanto os anjos eram apenas servos. Portanto, na citação, nenhuma ideia importante estava sendo elaborada sobre o fato de que o Filho de Deus pode ser chamado de Deus. Contudo, não podemos presumir que o autor não tenha percebido que esta citação teve esse efeito. Podemos dizer, pelo menos, que o autor não viu nada de errado com esta forma de tratamento, e podemos invocar uma situação semelhante em *Hebreus 1:10*, onde a aplicação do *Salmo 102:25-27* ao Filho tem o efeito de chamar Jesus como Senhor. É claro que não temos como saber o que "Oh, Deus" significava para o autor de Hebreus quando ele o aplica a Jesus. O Salmo 45 é um verdadeiro Salmo; e na analogia do "Deus Poderoso" de *Isaías 9:6*, "Deus pode ter sido visto simplesmente como um título real e, portanto, aplicável a Jesus como o Messias Davídico. **[18]**

Raymond Brown deteta corretamente a forte atmosfera messiânica de *Hebreus 1*. "*O Deus Forte*" de *Isaías 9:6* certamente significa, conforme definido pelo Léxico Hebraico, "um herói divino que reflete a majestade divina". **[19]** É precisamente esse mesmo sentido messiânico do termo "Deus" que permite ao salmista chamar o Rei de "Deus", sem nos convidar a pensar que agora existem dois membros na Divindade. A citação do *Salmo 45:6* em *Hebreus 1:8* traz o mesmo uso messiânico da palavra Deus para o NT. Não devemos interpretar mal esse uso judaico de títulos. É um erro grave que o Messias tenha ascendido agora dentro do espaço reservado ao único Deus, o Pai. Por mais exaltada que seja a posição de Jesus e apesar do seu papel como representante de Deus, o estrito monoteísmo unipessoal da fé de Israel nunca é comprometido por nenhum escritor do NT.

O escritor aos Hebreus junta-se aos demais escritores do NT na proclamação de Jesus como o verdadeiro Messias de Deus. A promessa do Reino vindouro do Messias homem é, naturalmente, frequentemente encontrada nas Escrituras. Paulo disse ao mundo gentio nos termos mais claros que Deus "*designou um dia em que julgará o mundo com justiça, por meio daquele homem a quem designou, dando fé a todos, ressuscitando-o dentre os mortos*". **[20]**

O homem Jesus viveu e morreu nesta terra e pela sua obediência qualificou-se para ser o primeiro governante justo do mundo. Através de sua ressurreição e do poder agora concedido a ele por seu Pai, ele retornará no tempo determinado para sentar-se no trono de seu pai Davi, governando e julgando a terra. Ele permanece, no entanto, mesmo no seu estado ressuscitado como "*Jesus Cristo homem*" (*1 Timóteo 2:5*), um testemunho da coisa maravilhosa que Deus fez através do homem e para o homem. Seria uma grave injustiça ao escritor de Hebreus insistir que ele estava tentando apresentar um Deus-homem pré-existente no primeiro capítulo de sua epístola.

A ideia frequentemente repetida de que, a menos que Jesus seja Deus, não teremos Salvador, não tem apoio bíblico. Pelo contrário, a Bíblia atesta o plano surpreendente que Deus está executando através de um ser humano escolhido. Devemos compreender que a fonte de toda a esperança cristã se encontra neste homem, Jesus, a quem Deus ressuscitou dos mortos. Se Jesus não fosse membro da família humana, como nós somos, então não teríamos garantia de que os seres humanos possam ser ressuscitados para a vida eterna. A ressurreição de Jesus provou à Igreja que o homem Messias era verdadeiramente digno dos exaltados títulos atribuídos ao Messias no AT. Sua ressurreição foi a esperança que motivou a Igreja primitiva. Se isso acontecesse com apenas um homem, então poderia acontecer com eles.

Jesus, o Homem

Os primeiros seguidores de Jesus parecem fazer um esforço especial para enfatizar a humanidade de Jesus. Isto é particularmente verdadeiro no caso da carta aos Hebreus. "*E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas…, Por isso convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus*" (*Hebreus*

2:14, 17). É justo perguntar: como ele poderia ser tentado como nós, participar da carne e do sangue e tornar-se semelhante a seus irmãos em todas as coisas, a menos que fosse tão completamente mortal e humano quanto nós? Um ser que é Deus envolto em carne humana ou que é totalmente Deus e homem não é um ser humano.

O escritor católico romano, *Thonas Hart*, confronta abertamente o problema colocado pela doutrina posterior da Trindade quando observa que:

> A fórmula de Calcedônia [a decisão do concílio que declarou Jesus Deus e homem] torna impossível a humanidade genuína. A definição conciliar diz que Jesus é verdadeiro homem. Mas se nele existem duas naturezas, é claro qual delas dominará. E Jesus imediatamente se tornou muito diferente de nós. Ele é onisciente, onipotente, onipresente. Ele conhece o passado, o presente e o futuro... ele sabe exatamente o que todos estão pensando e vão fazer. Isto está longe de ser uma experiência humana comum. Jesus é tentado, mas não pode pecar porque ele é Deus. Que tipo de tentação é essa? Tem pouco em comum com os tipos de luta com os quais estamos familiarizados. **[21]**

Como sumo sacerdote, "aquele profeta", e descendente de Abraão e David, Jesus não transcendeu as fronteiras da humanidade, embora seja exclusivamente o Filho de Deus. Paulo compara Jesus com o primeiro ser humano, Adão, para estabelecer a posição de Jesus como o Messias. Aos Coríntios ele escreveu: "*Porque assim como a morte veio por um homem... também a ressurreição dos mortos veio por um homem... O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante... O primeiro homem, da terra, é terreno; o segundo homem, o Senhor, é do céu*" (*1 Coríntios 15:21, 45, 47*). Adão foi feito do pó da terra. Jesus originou-se pelo poder do espírito ativo de Deus em Maria e reaparecerá na sua Segunda Vinda como um ser vivificante que veio a ser na sua ressurreição.

Não há evidências de que algum de seus apóstolos tenha sido o inovador de uma nova ideia de Jesus como Deus. Paulo conhece apenas um Messias que é um homem, o Adão final. Ele faz uma distinção categórica entre ele mesmo (Jesus) e seu Pai em sua primeira carta a Timóteo. Numa declaração clássica sobre o credo cristão, ele diz: "*Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo* ***homem***" (*1 Timóteo 2:5*). Este é um bom resumo da crença cristã. Como se tentasse romper qualquer possível confusão entre Deus e o homem, ele contrasta o único Deus com o Messias homem. Não só isso, ele faz da crença no único Deus e no homem Messias a base do conhecimento da verdade que leva à salvação (*1 Timóteo 2:4, 5*). A conexão de Paulo com a salvação, o conhecimento da verdade e a compreensão correta da identidade de Deus e Jesus não devem ser perdidas.

Após a ressurreição, Pedro também não conhece outro Messias além do "homem Jesus". Ele apresenta o Salvador aos seus compatriotas com estas palavras: "*Homens israelitas, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, homem aprovado por Deus*…" (*Atos 2:22*). Lucas cita a declaração de Paulo aos gregos: "*Porquanto* [Deus] *tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do homem que destinou*" (*Atos 17:31*). Tanto Pedro como Paulo descreveram uma pessoa ressuscitada, o Messias que estava destinado a retornar para julgar e governar. Jesus ainda era definido como um homem. Faz parte da infinita sabedoria de Deus que ele confie todo o julgamento a um homem que viveu uma vida em comum com a humanidade.

O NT está cheio de declarações claras sobre um Jesus humano que teve de ser testado em todos os aspetos exatamente como nós somos (*Hebreus 4:15*). Alguém que era totalmente Deus e totalmente humano não pode ser totalmente humano. Esta é a raiz do problema trinitário. É uma impossibilidade absoluta, em termos bíblicos, confundir o único Deus com um ser humano. Porém, Deus pode dar muito do Seu espírito ao humano frágil, e mesmo assim o exaltado Jesus ressuscitado tornou-se homem, do ponto de vista bíblico, ele é pó animado pelo espírito, e não separável de corpo e alma, o que é uma ideia grega. **[22]** "Ser humano",

por definição, denota mortalidade, sujeição à fraqueza e à morte. "Está ordenado aos homens morrerem uma vez…" (Hebreus 9:27). Jesus sofreu o destino final de toda a humanidade – não que ele precisasse morrer, já que não cometeu nenhum pecado. Contudo, suportando a pena dos pecados da humanidade, ele morreu. Deus não pode morrer. Devemos enfatizar o seguinte ponto: *um Salvador que é Deus não pode morrer e, portanto, não morreu pelos nossos pecados*. *O fato de Jesus ter morrido pelos nossos pecados é uma prova por si só de que ele não era Deus*. É um sofisma óbvio sustentar que o Deus imortal morreu! Aqueles que argumentam que apenas o corpo de Jesus morreu ainda caem na armadilha de dizer que o próprio Jesus não morreu. De qualquer forma, todos esses argumentos baseados no dualismo são completamente antibíblicos. O maior ponto para a coerência de toda a fé é que *o próprio* Jesus morreu.

Toda a vida de Jesus foi vivida sob as limitações de um ser humano. Ele estava zangado e cansado (*Marcos 3:5; João 4:6*), embora nunca tenha pecado. Ele teve de aprender a obediência por meio daquilo que sofreu (*Hebreus 5:8*). Ele não poderia refugiar-se numa cápsula mental divina para escapar dos rigores e das batalhas da vida diária. Como ele mesmo admitiu, ele não possuía todo o conhecimento: não sabia o dia do seu retorno (*Marcos 13:32*). Como uma criança, ele precisava crescer em sabedoria (*Lucas 2:52*). Certa ocasião, ele teve de perguntar aos seus discípulos: "*Quem tocou nas minhas vestes?*" (*Marcos 5:30*). Ele chorou (*João 11:35*) e sabia o que era desânimo. Evidentemente, ele não possuía as qualidades de onisciência (*Marcos 13:32*), onipresença (*João 11:32*) e imortalidade, que são as características indispensáveis da Deidade.

Os judeus e cristãos do primeiro século procuravam um Messias humano para governar uma nova ordem na terra a partir da terra prometida. A decisão dos teólogos dos séculos IV e V de que esta pessoa singular chamada Jesus era "verdadeiro Deus do Deus verdadeiro" teria sido chocante para a comunidade cristã do primeiro século que tinha uma ideia clara sobre a linhagem do Messias: "*Visto ser manifesto que nosso Senhor procedeu de Judá*" (*Hebreus 7:14*). Mateus regista as expectativas da nação judaica e a ameaça que representavam ao governo gentio (*Mateus 2:26*). O governante gentio, Herodes, estava profundamente preocupado com os sábios do Oriente que procuravam aquele que nasceria Rei dos Judeus. Qualquer nova dinastia desafiaria a sua autoridade. Herodes pediu aos principais sacerdotes e escribas informações sobre o local onde esse Messias nasceria. Mateus regista sua resposta: "*Em Belém da Judeia… E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as capitais de Judá; Porque de ti sairá o Guia* [Governante]" (*Mateus 2:5, 6*). Tudo isso era de conhecimento comum. Uma tradução parcial na *versão King James* das "*origens eternas*" do Messias em Miqueias 5:2 (citada em *Mateus 2:6)* não deve nos enganar. A promessa sobre o Messias remonta ao "passado distante". **[23]** Foi da tribo de Judá que o Messias surgiria para herdar o trono de seu pai Davi. Os judeus procuravam um libertador humano, dotado sobrenaturalmente de sabedoria e poder divinos (*Isaías 11:1-5*), mas certamente não porque Deus se tornou homem. O AT não tem nada a dizer sobre esta ideia posterior.

A ressurreição de uma pessoa mina a maravilha que Deus fez em e através de um ser humano e para toda a raça humana. O facto de Deus ter tratado tão maravilhosamente os seres humanos, ao fornecer um ser humano para abrir o caminho para a salvação, coloca a imortalidade ao alcance de cada pessoa. Os cristãos hoje confiam na falsa esperança de uma vaga recompensa no céu após a morte. A esperança apostólica repousava no fato de que o seu prometido libertador, um mortal, venceu a morte ao retornar da sepultura. Além disso, ele prometeu retornar à terra para recompensar os fiéis com posições em seu reino messiânico **[24]** e para restabelecer a grandeza de Israel. A pergunta candente que os discípulos fizeram a Jesus antes de ele ser levado à direita do Pai não poderia ter sido mais apropriada: "*Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?*" (*Atos 1:6*). A resposta deles foi que não cabia a eles saber quando esse evento maravilhoso aconteceria. Isto estava destinado a acontecer, como todos os profetas previram, e foi confirmado por Jesus. O fator tempo permanece incerto. **[25]**

O herói conhecido por estes primeiros cristãos não era o Deus-homem. Ele foi o Filho mais ilustre de Israel, descendente da família de Davi, o mais ilustre dos filhos de Judá, embora tenha se tornado o Filho exclusivo de Deus desde a sua conceção. Ele ensinou entre eles, morreu e ressuscitou. Sua carreira inspirou

neles a mesma esperança de ressurreição. Um novo retrato drástico do Salvador surgiria nos tempos post-bíblicos. O "Jesus" posterior dos concílios, adotado pelos crentes dos séculos IV e V, foi uma curiosa distorção do verdadeiro Jesus humano dos evangelhos. Apesar dos protestos em contrário, o Jesus do novo credo oficial apenas *parecia* ser um homem. Seu verdadeiro "ego", afirmava-se, era a Pessoa Eterna da Deidade Trina. O Jesus dos concílios parece ter engolido o Messias humano real e histórico dos registos cristãos. **[26]**

O humilde carpinteiro de Nazaré seria um guia melhor para a verdade do que as decisões dos concílios supervisionados por um imperador romano que estava mal preparado para decidir uma questão muito além do seu alcance relativamente à identidade de Jesus. Ele prestou pouca atenção ao fato de que Jesus nada fez para usurpar a autoridade do único Deus de Israel e concordou com seus compatriotas judeus que Deus era apenas uma pessoa (*João 5:44; 17:3; Marcos 12:29*).

Uma vez que a verdadeira mortalidade e a humanidade foram removidas do Messias, a realidade histórica caiu sob suspeita. O conceito oriental de reencarnação fez a sua primeira incursão na forma de encarnação. A especulação e a mitologia gregas entraram na fé pela porta falsa, com consequências devastadoras. O comentário do Cônego *Goudge* enfatiza: "Quando a mente grega e romana passou a dominar a Igreja em vez da mente hebraica, ocorreu um desastre na doutrina e na prática do qual nunca nos recuperamos". **[27]** Esta observação merece investigação adicional. Será que a perda da doutrina bíblica de Deus deve finalmente ser atribuída à infiltração da filosofia grega estrangeira?

O Dubitativo Tomé

Mas e o dubitativo Tomás? Quando este ex. cético exclamou ao Jesus ressuscitado: "*Meu Senhor e meu Deus*" (*João 20:28*), será que ele, em uma única frase, e diante de seus companheiros (como admitem os trinitarianos), tinha alguma ideia da Divindade de Jesus, e para fundar uma teologia que tornasse Jesus parte de uma Trindade e, portanto, "*verdadeiro Deus do Deus verdadeiro*", nos moldes das fórmulas de Nicéia e Calcedônia? Ele declarou que Jesus era parte de uma Divindade de dois níveis? outros afirmam. Apesar da clara aplicação do termo "Deus" a Jesus por Tomé em *João 20:28*, o conhecido teólogo *Emil Brunner* faz a seguinte observação significativa:

> A história da teologia e do dogma cristão nos ensina a considerar o dogma da Trindade como o elemento distintivo da ideia cristã de Deus... Por outro lado, devemos admitir honestamente que a doutrina da Trindade não fazia parte dos primeiros cristãos. do NT... nunca foi a intenção das testemunhas originais de Cristo no NT colocar diante de nós o problema intelectual – o das três pessoas divinas – e então nos dizer para adorarmos silenciosamente este mistério de três em um. Não há nenhum vestígio de tal ideia no NT. Este "*mysterium logicum*", o facto de Deus ser três e ainda assim um, está completamente fora da mensagem da Bíblia. É um mistério que a Igreja apresenta aos fiéis na sua teologia..., mas não tem qualquer ligação com a mensagem de Jesus e dos Apóstolos. Nenhum apóstolo teria sonhado pensar que aqui estão três pessoas divinas cujas relações mútuas e unidade paradoxal estão além da nossa compreensão. O mistério da Trindade... é um pseudomistério que surgiu de uma aberração no pensamento lógico das linhas escritas na Bíblia, e não da própria doutrina bíblica. **[28]**

O significado das palavras deve ser buscado no ambiente onde foram escritas. A Bíblia não foi composta no século 21, nem seus escritores sabiam nada sobre credos e concílios subsequentes. O contexto é inteiramente importante para determinar a intenção do autor. Nas páginas do Evangelho de João Jesus nunca se referiu a si mesmo como Deus. O fato é que o NT aplica a palavra Deus – em sua forma grega "*ho theos*" – a Deus, o Pai apenas cerca de 1.350 vezes. As palavras "*ho theos*" (isto é, o único Deus), usadas de forma

absoluta, não são aplicadas com certeza a Jesus em nenhum lugar. A palavra que Tomé usou para descrever em *João 20:28* era de fato "*theos*". Mas o próprio Jesus reconheceu que o AT chama os juízes de "deuses", quando se referiu em *João 10:34* ao *Salmo 82:6*: "*Não está escrito na vossa lei: Eu disse: Sois deuses?*"? "*Theos*" (aqui no plural, "*theoi*") aparece na *Versão Grega da Septuaginta do Antigo Testamento* como um título de homens que representam o único Deus verdadeiro.

Jesus em nenhuma ocasião se referiu a si mesmo como Deus no sentido absoluto. Que precedente teve Tomé para chamar Jesus de "meu Deus"? Inquestionavelmente, os primeiros cristãos usavam a palavra "deus" com um significado mais amplo do que o que é comum hoje. "Deus" era um título descritivo aplicado a uma série de autoridades, incluindo o imperador romano. Não se limitou ao seu significado absoluto como nome pessoal da Divindade suprema, como costumamos usar hoje. Foi da Igreja primitiva que as palavras bíblicas chegaram até nós, e é a partir desse ambiente do NT que devemos descobrir o seu significado.

A ideia de *Martinho Lutero* de que "as Escrituras começaram muito lentamente e que nos levaram a Cristo como homem, depois a alguém que é Senhor sobre todas as suas criaturas, e depois disso a alguém que é Deus" **[29]** encontra pouco apoio no NT. Reflete a pressão de ter que enquadrar a tradição recebida com o texto da Bíblia. O ensinamento registado de Jesus é contra qualquer desvio do estrito monoteísmo unipessoal da "*Torá*". Afirmando o credo de Israel, Jesus proclamou: "*Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor*" (*Marcos 12:29*). Ele expressou a sua lealdade à declaração de crenças mais enfática de Israel. Suas palavras dificilmente foram calculadas para induzir os discípulos "muito gentilmente" a acreditar em outro que não fosse Deus. Tal conceito é muito contraditório. A confirmação absoluta de Jesus do credo principal do Judaísmo, quando lida com um aceno às suas palavras claras que mantêm o seu significado original, já deveria ser vista como prova da sua aprovação do monoteísmo unitário do AT.

Tomé, que não podia acreditar que uma ressurreição tivesse ocorrido até ter fortes evidências verificáveis, finalmente entendeu a posição exaltada que Jesus assumiu como o Messias ressuscitado. A desejada grandeza nacional para Israel parecia ser uma possibilidade real. A afirmação de Jesus de ser o Messias prometido foi então confirmada. Jesus eventualmente se tornou o Senhor de Tomé e o "Deus" da vindoura era do Reino. Tomé estava bem familiarizado com as previsões do AT sobre o Reino. A promessa a Israel era que "*Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o principado está sobre os seus ombros, e se chamará o seu nome: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz*" (*Isaías 9:6*).

Esta foi uma declaração clara e inequívoca sobre a vinda do Messias. Mas este "Deus Poderoso" de *Isaías 9:6* é definido pelo proeminente Léxico Hebraico do AT como um "herói divino que reflete a majestade divina". **[30]**

Quanto à expressão "Pai Eterno", o título era entendido como significando para os judeus "o pai da Era (messiânica) vindoura". A palavra Septuaginta (grega) para "eterno", neste caso, não precisa transmitir a ideia de "sempre e para sempre", "por toda a eternidade" passado e futuro, como normalmente o entendemos, mas contém o conceito "relativo a o era (futuro). Verdadeiramente Jesus, o Senhor Messias, será o pai da era vindoura do Reino de Deus na terra até que "*todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então também o mesmo Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitaram, para que Deus seja tudo em todos*" (*1 Coríntios 15:28*). É amplamente reconhecido pela comunidade judaica que um líder político humano poderia ser chamado de pai. Isaías afirma sobre um líder em Israel: "*e entregarei nas suas mãos o teu domínio, e será como pai para os moradores de Jerusalém, e para a casa de Judá*" (*Isaías 22:21*).

Tomé, como Judas, passou a reconhecer alguém que seria o "Deus" da era vindoura, substituindo Satanás, o "Deus" da era atual (*2 Coríntios 4:4*). Tomé não chegou inesperadamente a uma nova crença revolucionária de que Jesus era "o verdadeiro Deus do Deus verdadeiro". Não havia nada no AT a respeito do messianismo de Jesus que previsse que um ser eterno e imortal se tornaria uma pessoa humana como o prometido Rei de Israel. No entanto, o rei humano poderia, em raras ocasiões, ser chamado de "Deus",

como no *Salmo 45:6*, onde também recebe o título de "senhor" (*versículo 11*). Tanto "Senhor" como "Deus" são títulos messiânicos, e usados apropriadamente por João, que escreveu todo o seu livro para nos convencer de que Jesus era o Messias (*João 20:31*).

A realidade atingiu o cético Tomé quando ele reconheceu que seria através do Jesus ressuscitado que Deus iria restaurar a sorte de Israel. Assim, Jesus tornou-se "Deus" para Tomé de uma forma paralela ao sentido em que Moisés desfrutou do status de "Deus" na presença do Faraó: *'Veja, eu te fiz Deus diante do Faraó'* (*Êxodo 7:1*). Estes títulos de grande honra concedidos aos instrumentos humanos de Deus não usurparam o monoteísmo estrito do AT. Nem deveriam envolver o colapso do primeiro princípio da Bíblia: Deus é uma pessoa, não duas ou três (*Marcos 12:29*). O anjo do Senhor no AT também poderia ser chamado de "Deus" como representante do único Deus de Israel (*Gênesis 16:9, 10, 11, 13*). A autoridade de Yahweh foi transferida para ele porque "*o nome de Deus estava nele*" (*Êxodo 23:20, 21*). No mundo contemporâneo, "Deus" não significa o que significa para nós hoje. Uma inscrição datada de 62 a.C. chama o rei Ptolomeu XIII de "o senhor deus-rei". Os judeus medievais referiam-se a Davi como "nosso Senhor Davi" e "e nosso Senhor Messias", com base no *Salmo 110:1* (compare com *Lucas 2:11*).

Mas e o posterior apóstolo Paulo? Existe evidência bíblica de que este antigo fariseu estrito abandonou a sua herança judaica do AT e expandiu o seu conceito de Deus para incluir uma segunda e uma terceira pessoa, construindo assim um fundamento para a doutrina da Trindade?

Notas Finais

[1] "*The Birth of the Messiah*" (O Nascimento do Messias) (London: Geoffrey Chapman, 1977), 31, fn.

[2] "*Trinity*" (Trindade) no *International Standard Bible Encyclopedia* (Grand Rapids: Eerdmans, rep. 1983), 4:3014.

[3] *Ibid.*

[4] O acontecimento foi uma antecipação do futuro Reino de Deus e proporcionou o estímulo necessário aos discípulos, após o anúncio da morte de Jesus (*Mateus 16:21*). Veja também *2 Pedro 1:16-18* para a conexão entre a Segunda Vinda (e o Reino) e a transfiguração. A antecipação do retorno de Cristo em glória proporcionou um vislumbre (em visão) de Elias e Moisés, que serão então restaurados à vida pela ressurreição (*1 Crônicas 15:55*). *Lucas 9:27, 28* conecta expressamente as palavras de Jesus sobre o reino ao evento que ocorreu oito dias depois. Os discípulos experimentariam uma visão extraordinária e excecional do reino durante a sua vida atual.

[5] *Atos 1:6; comparar, Mateus 5:5; Atos 3:21; Romanos 4:13; Hebreus 11:8.*

[6] *Mateus 19:28; Romanos 5:17; 1 Coríntios 6:2; 2 Timóteo 2:12; Apocalipse. 2.26; 3.21; 5:10; 20:1-6; Isaías 32:1.*

[7] O próprio termo "pré-humano" sugere que tal Jesus não era realmente humano. Se sua origem fosse um anjo, isso é o que ele realmente se tornaria no âmago do seu ser.

[8] *S. Lyonnet*, "*L' Annonciation et la Mariologie Biblique*," em *Maria in Sacra Scriptura* (Acta Congressus Mariologici-Mariani in República Dominicana anno 1965 Celebrati, Roma: Pontificia Academia Mariana Internationalis, 1967), 4:59-72. Lucas nos apresenta um Jesus que é plenamente humano, concebido sobrenaturalmente e, portanto, digno de ser chamado de Filho de Deus.

[9] "*Gospel According to St. Luke"* **(**Evangelho segundo S. Lucas), "*International Critical Commentary*" (Comentário Crítico Internacional), 23

[10] "*The Birth of the Messiah*" (O Nascimento do Messias), 31, fn. 17.

[11] *Ibid*., 291.

[12] Na ausência de qualquer menção à pré-existência de Jesus em Lucas-Ato, seria insensato encontrar uma referência a uma existência pré-natal em *Lucas 10:18*. Jesus pode muito bem-estar a falar aqui da descendência de Satanás para contra-atacar tendo em vista os seus exorcismos, ou então Jesus vê em visão a queda escatológica de Satanás, "*sabendo que já tem pouco tempo*" (*Apocalipse 12:12*), ou a sua derrota final quando o reino chegar.

[13] *Ibid.*

[14] *Ibid.*
[15] *Ibid.*
[16] "*Christology in the Making*" (Cristologia em Construção) (Filadélfia: Westminster Press, 1980). 55, 56, seu énfasis.
[17] O Comentário Moderno é particularmente útil no contexto judaico da linguagem de Hebreus 7 a respeito de Melquisedeque.
[18] "Jesus, God and Man" (Jesus, Deus e homen) (New York: Macmillan, 1967), 24, 25.
[19] *Brown, Driver e Briggs*, "*Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*" (Léxico hebraico e inglês do Antigo Testamento) (Oxford: Clarendon Press, 1968), 42, Compare, O plural "*elim*", "deuses", usado para outras pessoas que não o Deus único. Em Qumran, os anjos são chamados "*elim*", incluindo Miguel. "*The New International Dictionary of the Old Testament Theology and Exegesis*" (O Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento) comenta: A disposição de usar títulos divinos para os anjos principais tem implicações óbvias para a cristologia do NT" (*ed. Willem A. Van Gemeren*, Paternoster Press, 1996, 1:402, 1:402).
[20] *Atos 17:31*, citando *Salmo 96:13*, onde o salmista declara que Deus está a chegar para "*governar o mundo em justiça*", é uma ocasião de grande regozijo (*versículos 11, 12*). Esta é a proclamação de Paulo do reino vindouro aos atenienses.
[21] "*To Know and Follow Jesús*" (Conhecer e Seguir Jesus) (Paulist Press, 1984), 46.
[22] Cp. *D.R.G. Owen*, "*Body and Soul in the New Testament*" (Corpo e Alma No Novo Testamento) in "*Readings in Christian Theology*" (Leituras em Teologia Cristã), ed. *M.J. Erickson* (Baker Book House, 1967), 86: "No pensamento hebraico, como vimos, a palavra traduzida por 'alma' regularmente representa simplesmente pronomes pessoais e significa o eu, e a frase 'corpo e alma'... representa a ideia hebraica de que o homem é um 'corpo animado' e não a ideia grega de que ele é uma alma encarnada".
[23] Ver a NEB e "*The New International Commentary on Micah 5:2*" (O Novo Comentário Internacional sobre *Miqueias 5:2*) (Grand Rapids: Eerdmans, 1976), 343. A mesma expressão hebraica encontra-se em *Deuteronómio 32:7* (*y'mot olam*). "*Y' may olam*" aparece em *Miqueias 7:14; Amós 9:11; Isaías 63:9,11*. "*The Hastings Bible Dictionary*" (Edinburg: T&T Clark, 1912), vol. extra, 696, traduz a expressão em *Miquéias 5:2* como "antigüidade remota", acrescentando que "dias de eternidade" sugere erroneamente a pré-existência eterna do Messias. Veja também a "*Cambridge Bible for Schools and Colleges*" (Biblia para Escolas e Colegios de Cambridge): Mais óbvio e perfeitamente apropriado ao contexto, ['origens' refere-se a] sua descendência de uma antiga família davídica – compare, *Amós 9:11*, onde 'os dias da eternidade' evidentemente se refere ao reino de Davi".
[24] *Apocalipse 2:26; 3:21; 5:10; 20:1-4; 1 Coríntios 6:2; Mateo 19:28; Lucas 22:28-30; 2 Timóteo 2:12*.
[25] A mesma expetativa é encontrada em *Atos 3:21*.
[26] Cp. A observação de *Martin Werner* de que "o dogma da divindade de Cristo transformou Jesus num deus redentor helenístico, e assim foi propagado um mito atrás do qual o Jesus histórico desapareceu completamente" ["*Formation of Christian Dogma: An Historical Study of Its problems*" (Formação do Dogma Cristão: Um Estudo Histórico de Seus Problemas], A&C Black, 1957, 298].
[27] "*The Calling of the Jews*" (A vocação dos judeus), na coleção de ensaios sobre o judaísmo e o cristianismo (Shears and Sons, 1939). O desvio da verdade bíblica na direção do paganismo tem as suas raízes nas especulações filosóficas dos Padres da Igreja do século II. Os Padres da Igreja do século II. Ver mais na p.137.
[28] "*Christian Doctrine of God, Dogmatics*" (Doutrina Cristã de Deus, Dogmática) (Westminster Press, 1950). 1:205, 226, 238.
[29] "*Christian Doctrine of God, Dogmatics*" (Doutrina Cristã de Deus, Dogmática) (Westminster Press, 1950). 1:205, 226, 238.
[30] *Brown, Driver e Briggs*, "*Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*" (Lexico Hebreo e Inglés del Antiguo Testamento), 42. Esta mesma autoridade regista que a palavra "Deus" (o) usada por Isaías é aplicada em outras partes das Escrituras a "homens de poder e posição, como também a anjos". (Veja *Êxodo 15:11*, "entre os deuses"; *Ezequiel 31:11*, "um deus das nações"; *32:21*, "deuses poderosos"; *17:13*, "deuses da terra"; *Jó 41:25*, "deuses", isto é, homens poderosos.) Ele se refere a alguém que não é o único Deus em *Ezequiel 28:2*.
[31] *C.G. Kuehnoel*, citado por *W.G. Eliot*, "*Discourses on the Doctrines of Christianity*" (Discursos sobre La Doctrina del Cristianismo) (Boston: American Unitarian Society, 1886), 79. Society, 1886), 79.

IV. PAULO E A TRINDADE

"Paulo aparentemente não chamou Jesus de Deus" – *Professor Sydney Cave*

Nunca um inimigo militante maior se enfureceu contra os cristãos do que um homem chamado Saulo (*Atos 8:1-3*). Nem nenhum teólogo mais erudito entrou na igreja primitiva do que este mesmo Saulo que veio a ser conhecido como Paulo, um escritor prolífico e importante porta-voz do cristianismo do primeiro século. Considerado por alguns demitolizadores modernos como um visionário impossível e por outros como um viciado em drogas psicótico, ele continuou a suportar o julgamento cruel dos seus críticos e hoje continua a ser um porta-estandarte do Cristianismo.

Por causa do extremo fervor de sua crença, Paulo alinhou-se com um grupo sobre o qual Jesus havia alertado que chegaria um tempo em que "*vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar cuidará fazer um serviço a Deus*" (*João 16:2*). O zelo equivocado de Paulo levou-o a adotar uma política assassina de perseguição contra a recém-fundada seita cristã.

Não é o propósito deste livro avaliar todo o escopo da teologia de Paulo. Especificamente, queremos examinar a sua harmonia ou desarmonia tanto com o AT como com as palavras de Jesus, o Messias, sobre a questão-chave da natureza da Divindade.

Paulo afirmou ter recebido uma revelação especial do Jesus ressuscitado. Embora muitos possam afirmar que a razão e a revelação são incompatíveis, é nossa premissa que as duas não estão em conflito. Paulo serve para ilustrar esse ponto. Nenhuma parte da revelação dada a Paulo por Jesus ataca a razão. Dado um elemento de revelação progressiva, o cristianismo de Paulo não está em desacordo com o ensino mais antigo do Jesus histórico ou de outros escritores do NT. Ele não se afastou do Messias em relação à doutrina de Deus.

Altamente considerado nos círculos religiosos judaicos, Paulo afirma que ele foi: "*Circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel…. hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu...* perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível" (Filipenses 3:5,6). Inquestionavelmente, esta formação teria feito dele um monoteísta intransigente – um defensor convicto da crença num Deus verdadeiro, *como uma única pessoa*. **[1]** Como seria de esperar, o treinamento rabínico de Paulo incutiu nele a forte convicção de que havia apenas um Deus, o criador de todas as coisas. É evidente que ele concordou completamente com o Messias recentemente crucificado sobre a lei que Jesus chamou de o maior de todos os mandamentos. Jesus disse a um escriba indagador: "*O primeiro de todos os mandamentos é: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração…*" (*Marcos 12:29, 30*). Como fariseu, Paulo teria inquestionavelmente apoiado o entusiasmo do escriba pelo monoteísmo de Jesus: "*Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que há um só Deus, e que não há outro além dele*" (*Marcos 12:32*). A herança judaica de Paulo colocou o Deus unipessoal no auge de sua crença. A sua devoção ao Deus único da Bíblia Hebraica permaneceu, após a sua conversão ao Cristianismo, a principal força motivadora de toda a sua atividade.

Não há nenhum indício nos escritos de Paulo de que ele tenha discordado da igreja primitiva sobre a pessoa de Deus. A sua hostilidade antes da sua conversão foi dirigida à afirmação de Jesus de ser o Messias, que ele pensava constituir uma ameaça à religião estabelecida da nação de Israel. Numerosos estudiosos da Bíblia, após exame cuidadoso das evidências, não acreditavam que Paulo alguma vez tivesse perturbado as águas da convicção judaica de que Deus era uma única pessoa. Sydney Cave declara: "Paulo aparentemente não chama Jesus de Deus." **[2]** *CJ Cadoux* concorda: Paulo habitualmente diferencia Cristo de Deus." **[3]** Poderíamos procurar em vão nos escritos de Paulo uma declaração clara de que Jesus é Deus, denotando "um Filho eterno pré-existente", segundo membro coigual da Trindade. Apenas *Hebreus 1:8* (não está claro

se Paulo escreveu este livro ou não) poderia ser alegado como um texto no qual Jesus é, *em certo sentido*, certamente chamado de "Deus". Alguns outros textos podem ou não conter uma referência a Jesus como "Deus". A evidência é contestada por estudiosos por motivos gramaticais e sintáticos. Estes versículos certamente, portanto, não podem ser contados como "textos de prova". Como sabemos que na Bíblia o termo "Deus" nem sempre significa "o Deus Supremo", é impossível confirmar o Trinitarianismo a partir de versículos isolados onde Jesus pode ou não ser qualificado como "Deus".

O problema trinitário deve ser analisado na perspetiva da formação monoteísta judaica rigorosa de Paulo, que Lucas relata no ministério de Paulo nos Atos e, claro, nas suas epístolas registadas. Uma questão é fundamental: se Paulo se tornou trinitário ou binitário, quando é que isso aconteceu: foi-lhe ensinada a Trindade através dos outros apóstolos, por revelação de Jesus, o Messias, ou foi desenvolvida lentamente ao longo de um período da sua vida, acabando por lhe ocorrer e modificando drasticamente a sua anterior crença em Deus como uma só pessoa? Simplesmente não há provas sólidas que confirmem tal desenvolvimento.

Dada a profunda doutrinação da mente judaica em relação ao monoteísmo, particularmente no caso deste zeloso judeu religioso, a verdade de tal conceito deve ter consumido páginas da Bíblia.

Quando o verdadeiro fundamento de uma religião é mudado, alguma explicação é necessária para isso. Uma revolução teológica tão drástica não passa despercebida; observe os volumes escritos e as controvérsias às vezes sangrentas travadas pelos defensores da Trindade contra os protestos dos unitaristas estritos. Uma revelação divina para introduzir a crença num Deus tripessoal teria sido aceitável e razoável. Mas onde falta a revelação e a razão é violada, há pouca base para aceitar uma ideia tão extraordinária como a Trindade. Nas palavras de um clérigo britânico, ele próprio trinitário, ele diz: "a razão é insultada e a fé fica meio entorpecida" diante da Trindade. **[4]**

Quando Paulo estava participando de uma conferência em Jerusalém, a discussão girou em torno da circuncisão e das outras leis do AT. Até que ponto estas seriam impostas aos cristãos gentios (*Atos 15:5*)? A decisão foi tomada por Tiago, que era um líder da igreja de Jerusalém. Foi este mesmo Tiago quem declarou, ao escrever à Igreja dispersa como "*às doze tribos que andam dispersas*" (*Tiago 1:1*): "*Tu crês que há um só Deus; fazes bem. Também os demônios o creem, e estremecem*" (*Tiago 2:19*). Até este ponto na história da igreja, não há nada que sugira uma mudança radical de compreensão sobre a natureza de Deus.

A ausência de qualquer nova revelação que defina a Trindade apresenta um problema para o escritor trinitariano *E. Calvin Beisner* quando defende a visão ortodoxa em seu livro "*God in three persons*" (Deus em Três Pessoas). Examinamos seu trabalho porque ele cita o apóstolo Paulo em apoio à sua tese. No início do capítulo um, ele cita o Credo Niceno, conforme promulgado no Concílio de Constantinopla em 381 DC: "Creio em um só Deus, o Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra, e de tudo o que é visível e invisível. E em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho unigênito de Deus, Luz da Luz, verdadeiro Deus do verdadeiro Deus… e no Espírito Santo, o Senhor e Doador da Vida…"

Beisner então faz a pergunta: "Será que o NT contém tal doutrina [a Trindade] em ambos os casos, explícita ou implicitamente? E ... se sim, como é que é assim?" **[5]** As respostas que os estudiosos dão a estas duas questões, observa *Beisner*, são "para dizer o mínimo, muito variáveis". **[6]** Ele afirma, no entanto, que a Trindade é encontrada na Bíblia. A essência do seu argumento é a seguinte: Existe no NT um e apenas um Deus verdadeiro; existe uma pessoa chamada Pai que se chama Deus; Existe uma pessoa chamada Filho que também é chamada de "Deus". **[7]**

Na seção intitulada "Monoteísmo no NT", Beisner apresenta um excelente argumento de que uma visão monoteísta "domina toda a perspetiva de Jesus", **[8]** e cita *João 17:3*: "*E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste*".

Beisner acrescenta então a evidência de Paulo, que deliberadamente se propôs a responder à questão de saber se existem mais deuses do que um. As palavras de Paulo são as seguintes: "*Assim que, quanto ao comer das coisas sacrificadas aos ídolos, sabemos que o ídolo nada é no mundo, e que não há outro Deus, senão um só. Porque, ainda que haja também alguns que se chamem deuses, quer no céu quer na terra (como há muitos deuses e muitos senhores), Todavia para nós há um só Deus, o Pai... e um só Senhor, Jesus Cristo*" (*1 Coríntios 8:4-6*).

Beisner aponta corretamente que a resposta de Paulo à questão monoteísta foi que "não há outro Deus senão um só". "Esta visão monoteísta", acrescenta ele, "governa todo o NT, mas em nenhum lugar é mais fortemente indicada do que aqui nos escritos de Paulo". **[9]**

É neste ponto crucial da discussão que devemos examinar cuidadosamente o que Paulo realmente diz. Todos concordarão com a crença de Paulo de que existe "um só Deus", mas quem, segundo Paulo, é esse único Deus? Existe "um só Deus – o Pai" (Unitarismo) ou "um só Deus – o Pai, o Filho e o Espírito Santo" (Trinitarismo)? *Beisner* parece perder a definição crucialmente importante do monoteísmo: "*Todavia para nós* [cristãos] *há* ***um só Deus****, o Pai*" (*1 Coríntios 8:6*). Paulo chama aquele de Deus de Pai e não acrescenta outra pessoa. Ele continua dizendo, certamente, que existe um Senhor, Jesus Cristo, mas ele não diz (aqui ou em qualquer outro lugar) que Jesus é "o único Deus". O único Deus do monoteísmo de Paulo, claramente indicado e em harmonia com tudo o que lemos no AT e no ensino de Jesus, *é o único Pai*.

De acordo com as regras ordinárias da linguagem, onde temos um número maior que um, o prefixo "mono-" não se aplica mais. Por exemplo, se um homem tem duas esposas, ele não é mais monogâmico, mas polígamo. Nesta base, juntamente com muitos judeus e muçulmanos, questionamos a validade da afirmação de que o Trinitarianismo é monoteísta, não no sentido em que o monoteísmo hebraico do AT é certamente. É difícil escaparmos à conclusão de que três pessoas, cada uma das quais é chamada de Deus, somam três Deuses. Estamos cientes de que isto é negado pelos Trinitarianos; no entanto, também notamos que vários teólogos reclamam que os crentes comuns pensam no Deus Triuno de forma triteísta, ou seja, como três Deuses. É difícil não simpatizar com *Hans Küng*, que expressa "a preocupação genuína de muitos cristãos e a frustração justificada de judeus e muçulmanos ao tentarem encontrar em tais fórmulas [trinitárias] a fé pura num só Deus". **[10]**

Se Jesus ou Paulo tivessem falado a linguagem da Trindade de que "os três são um" ou "um é três", seríamos obrigados a considerar isso como parte da revelação e aceitá-lo como uma doutrina cristã. Mas a história conhece pouco deste tipo de expressão sobre a Divindade até trezentos anos após o ministério de Jesus. Naquela época, a teologia havia passado para as mãos de homens que não compartilhavam a estreita associação dos Apóstolos com Jesus, o Messias, e que eram produtos de uma formação teológica muito diferente". Lamentamos, com *Hans Küng*. "a helenização da mensagem cristã primordial pela teologia grega". **[11]** Uma coisa é os cristãos afirmarem que existe apenas um Deus declarado na Bíblia. Outra coisa é convencer os cristãos de que existem três pessoas naquele único Deus. A capacidade dos teólogos de persuadir os crentes de que duas ou três pessoas são realmente um só Deus deve ser considerada uma das grandes maravilhas da história cristã. Ficamos maravilhados com o modo como pessoas normalmente razoáveis podem aceitar tão facilmente o que é declarado, em última análise, um mistério incompreensível. Isto é ainda mais surpreendente quando as próprias declarações de crenças da Bíblia nunca sugerem tal terminologia. Não há nenhum indício de enigma na declaração simples e transparente de que "*há um só Deus, o Pai*" (*1Coríntios 8:6*).

Paulo nunca desistiu da ideia de que um, com referência a Deus, significava numericamente um. Obviamente, ele não abandonou o seu monoteísmo unitarista judaico quando declarou numa carta a Timóteo: "*Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem*" (*1 Timóteo 2:5*). Aqui, uma única pessoa, o Pai, é declarada como o único Deus. Na mesma frase, outro indivíduo é chamado de *homem* Jesus Cristo. Isto coloca uma pressão considerável sobre o Trinitarianismo. Paulo mantém o credo em sua carta à igreja de Éfeso. Ele fala do "*o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória*" (*Efésios 1:17*) e prossegue afirmando num capítulo posterior que: "*Há um só corpo e um só*

*Espírito … **Um só Senhor**, uma só fé, um só batismo*", ***um só Deus** e Pai de todos*" (*Efésios 4:4-6*). Todos nós entendemos que "um Espírito" e "uma esperança" são numericamente um. Mas Deus, para Paulo, também é um, no sentido matemático. Ele é "o Pai de nosso Senhor Jesus Messias". O ponto de vista de Paulo não é diferente quando escreve aos Gálatas: "*o medianeiro não o é de um só, mas Deus é um*" (*Gálatas 3:20*).

Há uma consistência extraordinária nos escritos de Paulo quando ele fala de Deus como uma pessoa singular, nomeadamente o Pai de Jesus. Dizer que Paulo fez a transição para acreditar em um ser multipessoal é muito problemático. As suas declarações de crença estão perfeitamente de acordo com o monoteísmo irrestrito de Jesus e com toda a herança judaica que partilhavam.

Quando Paulo insiste "que há um só Deus", ele continua explicando que "*Mas nem em todos há conhecimento*" (*1 Coríntios 8:4, 7*). Somos tentados a pensar que pouco mudou desde o primeiro século. Resumindo as declarações claras de Paulo em *1 Coríntios 8:4, 6*, temos a reafirmação de que "*há um só Deus, o Pai*". O Trinitarianismo certamente deve curvar-se diante deste monoteísmo puro. Talvez a polêmica de *Thomas Jefferson* contra o dogma trinitário não seja muito severa. Ele considerou isso uma recaída da "verdadeira religião que Jesus fundou na unidade de Deus dentro do politeísmo incompreensível". Escrevendo a *Jared Sparks*, um amigo ministro, ele lamentou o subsequente crescimento do dogma que ele chamou de "*hocus-pocus* imaginário de um deus semelhante a um deus chamado Cérbero [o cão de três cabeças na mitologia grega que guardava os portões do Hades]. com um corpo e três cabeças." **[12]**

Foi Paulo quem expressou seu medo à igreja em Corinto: "*Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos sentidos, e se apartem da simplicidade que há em Cristo. Porque, se alguém for pregar-vos outro Jesus que nós não temos pregado... com razão o sofreríeis*" (*2 Coríntios 11:3, 4*). Afirmamos que a noção de Deus como pessoa é muito simples. Um Deus que é duas ou três pessoas, e até mesmo um ser, é extremamente complexo. Grande parte do problema com a Trindade é o facto de que Jesus e Deus são obviamente, na Bíblia, duas pessoas diferentes no sentido moderno da palavra – equivalentes a indivíduos diferentes como qualquer pai e filho são.

Não sem razão, as palavras de Paulo têm sido vulneráveis à crítica de que parecem ser contraditórias. Isto adicionou lenha às chamas da controvérsia trinitária. Pedro advertiu que há nos escritos de Paulo: "*ntre as quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem, e igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição*" (*2 Pedro 3:16*). Se for assim, há todos os motivos para basear a nossa compreensão da doutrina de Deus sobre Deus nas suas declarações explícitas do seu credo pessoal. De forma alguma deveríamos permitir que outras passagens menos claras em seus escritos obscurecessem a proposição transparentemente simples pela qual ele define a Deidade.

Filipenses 2

Muitos viram a declaração de Paulo em *Filipenses 2:5-8* como prova de que ele cria num Messias que era pré-existente e Deus por direito próprio. A passagem diz o seguinte:

> "*De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, Mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz*". (*Filipenses 2:5-8*)

Algumas das principais declarações de Paulo sobre um Deus devem ser lembradas ao abordarmos esta passagem:

(1) "*Ao único Deus, sábio, seja dada glória por Jesus Cristo para todo o sempre. Amém*" (*Romanos 16:27*).

(2) "*Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem*" (*1 Timóteo 2:5*).

(3) "*Há um só corpo… um só Senhor… uma só fé… um só Deus e Pai de todos*" (*Efésios 4:4-6*)

(4) "*Não há outro Deus senão um só... há um só Deus, o Pai... e um só Senhor, Jesus Cristo*" (*1 Coríntios 8:4-6*)

(5) "*o bem-aventurado, e único poderoso Senhor, Rei dos reis e Senhor dos senhores; Aquele que tem, ele só, a imortalidade, e habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver,*" (*1 Timóteo 6:15, 16*).

Se Paulo soubesse que Jesus era um membro pré-existente e coigual da Divindade, poderia ele ter escrito os textos citados acima que obviamente restringem o único Deus a uma única pessoa, o Pai? Se assim for, a acusação de que ele havia confundido seus convertidos sobre a natureza da Deidade pareceria correta. É surpreendente que Lucas, que narrou o ministério de Paulo no livro de Atos, tenha falhado em fazer a menor menção à verdade recém-fundada por Paulo sobre o Deus Triuno. Paulo afirmou para si mesmo que "*nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus*" (*Atos 20:27*). Certamente em algum lugar este conhecimento transcendental sobre a Deidade Trinitária teria surgido em seus escritos e sermões se ele o tivesse considerado uma parte importante da tradição cristã.

Paulo fez repetidas menções ao único Deus, referindo-se somente ao Pai, mesmo em contextos onde tanto o Pai quanto o Filho são mencionados juntos. E há uma notável ausência de qualquer declaração ambígua que mostre Jesus como sendo o Deus-homem pré-existente, um membro da Divindade eterna e plenamente merecedor do título de "Deus" no sentido absoluto. Paulo não confunde a distinção entre *o único Deus*, o Pai, e Jesus, Seu Filho, o Senhor Messias. Embora ele insista que os dois funcionem em completa harmonia, ele nunca esquece que o Pai é o único Deus de sua herança monoteísta. É desconcertante pensar que, no meio de toda a sua insistência de que Deus é uma pessoa, ele nos teria pedido para acreditar, sem explicação, que Jesus também é o único Deus. Uma derrubada tão drástica da estrutura da religião verdadeira teria despertado a ira do segmento judaico da Igreja e teria sido a causa de prolongada controvérsia. Não há evidências de tal debate.

Devemos evitar a todo o custo ler as nossas próprias interpretações do século XXI nos escritos da Igreja do primeiro século. As palavras devem poder significar o que significam em seu próprio contexto. O pensamento de Paulo é consistente. Ele se expressou em outro lugar com total clareza quando definiu quem era o único Deus. Com tantos comentadores, antigos e modernos, perguntamo-nos se a igreja primitiva realmente entendia esta passagem em Filipenses como um precursor da fórmula Nicena – que Jesus era o verdadeiro Deus, eternamente pré-existente como criador?

James Dunn aborda o texto tentando deixar de lado a tendência de ler desenvolvimentos cristológicos posteriores nas ideias de Paulo: "Nossa tarefa foi novamente crucial, mas difícil, de tentar acostumar nossos ouvidos do século XXI aos conceitos e conotações dos anos 50 e Década de 60 do primeiro século DC no Mediterrâneo Oriental". **[13]** Ele conclui que "a interpretação pré-existência-encarnação de *Filipenses 2:6-11*, etc., deve mais ao mito gnóstico do redentor posterior do que a *Filipenses 2:6-11*". Ele nos alerta sobre o perigo de ler nas palavras de Paulo as conclusões dos teólogos de uma geração posterior, os "Padres" da Igreja Grega nos séculos que se seguiram à conclusão dos escritos do NT. **[14]**

É amplamente reconhecido que tendemos a encontrar nas Escrituras exatamente aquilo que concebemos como já estando lá, uma vez que nenhum de nós pode facilmente enfrentar a possibilidade ameaçadora de

que o nosso entendimento "recebido" não coincida com a Bíblia. (O problema é agravado se estivermos envolvidos no ensino ou na pregação da Bíblia.) Uma doutrina religiosa que tenha sido aceita intelectual e emocionalmente é desalojada com grande dificuldade.

O contexto dos comentários de Paulo em Filipenses 2 apresenta o apóstolo Paulo exortando os membros da sua congregação a serem humildes. Você já se perguntou se seria de alguma forma possível que Paulo tivesse reforçado esta simples lição de humildade, pedindo aos seus leitores que adotassem o estado de espírito de alguém que, tendo sido eternamente Deus, tomou a decisão de se tornar homem? Esse tipo de comparação é de alguma forma relevante para a nossa condição humana? Também pode parecer estranho para Paulo referir-se ao Jesus pré-existente como Jesus, o Messias, lendo de novo na eternidade o nome e o cargo que recebeu à nascença.

Paulo em outro lugar não hesita em chamar Jesus de *homem*. Ele frequentemente define o papel do Messias usando paralelos entre Adão e o homem Jesus. Isto é claramente demonstrado em 1 Coríntios 15:45-47, onde Paulo escreve: "*Assim está também escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante... O primeiro homem, da terra, é terreno; o segundo homem, o Senhor, é do céu*". Paulo insiste que Jesus ainda é, mesmo para a sua segunda vinda, um homem, como foi Adão, que foi feito do pó da terra. Paulo adverte em *Romanos 5:12-15*:

> "*Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo... No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não tinham pecado à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir* [Jesus]... *Porque, se pela ofensa de um morreram muitos, muito mais a graça de Deus, e o dom pela graça, que é de um só homem, Jesus Cristo*". (*Romanos 5:12-15*)

Em *Filipenses 2*, Paulo descreve o status exaltado do homem Jesus. Como reflexo de Deus, seu Pai, ele estava na "forma de homem" (o texto não diz que ele era Deus), mas não considerava tal "semelhança com Deus" um privilégio a ser explorado para sua própria glória. Jesus, que como Messias foi investido de igualdade funcional com Deus e que estava destinado a sentar-se à direita do Pai, humilhou-se sendo servo da humanidade, até ao ponto de se submeter à morte de um criminoso na cruz. Jesus não se aproveitou de sua posição real como representante de Deus, mas, em vez disso, adotou o caráter de escravo. O contraste está entre a posição de Deus – Jesus sendo o comissário de Deus – e a posição de servo. O contraste não é, como muitas vezes se acredita, entre *ser* Deus na eternidade e tornar-se homem. **[15]** Renunciando ao seu direito de governar e recusando a oferta de poder de Satanás sobre os reinos do mundo (*Mateus 4:8, 9*), Jesus obedientemente desempenhou o papel de um servo disposto a sofrer nas mãos de um mundo hostil. O que Paulo tinha em mente é a carreira do homem Cristo Jesus (*1 Timóteo 2:5*), não a encarnação de um membro pré-existente da Divindade. A humildade de Jesus é exatamente o oposto da arrogância de Adão. O primeiro não abusou do status de "Deus" que lhe foi dado para refletir Deus, seu Pai, nem aproveitou seu privilégio para fins egoístas. Adão, sob a influência do Diabo, tentou manter uma igualdade com Deus à qual não tinha direito. Jesus, por meio da perfeita obediência a Deus, conseguiu refletir a mente e a personalidade do único Deus, seu Pai.

Ao descrever a vida exemplar do Messias na terra, Paulo não pretendia fazer qualquer menção a um ser pré-existente. Ele estava pedindo aos filipenses que fossem humildes como Jesus. Jesus foi um modelo de humildade e serviço. No entanto, ele nasceu numa família real da Casa de David e qualificou-se, através da sua abnegação, para um status exaltado como governante mundial, como o *Salmo 2* predisse séculos antes de ele nascer. Quando Pilatos lhe perguntou: "*Logo tu és rei?*" Sua resposta foi: "*Tu dizes que eu sou rei. Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo*" (*João 18:37*). Jesus derrotou a ambição natural de conquistar o mundo (embora ele conquiste legitimamente as forças do Anticristo na sua segunda vinda). Seu exemplo de submissão paciente à vontade de Deus levou à sua exaltação à direita do Pai. A questão não era que um membro pré-existente da Trindade tivesse recuperado uma posição temporariamente renunciada, mas que um ser humano real, o Messias, em quem o caráter do Pai estava perfeitamente refletido (*Colossenses 1:15*)

havia demonstrado humildade e obediência e havia sido grandemente justificado e exaltado por Deus. Paulo em outro lugar descreve a carreira de Jesus como uma demonstração de humildade quando observa que "*por amor de vós* [Jesus] *se fez pobre; para que pela sua pobreza enriquecêsseis*" (*2 Coríntios 8:9*). O Messias, embora nomeado Rei de Israel e do mundo, sacrificou-se pelos outros. Sem, é claro, fazer as mesmas afirmações de Jesus, Paulo usa linguagem semelhante em sua própria carreira. Ele era "*como pobres, mas enriquecendo a muitos; como nada tendo, e possuindo tudo.*" (*2 Coríntios 6:10*). E "*não buscamos glória dos homens... ainda que podíamos, como apóstolos de Cristo, ser-vos pesados*" (*1 Tessalonicenses 2:6*). Paulo também viu a si mesmo e a seus companheiros apóstolos como servos messiânicos sofredores quando aplicou "as profecias do servo" à sua própria missão (*Atos 13:47*; compare com *Isaías 42:6; 49:6*).

A leitura trinitária tradicional de *Filipenses 2* depende quase inteiramente da compreensão do estatuto de Jesus "*na forma de Deus*" como uma referência a uma vida pré-existente como Deus no céu, em vez de uma identidade legal com Deus como pessoa humana na terra. Infelizmente, os tradutores fizeram muito para reforçar este ponto de vista.

O verbo "era" na frase "*era em forma de Deus*" ocorre frequentemente no NT e não tem de forma alguma o sentido de "existir na eternidade", embora algumas versões tentem forçar esse significado. Em *1 Coríntios 11:7*, Paulo diz que o homem não deve cobrir a cabeça, pois ele é a imagem e a glória de Deus. O verbo "é" aqui é uma forma do mesmo verbo vertido "era" que descreve Jesus como "na forma de Deus". A intenção de Paulo não era introduzir o vasto tema de um segundo membro eternamente divino da Trindade que se tornou homem, mas ensinar a importante lição da humildade, com base no exemplo do Jesus histórico. Não há provas claras nesta passagem de que Paulo era um trinitário que acreditava na doutrina tradicional da incarnação.

Sugerimos a seguinte tradução do original *Filipenses 2:5-8*: "*Adote a mesma atitude do Messias Jesus: que, embora tendo status divino, não considerou sua igualdade com Deus algo a ser explorado em seu próprio benefício, mas o fez nada correspondente à sua posição, assumindo o papel de escravo e sendo como os outros homens. Parecendo ser um homem comum, ele se humilhou sendo obediente até a morte, até mesmo a morte por crucificação*". Não há nada no texto que nos obrigue a pensar em um ser pré-existente.

A exaltação do Messias à direita de Deus é o cumprimento do *Salmo 110:1*. Tem sido bem argumentado que o texto deveria ser: "*no nome de Jesus todo joelho se dobrará*…" e não "***ao*** nome de Jesus…" (*Filipenses 2:10*). Assim, a suprema exaltação de Jesus à direita do Pai não altera o fato de que tudo o que Jesus realizou foi para a glória de Deus. O senhor à direita de Deus, deve ser lembrado, é "*adoni*" ("senhor"), que nunca é o título da Deidade.

Colossenses 1:15-17

Para enfatizar a posição exaltada do Messias ressuscitado, a sua autoridade sobre todos os rivais e a sua posição suprema no plano de Deus, Paulo escreveu ao povo de Colossos o seguinte:

> "*Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele*". (*Colossenses 1:16, 17*).

Alguns consideraram esta passagem evidência suficiente para derrubar tudo o que Paulo disse em outras partes do credo cristão sobre a crença em "um só Deus, o Pai". Alguns pontos devem ser observados. O estudioso trinitarista *James Dunn*, falando sobre a passagem acima em *Colossenses 1:15-20*, faz uma observação crucial:

> Devemos compreender o fato de que Paulo não estava procurando fazer com que os homens acreditassem num ser pré-existente. Ele não teve de estabelecer a viabilidade de falar a partir da sabedoria pré-existente. Essa linguagem era comumente usada, era um terreno familiar e, sem dúvida, familiar para a maioria dos leitores. Ele também não estava argumentando que Jesus era um ser pré-existente específico... o que ele estava dizendo é que a sabedoria, seja qual for o significado exato desse termo para seus leitores, é agora mais plenamente expressa em Jesus - Jesus é a personificação completa do divino. sabedoria; toda a plenitude divina habitava nele. O erro que muitos cometem (inconscientemente) é inverter o argumento de Paulo e fazê-lo apontar na direção errada. Como a linguagem que parece prever seres divinos preexistentes é estranha aos nossos ouvidos, é fácil assumir (através de uma transferência ilegítima de pressupostos do século XXI para o século I) que esta é a razão pela qual a linguagem foi usada (para promover crença em intermediários divinos pré-existentes) e que Paulo estava tentando identificar Cristo com ou como algum desses seres. **[16]**

Citamos longamente o *Professor Dunn* por causa de sua importante declaração sobre o perigo de ler Paulo como se ele estivesse familiarizado com as decisões muito posteriores dos concílios da igreja. Paulo deve ser lido em seu próprio contexto hebraico. *Dunn* não escreve como um antitrinitário. Mas ele não encontra apoio para a Trindade nesta passagem. Ele continua:

> Mas o modo de falar de Paulo está condicionado, é claro, pelos pressupostos culturais e cosmológicos do seu tempo. Portanto, ele não estava defendendo a existência de seres divinos pré-existentes ou a existência de qualquer ser divino em particular... e o sentido é dada a compreensão da sua linguagem dentro do monoteísmo judaico, que Jesus deve ser visto como o sábio ativo. de Deus, como a sabedoria e personificação da sabedoria de Deus mais plenamente do que em qualquer manifestação anterior da mesma sabedoria, seja na criação ou na aliança. **[17]**

A análise de *Dunn* é suficiente para mostrar que esta passagem das Escrituras não estabelece a crença numa Deidade de duas ou três pessoas. Alguns pontos adicionais devem ser feitos. Paulo chama especificamente Jesus de primogênito de toda a criação. Tomada em seu sentido natural, a expressão primogênito exclui a noção de um ser eterno e incriado. Para nascer é necessário um começo. O primogênito de Deus é o "*mais elevado do que os reis da terra*" (*Salmo 89:27*). Paulo usa um título messiânico bem conhecido. Jesus, na mente de Paulo, não é Deus, mas o Messias – e há uma enorme diferença.

De acordo com muitas traduções, Paulo diz que "*Porque nele* [o Messias] *foram criadas todas as coisas que há nos*". As preposições em *Colossenses 1:16* precisam ser traduzidas com exatidão (como são vistas nas versões marginais das Bíblias padrão). O que Paulo realmente escreveu foi que "todas as coisas" – neste caso tronos, domínios, governantes e autoridades" – foram criadas "em" Jesus, "através" dele e "para" ele. Isso não significava que Jesus fosse o criador mencionado no versículo inicial do Gênesis, mas sim que ele era o centro da hierarquia cósmica de Deus. Todas as autoridades estariam sujeitas ao Filho, que em última análise estaria sujeito ao seu Pai, o principal a quem ele deve lealdade, para que "*Deus* [o Pai] *seja tudo em todos*" (*1 Coríntios 15:28*). **[18]** Seria estranho dizer que Jesus criou todas as coisas para si mesmo (*Colossenses 1:16*). A questão é antes que Deus criou todas as coisas com Jesus em mente, tendo ele como a razão da criação e, portanto, para ele. Como primogênito, Jesus é o herdeiro do universo que Deus trouxe à existência com Seu Filho prometido como o herdeiro designado da criação. Paulo está focando nesta passagem na nova criação iniciada pela ressurreição de Jesus, que é o primogênito dos mortos (*Colossenses 1:18*). A referência à criação de autoridades angélicas não implica a existência de Jesus no momento da criação original. Como sempre, o contexto é o fator importante na interpretação. O foco de Paulo nesta passagem está na "herança", "no reino" e nas "autoridades" (*Colossenses 1:12, 13, 16*). Isto sugere

fortemente que ele tinha em mente a direção do Messias sobre toda a criação como a nova ordem que Deus tinha em mente desde o início, e da qual Jesus, como o primogênito, é o cabeça designado.

Expressões que, como diz *Dunn*, soam remotas aos ouvidos do século XXI e, portanto, necessitam especialmente de um tratamento cuidadoso, não fornecem nenhuma base para a crença na preexistência de Jesus. Paulo acreditava que Deus planejou que o Messias tivesse preeminência sobre tudo o que havia sido criado, visível ou invisível, no céu ou na terra, fossem tronos, domínios, governantes ou autoridades. Jesus foi o ponto de partida de toda a atividade criativa de Deus – a chave para todo o propósito de Deus, bem como a personificação da sabedoria de Deus. O Messias, porém, não era um ser eterno, mas uma pessoa humana a ser revelada no tempo determinado, agora qualificado como o primogênito dos mortos, para liderar a nova ordem (*Efésios 1:10*).

1 Coríntios 10:4

Muitos crentes na preexistência pessoal de Jesus apelaram para as palavras do apóstolo em *1 Coríntios 10:4*, onde ele diz dos israelitas no deserto que todos beberam "*E beberam todos de uma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo*" Como afirma *John Cunningham*:

> Argumenta-se a partir deste texto que Cristo acompanhou pessoalmente o povo de Israel enquanto eles viajavam pelo deserto até a terra prometida. Para testemunhar esse tema, são citados *Deuteronômio 31:4* e *Salmos 18:2* porque Yahweh (Deus) está ali, nesses textos, descrito como uma rocha. Argumenta-se que, uma vez que Deus é a rocha e Cristo é também a rocha que acompanhou Israel, Cristo deve, portanto, ser Yahweh ou o Deus do AT. **[19]**

Um texto que sonda a atividade de Deus ao longo dos tempos diz: "*HAVENDO Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho*" (*Hebreus 1:1, 2*). Isto parece confirmar que até ao seu nascimento humano Jesus não era nem o Filho de Deus nem o mensageiro de Deus ao homem. Este mesmo livro de Hebreus aponta que a Palavra foi falada através de anjos nos tempos do AT (*Hebreus 2:2*). Se a mensagem para Israel foi através do mesmo Jesus pré-existente que se tornou homem, o escritor deste livro do NT parece não ter tal informação. Certamente muitas mensagens foram dadas através de profetas e anjos, mas nunca houve um indício de que a mensagem do AT fosse transmitida através de alguém que mais tarde veio a ser identificado como o Filho.

1 Coríntios 10:4 tomado por si só, sem considerar seu contexto ou o uso de formas de pensamento hebraicas por Paulo, poderia sugerir que Cristo estava vivo antes de seu nascimento. Existem inúmeras outras Escrituras nas quais os anjos foram os instrumentos usados para transmitir as mensagens de Deus a Israel. Estêvão fala de Moisés e da promulgação da lei: "*Este é o que esteve entre a congregação no deserto, com o anjo que lhe falava no monte Sinai... o qual recebeu as palavras de vida para no-las dar*" (*Atos 7:38*). *Atos 7:35* afirma que eles receberam a Lei enquanto foram ordenados por anjos e ainda assim não a guardaram. Paulo também fala do papel dos anjos em contraste com um revelador posterior chamado de "descendência" (o Messias): "*Logo, para que é a lei? Foi ordenada por causa das transgressões, até que viesse a posteridade a quem a promessa tinha sido feita; e foi posta pelos anjos na mão de um medianeiro*" (*Gálatas 3:19*). Paulo prossegue confirmando a singularidade do Deus unipessoal: "*Ora, o medianeiro não o é de um só, mas Deus é um*" (*Gálatas 3:20*). Fica claro em cada uma dessas passagens que a entrega da Lei por meio de anjos constitui uma parte importante do argumento. Mas deve-se notar que o tema comum é a superioridade do Evangelho sobre a Lei. A Lei foi mediada apenas por anjos, mas a boa notícia (o Evangelho) foi trazida pelo Filho de Deus e é, portanto, incomparavelmente superior. Paulo certamente não acreditava que Jesus fosse um anjo pré-existente.

Cristo não poderia ter participado em dar a Lei a Israel ou em liderar os israelitas no deserto. O uso que Paulo faz da palavra "semente" ou descendência é muito significativo. A "semente" – identificada como Cristo – ainda não havia chegado e ainda não estava ativa no serviço de Deus.

É claro que para Paulo a "semente" referida aqui e em outros lugares, a semente de Abraão (*Gênesis 22:18*), a semente de Judá (*Gênesis 49:10*) e a semente de Davi, **[20]** significam especificamente Jesus, o Cristo, o descendente prometido dos patriarcas e de Davi. *Romanos 1:3* contém uma referência direta à origem de Cristo como o Filho de Deus. O Evangelho sobre "*seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne*". A repetida insistência num Filho que nasceu de uma mulher e que era descendente de um ser humano é incontornável. O Messias surgiria da raça humana. Isto é exatamente o que os judeus daqueles dias e a Igreja primitiva acreditavam e esperavam. Se Paulo falasse que o Messias estava real e pessoalmente presente com Israel no deserto, já sendo o Filho de Deus, teria sido uma contradição impressionante das palavras dos profetas.

Devemos nos proteger contra uma leitura excessivamente literal e rígida de *1 Coríntios 10:4*, mantendo mentalmente em mente o uso hebraico do simbolismo e a maneira hebraica de falar. Não é incomum que a escrita use o verbo "ser" de uma forma menos que literal. Jesus disse "*Este cálice é o novo testamento no meu sangue*" (*Lucas 22:20*). O verbo "é" não implica uma identidade individual; a linguagem é figurativa: "o cálice representa o meu sangue".

O contexto imediato de *1 Coríntios 10:4* contém pistas sobre o modo como Paulo está pensando. Paulo vê a experiência de Israel no deserto como um exemplo – "tipos" ou modelos da presente experiência cristã. Como diz Paulo, "e estas coisas lhes aconteceram como exemplo ('*tipicamente*')". A passagem dos israelitas pelo Mar Vermelho foi uma "figura" do batismo cristão. O alimento "espiritual" mencionado no *versículo 3* é claramente o maná milagrosamente dado diariamente a Israel durante um período de 40 anos. Eles também beberam da "rocha espiritual".

Usar esta simples referência à rocha que seguiu Israel como prova de um Jesus pré-humano é perder o verdadeiro significado da lição de Paulo. Isto também ignora o facto de que os judeus não esperavam que o Messias fosse outra coisa senão uma pessoa humana. Uma análise mais detalhada da história do AT que Paulo tinha em mente mostra que há dois incidentes envolvendo uma rocha registados durante as viagens dos israelitas pelo deserto. É importante notar a diferença entre eles.

A primeira ocorreu logo após a milagrosa entrega do maná. Israel chegou a Refidim e imediatamente começou a reclamar da falta de água, razão pela qual Deus enviou Moisés para ferir a rocha. A água jorrou e a sede do povo foi saciada (*Êxodo 17:1-6*). A rocha atingida tipificou o fato de que Cristo, nossa rocha, seria aflito pelos pecados da humanidade. A água também prefigurou a dádiva milagrosa do Espírito Santo, a água da vida descrita por Jesus: "*Se alguém tem sede, venha a mim, e beba*" (*João 7:37*). A rocha no deserto era uma representação do Messias que ainda estava por vir como provedor do Espírito Santo.

O segundo incidente com "rocha" ocorreu no final da jornada no deserto. Novamente Israel reclamou da falta de água e novamente Deus providenciou para suas necessidades. Desta vez ele claramente instruiu Moisés a falar com a rocha, mas em sua ira Moisés desobedeceu e bateu duas vezes na rocha (*Números 20:1-12*). Ao bater na rocha em vez de falar com ela, Moisés foi culpado de destruir o significado do "tipo". A rocha em Êxodo tipificava Cristo na carne, ferido ou afligido para nos dar a água da vida, enquanto a rocha em Números tipificava Cristo, nosso Sumo Sacerdote, não para ser ferido duas vezes, mas apenas para ser chamado para nos dar a água-viva.

O primeiro incidente ocorreu no início da viagem, o segundo no final; Ambos os incidentes formam uma parábola da presença contínua de Cristo com o seu povo durante as suas "peregrinações pelo deserto", as jornadas cristãs em direção à terra "prometida" do Reino de Deus.

Os dois incidentes que vimos ocorreram em locais completamente diferentes e há uma palavra hebraica diferente para "rocha" usada em cada local. Em *Êxodo 17* a palavra é "*tsur*", e em *Números 20* é "*sela*". O

que então Paulo quis dizer quando afirmou que "*Eles beberam daquela rocha espiritual que os seguia*"? Obviamente, uma rocha literal não acompanhou Israel através do deserto. Uma resposta melhor é que Paulo está usando a linguagem da experiência cristã e a relendo no tipo do AT. Isto é claramente demonstrado pela sua referência ao batismo no início da sua discussão. Os israelitas não foram literalmente batizados. Na verdade, somos informados de que a água não chegou perto deles, eles caminharam em terra firme pelo Mar Vermelho. Mas esta experiência dos israelitas é um paralelo suficientemente próximo para Paulo dizer que eles foram "batizados em Moisés". Da mesma forma, a rocha não os seguiu literalmente. Ela foi simplesmente um "modelo" ou "tipo" de Cristo que acompanha os cristãos ao longo da vida. Na verdade, isso é exatamente o que o próprio Paulo afirmou: "*Ora, tudo isto lhes sobreveio como figuras*" (*1 Coríntios 10:11*).

A evidência é demasiado insignificante para apoiar a ideia de que Paulo estava a tentar introduzir um novo dogma sobre um Deus/homem pré-existente. Isto entraria em conflito com as suas próprias declarações registadas em outro lugar sobre como Cristo veio à existência. Se ele estivesse propondo que o Messias era verdadeiramente uma pessoa coigual a Deus, um afastamento tão radical da sua herança judaica teria exigido muito mais elaboração.

Devemos nos proteger contra o erro de ler a tradição trinitária posterior na literatura hebraica do primeiro século. A verdade sobre a identidade e origem de Jesus deve basear-se estritamente nas informações disponíveis nos escritos da igreja primitiva, conforme registado nas Escrituras. É muito fácil cair na armadilha de ler as Escrituras através de lentes coloridas com doutrinas formuladas entre os séculos II e V.

Existem diferentes profecias a respeito de Jesus no AT, mas nenhuma o leva para fora dos limites de sua família humana. Muitos concordarão que a primeira profecia a respeito da vinda do Salvador aparece em Gênesis, onde Deus disse à serpente: "*E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar*" (*Gênesis 3:15*). Seria claramente o descendente humano de Eva quem acabaria por subjugar a serpente ou Satanás. Tanto judeus como cristãos acreditam que esta profecia se cumpriria no Messias; mas nenhum dos dois encontra o Messias já vivo neste texto sobre o Messias.

Quando ouvimos Paulo pregar ao mundo gentio representado pelos homens de Atenas, as suas palavras lembram-nos de um profeta do AT. Referindo-se ao único Deus de Israel, ele diz: "*O Deus que fez o mundo e tudo que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens*" (*Atos 17:24*). Isso é semelhante à declaração de Isaías: "*Assim diz o SENHOR, teu redentor, e que te formou desde o ventre: Eu sou o SENHOR que faço tudo, que sozinho estendo os céus, e espraio a terra por mim mesmo*" (*Isaías 44:24*). Interferir neste monoteísmo judaico fundamental e introduzir outra pessoa não criada como um agente ativo na criação de Gênesis é ofensivo à crença evidente de Paulo nos dogmas básicos da teologia judaica, principalmente no seu inflexível monoteísmo unitarista.

Foi somente no século IV, mais de trezentos anos após a morte do fundador do Cristianismo, que os oficiais da Igreja consideraram necessário formular oficialmente o Dogma Trinitário e impô-lo aos crentes como uma condição formal para serem membros da Igreja e para salvação.

Devemos perguntar como e por que isso aconteceu. Muitos cristãos atuais tinham pouca informação sobre a história do desenvolvimento do credo trinitário. Se nem Jesus nem Paulo alguma vez abandonaram a crença no conceito do AT de Deus como uma única pessoa, como então surgiu a crença numa Deidade de duas ou três pessoas? A história do surgimento deste novo, estranho e extremamente influente sistema de crenças é surpreendente.

Notas Finais

[1] Isto é claramente demonstrado pelas suas declarações em *1 Coríntios 8:4-6; Efésios 4:6 e 1 Timóteo 2:5*. Noutras áreas da sua teologia, como a relação da lei com a nova comunidade judaica/gentia. Paulo afasta-se claramente da sua visão farisaica. Como fariseu, não poderia ter escrito *Gálatas 3 e 4*. Sob a inspiração de Jesus ressuscitado, declara que a Lei de Moisés era temporária. A desconsideração de Paulo da legislação mosaica sobre a circuncisão deixa o mesmo ponto forte e claro.

[2] "*The Doctrine of the Person of Christ*" (A Doutrina da Pessoa de Cristo) (Duckworth, 1925), 48**.**

[3] "*A Pilgrim's Further Progress: Dialogues on Christian Teaching*" (O Progresso Adicional de um Peregrino: Diálogos sobre o Ensino Cristão) (Blackwell, 1943), 40-42.

[4] *Bishop Hurd*, "*Sermons Preached at Lincoln's Inn*" (Sermões pregados no Lincoln's Inn), 2:287, citado por John Wilson en "*Unitarian principles Confirmed by Trinitarian Testimonies*" (Princípios unitários confirmados por testemunhos trinitários), 321.

[5] "*God in Three Persons*" (Deus em três pessoas) (Tyndale House Publishers, 1984), 24.

[6] *Ibid.*

[7] *Ibid.* 26

[8] *Ibid*

[9] *Ibid*., 27.

[10] Citado por *Pinchas Lapide*, "*Jewish Monotheism and Christian Trinitarian Doctrine*" (Monoteísmo Judaico e Doutrina Trinitária Cristã), 40.

[11] *Ibid.*

[12] *C.B. Sanford*, "*The Religious Life of Thomas Jefferson*" (A vida religiosa de Thomas Jefferson), 88, 89.

[13] "*Christology in the Making*" (Cristologia em formação), 125

[14] *Ibid*., 128.

[15] Em *Filipenses 2:7* não se fala em nascer. A palavra "*genomenon*" significa simplesmente "vir a ser". Jesus assumiu a condição de servo e apareceu como um homem comum.

[16] "*Christology in the Making*" (Cristologia em formação), 195

[17] *Ibid*., 195, 196.

[18] Notamos que de acordo com *JHMoulton, ed*. "*Grammar of the New Testament Greek*" (Gramática do Grego do Novo Testamento) (T&T Clark, 1963), *Colossenses 1:16* deveria ser traduzido como "*por causa dele* [Jesus]…" (3:253). Isto dá um significado diferente comparado a "por ele..." Observe também o "*Expositor's Greek Commentary*" (Comentário Grego do Expositor) (*ed. W. Robertson Nicoll*, Grand rapids: Eerdmans, 1967) sobre este versículo: de carro: Isto não significa "por ele..." Os tradutores parecem ter prestado pouca atenção a estas autoridades.

[19] "*That Rock Was Christ*" (Aquela Rocha Era Cristo) Restoration Fellowship, 1981. Estamos em dívida com este escrito pela substância do argumento, bem como com a "*Christology in the Making*" (Cristologia em formação) de *James Dunn*, 1°3, 184.

[20] *2 Samuel 7:12-14 com Isaías 11:1; Romanos 1:3; 2 Timóteo 2:8.*

V. DO MUNDO HEBRAICO DA BÍBLIA AO SÉCULO XX VIA FILOSOFIA GREGA

"Os escritos post-apostólicos estão misturados com ideias estranhas ao cristianismo apostólico. Isto é inadvertidamente distorcido e falsificado" – *G.T. Purves*

> Para estudar corretamente a disciplina conhecida como filosofia, não basta apenas aprender aquilo em que os grandes pensadores acreditavam. Tens de aprender a pensar por ti próprio. E só aceitará uma coisa se – *depois de a ter pensado bem* – ela lhe parecer correta. Então estarás a fazer e não apenas a aprender filosofia; serás um filósofo. **[1]**

Este excelente conselho se aplica igualmente ao estudo da teologia. Leva-nos a refletir sobre a questão crítica das mudanças ocorridas no cristianismo apostólico quando, a partir do século II, a fé passou a acomodar-se ao seu ambiente greco-romano. O próprio Cristianismo Bíblico, apesar das diferenças de importância dentro do cânon do NT, apresenta uma "filosofia". Ele afirma ser capaz de definir o que é de valor final (por exemplo, "*Buscai primeiro o Reino de Deus*", *Mateus 6:33*; "*há um só Deus, o Pai… e um só Senhor, Jesus Cristo*", *1 Coríntios 8:6*, etc.); oferece um relato do significado da existência e de um propósito divino Supremo que se desenrola na história. Nosso interesse, no entanto, é explorar a questão de até que ponto a genuína "fé, uma vez entregue aos santos", que Judas exortou seus contemporâneos a não abandonarem (*Judas 3*), pode ter sofrido gradual e frequentemente, impercetivelmente, uma alteração radical sob a influência de filosofias estranhas. Se tal processo ocorresse, pareceria estar em harmonia com uma filosofia de "busca da verdade" procurarmos recuperar o que foi perdido ou obscurecido.

Os não-trinitarianos têm sido frequentemente identificados como "hereges", que se inclinam, em vez disso, a acusar a ortodoxia de ter mudado de rótulo. No entanto, vários comentadores do mesmo campo ortodoxo soaram o alarme de que nem tudo pode estar bem numa situação em que "os cristãos se adaptaram à cultura [helenística] para sobreviverem e num esforço para ganharem convertidos". **[2]** *Eberhard Griesebach*, numa palestra académica sobre "Cristianismo e Humanismo", proferida em 1938, observou que "no seu encontro com a filosofia grega, o Cristianismo tornou-se teologia. Essa foi a queda do Cristianismo." **[3]**

O problema assim destacado surgiu do fato de que a ortodoxia tradicional, embora afirme encontrar suas origens nas Escrituras, na verdade contém elementos extraídos de uma síntese das Escrituras e do neoplatonismo. **[4]** A mistura do pensamento hebraico e grego foi posta em movimento pela primeira vez no século II pelo influxo do helenismo através dos Padres da Igreja, cuja teologia foi influenciada pelos platônicos *Plotínio* e *Porfírio*. **[5]** Os efeitos da influência grega são amplamente reconhecidos pelos teólogos, embora passem despercebidos por muitos crentes.

G.A.T. Knight afirma que:

> Muitas pessoas hoje, mesmo as pessoas crentes, estão longe de compreender a base da sua fé... elas dependem inconscientemente da filosofia dos gregos em vez da Palavra de Deus para uma compreensão do mundo em que vivem. Um exemplo disso é a crença predominante entre os cristãos na imortalidade da alma. Muitos crentes perdem a esperança neste mundo; perderam a esperança de encontrar algum sentido num mundo onde o sofrimento e a frustração parecem reinar. Assim, procuram um alívio para as suas almas do peso da carne e esperam uma entrada no "mundo do espírito", como o

> chamam, um lugar onde as suas almas encontrarão a felicidade que não conseguem descobrir na carne. O AT, que era obviamente as Escrituras da Igreja primitiva, não tem exatamente uma palavra para a ideia moderna (ou grega antiga) de alma. Não temos o direito de ler esta palavra moderna na palavra "Psique" de São Paulo, porque com ela ele não estava expondo o que Platão queria dizer com esta palavra; ele estava expressando o que Isaías e o que Jesus quis dizer com isso... há uma coisa certa que podemos dizer neste momento e é que a doutrina popular da imortalidade da alma não pode ser rastreada até o ensino bíblico. **[6]**

Apesar destas advertências, no entanto, a pregação popular, que reivindica o nome de Cristo, continua a promover precisamente a doutrina da fuga para o céu por ocasião da morte como uma alma desencarnada.

A reclamação de que as Escrituras são constantemente lidas através de óculos tingidos de neoplatonismo também foi feita por *Neil Hamilton*, cuja preocupação era com relação ao efeito do pensamento grego em nossa leitura da escatologia bíblica (doutrina sobre o futuro): "Minha impressão é que o consenso de opinião na Igreja é ainda mais controlado por uma ideia extra cristã da imortalidade da alma do que por qualquer conceição formada após ouvir fielmente o testemunho do NT." **[7]**

A evidência alerta-nos que novas camadas de significado foram sobrepostas aos documentos bíblicos. O processo deve resultar numa perda progressiva do vínculo que nos liga à intenção original dos escritores bíblicos. É evidente que, se transferirmos um determinado termo para um novo contexto linguístico, existe um grave perigo de que o seu significado se perca completamente. Na verdade, a "história" da Bíblia poderia assim ser transformada de forma quase irreconhecível. Surge a questão de saber até que ponto estamos a ouvir bem a voz dos Apóstolos, especialmente se não tivermos consciência da tensão que a nossa herança grega profundamente influente impõe à nossa leitura das Escrituras.

A tradução da Bíblia para a linguagem do neoplatonismo parece ter afetado alguns dos principais termos que tratam da visão bíblica do homem. Também tem havido trabalho para obscurecer a visão bíblica de Cristo e, portanto, da própria Divindade. A questão é crítica uma vez que os credos que definem a Trindade para a posteridade foram formados num ambiente greco-romano.

Os Temas Cristológicos Mais Amplos

O ímpeto para esta exploração do retrato bíblico de Jesus e da sua relação com Deus surge da reflexão prolongada sobre a turbulenta história da cristologia. As descobertas dos estudiosos do desenvolvimento pré-Niceno da doutrina de Cristo muitas vezes sugerem que uma influência corruptora estava em ação na fé cristã à medida que ela passava do refúgio do seu ambiente hebraico original para a atmosfera ameaçadora da filosofia grega. A transição pode ter envolvido muito mais do que simplesmente uma repetição legítima da verdade bíblica para os crentes gentios. O Cristo dos concílios da igreja dos séculos IV e V emergiu como uma figura essencialmente diferente daquele Jesus que os escritores do NT proclamaram, com testemunho unido, como o Messias prometido em quem o propósito de Deus para o mundo seria cumprido.

Uma série de citações marcantes ilustrarão o ponto de que nem tudo estava bem com a fé quando ele sucumbiu às tentações de tomar emprestados conceitos religiosos do seu ambiente pagão. *LW Grensted*, escrevendo em 1933, observou sobre o desenvolvimento do Cristianismo que:

> A herança da filosofia entrou de forma mais insidiosa. No segundo século encontramos *Justino Mártir* e outros proclamando o Cristianismo como a filosofia das escolas... o "*logos*" do Estoicismo é identificado com o Logos de João... a crescente série de fantasias... ainda permanecia um perigo real, e assim permanece até os dias atuais...,

> entretanto, e o mais grave de tudo, uma confusão radical caiu sobre a doutrina de Deus. O Deus pessoal do Judaísmo fundiu-se de maneira muito imperfeita com os semideuses da religião popular grega e com as abstrações metafísicas pelas quais os filósofos procuraram tornar adequado o conceito de Deus como base para o pensamento e a existência. **[8]**

A cristologia não ficou intocada pela reestruturação da doutrina de Deus, mas pode o NT, com a sua herança nos profetas de Israel, ser invadido pela filosofia grega sem a perda de um elemento essencial? A preocupação de *Filson* fica evidente na seguinte fala:

> O principal parentesco do NT não é com o ambiente gentio, mas sim com a herança e o ambiente judaico de que falamos na primeira metade desta leitura. Muitas vezes somos levados pelos nossos credos e teologias tradicionais a pensar em termos ditados pelos conceitos gentios e especialmente pelos conceitos gregos. Sabemos que, o mais tardar no século II, começou um esforço sistemático por parte dos Apologistas para mostrar que a fé cristã aperfeiçoou o que havia de melhor na filosofia grega... o NT sempre fala com desaprovação e geralmente com denúncia franca dos cultos e filosofias gentílicas. Isto coincide essencialmente com a crítica judaica ao mundo pagão. **[9]**

Dúvidas sobre a forma como a filosofia grega prejudicou a fé são bastante comuns. As advertências de *Norman Smith* estão entre as mais francas:

> Sempre houve judeus que procuraram estabelecer relações com o mundo gentio, e isto significou, ao longo do tempo, a morte do judaísmo **por** causa disso. Houve cristãos desde o início que procuraram fazer isso. Muitas vezes isso tem sido feito inconscientemente, mas seja consciente ou inconscientemente, é preciso enfrentar a questão de saber se isso é correto. Nossa posição é que a reinterpretação da teologia bíblica em termos das ideias dos filósofos gregos tem sido difundida ao longo dos séculos e em todos os lugares destrutiva para a essência da fé cristã... toda a Bíblia, o NT como o AT, é baseada sobre a atitude e abordagem hebraica. Somos da firme opinião de que isto deve ser reconhecido por todos em larga escala. É claro para nós, e confiamos ter deixado claro nestas páginas para outros, que muitas vezes há uma grande diferença entre a teologia cristã e a teologia bíblica... *Nem a teologia católica nem a protestante são baseadas na teologia bíblica*. Em cada caso, temos um domínio da teologia cristã pelo pensamento grego... afirmamos que não pode haver resposta correta [para a questão, o que é o cristianismo?] até que tenhamos chegado a uma visão clara das ideias distintivas do AT ... e o NT, das ideias pagãs que dominaram o pensamento cristão por tanto tempo. **[10]**

Os escritores contemporâneos sobre cristologia poderiam encontrar-se num de dois campos. O primeiro mantém incondicionalmente a visão dita ortodoxa da pessoa de Cristo, apesar dos enigmas da figura ou personagem que descrevem:

Jesus... poderia ter sido "o Filho único" ("unigênito" significa único), e o verdadeiro representante do homem, "Deus perfeito e homem perfeito", com duas "naturezas" em uma "pessoa", sem confusão, mudança, divisão ou rutura (uma citação da decisão doutrinária do Concílio de Calcedônia) [451 d.C.]. Jesus era "homem", não "um homem"; seu ego, personalidade, era divino, pré-existente, revestido e operando em um corpo humano; ele "entrou na história, não saiu dela"; Ele era Deus trabalhando em e através de um homem, não um homem elevado a um nível divino. A sua masculinidade foi total e completa,

ele estava completamente "integrado", embora sujeito às limitações de um judeu da sua idade e posição... O precedente pode nos parecer algo árido, académico e recôndito. Este é o resultado da nossa abordagem, a da mente grega... Jesus e os seus discípulos não só aceitaram o monoteísmo judaico sem questionar; Ele reafirmou isso expressamente (Marcos 12:29 e seg.). A crença num só Deus, o Criador, é, portanto, o fundamento da fé cristã, e devemos descartar inicialmente qualquer ideia de que a doutrina da Trindade a abandone ou modifique. **[11]**

Por outro lado, muitos no curso da história cristã têm se perguntado se tais definições "ortodoxas" da pessoa de Cristo podem ser tão facilmente associadas ao credo claramente unitário de Jesus, conforme citado por *Marcos* (*12:29* e seg.). O estudioso católico romano contemporâneo *Thomas Hart* examina a cristologia ortodoxa com o lembrete de que:

> Jesus é chamado de homem no sentido genérico, mas não de homem. Ele tem uma natureza humana, mas não é uma pessoa humana. A pessoa nele é a segunda pessoa da Santíssima Trindade. Jesus não tem um centro humano pessoal. É assim que o Concílio [de Calcedônia] sai do problema da dupla personalidade.

Ele continua examinando:

> As fraquezas que muitos teólogos encontram hoje no modelo calcedoniano... **1.** A natureza divina e a natureza humana não podem ser colocadas lado a lado e numeradas como se fossem quantidades semelhantes. **2.** A fórmula calcedoniana torna impossível a verdadeira humanidade. [Essa dificuldade] decorre do fato de a divindade ofuscar a humanidade e de Jesus não possuir um centro humano pessoal... **3.** A fórmula calcedoniana tem uma base escassa nas Escrituras. O Concílio chama Jesus de verdadeiro Deus. O NT evita chamar Jesus de Deus. **[12]**

O problema da linguagem

Muitos problemas surgem da proposição tradicional de que Jesus é "Deus", no sentido exigido pelos credos ortodoxos. Será que o Novo Testamento realmente nos apresenta esta definição do Salvador, ou talvez estejamos entendendo mal alguns dos dados, distorcendo assim a mensagem cristológica do NT? Existe talvez uma barreira semântica entre a nossa leitura habitual das palavras-chave do NT e a intenção original dos autores das Escrituras?

Um inglês que visita a América e comenta que está "louco por causa do seu apartamento" não deve esperar ser compreendido. A situação será um bom exemplo da "*Shaw's guip*" de que a Inglaterra e a América são dois países separados por uma língua comum. Na Inglaterra, o inglês transmitirá a noção de que está "entusiasmado com seu apartamento". Do outro lado do Atlântico, você pensaria que ele estava "chateado com o pneu furado". Uma falha semelhante na comunicação ocorre se um inglês anuncia na América que Tom e Jane "terminaram". Os americanos vão pensar que o casal terminou um relacionamento. Na Inglaterra, as mesmas palavras nos informam que o período escolar terminou.

Certa vez, perguntaram a um americano na Inglaterra: "*Do you want a pie?*" ("gostaria de um bolo?") A pergunta veio de um leiteiro que entregava leite, conhecido na Inglaterra como "*milkman*", embora a palavra tenha pouco significado na América, onde o leite é vendido nas lojas. O americano ficou surpreso com o fato de o leiteiro estar vendendo tortas até perceber que o que ele realmente estava tentando dizer, velado pelo sotaque inglês do bairro, era: "*Do you want to pay?*" (Você quer pagar?). Mais uma vez, surgiu um grave mal-entendido porque o uso das palavras por uma das partes era estranho para a outra parte a quem se dirigiam.

Um "cruzamento de limites" semelhante ocorre quando os leitores da Bíblia não estão familiarizados com a "linguagem" dos autores do NT. Isto não significa que todos precisem aprender grego. Você deve, no entanto, compreender que os cristãos hebreus do NT não usam necessariamente as palavras como fazemos neste século XXI. (Todos nós reconhecemos que mesmo desde 1611, quando a King James ou a Versão Atualizada foi traduzida, algumas palavras sofreram uma mudança completa de significado.) Dispostos a ler a Bíblia de forma inteligente, precisamos entrar no pensamento do mundo do NT. Devemos "ouvir" as palavras conforme elas são ouvidas. Se não o fizermos, poderemos interpretar mal a fé que os Apóstolos tentaram comunicar-nos. **[13]**

O termo "Deus" e o tema da Trindade em João

O que, por exemplo, os escritores bíblicos queriam dizer com a importantíssima palavra "Deus"? Será que eles queriam dizer, como definimos, um ser divino incriado que sempre existiu? Muitas vezes *Deus* é o nome do ser supremo. **[14]** Mas a palavra "Deus" tem outro significado na Bíblia?

Se informássemos que tínhamos sido apresentados ao "presidente", poderíamos pensar que havíamos conhecido o Presidente dos Estados Unidos. Por outro lado, é perfeitamente possível que o contexto do nosso comentário permita ao nosso público saber que nos referimos ao presidente do banco local. Felizmente não há espaço suficiente para erros.

Todos reconhecemos que o termo "presidente" pode ser usado em diferentes níveis. É, por assim dizer, um termo elástico capaz de se referir a pessoas em diferentes posições. A palavra em si, entretanto, é ambígua. Seu significado deve ser determinado pelo seu contexto. Não consideraríamos alguém muito inteligente se insistisse que a palavra "presidente" significa sempre e invariavelmente "Presidente dos Estados Unidos".

"Se lermos a Bíblia com a nossa convicção do século XXI de que "Deus" invariavelmente significa um ser eterno e incriado, rapidamente teremos problemas em *2 Coríntios 4:4*, onde Satanás é chamado de "Deus". A nossa teoria original sobre o termo "Deus" deve ser ajustada para permitir um significado secundário para Deus, de modo que não seja confundida com o seu uso no sentido absoluto. Em João 10:34 encontramos o plural "deuses". Um exame do contexto revelará que Jesus falou aqui dos líderes de Israel como "deuses". Eles eram os representantes de Deus a quem Deus dirigiu a Sua palavra e, como tal, receberam um título divino (*Salmos 82:6*). Mas ninguém pensaria que eles eram "Deuses" no mesmo sentido que o Deus Único. Um escritor judeu do primeiro século, Filo, fala de Moisés como "deus e rei": Não gozava Moisés de uma associação ainda maior com o Pai e Criador do universo, considerado digno do mesmo título? Pois ele foi chamado de deus e rei [*theos kai Basileus*] de toda a nação". **[15]**

As palavras de Tomé, dirigidas a Jesus em *João 20:28*, dizem: "*Senhor meu e Deus meu*". Como muitos leitores da Bíblia foram condicionados a acreditar que Jesus é "Deus" no sentido em que usamos essa palavra no século XXI, eles chegam à conclusão de que deve ser isso que Tomé quis dizer. Jesus deve, portanto, ser um ser eternamente pré-existente. Mas se Jesus é "Deus" nesse sentido absoluto, por que apenas alguns versículos antes Jesus se dirigiu ao Pai como "meu Deus", chamando-O ao mesmo tempo de "seu Deus", o Deus dos discípulos? Quando Jesus se dirigiu ao Pai como "*meu Deus*" (*João 20:17*), ele reconheceu que era inferior a Deus, o Pai. Jesus não é, portanto, Deus no sentido absoluto. Também para Tomé, Jesus é "Deus" num sentido limitado, como Messias, o agente jurídico supremo do único Deus. Aquele a quem Tomé chama de Deus é inferior ao Deus Único chamado por Jesus como seu Deus. Entendido desta forma, Jesus permanece dentro da categoria de Messias, o Filho de Deus, categoria que João impõe expressamente ao longo de todo o seu livro (*João 20:31*). Ao longo da visão cristológica de João, há dois fatos básicos principais: Jesus deve ser considerado como "Messias, Filho de Deus", enquanto o status único do Pai é preservado como "*o único Deus verdadeiro*" (*João 17:3*), e "*o único que é somente Deus*" (*João 5:44*).

De uma forma muito significativa, o Messias prometido recebeu o título de Deus no *Salmo 45:6*: "*O teu trono, ó Deus, é eterno e perpétuo*". No versículo seguinte fica claro que este "Deus Messias" foi abençoado pelo seu Deus: "*Portanto Deus, o teu Deus, te ungiu…*" **[16]** A maior honra foi dada a Jesus por Tomé quando ele se dirigiu a ele com os títulos reais messiânicos de "Senhor" e "Deus", derivados de *Salmos 45:6, 11*. A evidência do NT de que Jesus é Deus no mesmo sentido que Deus, o Pai, é realmente escassa. Se formos sensíveis às proporções do uso bíblico do termo Deus, notaremos o fato de que ele se refere ao Pai mais de 1.325 vezes no NT, enquanto "Deus" é usado para Jesus apenas duas vezes com completa certeza (outras possíveis casos em que Jesus é chamado de Deus são todos ambíguos, como é sabido, por razões gramaticais e sintáticas). Estes factos sugerem que o uso muito ocasional de "Deus" para Jesus é uma referência especial. Obviamente, então, poderia ser muito enganador dizer no século XXI que "Jesus é Deus", a menos que primeiro compreendamos em que sentido essa palavra é usada por João (e por Tomé, a quem ele relata). O uso que fazemos das palavras não deve ditar o uso da Bíblia. Não devemos simplesmente confiar no som de uma palavra sem investigar o seu significado. Acima de tudo, devemos estar dispostos a deixar sem investigação uma insistência dogmática em alguma doutrina aceita. Essa adesão inflexível à maneira como sempre acreditamos bloqueia a busca pela verdade que é a marca registada de um cristão em crescimento (*Atos 17:11*).

Estudiosos Apontam Os Efeitos Adversos Da Filosofia

O liberalismo do século XIX levantou a questão do efeito negativo da filosofia grega sobre a fé original. O famoso *Adolf Harnack* sustentou que o Evangelho tinha sido obscurecido pela sutil helenização que deu origem às formulações tradicionais sobre Cristo. O desejo de separar Jesus e os seus ensinamentos da acumulação da filosofia grega encorajou uma liberdade saudável para explorar novas ideias. Infelizmente, o liberalismo desenvolveu os seus próprios pressupostos. Podemos suspeitar que a sua teologia era por vezes mais uma tentativa de se assegurarem de que as suas próprias crenças modernas estavam refletidas nos ensinamentos de Jesus, do que um regresso bem-sucedido à fé apostólica. Parece que o mundo do pensamento hebraico da Bíblia permaneceu impopular.

O espírito da Verdade e o espírito da tolerância não devem necessariamente ser equiparados. Contudo, é provável que a verdade surja onde a tolerância encoraja a livre investigação e o afastamento dos pressupostos tradicionais. A tendência "liberal" criou uma atmosfera onde as doutrinas tradicionais poderiam ser questionadas. O processo de reavaliação de cada aspeto da crença estimulou a consideração da maneira pela qual a metafísica grega post-bíblica levou à perda do Cristo bíblico. A perda de controle exercida pelo dogma tradicional provou ser um resultado positivo de uma teologia pós-iluminista. O descontentamento com as definições nicenas/calcedonianas de Jesus surgiram repetidamente. A busca pelo Jesus da história continua em nosso tempo. Ela recebeu um novo impulso quando "*The Myth Of God Incarnate*" (O Mito do Deus Encarnado) foi publicado em 1977. **[17]**

Harnack estava certo ao apontar a problemática helenização da fé hebraica original. A incapacidade de distinguir entre o que é verdade nas Escrituras e o que é verdade na tradição levou muitos "evangélicos" contemporâneos a equiparar a oposição ao dogma da eterna divindade de Cristo com um ataque às próprias Escrituras. Os "evangélicos", embora se unam sob a bandeira da "sola scriptura", às vezes são incapazes de distinguir as Escrituras das *interpretações* tradicionais das Escrituras. *Lindbeck* soa o alarme quando aponta que "muitos protestantes bíblicos aderem ao trinitarismo post-bíblico, mas agem como se esses ensinamentos fossem eles próprios biblicamente evidentes". **[18]** A observação muito precisa de F.F. Bruce merece a maior atenção: "As pessoas que aderem à crença apenas na Bíblia (como acreditam) muitas vezes aderem, de facto, a uma escola tradicional de interpretação da "*sola Scriptura*". "Os protestantes evangélicos podem ser tão servos da tradição quanto os católicos romanos ou os ortodoxos gregos, mas simplesmente não percebem que se trata de uma tradição". **[19]**

Para *Michael Servetus* e para os anabatistas dinamarqueses liderados por *Adam Shepherd*, bem como para toda a comunidade de anabatistas poloneses, a Trindade era um desvio do monoteísmo bíblico e uma tentativa equivocada de transferir a crença apostólica em um Deus, o Pai, **[20]** dentro da linguagem da metafísica grega. Pior ainda, os credos e os Concílios de Nicéia e Calcedônia foram usados de forma coercitiva e destrutiva para forçar a crença nestes dogmas. Isto foi muito lamentável, uma vez que a terminologia da discussão da cristologia era em si uma mistura de termos ambíguos – em nítido contraste com o credo claramente unitário da Bíblia.

A liberdade de explorar fora da "tirania do dogma" (representada, por exemplo, pelo Credo Atanasiano que ameaçou a morte de setores do Trinitarianismo ortodoxo) levou à redescoberta de um elemento muitas vezes esquecido na apresentação de Cristo nas Igrejas – sua humanidade. É amplamente admitido que a compreensão tradicional de Jesus sofreu frequentemente de um "docetismo" latente (convicção de que Jesus apenas parecia ser humano), uma crença que João, o Apóstolo, apontou como um verdadeiro "Anticristo" (*1 João 4:2; 2 João 7*). Além disso, as formulações tradicionais sobre Cristo parecem demonstrar uma predileção por uma interpretação particular de *João 1:1*, com exclusão da verdadeira imagem humana apresentada por Mateus, Marcos, Lucas e Atos. Na verdade, o Evangelho de João teve mais influência na formação da cristologia. Poderia isto ter acontecido porque o estilo de escrita de João, embora muito hebraico, apelava à mentalidade especulativa grega, e poderia facilmente ser mal compreendido e distorcido pelos gentios?

Sugerimos que a tendência de obscurecer a humanidade de Cristo surgiu em oposição à afirmação central e essencialmente simples do NT da pessoa de Jesus como *Messias*, o segundo Adão, concebido sobrenaturalmente, mas vindo a existir no ventre de sua mãe. Esta visão da origem de Jesus poderíamos chamar proveitosamente, juntamente com Raymond Brown, de cristologia da Conceição." **[21]** Brown insiste que Mateus e Lucas nada sabiam sobre uma pré-existência literal do **[22]** Messias. Portanto, não poderiam ter sido trinitarianos no sentido tradicional. A conceição de Jesus para eles é o início de sua existência. O germe da teologia trinitária posterior deveria ser procurado em outro lugar e não nos relatos destes Evangelhos. Deveria (a Trindade) ser atribuída a João e Paulo? Ou a uma distorção dos seus escritos causada pela tendência especulativa da filosofia grega? Esta influência aparentemente já estava em ação quando João, escrevendo no final do primeiro século, enfatizou significativamente, contra um docetismo gnóstico incipiente, a humanidade de Jesus (*1 João 4:2; 2 João 7*). Ele veio em "*sarki*", "como uma pessoa humana", e não "dentro de um corpo humano", o que é uma questão muito diferente. João parece estar corrigindo em sua primeira epístola um mal-entendido emergente de sua doutrina do "*logos*" no Evangelho (*João 1:1-3*). Era a "vida eterna" impessoal que estava "*com o Pai*" (*1 João 1:2*) antes do nascimento de Jesus, e não o próprio Filho pré-existente. Em outras palavras, João pretendia que entendêssemos que quando o Verbo se tornou carne (*João 1:14*), a transição não foi a de uma pessoa divina se tornando uma pessoa humana, mas de uma personificação impessoal (compare, Sabedoria em *Provérbios 8:22, 30*) – A "palavra" de Deus – encarnando-se como um ser humano.

O desenvolvimento subsequente do pensamento trinitário foi estimulado por um mal-entendido da noção hebraica da "palavra" por *Justino Mártir*. Para João, "logos" não significava uma segunda pessoa na Divindade, mas sim a atividade auto expressiva de Deus. *Justino*, que, como *Platão*, estava acostumado a pensar no "*logos*" como um intermediário entre Deus e o homem, não interpreta Jesus novamente como o "*logos*" e pensa nele como o *Filho pré-existente*, um ser numericamente diferente e subordinado. pessoa. ao único Deus. Justino então passa a encontrar Jesus no AT, identificando-o até mesmo com o anjo do Senhor, antes de sua encarnação. Mesmo em Justino ainda estamos muito longe de formular o credo final do Concílio de Calcedônia. O ponto importante a ser destacado é que o Trinitarianismo desenvolvido não pode ser rastreado até o NT, através dos primeiros Pais da Igreja. Esses Padres sempre pensaram em Cristo como subordinado ao único Deus. Alguns acreditavam que o Filho teve um começo.

O ponto em que a filosofia grega foi capaz de interferir no ensino bíblico foi o Evangelho de João e particularmente o seu prólogo. Uma má compreensão do Evangelho de João levou à projeção de Jesus de

volta para o "logos" pré-existente. Assim, a simples cristologia messiânica dos sinópticos e também de João (desde que não seja lida numa perspetiva grega especulativa) foi obscurecida. Tem sido tarefa dos teólogos do "*Myth Of God Incarnate*" (Mito de Deus Encarnado) de Cambridge levantar a questão até que ponto a pré-existência de Jesus é provavelmente na maioria, ou talvez em todos os casos, para ser entendida na analogia da pré-existência da "Torá", para indicar o propósito eterno de Deus sendo realizado através Dele [compare, *1 Pedro 1:20*], em vez da preexistência de um tipo completamente pessoal." **[23]**

Se esta for a leitura correta, então a observação de *John Robinson* sobre o tratamento dado pelos Padres a São João está correta:

> A teologia patrística de qualquer escola abusou destes textos [joaninos], tirando-os do seu contexto e dando-lhes um significado que João nunca pretendeu para eles. A linguagem funcional sobre o Filho e o Espírito sendo enviados ao mundo pelo Pai foi transposta para aquelas das relações eternas e internas entre as Pessoas na Divindade e termos como "geração" e "processão" foram convertidos em termos técnicos que o uso de o NT simplesmente não os justificará. **[24]**

As queixas sobre o mau tratamento do conceito da "palavra" de João têm sido muitas vezes fechadas na obscuridade. Chegou a hora de algumas vozes significativas serem ouvidas. Em 1907, o professor de Teologia Sistemática em Jena, Alemanha, produziu o seu "*System der Christlichen Lehre*" (Sistema de leitura cristã), o culminar de uma vida inteira de reflexão sobre a natureza da fé cristã. Na companhia de muitos dos mais ilustres comentadores posteriores, o professor coloca o dedo no problema trinitário que surge quando a "Palavra" de *João 1* é tratada como uma segunda *Pessoa ou um Ser* pré-existente, em vez de um sinónimo da sabedoria e do propósito criativo do único Deus. Não se encontra trinitarismo no prólogo de João se a "Palavra" receber um "p" minúsculo e se for pensada como uma forma de descrever a intenção ou o Plano de Deus, e não (nessa fase) o *Filho* de Deus.

Hans Wendt, de Jena, submete o problema a uma análise aguçada. Ele demonstra que quando a "palavra" é entendida no sentido hebraico como a obra criativa de Deus – com base em seu aparecimento consistente nesse sentido no Antigo Testamento – não há justificativa alguma para pensar que João quis dizer: "No princípio era o Filho coeterno de Deus e o Filho estava com o Pai e o Filho era Deus". Tal interpretação apenas confunde o grande princípio central de toda revelação de que Deus é uma pessoa singular. Se o Verbo é o Filho numa condição pré-humana, então tanto o Pai como o Filho têm igualmente o direito de serem considerados a Deidade suprema. Este desenvolvimento, no entanto, desferiu um golpe fatal no monoteísmo da Bíblia Hebraica, aquele monoteísmo que Jesus confirmou publicamente (*Marcos 12:28, 29*) na presença tanto de um teólogo curioso como do seu próprio círculo de discípulos. Se a "palavra" em *João 1* for entendida como significando "a palavra de Deus", fica claro que João tinha em mente a palavra criativa de *Gênesis 1:1-3, Salmo 33:6,9; 119:103-105*. Foi dado um passo fatal, diz o professor *Wendt*, quando a "palavra" do prólogo de João foi entendida, não em termos do seu antecedente hebraico, mas no sentido alexandrino e filónico como um intermediário entre Deus e o homem.

> As frases iniciais do Evangelho de João, que poderiam soar como a filosofia de Fílon, poderiam ser compreendidas por um judeu ou cristão instruído sem qualquer referência a Fílon. Portanto, não devemos argumentar com base no significado que Fílon deu à "palavra" como uma hipóstase que João também quis dizer com "palavra" uma personalidade pré-existente. No restante do Evangelho e em *1 João*, a "palavra" nunca deve ser entendida num sentido pessoal... ela significa, em vez disso, a "revelação" de Deus que havia sido anteriormente dada a Israel (*10:35*), foi veio aos judeus na Sagrada Escritura (*5:38*) e que foi confiada a Jesus e dada aos seus discípulos (*8:55; 12:48; 17:6,8, 14,17; 1 João 1:1*) e que agora seria preservado por eles (*1 João 1:10; 2:5, 14*). A maneira um tanto personificadora pela qual *a palavra* é mencionada como vindo

> a este mundo (1:9-14) é típica do estilo personificador das referências da *palavra* no AT (*Isaías 55:11; Salmos 107:20; 147: 15*; compare, *2 Tessalonicenses 3:1*). Não pode ser provado que o autor do prólogo acreditasse que a palavra fosse uma pessoa real. Somente o Jesus histórico e não a palavra original é considerado o Filho (*João 1:14, 18*). Mas neste Filho a revelação eterna de Deus habitou e operou. **[25]**

O professor *Wendt* prossegue apontando que a aparente ligação de João com Fílon não deveria ser explicada pela sua adoção da ideia filosófica de Fílon sobre a *palavra*. O facto é que o Apóstolo está a tentar refutar a intrusão da filosofia de Fílon pelos representantes da escola Alexandrina que anteriormente se opunham à verdade com as suas especulações (compare, *Atos 18:24-28*). Juan dirigiu-lhes o seu prólogo. A ironia da história é que a ortodoxia eventualmente cai por causa da própria especulação filosófica verdadeira. Eles propuseram um "segundo Deus" pré-existente e usaram João para apoiar este afastamento do monoteísmo! As traduções modernas do prólogo com sua palavra P maiúsculo e o uso de pronomes masculinos para "*logos*" são um testemunho permanente da filosofia filónico grega que confundiu a fé hebraica do NT. João foi distorcido e incompreendido e a vítima foi o monoteísmo unitarista de Jesus e seus seguidores (*João 5:44; 17:3*).

A análise contundente do *professor Wendt* merece a maior atenção:

> A partir da época de Justino, a cristologia do logos tornou-se dominante na teologia cristã... este ensino do "*logos*" criou contato e concordância com a filosofia da Antiguidade Tardia. O principal problema para isso era como determinar a relação do mundo material inferior com o mundo transcendental de Deus e do espírito. Para resolver este problema, foi proposta a existência de "seres médios". Esses seres eram emanações da divindade e representavam meios graduais pelos quais a lacuna entre Deus e o homem poderia ser preenchida. A especulação cristã sobre o "*logos*" como intermediário na criação estava diretamente relacionada com esta especulação filosófica helenística, uma vez que oferecia uma solução semelhante para o mesmo problema cosmológico..., mas a combinação da filosofia cosmológica com interesses religiosos e soteriológicos continha um eu interno -contradição. Se o ensino do logos oferecesse uma solução adequada ao problema cosmológico, o "*logos*" teria de ser apresentado como uma pessoa mediadora real, procedendo de fato de Deus, mas menos que Deus, de modo que, como mediador, o "*logos*" pudesse unir Deus ao homem. Se, por outro lado, o mediador trouxesse a salvação, então o seu ser deveria ser de igual valor com a salvação que ele traria à humanidade... ele deve ser acreditado "de um só Deus" (2 Clem. 1:1). À medida que prevalecia a opinião cosmológica ou a opinião soteriológica, enfatizava-se a distância ou a semelhança do "*logos*" com Deus. **[26]**

A contradição envolvida na especulação do "*logos*" é representada pelos argumentos opostos dos seguidores de *Ário* e *Atanásio*. Ambos os lados acreditavam que o logotipo era uma pessoa pré-existente. Mas, como observa o professor *Wendt*, esta conceição do logos como um ser pessoal levou a uma consequência perturbadora. "Quando não apenas uma pré-existência celestial pessoal, mas uma existência coessencial e eterna com o Pai foi atribuída ao Filho, a ideia da unidade de Deus foi perdida. Esta foi a queixa importante de todos os monárquicos [defensores da estrita unidade de Deus]". **[27]**

Wendt conclui em sua seção sobre "Dificuldades com os primeiros dogmas cristológicos": "O monoteísmo, que para a visão cristã de Deus não é uma questão insignificante, mas de fundamental importância, foi afetado... se o "*logos*" que pertence ao Deus eterno é uma pessoa e como tal deve ser distinguido da pessoa do Pai, surge inevitavelmente uma pluralidade em Deus e o monoteísmo puro é destruído". **[28]** Tal é o problema apresentado pelo Trinitarianismo ortodoxo.

A estreita associação de Jesus com o único Deus de Israel não levou às conclusões cristológicas dos credos. O desenvolvimento que culminou em Nicéia e Calcedônia pode ser traçado em três níveis principais. Em primeiro lugar, o "*logos*" da filosofia grega foi identificado pelos teólogos Alexandrinos com o Cristo pré-existente. Em segundo lugar, *Orígenes* postulou a doutrina antibíblica da eterna geração do Filho. Terceiro, o chamado Credo Atanasiano, refletindo o Trinitarianismo de *Agostinho*, aboliu toda subordinação do Filho ao Pai e reduziu as distinções dentro da Divindade a um ponto onde é tudo menos impossível dizer como "os Três" deveriam ser definidos.

Parece que as complexas controvérsias post-bíblicas sobre como definir o Filho em relação ao Pai poderiam ter sido evitadas se a terminologia hebraica da Bíblia tivesse sido mantida. *Geoffrey Lampe*, na sua análise perspicaz da cristologia patrística, queixa-se de que:

> O conceito cristológico do Filho pré-existente reduz a verdadeira personalidade social e culturalmente condicionada de Jesus a uma personalidade de "natureza humana" de abstração metafísica. É a humanidade universal que Cristo assumiu e tornou sua... mas a humanidade universal é uma noção abstrata... de acordo com esta cristologia, o Filho eterno assume uma natureza humana eterna ou a torna eterna tornando-a sua; É uma natureza humana que nada deve de essencial às circunstâncias geográficas; Não corresponde a nada no mundo real concreto, afinal Jesus Cristo não "veio em carne". **[29]**

Mosheim advertiu que "as controvérsias relativas à Trindade se desenvolveram no segundo século por causa da introdução da filosofia grega na Igreja". **[30]** O estudo da teologia bíblica trouxe à luz evidências que nos obrigam a considerar seriamente a distorção da fé que ocorreu quando a filosofia grega foi adicionada à simples estrutura hebraica da Bíblia. Concluímos com três citações adicionais: Estas nos convidam a renovar as nossas investigações da história da doutrina na busca contínua da verdade. Cônego *H. Constable* escreveu em 1893:

> Os homens cristãos estão agora questionando se as opiniões aceitas sobre a natureza humana e a punição futura derivam da filosofia e da tradição, ou das Escrituras. Eles estão começando a suspeitar que uma grande parte da teologia atual tem como origem a filosofia humana. As figuras do campo do pensamento religioso, que costumavam pensar serem figuras de Cristo, dos seus profetas e dos seus apóstolos, começam a suspeitar que sejam figuras do espírito maligno, figuras de Platão e dos vários Padres que derivou sua teologia em grande parte deles. **[31]**

Alfred Vaucher nos chama a retornar à fé bíblica:

> Através das páginas do AT e do NT, as águas claras da verdade revelada fluem como um rio majestoso. É somente Deus quem tem a imortalidade, oferecendo ao homem e comunicando ao homem Sua vida divina imperecível. Mas em contraste com essas torrentes de corrente cristalina corre o rio lamacento da filosofia pagã, que é o da alma humana, da essência divina e eterna, preexistindo ao corpo e sobrevivendo a ele. Após a morte dos Apóstolos, as duas fontes se uniram para formar uma unidade das águas turbulentas. Aos poucos a especulação da filosofia humana se misturou ao ensino divino. Agora a tarefa da teologia evangélica é desligar os dois elementos incompatíveis, desassociá-los, eliminar o elemento pagão que se instalou como usurpador no centro da teologia tradicional; restaurar o valor do elemento bíblico, que é apenas a verdade, e que só está em conformidade com a natureza de Deus e do homem, sua criatura. **[32]**

O que emergirá da confusão inicial sobre a natureza de Deus e do homem será o monoteísmo bíblico primitivo dos profetas, de Jesus e dos apóstolos. Deus será percebido novamente como uma Pessoa, o Pai de Jesus, Seu Filho extraordinariamente concebido, o Messias. A plena humanidade de Jesus, eclipsada pela teologia especulativa e abstrata dos Padres da Igreja, deve ser reintegrada como base do credo do NT de que Jesus é o Messias, **[33]** o precursor do Reino vindouro na terra.

Estudiosos de diversas origens unem-se no seu testemunho sobre a corrupção da fé cristã a partir do século II. As esperanças messiânicas foram gradualmente esquecidas. A noção do Reino de Deus na terra desapareceu. A imortalidade no momento da morte tomou o lugar da ressurreição:

> Como todos os conceitos, o significado dos termos religiosos é perturbado pela mudança da experiência e pela mudança da perspetiva do mundo. Transplantado para a cosmovisão grega, *o ensino cristão foi inevitavelmente modificado*– verdadeiramente transformado. Perguntas que nunca haviam sido feitas vieram à tona e as suposições judaicas tenderam a desaparecer. Especialmente *as esperanças messiânicas foram esquecidas e transferidas para uma esfera transcendente após a morte*. Quando o império se tornou cristão no século IV, a noção de um Reino de Cristo na terra que seria introduzido com uma grande luta desapareceu completamente, permanecendo apenas a fé de grupos obscuros. A imortalidade – a conceição filosófica – tomou o lugar da ressurreição do corpo. No entanto, este último continua devido à sua presença nas fontes primárias, mas não é mais um fator determinante, uma vez que o seu pressuposto – *o Reino Messiânico na terra – foi obscurecido*. À medida que o pano de fundo é invertido do judaico para o grego, o mesmo acontece com as conceições religiosas fundamentais... temos assim uma combinação peculiar - *as doutrinas religiosas da Bíblia percorrem as formas de uma filosofia estranha*. **[34]**

1 João 4:2

As primeiras tentativas de várias fações para lançar dúvidas sobre a verdadeira humanidade de Jesus foram recebidas pela forte advertência de João aos seus discípulos de que "*porque já muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este tal é o enganador e o anticristo*". (*2 João 7*; compare com *1 João 4:2*).

O "*Translator's New Testament*" (Novo Testamento do Tradutor) **[35]** traduz este versículo de uma forma que esclarece dúvidas sobre a frase *veio em carne*: "*Muitos enganadores têm saído pelo mundo e não aceitam que Jesus veio como um ser humano. Aqui está o enganador e o anticristo*". A posição clara de João a favor da humanidade de Jesus é afirmada para expor como anticristão qualquer sistema que questione o fato de que Jesus era um ser humano real. Vimos num capítulo anterior que a posição trinitária oficial é que o Salvador possuía uma natureza humana impessoal, mas não *era uma pessoa humana*.

Um ser que é ou foi Deus e homem dificilmente poderia ser um verdadeiro humano, tentado em todos os aspetos, assim como nós. Como tantos críticos da Trindade se queixaram, o ensino tradicional de que Jesus era Deus é incompatível com a crença de que ele era verdadeiramente humano. O Deus-homem dos concílios post-bíblicos parece ser perigosamente semelhante a "*outro Jesus*" sobre o qual Paulo advertiu em sua segunda carta aos Coríntios (*2 Coríntios 11:4*).

A ironia de toda esta velha controvérsia ácida é que todas as fações, Unitarianos, Binitarianos e Trinitarianos, afirmam adorar apenas um Deus. Aqueles que insistem que Jesus é Deus afirmam que ele é digno de adoração, um ato oferecido apenas a Deus. Se esse ponto de vista fosse apoiado, teríamos de concluir que duas pessoas são dignas de adoração como Deus. Propor uma Deidade de duas ou três pessoas contradiz as muitas declarações bíblicas claras de que Deus é apenas uma pessoa. É inútil escapar a esta

conclusão sustentando que os credos não entendiam por pessoa o que hoje queremos significar por essa palavra pessoa. Na Bíblia, o Pai e Jesus são obviamente pessoas no sentido moderno – dois indivíduos diferentes.

A solução para o enigma é que a "adoração" nas Escrituras é oferecida não apenas a Deus, mas a pessoas humanas que ocupam posições de dignidade. O verbo grego "*proskuneo*" é usado tanto para adorar a Deus como para prestar homenagem às pessoas humanas. Assim, por exemplo, o rei de Israel é adorado em associação com Deus (1 Crônicas 29:20, KJV; a palavra é "*proskuneo*" na LXX). Daniel foi adorado (Daniel 2:46). Os santos são adorados (Apocalipse 3:9, KJV). Jesus é adorado como o Messias, mas apenas uma pessoa, o Pai, é digna de adoração como Deus. É muito significativo que outra palavra grega, "*latreuo*", que é usada apenas em serviços religiosos, seja aplicada em todas as 21 ocorrências exclusivamente ao Pai no NT.

Os leitores da versão King James têm a falsa impressão de que Jesus é Deus porque ele é "adorado". O mesmo argumento provaria que Davi e os santos também são Deus! É o uso moderno da palavra "adoração" que leva os leitores a presumir que Jesus foi adorado como Deus.

Deus e Seus servos humanos estão frequentemente em estreita associação. "*E o povo temeu ao Senhor, e creu no Senhor e em Moisés, seu servo*" (*Êxodo 14:31*). "*E todo o povo temia muito ao Senhor e a Samuel*" (*1 Samuel 12:18*). "*Então toda a congregação louvou ao Senhor Deus de seus pais, e prostrou-se e adorou diante do Senhor e do rei*" (*1 Crônicas 29:20*). "*Quando Ezequias e os príncipes chegaram e viram os montões, abençoaram ao Senhor e ao seu povo Israel*" (*2 Crônicas 31:8*).

As traduções modernas ajudaram a esclarecer a questão de "adorar Jesus". Em *Mateus 8:2*, por exemplo, lemos sobre um leproso que veio "*e prostrou-se diante dele*" ["*Translators' New Testament*" (Novo Testamento dos Tradutores)].

Tudo isso não significa negar que Jesus é aquele de quem foi dito: "*Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e bênção*". Como Messias, Jesus, o representante credenciado do Criador, é honrado em associação com o Deus Único, seu Pai (*Apocalipse 5:12, 13*). Mas ele também se junta aos santos no cântico de louvor do Cordeiro ao Pai (*Apocalipse 15:3*; compare com *Hebreus 2:12*, onde o Messias louva a Deus). Ele é o começo e o fim do grande plano de salvação de Deus (*Apocalipse 1:17*). No entanto, ele morreu (*Apocalipse 1:8*), um facto que significa claramente que ele não pode ser Deus, uma vez que Deus não pode morrer. Somente o Todo-Poderoso é o Deus Supremo. Em *Apocalipse 1:8* (compare com *1:4*) o Pai é tanto o Alfa quanto o Ômega e o Senhor Deus Todo-Poderoso "vinda". O último título, "*pantokrator*", não é dado a Jesus em nenhum lugar, apesar das tentativas em algumas Bíblias em letras vermelhas de aplicar este versículo ao Filho, perpetuando a antiga confusão do Messias com Deus. O Jesus ressuscitado na verdade recebe uma revelação do Pai (*Apocalipse 1:1*), provando mais uma vez que o Filho não é o Deus onisciente!

Em *Apocalipse 22:12, 13* pode muito bem ser que o anjo (o "*ele*" do *versículo 10*) fale, como no AT, como Deus, representando Ele. O Alfa e o Ômega do *versículo 13* provavelmente se referem, como faz em *Apocalipse 1:8* e *21:6*, ao Pai através de quem o anjo está falando. O Deus Todo-Poderoso é aquele "que vem" em *Apocalipse 1:8*, e Sua vinda também poderia ser descrita em *Apocalipse 22:12*, seguida pelo título divino no *versículo 13*. Jesus é novamente o orador do *versículo 16*.

É um paradoxo fascinante que João, que estava tão ansioso por afirmar que Jesus era um ser humano real que ficou cansado e com fome, tenha sido mal compreendido como ensinando que Jesus era plenamente Deus no sentido trinitário. O Evangelho de João refere-se repetidamente a "Deus" como o Pai. No entanto, na epístola posterior de João, detetamos que alguns, mesmo em sua época, tentavam forçar uma definição de Jesus que ele nunca desejou. A evidência é esta: no Evangelho de João o "*logos*" (palavra), sendo um termo um tanto ambíguo, pode ser propenso a mal-entendidos. Pode-se acreditar que João quis dizer que uma segunda pessoa eterna existia ao lado do Pai. Mas não era bem isso que João tinha em mente, e ele

aproveita a oportunidade no início de sua primeira epístola para se explicar. Era, diz ele, a "vida eterna" que estava "com o Pai" (1 João 1:2). **[36]** Foi a "palavra de vida" ou "vida" impessoal (1 João 1:1,2) que agora foi manifestada em uma pessoa humana real, Jesus. O que preexistia não era o Filho de Deus, mas a palavra, mensagem ou promessa de vida. Essa promessa de vida foi expressa num indivíduo humano, o Messias de Israel. A encarnação na Bíblia não significa que um segundo membro da Trindade se tornou um homem, mas sim que o propósito de Deus de conceder a imortalidade às Suas criaturas foi revelado, demonstrado e incorporado num único ser humano.

Notas Finais

[1] Rogers y Baird, "Introduction to Philosophy" (Introdução à Filosofia) (Harper & Row, 1981), 21.
[2] Ibid., 5.
[3] Citado por Robert Friedmann em "The Theology of Anabaptism" (A Teologia do Anabatismo) (Herald Press, 1973), 50**.**
[4] "Introduction to Philosophy" (Introdução à Filosofia), 5.
[5] Ibid.
[6] "*Law and Grace*" (Lei e Graça) (Filadélfia: Westminster Press, 1962), 78,79.
[7] "*The Last Things in the Last Decade*" (As Últimas Coisas da Última Década), Interpretação 71 (abril de 1960):136.
[8] "*The Person of Christ*" (A Pessoa de Cristo) (Londres: Nisbet and Co. Ltd., 1933),122.
[9] *F. Filson*, "*The New Testament Against Its Environment*" (O Novo Testamento Contra Seu Meio Ambiente) (Londres: SCM Press, 1950), 26,27.
[10] "*The Distinctive Ideas of the Old Testament*" (As Idéias Distintivas do Antigo Testamento) (Londres: Epworth Press, 1944), 187.185.188, grifo nosso.
[11] *RJW Bevan*, "*Steps to Christian Understanding*" (Passos para a Compreensão Cristã) (Oxford University Press, 1958), 140.167.
[12] "*To Know and Follow Jesús*" (Conhecer e Seguir Jesus), 44-48.
[13] A questão foi apresentada de forma interessante por um antigo clérigo da Igreja de Inglaterra que sentiu a sua incapacidade de lidar com os documentos que tinham sido encarregues de interpretar. *David Watson* escreveu: "Um estudo abrangente da religião judaica tradicional pode revelar até que ponto os modernos cristãos ingleses dão às palavras do NT um significado diferente daquele que estava nas mentes dos escritores judeus. O grego era a língua que usavam para comunicar a mensagem cristã universal, mas o seu modo de pensar era em grande parte o hebraico. Para uma compreensão completa é necessário que o cristão moderno não apenas estude o texto grego, mas perceba a ideia hebraica com a qual os escritores judeus procuraram comunicar-nos em termos gregos. Não posso afirmar que me tornei um especialista nisso, mas fiz progressos suficientes para descobrir o quanto interpretei mal a Bíblia no passado. Como todos os ministros ordenados, falei com dogma e autoridade no púlpito, que ninguém poderia ocupar sem a licença de um bispo; e muito do que eu disse era falso, porque minha mente era incapaz de dar uma interpretação correta do livro que estava autorizado a expor. Para mim, a compreensão deste facto não fazia sentido na distinção entre clero e leigos, e foi a principal causa da minha renúncia às minhas ordens.
"Ao descrever as minhas próprias deficiências intelectuais e o processo pelo qual descobri a minha incapacidade de compreender o significado da Bíblia através do vasto abismo linguístico que me separava dos seus escritores judeus, posso afirmar com segurança que estou a escrever com conhecimento de primeira mão". Pelo que sei do clero em geral, não vejo razão para supor que raramente sofria desta deficiência específica. Na verdade, a autoridade do ministério protestante como um todo, a pretensão de ser capaz de compreender a Bíblia e expô-la como a palavra de Deus, é, na minha opinião, uma grande fraude. Não estou acusando o clero de ser fraudulento ou mesmo insincero. A fraude é coletiva, individualmente quem a ela adere é enganado por ela, da mesma forma quando comecei a expor a Bíblia nos púlpitos, tinha plena confiança de que era competente para dar uma interpretação correta.
"Alguns podem acreditar que o próprio rito de ordenação confere graça divina suficiente para superar qualquer propensão para enganar uma congregação através de interpretação incorreta. Contudo, se este ponto de vista for mantido, deve ser conciliado com o facto indiscutível de que o ministério cristão como um todo produziu um grande número de versões diferentes, e muitas vezes inconciliáveis, da fé cristã, todas

supostamente derivadas do mesmo. registo bíblico... qualquer afirmação de que o treino e a ordenação produzem o único ensinamento cristão autêntico é fraudulenta.

"Os trinta e nove artigos da Igreja da Inglaterra afirmam especificamente, em termos inequívocos, que a verdadeira doutrina cristã não deriva dos concílios e tradições da Igreja, mas apenas da Bíblia. Os anglo-católicos acreditam exatamente o oposto; consequentemente, quando um deles lê os Artigos publicamente depois de ser empossado em um cargo eclesiástico, e declara seu consentimento a eles, ele virtualmente comete perjúrio. É, no entanto, perjúrio legalizado" [*Christian Mit*. "*And Spiritual Reality*" (E a realidade espiritual), Londres: Victor Gollanz, 1967, 28-30].

[14] **"***Ho theos*", ou seja, "O [único] Deus" refere-se ao Pai cerca de 1.325 vezes no NT.

[15] "*Life Of Moses*" (Vida de Moisés), 1:155-158.

[16] *Hebreus 1:8*, citado do *Salmo 45:6*, aplica o título Deus, usado em sentido qualificativo, diretamente a Jesus.

[17] *Ed. John Hick* (Londres: SCM Press, 1977).

[18] "*The Nature of Doctrine and Religion: Theology in a postliberal Age*" (A Natureza da Doutrina e da Religião: Teologia numa Era Pós-liberal) (Filadélfia: Westminster Press, 1984), 74.

[19] Correspondência, 13 de junho de 1981.

[20] *1 Coríntios 8:6; 1 Timóteo 2:5; João 17:3; Efésios 4:6.*

[21] **"***The Birth of the Messiah*" (O Nascimento do Messias), 150, nota de rodapé. 52.

[22] *Ibid*., 31, nota 17.

[23] *Maurice Wiles*, "The Remarking of Christian Doctrine" (A Observação da Doutrina Cristã) (London:SCM Press, 1974), 53. Compare a observação de *Wiles* em "*The Myth of God Incarnate*" (O Mitico Deus Encarnado), 3: "A encarnação, em seu sentido pleno e correto, não é algo apresentado diretamente por escrito".

[24] "*The Fourth Gospel and the Church's Doctrine of the Trinity*" (O Quarto Evangelho e a Doutrina da Trindade da Igreja), Twelve More New Testament Studies (Londres: SCM Press, 1984), 172, grifo nosso.

[25] **"***System der Christlichen Lehre*" (Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1907), Pt.2. CH. 4, 353, 354. A tradução alemã é minha.

[26] *Ibid*., 357, 358.

[27] *Ibid*., 359.

[28] *Ibid.*, 368.

[29] "*God as Spiri*t" (Deus como Espírito) (Londres: SCM Press, 1977), 144.

[30] "*Institutes of Ecclesiastical History*" (Institutos de História Eclesiástica) (Nova York: Harper, 1839).

[31] "*Hades or the Intermediate State*" (Hades ou o Estado Intermediário) (n.p., 1893), 278.

[32] *Le Probléme de I'Inmortalité* (n.p., 1957),6.

[32] *Mateus 16:16; João 9:22; 20:31; Atos 5:42; 9:22*, etc.

[34] *G.W. Knox*, DD, LL.D, Professor de Filosofia e História da Religião, *Union Theological Seminry*, New Iorque, Enciclopédia Britânica, 11ª ed., Vol. 6, 284.

[35] *Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira*, 1973.

[36] Compare, "*a palavra estava com Deus*" (*João 1.1*).

VI. A TRINDADE E A POLÍTICA

"Saiba então, meu amigo, que a Trindade nasceu mais de trezentos anos depois que o Antigo Evangelho foi declarado; ela foi concebida na ignorância, trazida e sustentada pela crueldade." – William Penn

Um historiador afirmou corretamente:

> O Cristianismo, identificando a verdade com a fé, deve ensinar – e devidamente entendido, ensinar – que qualquer interferência na verdade é imoral. Um cristão com fé não tem nada a temer dos fatos; Um historiador cristão que traça a linha que limita o campo de investigação em qualquer ponto de qualquer coisa está admitindo os limites da sua fé. **[1]**

Um crente temeroso obstrui toda a questão da aventura do cristão, que é a busca de uma compreensão progressiva da verdade.

A história, infelizmente, é muitas vezes vista através do olhar do observador, especialmente se uma questão histórica for vista a partir de uma estreita perspetiva secular ou religiosa. Examinei a vida dos fundadores de qualquer grupo religioso; leia as histórias em livros, revistas e jornais escritos por escritores seculares. Depois estude a própria vida a partir de uma autobiografia ou das obras de devotos fiéis. Há pouco acordo fora de algumas questões prosaicas e ainda menos dados estatísticos indeléveis. Dado o tempo e a distância, desenvolve-se um enorme fosso entre a realidade histórica e uma versão canonizada dos acontecimentos. Foi preciso habilidade para esconder o lado negro da vida dos pais fundadores de grupos religiosos como, por exemplo, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (*Joseph Smith*) e os Presbiterianos (*João Calvino*).

Em contraste, descobertas francas sobre a vida de heróis bíblicos aparecem no registo sagrado... revelando até detalhes de embriaguez e sexualidade promíscua. No entanto, achamos necessário higienizar a vida dos líderes religiosos posteriores. Por mais desagradável e cruel que possa parecer para alguns, podemos especular que esta tendência está relacionada com a afirmação bíblica feita por Jesus: "*Não pode a árvore boa dar maus frutos; nem a árvore má dar frutos bons*" (*Mateus 7:18*). Será que a descoberta franca poderia revelar as sementes desconcertantes da corrupção? Esforços estupendos foram feitos para apresentar a vida dos famosos líderes religiosos da maneira mais sagrada possível. Espera-se que isto dê credibilidade às suas doutrinas e sistemas de crenças que transmitiram à posteridade.

Da mesma forma, quando lemos os vários relatos sobre a origem da Trindade, ficamos surpresos com a forma como diferentes fontes pintam o mesmo tema. Alguns escritores cristãos sustentam que a Trindade já estava completa nos círculos cristãos na época em que o NT foi composto. Os autores do NT, portanto, não viram necessidade de fazer outra coisa senão

uma referência indireta à Trindade. Era supostamente uma parte tão aceita da tradição da Igreja que eles mal se preocuparam em registar o que teria sido a mudança mais dramática que já ocorreu na comunidade religiosa do primeiro século. Outros escritores, registando o mesmo evento teológico, discordam veementemente. Eles apontam para uma batalha sangrenta de séculos entre cristãos, onde milhares de pessoas pagaram com as suas vidas antes que a Trindade fosse finalmente canonizada como dogma cristão, mais de três séculos após a morte do fundador do Cristianismo.

A igreja tem estado pronta para apoiar grandes líderes religiosos quando estes promoveram a causa cristã e apoiaram o seu controlo eclesiástico. No Édito de Milão, em 313 d.C., o Imperador Constantino garantiu

uma honra duradoura da Igreja Cristã ao conceder tolerância completa a todos os cristãos e outros cultos. Alguns anos depois, ele traçou o rumo tempestuoso que levou a disputas sobre doutrinas entre fações rivais. O resultado foi o primeiro grande passo para a incorporação formal da crença trinitária no Cristianismo.

A maioria dos cristãos ficaria surpresa com as implicações da observação do estudioso católico romano *W.E. Dai*s ao comentar a turbulência religiosa causada pela tentativa de introduzir a ideia de que Deus era mais de uma pessoa, disse:

> A maioria dos cristãos... teria ficado satisfeita com a antiga crença em um Deus, o Pai, e teria desconfiado da "*distribuição*", como tem sido chamada, pela qual a única Deidade do Pai se expandiu dentro da Deidade do Pai. e o Filho... "*Todas as pessoas simples*", escreveu Tertuliano, "não as chamem de ignorantes e sem instrução... porque têm medo da 'distribuição'... Eles interpretariam isso como significando que estamos proclamando dois ou três Deuses". **[2]**

Aqueles trinitarianos que acreditam que o conceito de um Deus Triuno era um fato estabelecido e não foi considerado importante o suficiente para ser mencionado na época em que o NT foi escrito deveriam ser desafiados pelos comentários de outro escritor, *Harold Brown*:

> É um facto simples e um facto histórico inegável que algumas das principais doutrinas que agora parecem centrais para a fé cristã – como a doutrina da Trindade e a doutrina da natureza de Cristo – não estavam presentes numa forma completa e autodefinida geralmente aceita até os séculos IV e V. Se eles são essenciais hoje – *como todos os credos ortodoxos e declarações sobre confissões* – será porque são verdadeiros. Se forem verdadeiras, então sempre foram verdadeiras; essas doutrinas não podem ter se tornado verdadeiras nos séculos IV e V. Mas se é ao mesmo tempo "verdade" e "essencial", como é que a Igreja primitiva levou séculos para a formular? **[3]**

Em outro lugar ele diz: A heresia aparece mais cedo no registo histórico, e está mais bem documentada, do que aquilo que a Igreja passou a chamar de *ortodoxia*". **[4]** Este reconhecimento alarmante de que o mundo religioso substituiu o ensinamento original por uma ortodoxia nova e diferente não passou despercebido por outros observadores da cena cristã. O escritor judeu *Pinchas Lapide*, em seu diálogo com o estudioso protestante *Jurgen Moltmann*, sobre a doutrina trinitária, destaca que:

> Quem conhece o desenvolvimento da história do dogma sabe que a imagem que a Igreja primitiva tinha de Deus era unitária (uma única Pessoa Divina), e só no século II veio gradualmente, e contra a doutrina da subordinação, a tornar-se binário. Para Padres da Igreja como *Justino Mártir, Irineu e Tertuliano*, Jesus está subordinado ao Pai em todas as coisas, e *Orígenes* hesitou em dirigir sua oração a Cristo, porque, como ele escreveu, deveria ser corretamente dirigida somente ao Pai. **[5]**

O quadro completo que emerge da história é quase como uma progressão aritmética: "No primeiro século, Deus ainda é monoteísta, à boa maneira judaica. No século II, Deus transforma-se de dois em um; a partir do século III, o Deus único torna-se gradualmente tríplice. **[6]**

Lapide fala das sangrentas guerras intrarreligiosas cristãs dos séculos IV e V, quando milhares e milhares de cristãos massacraram outros cristãos por causa da Trindade". **[7]**

Como a trágica disputa foi resolvida? Um homem, o imperador Constantino, mudou o curso da história cristã. Ele foi o primeiro a trazer uma combinação de cristianismo, paganismo e Estado sob a sombra do Império Romano. Como salienta Johnson, Constantino partilhava sem dúvida a visão prevalecente de que

todas as religiões deveriam ser respeitadas na conciliação das suas várias divindades nacionais. Ele também observa que Constantino:

> Ele parece ter sido um adorador do sol, um dos vários cultos pagãos tardios que tinham observâncias em comum com o Cristianismo. A adoração de tais deuses não era uma ideia nova. Todo grego ou romano esperava que o sucesso político fosse o resultado de sua piedade religiosa. O Cristianismo era a religião do pai de *Constantino*. Embora *Constantino* afirmasse ser o décimo terceiro apóstolo, sua conversão não foi repentina no caminho para Damasco. Na verdade, é muito duvidoso que ele tenha realmente abandonado a adoração do sol. Depois de professar a aceitação do cristianismo, ele construiu um arco triunfal para o sol e em Constantinopla ergueu uma estátua do mesmo deus sol que tinha as mesmas características. Ele foi finalmente deificado após sua morte por um decreto oficial do Império, assim como muitos imperadores romanos. **[8]**

Em *Constantino*, o soldado profissional, o cristianismo abraçou um campeão incomum. Ele foi o governante secular mais poderoso de qualquer século e sempre foi contado entre os heróis da Igreja. Seria justo imaginar até que ponto a sua vida foi análoga à do fundador do Cristianismo, que leva o título de "Príncipe da Paz". Foi *Constantino* quem, por decreto oficial, levou o Cristianismo à crença na divisão formal da Divindade em dois – Deus o Pai e Deus o Filho. Coube a uma geração posterior levar o Cristianismo à crença em um Deus Triuno.

Foi este mesmo *Constantino* que, com a cabeça decapitada do seu rival (seu próprio cunhado) pingando sangue da sua lança, marchou triunfantemente para Roma. Ele atribuiu sua vitória a uma suposta visão na qual viu as letras gregas *Chi-Rho*, as duas primeiras letras do nome Cristo. A história varia de acordo com o narrador, mas antes deste massacre histórico, ele ordenou que essas mesmas letras fossem pintadas nos escudos de seus soldados. Apenas seis anos antes da sua marcha triunfante para Roma, ele ordenou que centenas de prisioneiros francos rebeldes fossem despedaçados na areia. Ele também ficou parado enquanto as políticas anticristãs de Diocleciano levavam à queima de textos sagrados cristãos, seguida pela mutilação de cristãos que se recusavam a adorar deuses pagãos.

Onze anos depois de ter obtido este triunfo de inspiração celestial, a história revela que o suposto seguidor de Jesus assassinou um rival já derrotado, matou a sua esposa fervendo-a viva na sua própria casa de banho – e assassinou um filho inocente. "Sua vida privada tornou-se monstruosa à medida que envelhecia. Engordou e ficou conhecido como 'pescoço de touro...'. Suas habilidades sempre foram encontradas na administração. Ele era um especialista em formular arranjos expressos em termos melosos." **[9]** No entanto, ele era autoritário, egoísta, petulante e implacável". **[10]** Nos anos posteriores, "ele demonstrou uma estima crescente pela adulação, uniformes elegantes, exibição pessoal e títulos elaborados. Seu sobrinho, Juliano, disse que ele se fazia ridículo com sua aparência – [vestindo] roupas orientais estranhas e rígidas, Joias nos braços, uma tiara na cabeça, empoleirado como um louco na coroa de uma peruca tingida". **[11]** Seu principal apologista, Eusébio de Cesareia, disse que este imperador cristão se vestia apenas para impressionar as massas; Em particular, ele riu de si mesmo. "Mas isto contradiz muitas outras evidências, incluindo a de Eusébio. Vaidoso e supersticioso, ele pode ter abraçado o cristianismo porque este se adequava aos seus interesses pessoais e à sua crescente megalomania". **[12]**

O cínico poderia perguntar até que ponto a vida de Constantino refletia bem a do humilde carpinteiro de Nazaré. Apesar do seu batismo pouco antes de sua morte, especulou-se que o profundo interesse de Constantino, além das superstições normais dos guerreiros daquele século, pode ter sido em grande parte político. Seu desejo de trazer harmonia a um império dividido exigia astúcia política. As capacidades de Constantino teriam sido a inveja dos políticos dos últimos dias, que devem cair nas boas graças de grandes blocos religiosos competitivos, politicamente ativos. Em alguns casos, isto envolveu a afirmação de uma experiência de "novo nascimento" no clímax das atividades de campanha.

Controvérsia Cristológica

No Império Romano surgiu uma profunda diferença teológica entre os cristãos de Alexandria e Antioquia. Estes grupos de oposição constituíam uma ameaça à unidade do Império. Devido ao potencial político das facções rivais, estas diferenças tiveram de ser resolvidas. Os cristãos em Antioquia acreditavam que Jesus existiu eternamente como um ser divino e que se tornou humano através da sua manifestação como homem. O Jesus desta teologia corria o risco de apenas "aparentar" ser um ser humano real. Na linguagem técnica da cristologia, o Jesus dos cristãos alexandrinos era "docético" (de um verbo grego que significa "parecer"). A questão é que sua Divindade dominou tanto sua humanidade que era apenas uma aparência. O próprio salvador era verdadeiramente Deus habitando num corpo humano e possuindo (*assim o jargão rapidamente assumiu a sua forma desenvolvida após o posterior Concílio de Calcedónia em 451 d.C.*) uma "natureza humana impessoal". O próprio Jesus, segundo os ortodoxos, era "homem, mas não "um homem".

Para aqueles que cresceram em torno de Antioquia, região que incluía a terra natal de Jesus, prevalecia uma visão diferente de Jesus. Aqui o monoteísmo original dos judeus, enfatizando a unidade de Deus, resultou na crença num Filho criado. O princípio distintivo desta cristologia "*ariana*" era que Jesus, como Filho de Deus, deve ter tido um começo e, embora pré-existente, pode não ter sido coeterno e coigual com o Pai. No centro da controvérsia que se desenvolveu entre os dois lados estava um bispo chamado *Ário*, que atraiu um número considerável de seguidores no domínio alexandrino do bispo Alexandre. Os esforços de *Ário* para promover a sua cristologia no Egito rapidamente resultaram na sua excomunhão.

As marcantes diferenças ideológicas entre Roma, Alexandria e Antioquia eram motivo de preocupação para o imperador romano. O poder da religião desempenhou um papel tão importante na estabilidade do Império Romano do século IV que as convulsões religiosas tiveram de ser colocadas sob o controlo do Estado para que não perturbassem a unidade política. Constantino decidiu resolver a disputa por meio das seguintes cartas conciliatórias idênticas enviadas a cada fação, pedindo a reconciliação das diferenças:

Constantino, o Vitorioso, Supremo Augusto, a *Alexandre* e *Ário*... quão profundamente ferido não apenas meus ouvidos, mas também meu coração, recebi o relato de que há divisões entre vocês... tendo investigado cuidadosamente a origem e o fundamento dessas diferenças, eu descobrir que as suas causas são de natureza verdadeiramente insignificante, totalmente indignas de tão amarga disputa. **[13]**

Constantino estava evidentemente alheio às profundas questões teológicas envolvidas na controvérsia. Quando o seu esforço inicial falhou para resolver a disputa, ele convocou o que pode ter sido o concílio ecuménico mais influente alguma vez convocado na história da Igreja Cristã. Nisto foi tomada uma decisão fatídica e de longo alcance sobre esta questão decisiva da natureza de Cristo e da Divindade. A data marcada começava no verão de 325 d.C., e o cenário era a agradável cidade à beira do lago chamada Nicéia... no noroeste da Turquia, onde Constantino tinha um palácio adequadamente espaçoso". **[14]**

> Com o cristianismo se espalhando até a Grã-Bretanha, no Oeste, e a Índia, no leste, para alguns dos delegados a viagem durou várias semanas, senão meses... o eremita *Tiago de Nisibis* chegou em fantasias de cabra, acompanhado por uma horda persistente de mosquitos. Outro delegado foi São Nicolau...que foi o protótipo do Papai Noel de Natal... Diante dessa assembleia bizarra e sem precedentes, *Constantino*, resplandecentemente vestido e repleto de ouro e joias que os anteriores imperadores decadentes teriam odiado, tomou seu lugar em uma cadeira, de ouro forjado. **[15]**

O historiador da Igreja *Schaff*, citando *Eusébio de Cesareia*, descreve ainda a cena: "O momento da aproximação do imperador foi anunciado por um sinal dado, todos se levantaram de seus lugares, e o

imperador apareceu como um mensageiro celestial de Deus, coberto de ouro e pedras preciosas, uma presença gloriosa, muito alta e esbelta, cheia de beleza, força e majestade." **[16]**

"Foi neste ponto da história, e antes desta assembleia, que seria tomada uma decisão que teria as consequências mais profundas para os crentes em Cristo até hoje". **[17]** Por razões que ele próprio conhece, este imperador, em grande parte analfabeto biblicamente, que não entendia completamente as questões teológicas em questão, presidiu um dos debates mais significativos que alguma vez seria conduzido pela Igreja. A resolução adotada pelo concílio teria efeitos dramaticamente importantes a longo prazo sobre todo o corpo de crentes. O julgamento de Constantino favoreceu a opinião minoritária no concílio. A decisão tomada é aceita pela grande maioria dos cristãos até hoje – que Jesus era coigual e coeterno com Deus, "verdadeiro Deus do verdadeiro Deus". Assim, a segunda perna do triângulo da Trindade tornou-se um dogma. Seria completado no século seguinte pela declaração de que o Espírito Santo era a terceira Pessoa da Divindade.

Os teólogos gregos alexandrinos de mentalidade filosófica, liderados por *Atanásio*, levaram o bolo. Mas aqueles que estavam sob a influência inicial do monoteísmo judaico foram derrotados. Os dissidentes que se recusaram a assinar o acordo desapareceram imediatamente. A igreja foi agora assumida e liderada por teólogos fortemente influenciados pela mentalidade grega. Assim foi estabelecido o curso de suas doutrinas durante os 17 séculos seguintes. Observação de *HL Goudge* é apropriado: "Quando a mente hebraica passou a dominar a Igreja, ocorreu um desastre do qual a Igreja nunca se recuperou, tanto na doutrina como na prática". **[18]** Este controle continuou inabalável desde o século IV. A coesão política que *Constantino* procurou trazer ao Império certamente teve sucesso. Estes são os factos da história, mas a que custo se não sacrificarmos a verdade? A Igreja Cristã até hoje se prostra diante do trono forjado em ouro de *Constantino*.

Alguns dos signatários do pergaminho da cidade de Antioquia protestaram tarde demais, escrevendo a Constantino que haviam "cometido um ato ímpio, ó príncipe, ao subscrever uma blasfêmia por medo de você". **[19]** Assim escreveu *Eusébio de Nicomédia*. No entanto, a ação foi cumprida. Uma teologia completamente nova foi formalmente canonizada na Igreja. Desde aquela época, inúmeros cristãos devotos que discordaram do decreto forçado do imperador tiveram de enfrentar tortura e morte nas mãos do Estado e, muitas vezes, de outros cristãos.

Não se deve expressar espanto pela aceitação por parte de *Constantino* e dos teólogos gregos de uma Deidade composta por duas pessoas. O mundo grego e romano estava saturado de muitos deuses. A ideia de um Deus se tornar homem dificilmente foi uma inovação. (compare, *Atos 14:11*), nem a noção de um ser humano vindo a ser declarado Deus. *Constantino* ordenou a deificação de seu pai e mais tarde receberia a mesma honra após sua morte. Em seu funeral ele foi reconhecido como o décimo terceiro apóstolo.

Hoje, a decisão monumental de *Constantino* lança a sua sombra imponente sobre o corpo fragmentado do cristianismo do século XXI, sem oposição séria. A influência de *Constantino* parece continuar sem oposição. Como é o caso de *Napoleão*, que se tornou o sangrento carniceiro dos viris europeus; *Lutero, Calvino*; ou um líder religioso moderno como *Joseph Smith*, os seus seguidores fiéis não permitem que a auréola dos seus líderes seja manchada, mas continuam a polir as suas reputações até obterem um brilho brilhante.

A verdade da história pode julgá-los com mais severidade, mas os seus descendentes espirituais raramente

Às vezes, eles toleram qualquer um que se atreva a criticá-los. Durante dois séculos depois de Constantino, massacres seguiram-se a massacres, à medida que cristãos professos competiam com cristãos numa luta sangrenta em defesa daquilo que se tornou uma ortodoxia religiosa endurecida. Era exigido que alguém aceitasse a crença na Deidade de duas pessoas (mais tarde expandida para uma Deidade de três pessoas) ou enfrentaria o banimento, o exílio, a tortura e a morte – principalmente no interesse da

conveniência política e da preservação do que foi dogmaticamente declarado. ser a verdade inquestionável. **[20]**

Seguindo *Constantino*, a violência tornou-se um método aceitável de resolução de disputas. No início do século XI dC, os cruzados cristãos estavam entusiasmados com a perspetiva de libertar a Terra Santa pela força das armas. Depois de assassinar os judeus europeus, eles começaram a causar estragos nos "infiéis" muçulmanos monoteístas que controlavam a Cidade Santa de Jerusalém. Esta carnificina foi instigada sob a bandeira sangrenta de um Deus Triuno. Alguns sugeriram que o Islão talvez nunca tivesse encontrado um lugar no mundo se a Deidade unipessoal dos Judeus tivesse permanecido o Deus Cristão.

Em todos estes acontecimentos é difícil encontrar algo remotamente harmonioso com a vida do fundador do Cristianismo que disse: "*não resistais ao mau*", "*qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra*" (*Mateus 5:39*), "*Bem-aventurados os pacificadores*" (*Mateus 5:9*), e que prometeu que os mansos herdariam a terra (Mateus 5:5). O próprio Messias protestou: "*O meu reino não é deste mundo* [isto é, sua origem não deriva dos atuais sistemas malignos, embora esteja na terra na era por vir]; *se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos*" (*João 18:36*). **[21]** Uma vez que o Cristianismo se comprometeu com o veredicto teológico da arma conquistadora secular do Estado, a aceitação da violência na Igreja foi estabelecida. A Igreja tinha assumido um compromisso fatal com o mundo, uma decisão que a deixa vacilante na incerteza e na confusão doutrinária, preparada mesmo em tempos de guerra para matar tanto os seus inimigos como os seus próprios membros em terras inimigas.

Quando a Igreja Católica foi ameaçada por falsas doutrinas, posteriormente considerou que era uma responsabilidade dada por Deus aos fiéis destruir toda a oposição através da Inquisição. Isto fez com que seus filhos protestantes empregassem meios semelhantes no mundo protestante. Os dissidentes da Reforma Protestante também receberam tratamento severo de poderosos líderes protestantes em conjunto com o governo secular.

Calvino contra Serveto

Um exemplo excecional de como a liderança cristã por vezes reage quando a sua antiga doutrina da Trindade é ameaçada pela ideia de que Deus é uma só pessoa é demonstrado pela reação de um líder altamente respeitado da Reforma Protestante, *João Calvino*. A infeliz vítima da crueldade de *Calvino* foi o antitrinitário *Miguel Serve*t.

Servet, educado na religião católica, formado em direito civil e posteriormente em medicina, ficou horrorizado com a pompa e adoração prestadas ao Pontífice de Roma. Depois de ficar sob a influência da Reforma inicial, *Servet* continuou seu vigoroso estudo da Bíblia e tornou-se o primeiro protestante a atacar a doutrina da Trindade. Seus escritos não deixaram dúvidas de que ele era excecionalmente bem-educado, treinado tanto em grego quanto em hebraico. Ele declarou de uma maneira um tanto emotiva e até dolorosa que o dogma trinitário das três Pessoas divinas na Divindade era uma construção da imaginação, um monstro composto de partes incongruentes, deuses metafísicos e resumos filosóficos. **[22]** A acusação atraiu a atenção de *Calvino*, que respondeu que *Servet*: "merecia ter suas entranhas arrancadas e transformadas em pedaços". **[23]**

Ironicamente, embora *Servet* fosse em grande parte simpático à causa protestante, logo encontrou a Alemanha e a Suíça protestantes longe dos seus limites. Ele conseguiu, no entanto, encontrar uma casa no palácio de um arcebispo católico romano na França, que era um admirador de homens eruditos. A essa altura, *Servet* já havia se tornado um médico habilidoso e o primeiro a publicar um relato da passagem do sangue do ventrículo direito para o átrio esquerdo do coração. A diversidade de suas realizações mostrou que ele era intelectualmente igual aos demais reformadores. Sua correspondência contínua com *Calvino* sobre o assunto da Trindade, entretanto, não o congratulou com a autoridade constituída de Genebra, onde *Calvino* passou a controlar virtualmente um poderoso sistema teocrático. Ele disse a *Calvino*: "Seu

Evangelho é sem o único Deus, sem a verdadeira fé, sem boas obras. Em vez do único Deus, você tem um Cérbero de três cabeças" **[24]** (o cão mitológico de três cabeças que guardava os portões do Inferno). Ele ainda declarou a *Calvino*: "em vez de uma fé verdadeira você tem uma ilusão fatal; e boas obras você diz que são espetáculos vazios." **[25]** Estas palavras certamente não qualificariam *Servet* para o corpo diplomático. Mas não devemos duvidar da sua integridade ou da coragem das suas convicções.

Calvino, fiel ao espírito de *Constantino*, decidiu assassiná-lo quando estava em seu poder executá-lo. Servet decidiu, no entanto, publicar mais uma obra, destinada a restaurar o cristianismo à sua pureza original e a libertá-lo dos erros que contaminaram a fé. *Calvino* obteve uma cópia da obra finalizada de *Servet* atacando a doutrina da Trindade. Depois ele fez com que *Servet* fosse preso pela Igreja Católica através de um intermediário. Durante a prisão foi tratado com respeito e depois de três dias recebeu do carcereiro a chave para passear pelos jardins. Ele escapou e caminhou para a liberdade; mas acabou sendo uma caminhada até a morte.

Sua liberdade foi brevemente desfrutada. Determinado a ir a Nápoles, na Itália, para continuar a exercer a profissão de médico, tomou a infeliz decisão de viajar via Genebra. Este era o território de *Calvino*. Governando com poder quase absoluto, estabeleceu uma teocracia eclesiástica. *Servet* não poderia ter tido motivos para duvidar de que, se fosse capturado, o tratamento que receberia por parte dos seus colegas protestantes seria mais misericordioso do que se caísse nas mãos das autoridades católicas. Após a sua fuga, a Igreja Católica julgou-o à revelia e sentenciou-o "a ser carregado num carrinho de esterco até ao local da sua punição e ali a ser queimado vivo (*touf vif*) em fogo lento com os seus livros". **[26]** Tragicamente, *Servet* não levou em consideração o caráter de seu inimigo protestante, que havia dito: "Se ele vier e não respeitar minha autoridade, não tolerarei que ele escape com vida". **[27]** *Calvino* então admitiu: Não escondo isso através de meus esforços, e por meu conselho ele foi jogado na prisão." **[28]** *Calvino* poderia ter servido melhor aos seus apologistas modernos se não tivesse escrito um relato de suas relações com *Servet*. Mas não é raro que os seguidores de qualquer líder fechem os olhos e retirem da opinião pública os aspetos mais inaceitáveis do comportamento dos seus heróis, sem uma consideração estrita dos factos.

Servet experimentou o poder supremo do implacável *Calvino*. Depois de sofrer cruéis privações e humilhações, ele foi amarrado a uma estaca com uma corrente de ferro e seu último livro amarrado à coxa. Depois de ter implorado ao seu carrasco que não o torturasse demasiado, o fogo foi aplicado sobre a escassa pilha de ramos verdes de carvalho. Ele persistiu por muito tempo em tormento, clamando com voz penetrante: "Jesus, Filho do Deus eterno, tem piedade de mim!". No final, alguns dos espectadores atiraram lenha [galhos em chamas] sobre ele para acabar com sua miséria. **[29]**

Assim terminou a vida de um homem brilhante cujos estudos bíblicos o colocaram em oposição a um poderoso reformador protestante do século XVI. Apesar de qualquer desacordo histórico sobre os pontos fortes e fracos dos dois antagonistas neste drama trágico, permanece o facto completo de que Servet foi queimado numa estaca pela sua oposição a uma doutrina religiosa – a Trindade. Ele sofreu uma morte cruel por ousar publicar seu bem estudado desacordo honesto com a tradição sagrada, cujo adepto se sentia ameaçado. O tempo não conseguiu apagar esta terrível mancha do registo do Cristianismo estabelecido.

Seria errado acreditar que a oposição religiosa ou secular à crença numa Deidade unipessoal está reduzida a um passado antigo. De uma forma ou de outra, oculto ou aberto, o conceito bíblico da Deidade de uma pessoa – o "somente Deus, o Pai", do credo de Paulo (*1 Coríntios 8:6*) – tem sido escondido sob um manto de palavras. e discussão suprimida.

A violência com que a doutrina da Trindade tem sido defendida lança sobre ela uma cortina de suspeita. Algo parece desesperadamente errado com um ensinamento que precipitou episódios tão trágicos e sangrentos na história da igreja. O dogma que mesmo os seus proponentes dizem não poder ser explicado e fazer pouco sentido para a mente racional foi fruto do pensamento grego. Isto estava em desacordo com a teologia hebraica que alimentava Jesus e seus apóstolos. O Deus de Moisés, Isaías, Jesus e dos Apóstolos era uma pessoa, *o Pai*. O número um não pode ser igual a dois ou três. Tudo o que pode ser feito com um

é quebrá-lo. Quebre-o em fragmentos menores e então ele não permanecerá mais um. Se quisermos ampliá-lo, apesar de uma prodigiosa ginástica mental por parte dos trinitarianos, não poderá ser convertido em dois ou três, mesmo que utilizem todos os artifícios possíveis. Permanecerá apenas um (isto não significa, claro, que Deus não possa nomear agentes para estender a Sua influência e exercer a Sua autoridade. Mas esta não é uma relação ontológica, mas sim fiduciária). Deus não vai se submeter ao fracionamento ou à divisão. Quando o Cristianismo deu o seu passo formal inicial ao forçar uma divisão de Deus em dois (Pai e Filho), ele se dividiu, e não Deus. Desta forma o mundo cristão permanece até hoje; não unificado como Jesus orou, mas segmentado em denominações conflitantes. Este facto deveria motivar-nos a ponderar a questão: Se Cristo orou para que a sua igreja fosse uma só (*João 17:20, 21*), a sua oração não foi respondida? Será possível que a atual comunidade religiosa confusa e dividida seja de facto cristã apenas no nome? Poderia o seu credo principal ser um desvio da Bíblia que eles mantêm fortemente como seu padrão?

Se deixarmos de lado as especulações imaginativas dos filósofos e teólogos gregos; Se omitirmos a discussão das inferências na nossa investigação do verdadeiro Deus e do verdadeiro Jesus, e confiarmos nas declarações claras do credo das Escrituras, a Bíblia revela que Jesus era o Messias, o Filho de Deus. Este é o "dogma" central do Novo Testamento. Este é o credo dos primeiros cristãos, e não há necessidade de alterar a sua perceção do Salvador, apresentando-O como um super anjo pré-existente ou como o Deus eterno que se tornou homem.

É razoável explicar a mudança de opinião que agora torna difícil aos leitores da Bíblia distinguir o legado da tradição do ensino original de Jesus e dos seus apóstolos. Um cristão em busca da verdade não terá nada a temer dos fatos.

Notas Finais

[1] *Paul Johnson*, "*A History of Christianity*" (Uma Historia do Cristianismo) / New York, Atheneum, 1979, vii.
[2] **"***Christianity and the Roman Empire*" (O Cristianismo e o Imperio Romano) (New York: W.W. Norton, 1967), 174.
[3] **"***Heresies*" (Heresias) (Doubleday, 1984), 20.
[4] *Ibid.*
[5] "*Jewish Monotheism and Christian Trinitarian Doctrine*" (Monoteísmo Judaico e Doutrina Trinitária Cristã), 39.
[6] *Ibid.*
[7] *Ibid*., 40.
[8] "*A History of Christianity*" (Uma Historia do Cristianismo), 67.
[9] *Ibid*., 68.
[10] *Ibid.*
[11] *Ibid.*
[12] *Ibid.*
[13] Citado por *Ian Wilson*, "*Jesus: The Evidence*" (Jesus: a Evidência) (Harper & Row, 1984), 165.
[14] *Ibid.*
[15] *Ibid*. 165, 166
[16] **"***History of the Christian Church*" (Historia da Igreja Cristiana) (Grand Rapids: Eerdmans, 1907.1910), 3:625**.**
[17] *Ian Wilson*, "*Jesus: The Evidence*" (Jesus: a Evidência), 168.
[18] "The Calling of the Jews" (O Chamado dos Judeus), nos ensaios coletados sobre Judaísmo e Cristianismo.
[19] *Ian Wilson*, "*Jesus: The Evidence*" (Jesus: a Evidência), 168.
[20] Um relato bem pesquisado da forte influência política na formação do dogma cristão é fornecido em "When Jesús Become God: The Struggle to Define Christianity During the Last Days of Rome" (Quando Jesus se torna Deus: a luta para definir o cristianismo durante os últimos dias de Roma) (Harcourt, 199) por R.E. Rubinstein.

[21] Muitas passagens bíblicas dizem-nos que o Reino de Deus será estabelecido na terra (*Mateus 5:5; 19:28; 25:31; Apocalipse 5:10; Isaías 2:1-4*, etc.) quando Jesus regressar.
[22] "*General Repository and Review*" **(**Repositório Geral e Revisão), *ed. Andrews Norton* (Cambridge, MA: *Willim Hilliard*, outubro de 1983), 4:37.
[23] *Ibid.*
[24] *Ibid*., 47.
[25] *Ibid.*
[26] *Ibid.*, 56.
[27] *Ibid.* 48
[28] *Ibid.* 58
[29] *Ibid.* 72

VII. A NATUREZA DA PRÉ-EXISTÊNCIA NO NOVO TESTAMENTO

"*Descerá sobre ti o Espírito Santo… por isso também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus*" – *Gabriel*

> Dentro da tradição cristã, o NT tem sido lido há muito tempo através do prisma dos credos conciliares posteriores. Falar de Jesus como o Filho de Deus tinha uma conotação muito diferente no primeiro século do que tinha tido desde o Concílio de Nicéia (325 DC). Falar de sua pré-existência deveria provavelmente em muitos, ou talvez em todos os casos, ser entendido, na analogia da pré-existência da Torá, como indicando o eterno propósito divino realizado através dele, em vez de uma pré-existência de uma aula totalmente pessoal. **[1]**
>
> As principais igrejas estão comprometidas com uma certa doutrina sobre Cristo, mas os especialistas do pensamento cristão primitivo questionam os argumentos pelos quais essa doutrina foi alcançada. Os estudiosos do NT questionam se o NT ensina isso, e os historiadores ficam maravilhados com o abismo entre o próprio Jesus e o cristianismo plenamente desenvolvido. Estas questões são muito perturbadoras, porque implicam que o Cristianismo poderia estar em piores condições do que se acreditava anteriormente. Talvez não seja uma estrutura basicamente sólida que apenas precise ser modernizada, mas que precisará de uma reconstrução radical... O NT nunca sugere que a frase "Filho de Deus" significa apenas "Deus". **[2]**

Porém, os evangélicos insistem nessa equação se alguém deseja ser considerado cristão!

"Quando um judeu desejava designar algo como predestinado, ele falava disso como já "existente" no céu." **[3]** Assim, as declarações sobre "preexistência" no NT realmente tinham a ver com preordenação e predestinação. Foram os gregos que compreenderam mal o modo de pensar judaico e transformaram Cristo numa figura cósmica que entrou na Terra vinda do espaço sideral. Mas será que este Jesus semelhante é um ser humano? Ele é o verdadeiro Messias de Israel?

Muitos cristãos dedicados estão atualmente preocupados com as tendências gnósticas e místicas que afetam a Igreja. Mas muitos não sabem que as ideias filosóficas e místicas invadiram a Igreja a partir do século II através dos "pais da Igreja", que estavam mergulhados na filosofia pagã e lançaram as bases dos credos hoje chamados "ortodoxos". A semente da doutrina trinitária foi plantada no pensamento de Justino Mártir, o apologista cristão do século II que "encontrou no platonismo a maior aproximação com o cristianismo e sentiu que não era necessária nenhuma rutura com o seu espírito e princípios para introduzi-lo numa luz maior". da revelação cristã". As forças que operaram para mudar a doutrina apostólica derivaram do paganismo... Os hábitos de pensamento que os gentios trouxeram para a Igreja são suficientes para explicar as corrupções das doutrinas apostólicas que começaram na era post-apostólica". **[4]**

Cristãos inteligentes precisam ser informados sobre essas corrupções e como elas são atualmente "canonizadas" como Escrituras por muitos. Discernimento significa reconhecer as diferenças entre a verdade revelada e os ensinamentos filosóficos pagãos que se originaram fora da Bíblia, embora afetados pelo que hoje é chamado de "ortodoxia".

Pedimos ao leitor que considere os efeitos desastrosos de não prestar atenção aos modos de pensar judaicos encontrados na Bíblia, que foi escrita (com exceção de Lucas) por judeus. Evidentemente, se os

judeus não quisessem dizer o que entendemos por "pré-existência", estaríamos propensos a entendê-los mal em questões básicas sobre quem é Jesus. Há uma enorme diferença entre ser predestinado ou preordenado e realmente pré-existente. A filosofia grega acreditava num "segundo Deus", um intermediário não humano entre o criador e o mundo. O verdadeiro Jesus, porém, é o "homem Messias", o único Mediador entre Deus e o homem (*1 Timóteo 2:5*). "Para nós, cristãos, há um só Deus, o Pai… e um só Senhor Messias" (*1 Coríntios 8:6*). Observe cuidadosamente a definição de Paulo do único Deus.

O NT é um livro totalmente judaico. Seus escritores eram todos judeus, exceto provavelmente Lucas (que, no entanto, é tão judeu quanto qualquer um dos escritores em termos de seu óbvio deleite na salvação judaica [*João 4:22*] oferecida em Jesus tanto a judeus quanto a gentios). Os leitores modernos da Bíblia abordam temas bíblicos básicos com uma perspetiva grega bem enraizada sobre a vida. Eles herdaram isso das primeiras igrejas e credos post-bíblicos que ignoraram o fato de que Jesus era um judeu que ensinava de maneira judaica.

Existe uma tendência antissemita no Cristianismo das religiões tradicionais que deve ser reconhecida e abandonada. Afetou dramaticamente a doutrina cristã. Afetou a forma como definimos a pessoa de Jesus, o Messias.

A ideia de que a alma se separa do corpo e sobrevive conscientemente à parte do corpo é uma ideia inteiramente não-judaica (*este facto está bem estabelecido na abordagem do Antigo Testamento – e certamente o ensino do NT sobre a natureza do homem é baseado no AT*). Os leitores modernos da Bíblia ficam surpresos ao descobrir que na Bíblia *o homem inteiro morre* e entra na inconsciência ("sono") e volta à vida apenas pela futura ressurreição da pessoa inteira. O Cristianismo tradicional persiste com a noção errônea de que o homem tem uma "alma imortal que continua a viver após a morte. Muitos leitores da Bíblia não prestaram atenção à afirmação do "*Interpreter's Dictionary of the Bible*" (Dicionário Intérprete da Bíblia): "Nenhum texto bíblico autoriza a afirmação de que a alma se separa do corpo no momento da morte." **[5]**

A noção de que Jesus estava realmente vivo e consciente antes de seu nascimento em Belém também é uma ideia muito antijudaica. Os seres humanos no pensamento hebraico não existiam conscientemente antes de nascerem. A preexistência das almas pertence ao mundo da filosofia grega e foi apoiada por alguns Padres da Igreja (especialmente pela mente filosófica e mística de Orígenes). Mas eles não tiraram essa ideia da Bíblia.

Parte do crescimento cristão é a disposição de admitir que fomos enganados e que não tivemos informações suficientes para tomar boas decisões sobre as questões da Bíblia.

Um fato muito importante que devemos saber antes de tentarmos entender quem foi Jesus é este:

> Quando o judeu disse que algo estava "predestinado", ele pensava nisso como "já existindo" numa esfera superior da vida. A história do mundo está, portanto, predestinada porque já é, em certo sentido, pré-existente e, consequentemente, organizada. Esta conceição tipicamente judaica de predestinação pode ser diferenciada da ideia grega de preexistência pela predominância *do pensamento de "preexistência"* no propósito Divino. **[6]**

Nosso estudioso prossegue nos dizendo que esse modo típico de pensamento judaico é claramente ilustrado em *1 Pedro*. Isto imediatamente nos lembra que Pedro não abandonou seu modo de pensar judaico (baseado na Bíblia Hebraica) quando se tornou cristão. A carta de Pedro é dirigida aos "*Eleitos segundo a presciência* [prognose] *de Deus Pai*" (*1 Pedro 1:2*). Pedro acreditava que todos os cristãos eram conhecidos de antemão, mas isso não significa que todos pré-existimos!

A doutrina de Pedro sobre as coisas futuras é permeada pela mesma ideia de que tudo está ordenado de antemão no grande plano de Deus. Deus vê tudo apresentado diante de Ele. Aqueles que têm o dom do

espírito compartilharão a perspetiva de Deus e reconhecerão pela fé que as realidades do plano de Deus eventualmente se tornarão realidades na Terra. Segundo Pedro, *o próprio Messias era conhecido de antemão, não apenas a sua morte pelos nossos pecados, mas também a pessoa do próprio Messias* (*1 Pedro 1:20*). Pedro usa a mesma palavra para descrever a "existência" do Filho de Deus no plano de Deus e para descrever a "existência" da Igreja Cristã (*versículo 2*).

Embora o Messias fosse conhecido de antemão (não conhecido, mas *conhecido de antemão*, como Jeremias era antes de seu nascimento, *Jeremias 1:5*), ele se manifestou ao ser trazido à existência real em seu nascimento (*Lucas 1:35*). Esta é uma forma tipicamente judaica de compreender o propósito de Deus para a humanidade. Ele executa o plano no momento apropriado.

O tipo de "preexistência" que Pedro tinha em mente é o tipo que se adapta ao ambiente judaico, e não à atmosfera grega do cristianismo post-bíblico posterior.

> Não temos o direito de dizer que Pedro estava familiarizado com a ideia da pré-existência de Cristo com o Pai antes da encarnação [não temos o direito de afirmar que Pedro era um trinitário!]. Pois esta ideia não está necessariamente implícita na sua descrição de Cristo como "previsto antes da fundação do mundo", uma vez que os cristãos também são objetos da presciência de Deus. Tudo o que podemos dizer é que a frase "*pro kataboles kosmou*" [antes da fundação do mundo] afirma uma posição e importância supramundanas para o ofício e obra de Cristo... Pedro não expandiu sua crença na divindade de Cristo para uma afirmação de a sua preexistência: a sua cristologia é mais parecida com a dos primeiros capítulos dos Atos do que com a de João e Paulo. **[7]**

Pedro, como apóstolo principal (*Mateus 10:2*), não teria simpatia por nenhuma visão trinitária ou ariana de Jesus (compare, Testemunhas de Jeová modernas).

Observamos também que, para Pedro, a futura salvação dos cristãos, o Reino que eles herdarão quando Cristo retornar, também está esperando no céu "*já prestes para se revelar no último tempo*" (*1 Pedro 1:5*). A segunda vinda será, portanto, um "Apocalipse" ou "revelação" do que agora "existe", embora oculto à nossa vista. Da mesma forma, foi dito de Jesus que ele era "*conhecido de antemão (previsto)*" e que espera ser revelado no tempo apropriado de Deus (*1 Pedro 1:20*). Nem o Reino nem Jesus realmente existiam antes (de antemão). Eles foram planejados antes da fundação do mundo.

Paulo usa o mesmo conceito e linguagem em relação à futura ressurreição e imortalidade dos santos. Ele diz que já "temos da parte de Deus um edifício, uma casa preparada para o mundo vindouro (*2 Coríntios 5:1*). **[8]** Nossa futura ressurreição do corpo já "existe" na intenção de Deus e pode ser considerada real porque é certo que se manifestará no futuro. Nesse sentido, nós o "temos", embora obviamente não o possuamos literalmente. O mesmo se aplica ao tesouro que temos no céu. Isto está prometido para o nosso futuro. Receberemos nossa recompensa de herança (*Colossenses 3:24*) quando Cristo a trouxer do céu para a terra em sua vinda futura.

Preordenação em vez de Preexistência Literal

Tendo compreendido este facto elementar da teologia e do pensamento judaico (e bíblico), não será difícil ajustar a nossa compreensão de outras passagens onde o mesmo princípio de "existência" é encontrado seguido por uma manifestação real. Então Jesus diz em *João 17:5*. "*E agora glorifica-me tu ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse*". Com base em *2 Coríntios 5:1*, um cristão no futuro, após a ressurreição por ocasião da volta de Cristo, poderá dizer que recebeu agora o que já "tinha", isto é, o que guardou para ele no santuário de Deus. plano. Diz-se que os

cristãos "têm" um tesouro no céu (*Marcos 10:21*), isto é, uma recompensa depositada com Deus agora e destinada a ser conferida no futuro. Isto significa apenas que um dia no futuro "*possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo*" (*Mateus 25:34*).

Quando Jesus diz que "teve" a glória pela qual ora agora (*João 17:5*), ele está apenas pedindo a glória que ele sabia que já estava preparada para ele por Deus desde o princípio. **[9]** Essa glória existia no plano de Deus e, nesse sentido, Jesus já a "tinha". Notamos que Jesus não disse: "devolva-me" ou "restaure-me a glória que eu tinha quando estava vivo com você antes de meu nascimento". É totalmente desnecessário e, na verdade, errado ler ideias gentílicas nos textos das Escrituras quando podemos compreendê-las da maneira como são percebidas em seu ambiente judaico. O fardo de demonstrar que os textos não podem ser explicados dentro do seu próprio contexto judaico recai sobre aqueles que acreditam na preexistência literal. E deve ser lembrado que a Bíblia Hebraica, que tem muito a dizer em antecipação à vinda do Filho de Deus, não faz nenhuma declaração que implique que o Messias era Deus destinado a chegar de uma existência pessoal "pré-nascimento" no céu. A ideia de que Deus pode nascer como homem é estranha ao ambiente judaico onde Jesus ensinou. Teria sido necessária uma revolução para a introdução de um conceito tão novo.

A chamada "preexistência" de Jesus em João refere-se à sua "existência" no Plano de Deus. A Igreja tem sido atormentada pela introdução de linguagem antibíblica. Existe uma palavra perfeitamente boa para preexistência "real" na língua grega (*prouparchon*). É muito significativo que isto não apareça em nenhuma parte das Escrituras com referência a Jesus, mas aparece nos escritos dos Padres da Igreja Grega do segundo século. Esses comentaristas gregos das Escrituras não conseguem compreender as categorias hebraicas de pensamento nas quais o NT está escrito.

A perspetiva bíblica de Jesus antes do seu nascimento tem a ver com a sua "existência" *no Plano e na visão de Deus*. A preexistência na Bíblia não significa o que significava nos credos posteriores: a existência real e consciente do Filho de Deus antes do seu nascimento, altura em que ele entrou na terra na condição humana, passando pelo ventre da sua mãe. Nas Escrituras, Jesus é produzido *de* Maria (*Mateus 1:16*). Estranhamente, no século II, *Justino Mártir* começa a falar da vinda de Jesus *através* de sua mãe.

Uma conceição judaica e bíblica de preexistência é muito importante para a compreensão do próprio Jesus como o Filho do Homem. O Filho do Homem é encontrado no livro de Daniel. Ele "pré-existe" apenas no sentido de que Deus lhe concede uma visão *dele* – do ser humano – no seu Plano para o futuro. O Filho do Homem *é um ser humano* – é isso que as palavras significam. Assim, o que João quer que entendamos é que o Messias humano estava no céu antes de seu nascimento (no Plano de Deus) e foi visto *na visão do futuro de Daniel* (Daniel 7; João 6:62). Jesus em sua ascensão ascendeu a uma posição que lhe havia sido previamente preparada no Plano de Deus. Nenhum texto diz que Jesus regressou (*upostrepho*) a Deus, embora esta ideia tenha sido erroneamente introduzida em algumas traduções modernas em inglês para apoiar a "ortodoxia". Tal tradução errada do grego "ir para o Pai" como "*retornar* ao Pai" conta a sua própria história. **[10]** As traduções da Bíblia são tendenciosas em favor das ideias post-bíblicas tradicionais sobre quem é Jesus.

O Filho do Homem não é um anjo. Nenhum anjo jamais foi chamado de "Filho do Homem" (= membro da raça humana – com boa razão, o auto título favorito de Jesus). Chamar o Messias de anjo seria uma confusão de categorias. Portanto, os estudiosos relatam corretamente que a ideia de preexistência do Messias "*anterior ao seu nascimento em Belém* é desconhecida no Judaísmo". O Messias, de acordo com tudo o que é predito sobre ele no AT, pertence em sua origem à raça humana: "'O Judaísmo nunca conheceu nada de uma pré-existência peculiar antecedente do Messias ao seu nascimento como ser humano.' [*Dalman*, "*Words of Jesus*" (Palavras de Jesus), pp. 128-32, 248, 252]. A prevalência desta ideia não pode de forma alguma ser mantida seriamente em nenhum círculo judaico. "O Judaísmo nada sabia sobre um homem ideal pré-existente (*literalmente*)". **[11]**

Afirmar ser "*antes de Abraão*" (*João 8:58*) não significa que você se lembra de estar vivo antes de nascer. Isso é pensar como um grego que acredita na preexistência das almas. No pensamento hebraico do NT, alguém pode "existir" como parte do Plano de Deus, assim como o tabernáculo, o templo, o arrependimento e outros elementos importantes do propósito Divino. Até Moisés preexistiu nesse sentido, segundo uma citação que apresentaremos mais tarde. O Apóstolo João também poderia dizer que Cristo foi, "*morto desde a fundação do mundo*" (*Apocalipse 13:8*). Isto nos dá uma pista extremamente valiosa sobre como os escritores do NT entendiam a "pré-existência".

Existem vários exemplos de tempos passados na Bíblia Hebraica que na verdade se referem a eventos futuros. Eles são "passados" porque descrevem eventos fixados nos conselhos de Deus e, portanto, certamente acontecerão. Os leitores da Bíblia desprezam esse mesmo modo de pensar judaico quando chegam à conclusão de que quando Jesus disse que "teve" sua glória com o Pai desde a fundação do mundo (João 17:5), ele quis dizer que estava vivo naquele momento. tempo. Certamente, num quadro de referência ocidental, este entendimento tradicional é razoável. Mas não podemos dar ao Messias a honra de tentar compreender as suas palavras no seu próprio ambiente judaico? A Bíblia não deveria ser interpretada à luz do seu próprio contexto e não à luz dos nossos credos posteriores?

Não há preexistência para Jesus em Mateus, Marcos e Lucas

Há um silêncio ensurdecedor sobre qualquer preexistência real de Cristo em Mateus, Marcos, Lucas, Atos e Pedro, e em todo o AT. Eles não apenas não implicam um Filho de Deus pré-humano, mas contradizem essa ideia ao falar da *origem* (*gênese*) de Jesus (*Mateus 1:18*) e *de sua geração como Filho* (*Mateus 1:20*) no ventre de Maria. **[12]** Observe que para os arianos e trinitarianos, que pensavam que Cristo foi gerado na eternidade muito antes de sua conceição/geração em Maria, esta teria sido uma segunda geração. **[13]** Lucas não sabe nada sobre tal ideia. Leitores sem preconceitos verão (como reconhecido por uma série de especialistas bíblicos) que o Jesus de Mateus, Marcos, Atos de Lucas e Pedro é um ser humano que se origina na sua conceição e nascimento, assim como todas as outras pessoas. Ele não preexistiu. Mateus até fala da "*gênese*" de Jesus em *Mateus 1:18*.

É uma imposição séria ao Evangelho de João entendê-lo como ensinando um tipo de Jesus diferente de Mateus, Marcos e Lucas – alguém que é realmente um anjo ou um Deus aparecendo como um homem. Tal Messias não-humano é estranho não apenas ao resto do NT, mas à totalidade da revelação de Deus no AT no que diz respeito à sua definição do Messias vindouro.

Deuteronômio 18:15-18 diz expressamente que o Messias surgiria de uma família de Israel. Diz-se expressamente do Messias neste importante texto cristológico *que ele não é Deus, mas o agente de Deus nascido de uma família de Israel*. Todos os judeus que aguardavam o Messias esperavam uma pessoa humana, não um anjo, muito menos o próprio Deus! Embora os judeus não tivessem entendido que o Messias nasceria sobrenaturalmente, até mesmo esta geração milagrosa foi de fato predita (*Isaías 7:14; Mateus 1:23*). Um Messias "pré-humano", porém, não é sugerido em parte alguma.

De acordo com *Isaías 44:24*, Deus não foi acompanhado na criação original. Jesus nos Evangelhos atribui a criação ao Pai e não se lembra de ter sido o agente na criação de Gênesis (*Marcos 10:6; Mateus 6:30; 19:4; Lucas 12:28*). Se Jesus foi realmente o criador dos céus e da terra de Gênesis, por que ele não se lembra desse fato? Por que ele diz expressamente que Deus foi o criador? A resposta é que Jesus agiu dentro da estrutura judaica e bíblica da herança bíblica que recebeu e que "não veio para destruir".

O espírito de Deus está disponível aos crentes. À medida que aprendem a pensar como Deus pensa, eles compartilharão o conceito de que Deus "*chama as coisas que não são como se já fossem*" (*Romanos 4:17*). É um erro confundir a "existência" no Plano de Deus com a pré-existência real, criando assim um Jesus não totalmente humano. O Cristo da expectativa bíblica é uma pessoa humana, concebida

sobrenaturalmente. A maior glória de suas realizações para nós reside no fato de que ele realmente era um ser humano. Ele ficou tentado. Mas Deus não pode ser tentado (*Tiago 1:13*).

O Apóstolo "Rocha", a quem Jesus comissionou para "apascentar as minhas ovelhas", deu-nos uma lição maravilhosa sobre como compreender o significado da preexistência como presciência e predestinação. Foi Pedro cujo reconhecimento de Jesus como o *Messias* foi recebido com a entusiasmada aprovação de Jesus (*Mateus 16:16-18*). Pedro e João entenderam que a glória que Jesus já "tinha" é a mesma glória que os crentes posteriores à época de Jesus [e, portanto, ainda não nascidos quando Cristo falou sobre isso] lhes havia sido dada (*João 17:22*). Isto significa apenas que as coisas fixadas nos conselhos de Deus "existem" em outro sentido que não o da existência real. Devemos escolher se compreenderemos a linguagem do NT como americanos ou europeus ou como simpatizantes de Jesus e da sua cultura judaica. Um versículo em Apocalipse fala de coisas que "existiam" antes de serem criadas. "*e por tua vontade são e foram criadas*" (*Apocalipse 4:11*). A sua criação resultou do Plano original de Deus para trazê-los à existência.

Uma compreensão do contexto do NT revela que os judeus acreditavam que até mesmo Moisés "pré-existia" nos conselhos de Deus, mas não realmente como uma pessoa consciente:

Pois assim decretou o Senhor do mundo: Ele criou o mundo para o Seu povo, mas não divulgou esse propósito desde o princípio do mundo para que as nações pudessem ser consideradas culpadas..., mas Ele o fez. e me criou (Moisés), pois fui preparado desde o princípio do mundo para ser o mediador da aliança (Testamento de Moisés, 1:13, 14).

Se Moisés foi decretado no Plano de Deus, faz todo o sentido que o próprio Messias tenha sido o propósito para o qual Deus criou tudo. Pode-se então dizer que todas as coisas foram criadas em favor de Cristo. Por consideração ao Plano revelado de Deus e em honra do Salvador humano, deveríamos procurar compreender a sua identidade no contexto do seu próprio ambiente hebraico.

Uma declaração maravilhosa da compreensão judaica da "pré-existência" é fornecida pelo estudioso norueguês *Mowinckel*, em seu famoso "*He That Cometh*" (O que vem):

> Que qualquer expressão ou veículo da vontade de Deus para o mundo, Seu conselho e propósito salvador, estivesse presente em Sua mente, ou em Sua "Palavra", desde o início, é uma maneira natural de dizer que não é fortuito, mas devido. e expressão do próprio ser de Deus [compare, João: "o Verbo estava com Deus e era Deus"]. Esta atribuição de pré-existência indica a importância religiosa da mais alta ordem. A teologia rabínica fala da lei, do trono de glória de Deus, de Israel e de outros importantes objetos de fé como coisas que foram criadas por Deus e que já estavam presentes com Ele antes da criação do mundo. O mesmo também se aplica ao Messias. Diz-se que seu nome já estava presente com Deus no céu, que ele foi criado antes do mundo e que é eterno. Mas a referência aqui não é uma preexistência genuína no sentido estrito e literal. Isto fica claro pelo facto de Israel estar incluído entre estas entidades pré-existentes. Isto não significa que a nação de Israel ou os seus antepassados existiram há muito tempo no céu, mas antes que a comunidade de Israel, o povo de Deus, esteve desde toda a eternidade *na mente de Deus*, como um fator no seu propósito... Isso é verdade no que diz respeito às referências à preexistência do Messias. É o seu "nome", e não o próprio Messias, que se diz ter estado presente com Deus antes da criação. Em *Pesikta Rabbati 152b* é dito que "desde o início da criação do mundo nasceu o Rei Messias, porque ele ascendeu *no pensamento de Deus* antes que o mundo fosse criado". Isto significa que desde toda a eternidade foi a vontade de

Deus que o Messias viesse à existência e fizesse a sua obra no mundo para cumprir o propósito salvador eterno de Deus. **[14]**

A proposição introduzida pela mente filosófica gentia dos "Pais da Igreja" de que Jesus era um "segundo" membro da Divindade (mais tarde ortodoxia) ou um anjo criado (arianos e nos tempos modernos, as Testemunhas de Jeová) jogou fora toda a problema conflitante da natureza de Cristo em relação à Divindade e colocou sob um véu o verdadeiro "Messianismo" de Jesus e seu Evangelho Messiânico sobre o Reino. Jesus de Nazaré é o que a Palavra (a Sabedoria de Deus) de *João 1:1* (*João 1:14*) se tornou. **[15]** Ele é a expressão única, como ser humano, da Sabedoria de Deus. Foi a Sabedoria de Deus que existiu desde o início, e essa Sabedoria se tornou uma pessoa na conceição de Jesus. Esta explicação deixa intacta a grande doutrina fundamental de que o único Deus é o Pai e que Jesus é o Senhor Messias, não o Senhor Deus. **[16]** Foram os últimos Padres da Igreja Grega que confundiram a questão do monoteísmo judaico-cristão ao introduzir a ideia de um "Deus numericamente segundo". **[17]**

É muito significativo que Paulo fale frequentemente do evangelho como tendo estado oculto nos conselhos de Deus desde tempos passados". **[18]** Ele também diz que o Filho de Deus "*veio à existência*" de uma mulher e da semente de Davi (*Gálatas 4:4; Romanos 1:13*). É inimaginável que Paulo pudesse ter acreditado na preexistência do Filho. Seria falso dizer que o Filho veio à existência quando nasceu, se de fato ele sempre existiu. É muito mais razoável presumir que Paulo concordou com Pedro que o Messias estava oculto nos conselhos divinos e depois foi revelado no devido tempo. **[19]** Paulo acreditava que em Jesus "*todas as coisas foram criadas*" (*Colossenses 1:16*). Ele não disse que eles foram criados "por ele".

Finalmente, é muito razoável afirmar que a "Sabedoria" em Provérbios (isto é, "Senhora Sabedoria") era de fato Jesus pré-existente, o Filho. Não deveria ser difícil discernir que "Sabedoria" aqui é a personificação da qualidade divina, não uma pessoa. A prova disso não se encontra apenas em todos os comentários, mas muito claramente no próprio texto. "*Eu, a sabedoria, hábito com a prudência*" (*Provérbios 8:12*). Se a Sabedoria é realmente um Filho de Deus (masculino), então quem é a Prudência?

Os objetivos pré-existentes e as personificações fazem parte da literatura do judaísmo. Não existe um Messias pré-existente e não-humano. Um Messias que não é um ser humano está muito mais próximo da ideia pagã de almas preexistentes e dos "*aions*" gnósticos. Foi essa invasão primitiva do paganismo que, infelizmente, começou a corromper a fé, como advertiram Pedro e Paulo (*2 Pedro 2; Atos 20,29-31*).

Essa intrusão do paganismo resultou numa linguagem muito estranha sobre Jesus. Sua "existência pré-humana" aponta para o fato de que ele não é realmente um ser humano. Ele existiu como um anjo antes de nascer. Isso se aproxima da ideia de "*Fizeram-se os deuses semelhantes aos homens, e desceram até nós*" (*Atos 14:11*). Tal Jesus soa como uma figura de salvador pagão. Houve muitos desses salvadores cósmicos no mundo greco-romano. Mas houve apenas um Messias, cuja identidade lhe foi dada muito antes de seu nascimento. Ele era conhecido de antemão (*1 Pedro 1:20*) e emergiria da Casa de Israel como um israelita da tribo de Judá (*Deuteronômio 18:15-18; Atos 3:22; 7:37*). O importante texto de Deuteronômio na verdade afirma que o agente prometido de Deus não seria o Senhor Deus, mas sim o seu porta-voz. Os cristãos devem ter cuidado ao reivindicar lealdade a esse Salvador. Adorar um Salvador com ideias erradas sobre Ele corre o risco de adorar outro Salvador. *O credo de Jesus é o credo correto para os cristãos* (*Marcos 12:29*). Como muitos estudiosos sabem, esse credo não é um credo trinitário. O Deus Único de Israel e Jesus era e é o Pai, **[20]** "*o único Deus*" (*João 5:44*). "*o único Deus verdadeiro*" (*João 17:3*).

João 1:1

A cristologia, o estudo de quem é Jesus, trata de uma declaração fundamentada sobre o relacionamento de Jesus com o único Deus de Israel. Não há dúvida de que, para os primeiros cristãos, Jesus tinha o valor e a realidade de Deus. Isto, porém, não significa que eles criassem que Jesus "era Deus". Alguns argumentaram que João apresenta Jesus em termos metafísicos que atrairiam as pessoas do mundo grego

que pensavam em termos de ideias abstratas familiares ao pensamento helenístico. A "Ortodoxia" afirma que João é a sua ponte para o mundo da metafísica grega – a metafísica que ajudou a moldar Jesus nos concílios da igreja.

Sugerimos que devemos primeiro ver se João pode ser facilmente compreendido em termos da sua abordagem judaica muito diferente. Por que deveríamos tentar ler João pensando que ele era um estudante do judeu Filo ou da religião de mistério gentia? Por que ele deveria ser considerado um defensor das conclusões dogmáticas dos concílios eclesiásticos posteriores? Não deveríamos entendê-lo a partir do mundo das ideias do AT? "O que sabemos", diz o notável estudioso bíblico, "é que João foi treinado nas Escrituras do AT. Se quisermos compreender a ascendência histórica do conceito de João do "*Logos*" [Palavra] como ele o entendeu, temos que voltar a essas Escrituras." **[21]**

É um erro considerável ler João 1:1 como se se acreditasse que significasse "no princípio era o Filho de Deus, e o Filho estava com o Pai, e o Filho era Deus". **[22]** Não foi isso que João escreveu. O poeta alemão Goethe lutou para encontrar uma tradução correta: "No princípio era a Palavra, o pensamento, o Poder ou a Obra". Ele decidiu "trabalhar". Ele chega muito perto do propósito de João. O que o evangelista quis dizer foi: "O pensamento criativo (ideia) de Deus está operando desde a eternidade".

Como escreveu um proeminente estudioso bíblico britânico:

> Quando João apresenta a Palavra eterna, ele não estava pensando em um ser de alguma forma separado de Deus, ou em alguma "hipóstase". As distinções dogmáticas trinitárias posteriores não deveriam ser lidas na mente de João... à luz de uma filosofia que não era a dele ... não deveríamos ler João à luz da história dogmática dos três séculos seguintes à escrita do Evangelista. **[23]**

Para compreender João (e o resto do NT) devemos prestar muita atenção à herança cultural de João, que não era a do mundo da filosofia grega, no qual os credos dogmáticos foram formados cerca de trezentos anos depois. Quando João é lido à luz de sua formação hebraica, ele não fornece nenhum suporte para a doutrina de um Jesus que é "Deus, o Filho", uma Pessoa eterna não criada em uma Deidade Trina:

> A linguagem de um autor nos confundirá, a menos que tenhamos algum entendimento com a sua mente... o evangelista João toma o conhecido termo "*logos*", não o define, mas revela o que ele mesmo quer dizer com esse termo... A ideia pertencia ao AT e está envolvida em toda a crença e experiência religiosa das Escrituras Hebraicas. É o termo mais adequado para expressar sua mensagem. Porque a "palavra" de um homem é a expressão da sua "mente"; e sua mente é sua personalidade essencial. Cada mente deve expressar-se, porque a atividade é a verdadeira natureza da mente... Assim João fala do "Verbo" que estava *com* Deus, e era *Divino*, para expressar a sua convicção de que Deus sempre foi uma Mente. Deus, por Sua verdadeira natureza, não pode sentar-se no céu e não fazer nada. Quando mais tarde no Evangelho Jesus diz: "Meu Pai trabalha até agora", está dizendo o que o Evangelista diz no primeiro versículo do seu prólogo. A linguagem de João não é a linguagem da definição filosófica. Juan tem uma mente "concreta" e "pictórica". A incapacidade de compreender João [em seu prólogo] levou muitos à conclusão de que ele é "o pai da cristologia metafísica [ou seja, trinitária]", e, portanto, responsável pelo obscurecimento eclesiástico posterior da ênfase ética e espiritual de João. Jesus ... O evangelista não pensou em termos da categoria de "substância" – uma categoria que agradava muito à mente grega. **[24]**

Num artigo esclarecedor na "*Bible Review*" (Revisão da Bíblia), *J. Harold Ellens* aponta que títulos como Filho de Deus, conforme eram usados na época em que o NT foi escrito:

> Ele nunca quis insinuar que os personagens aos quais foram aplicados eram seres divinos. Esses (títulos) significavam que essas figuras estavam imbuídas do espírito divino, ou o "*Logos*". Os títulos referiam-se às suas funções e caráter como homens de Deus, e não porque *eram Deus*. Pensar em um ser humano como se ele fosse Deus era uma noção estritamente grega ou helenística. Consequentemente, os primeiros debates teológicos, a partir de meados do século II, foram em grande parte entre Antioquia, um centro do cristianismo judaico, por um lado, e o cristianismo alexandrino, *fortemente influenciado pela especulação neoplatónica*, por outro. Na maior parte, o argumento dos cristãos judeus tendia a ser que eles conheciam Jesus e sua família e que ele era um ser humano, um grande professor, alguém cheio do "*Logos*" divino..., mas que ele não o conhecia. era divino no sentido ontológico, como insistiam os alexandrinos. Os argumentos persistiram de uma forma ou de outra até que a fação de Cirilo de Alexandria finalmente levou o bolo para um Jesus muito mitológico de um ser divino ontológico. *Cirilo foi capaz de assassinar seus colegas bispos para conseguir o que queria*. Na época do Concílio de Nicéia em 325 DC, esta perspetiva alexandrina de alta cristologia era dominante, mas não incontestada pela perspetiva antioquiana de baixa cristologia. De Nicéia à Calcedônia, a perspetiva especulativa e neoplatônica ganhou terreno crescente e tornou-se dogma cristão ortodoxo em 451 DC. Infelizmente, o que os teólogos dos grandes concílios ecumênicos queriam dizer com títulos de credos como Filho de Deus estava muito distante do que esses mesmos títulos significavam nos Evangelhos. Os credos falavam em termos filosóficos gregos: os Evangelhos falavam em termos do Judaísmo do Segundo Templo... os bispos dos concílios devem ter percebido que haviam trocado o terreno da metáfora hebraica pela ontologia grega e, na verdade, traíram o verdadeiro Jesus. Cristo. **[25]**

Não é difícil compreender que a Bíblia é abandonada quando termos fundamentais como *Filho de Deus* recebem significados novos e antibíblicos. Os concílios da Igreja, sob a influência do neoplatonismo especulativo grego, substituíram o Filho de Deus do NT por um Deus Filho no modo da filosofia. Quando um significado diferente para um título é substituído pelo original, uma nova fé é criada. Essa nova fé se torna "ortodoxia". Ela insistiu em seus dogmas, sob pena de excomunhão e condenação (o Credo Atanasiano). A "ortodoxia" dogmática nicena tirou Jesus de seu ambiente hebreu e distorceu o Evangelho de João em um esforço para fazer João se encaixar no molde filosófico da "ortodoxia". E assim permanece até hoje.

É necessária uma revolução para reverter o processo trágico. Isto acontecerá quando os cristãos assumirem a sua responsabilidade pessoal de entrar em contacto com a Bíblia e investigá-la com todas as ferramentas agora à nossa disposição. Uma chave para a compreensão adequada é reconhecer que a Bíblia é uma biblioteca de livros judaicos e que Jesus era um judeu impregnado da Bíblia Hebraica (O Antigo Testamento).

O paganismo oculto no Cristianismo deve ser exposto. A história da Ortodoxia mostra sinais de um espírito que tem muito pouco a ver com o espírito de Jesus. Aqueles que questionaram a "ortodoxia" foram tratados de forma rude. [26]

Um comentarista pergunta:

> Como é que a religião do amor tem sido responsável por algumas das piores crueldades e injustiças que alguma vez se abateram sobre a humanidade?...A Igreja tem perseguido mais cruelmente do que qualquer outra religião...as nossas crenças religiosas estão apoiadas num andaime tradicional, e muitos de nós ficamos

> profundamente perturbados se a estabilidade deste andaime for questionada. O católico médio [e o mesmo se aplica a muitos protestantes] confia na infalibilidade da sua Igreja, que ele geralmente aceita sem investigação. Admitir que a sua Igreja esteve errada e que permitiu crimes atrozes é quase impossível para ele. **[27]**

Monoteísmo

Nem Paulo nem qualquer outro escritor bíblico alguma vez declararam que "há um só Deus: Pai, Filho e Espírito Santo". Não pode ser apresentado nenhum exemplo único de milhares de ocorrências de Yahweh e Deus que expresse "Deus em três pessoas". O Deus Triuno é estranho à Bíblia. As palavras de Paulo precisam de consideração cuidadosa: "Há um só Deus...para nós há *um só Deus, o Pai*" (*1 Coríntios 8:4, 6*). Mas ele é o Senhor Cristo (*Lucas 2:11; Salmos 110:1*), o *Filho* do único Deus, seu Pai.

Os dois maiores atores da Bíblia são descritos em um precioso oráculo divino citado no NT mais do que qualquer outro versículo da Bíblia Hebraica: *Salmo 110:1*. Ali o único Deus "Javé" fala com o Senhor de Davi, que é chamado "*adoni*" ("meu senhor"). "*Adoni*" nas suas 195 ocorrências nunca significa, como vimos, o único Deus. Sempre se refere a um humano ou (esporadicamente) a um superior angélico, *que não seja* Deus. Jesus é o senhor de Davi, de quem fala o *Salmo 110:1*. Ele foi nomeado Senhor e Messias – designado por Deus, seu Pai (*Atos 2:34-36*).

Por respeito e honra devidos a Jesus, o Messias, os cristãos deveriam adotar o seu credo judaico em *Marcos 12:29*: "*Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o* ***único*** *Senhor*". Deus é um Senhor. Jesus é outro Senhor. Isto faz *dois* Senhores, mas o credo conhece apenas um Senhor que é Deus (*Deuteronômio 6:4; Marcos 12:29*). Esse é o credo de Jesus e, portanto, o credo cristão original e autêntico. É também o credo de Paulo. Que todos possamos abraçar com alegria esse credo e nos alinharmos com o Jesus Messias da história.

Notas Finais

[1] *Maurice Wiles*, "*The Remaking of Christian Doctrine*" (A Reconstrução da Doutrina Cristã).

[2] *Don Cupitt*, "*The Debate About Christ*" (El Debate Sobre Cristo) (London: SCM Press, 1979), vii,4.

[3] *E.G. Selwyn*, "*The First Epistle of St. Peter*" (A Primeira Epístola de São Pedro) (Baker Book House, 1983), 124.

[4] *G.T Purves*, "The Testimony of Justin Mártir to Early Christianity" (O Testemunho De Justin Mártir Sobre O Cristianismo Primitivo) (New York: Randolph and Co., 1889), 167.

[5] *Ed. G.A. Buttrick* (Nashville: Abingdon Press, 1962), 1:802. Ver também o nosso artigo, "*Do Souls Go to Heaven?*" (As almas vão para o céu?).

[6] *E.C. Dewick*, "*Primitive Christian Eschatology, The Hulsean Prize Essay for 1908*" (Escatologia Cristã Primitiva, O Ensaio do Prêmio Hulsean de 1908) (Cambridge University Press, 1912), 253.254. Enfase adicionada.

[7] *E. G Selwyn*, "*First Epistle of St. Peter*" (Primeira Epístola de São Pedro), 248, 250. Discordamos que a ideia de Jesus de Pedro seja diferente daquela de Paulo e João. É altamente improvável que os apóstolos divergissem na opinião sobre quem era Jesus.

[8] Esta é a tradução correta de "*aionios*", isto é, referente à era vindoura do Reino, não "eterna". É claro que isto não significa que o corpo do futuro seja temporário. Confere imortalidade e, portanto, dura para sempre. A aquisição desse corpo é, no entanto, o grande acontecimento do século vindouro, inaugurado pela ressurreição.

[9] A forma sinóptica de expressar a mesma ideia é falar do Reino "preparado antes da fundação do mundo" (*Mateus 25:34*).

[10] Veja NVI em *João 16:28* e *20:17*.

[11] *Charles Gore*, "*Belief in Christ*" (Crença em Cristo) (Londres: John Murray, 1923), 31.

[12] Observe o erro de tradução em nossas versões: O texto não se refere à conceição, mas à "geração" pelo Pai através do Espírito Santo. É a ação do Pai que traz à existência o Filho. O Filho de Deus, o Messias, é uma pessoa criada sobrenaturalmente, o Segundo Adão. Observe também em *Atos 13:33* a referência à "ressurreição" de Jesus, que se refere ao seu nascimento. O *versículo 34* menciona sua ressurreição subsequente. A KJV (King James Version) obscurece esta importante distinção.

[13] *Justino Mártir* é talvez o primeiro Padre da Igreja a falar da geração do Filho antes de Gênesis (isto é, antes da Criação). Mas ele não fornece nenhum apoio bíblico para tal geração de Filhos não mundanos. Segundo a Bíblia, o Filho de Deus foi gerado, como todas as outras pessoas, no momento da sua conceição no ventre de sua mãe. Justino difere de Mateus ao dizer que o Filho veio "através" de Maria. Mateus afirma que ele veio de Maria. Isto aponta para a mudança de pensamento que ocorreu por volta de 150 DC, uma mudança que forneceu a semente para a formulação trinitária posterior.

[14] Trad. *GW Anderson* (Nashville: Abingdon, 1954), 334, ênfase adicionada**.**

[15] Jesus encarna a sabedoria de Deus, assim como também encarna a "salvação" de Deus (*Lucas 2:30*).

[16] *Deuteronômio 6:4; Marcos 12:29ss.; 1 Coríntios 8:4-6; 1 Timóteo 2:5; João 17:3; 5:44.*

[17] *Justino Mártir*, "*Diálogo*", 56, 62, 128, 129, *Justino* acreditava que o Filho foi gerado antes da criação de Gênesis, mas não que ele sempre tivesse sido o Filho. *Justino,* portanto, não era trinitário.

[18] *Efésios 3:9; Colossenses 1:26; 2 Timóteo 1:9; Tito 1:2; compare, 1 Pedro 1:20; Apocalipse 13:8.*

[19] Notamos o protesto justificável de *James Dunn* contra o comentário de Cranfield sobre *Romanos 1:3*. "Despreocupado com o uso de categorias anacrônicas, *Cranfield* prossegue argumentando que Paulo 'tentou limitar a aplicação de "quem veio à existência" à natureza humana assumida pelo Filho Único de Deus, (*versículo 3*).'" ["*Romanos 1-8, World Biblical Commentary*" (Comentario Bíblico de Word), Dallas: Word Books, 1988,15]. *Cranfield* luta para justificar a "ortodoxia" a partir das palavras de Paulo. Mas Paulo não era um trinitariano "ortodoxo" nem um ariano não "ortodoxo".

[20] *João 17:3; João 5.44; 1 Timóteo 2:5; 1 Coríntios 8:4-6.*

[21] *C.J. Wright*, "Jesús: The Revelation of God" (Jesus: A Revelação de Deus), Livro 3 de "*The Misión and Message of Jesús: An Exposition of the Gospels in the Light of Modern Research*" (A Missão e Mensagem de Jesus: Uma Exposição dos Evangelhos à Luz da Pesquisa Moderna) (Nova York: EP. Dutton and Co., 1938), 677.

[22] Cap. A mesma falsa paráfrase da Bíblia Viva: "Antes de existir qualquer coisa, havia Cristo, com Deus. Ele sempre esteve vivo e Ele mesmo é Deus. Ele criou tudo o que existe – nada existe que Ele não tenha feito" (*João 1:1, 2*).

[23] *CJ Wright*, "*Jesús: The Revelation of God*" (Jesus a revelação de Deus), 707.

[24] *Ibid*., 707, 711.

[25] Ver "*The Ancient Library of Alexandria*" (A Antiga Biblioteca de Alexandria), Bible Review (fevereiro de 1997). 19-29 e comentários adicionais em "*From Logos to Christ*" (Do Logos a Cristo) ("Resposta dos Leitores"), Ir (junho de 1997), 4-7, ênfase adicionada.

[26] Para um exemplo esclarecedor de zelo religioso equivocado e cruel, veja o relato da perseguição e execução selvagem do médico e estudioso espanhol que questionou a doutrina da Trindade por Calvino, em *Marian Hillar*, "*The Case of Michael Servetus*" (O Caso de Miguel Servet) (1511-1553) – "*The Turning Point In the Struggle for Freedom of Conscience*" (O ponto de viragem na luta pela liberdade de consciência) (Edwin Mellen Press, 1997).

[27] *Reitor W.R. Inge*. "*A Pacifist in Trouble*" (Um Pacifista em Apuros) (Londres: Putnam, 1939), 180, 181.

VIII. JUAN, LA PREEXISTENCIA Y LA TRINIDAD

"A evidência clara de João é que Jesus rejeitou a afirmação de ser Deus." – *Professor J.A.T. Robinson*

Alguém calculou que os pronomes singulares descrevem o Deus da Bíblia Hebraica dezenas de milhares de vezes. **[1]** Cada uma dessas referências é um testemunho de Deus como um único indivíduo, não como uma pluralidade de pessoas. É um fato clássico da linguagem, com o qual ninguém contestaria, que o pronome pessoal do número singular denota uma pessoa única.

O processo pelo qual o Deus de Israel se tornou uma Trindade fala do fracasso dos gentios em penetrar nas profundezas do monoteísmo judaico e de uma tendência a misturar a tendência do paganismo com as Escrituras. Esforços prodigiosos foram feitos para tornar o Deus de Israel mais de uma pessoa. "Chaves" apontando para a Trindade foram encontradas nos lugares mais improváveis, como o "santo, santo, santo" da visão de Isaías (*Isaías 6:3*). Muitos trinitarianos abandonaram agora a luta para encontrar o seu credo na Bíblia Hebraica. Muito trabalho desnecessário poderia ter sido poupado se tivesse sido dada atenção às declarações simples dos credos de Jesus e Paulo. Continua a ser um facto inegável que Jesus concordou com o credo unitário de Israel (*Marcos 12:29*) e Paulo definiu o único Deus como uma pessoa. Numa passagem que contrasta deliberadamente o cristianismo com o paganismo, Paulo descreve o Deus único como numericamente único, distinto dos muitos deuses do paganismo. Condensando as informações fornecidas por Paulo nos versículos quarto e sexto de 1 Coríntios 8, encontramos o seguinte credo: "Para nós, porém, há um só Deus, o Pai". Tal é a visão paulina não-trinitária de Deus.

O comentário de *John Milton*, o ilustre poeta britânico, teólogo e antitrinitário, confirma nosso ponto: "Aqui [*1 Coríntios 8:4, 6*] 'há um só Deus', exclui não apenas todas as outras essências, mas também a todas as outras pessoas, porque é expressamente dito no sexto versículo, 'que o Pai é aquele único Deus'; portanto, não há outra pessoa senão uma". **[2]**

É surpreendente que o Trinitarismo não esteja satisfeito com estas definições simples e transparentes da Deidade. Parece corrupto deixar para trás o credo que pertencia não apenas aos autores do NT, mas ao próprio Jesus. Uma mudança de pensamento é inconfundível. Nomes notáveis da teologia sentiram que uma influência externa obscureceu a fé original. *C. H. Dood* observou que "os judeus preservaram, na tradição viva, elementos do ideal profético que pertenciam ao cristianismo no início, mas que foram cobertos pela metafísica grega e pela lei romana". **[3]**

O mesmo problema foi aludido por *Albert Schweitzer*: "A grande e ainda não cumprida tarefa que enfrentam aqueles envolvidos no estudo histórico do cristianismo primitivo é explicar como o ensino de Jesus se desenvolveu dentro da teologia grega primitiva." **[4]**

Interferência com o Evangelho de João

Nossas traduções de *João 1:1-4* parecem complicar a majestade simples do Deus único do credo de Israel, erguendo uma barreira indesejada entre o Cristianismo, o Judaísmo e o Islã. O renomado tradutor da Bíblia inglesa, *William Tyndale*, não tinha muita certeza de que a "Palavra" de *João1* fosse o equivalente individual da pré-existência de Cristo. Ele traduz os versos famosos: "*No princípio era a palavra* [minúscula]*, e a palavra estava com Deus, e a palavra era Deus…Todas as coisas foram feitas por meio dela…e ela era a vida*". **[5]** Parece estranho que *João 1:1-4*, um punhado de versículos em João e algumas passagens no NT devam derrubar a evidência consistente e massiva do monoteísmo unitarista. A unidade

(unitarianismo) de Deus foi veementemente defendida por sacerdotes e profetas e por Jesus, que foi um expoente tão fervoroso desta parte da sua herança judaica como qualquer um dos seus compatriotas.

Este capítulo é dedicado a uma discussão das questões levantadas pelo relato de João sobre a pessoa de Jesus. O rico retrato de Jesus feito por João não inclui a noção de que o Filho de Deus seja uma pessoa divina pré-existente e membro da Trindade. A visão acalentada de Jesus como incriado e coigual ao Pai não deriva das Escrituras; antes, foi transmitido através da tradição post-bíblica. As tentativas de enraizar a ideia de preexistência no Evangelho de João contêm uma distorção do propósito de João. Devidamente "exegetados", os escritos do amado Apóstolo harmonizam-se com a apresentação sinóptica de Jesus como um ser humano único que deriva sua origem de sua conceição sobrenatural.

João não apresenta Jesus como um membro eterno da Trindade Trina, mas como o cumprimento do plano eterno de Deus para trazer o Messias à existência. Assim, para João, assim como para Paulo, Jesus pré-existia na mente e no propósito de Deus, e não como um ser eterno falando literalmente. Embora há muito perdido na sequência da mudança doutrinária que ocorreu na Igreja desde o século II, este retrato pouco ortodoxo de Jesus tem os seus expoentes nos séculos que se seguiram à escrita do NT. Ela reaparece em momentos importantes ao longo da história da igreja, especialmente entre os anabatistas poloneses do século 16. A discussão moderna da cristologia centrou-se em torno desta mesma questão da natureza da preexistência. A noção tradicional de preexistência é destrutiva para a verdadeira humanidade de Jesus e diminui algumas das maravilhas das suas realizações em nosso benefício. Também cria todo o problema da Trindade, uma doutrina na qual muitos acreditam apenas porque é esperado que o façam. Um retorno à cristologia bíblica significará recuperar a Messianidade de Jesus, obscurecida e subestimada durante tanto tempo pelo desenvolvimento cristológico post-bíblico.

Problemas Com A Noção de Preexistência Literal

A ideia muito comum de que Jesus estava vivo antes da sua conceição levanta uma série de questões sobre a sua natureza. É possível ser um ser humano em algum sentido significativo se não se originar no ventre da mãe? Vários estudiosos proeminentes pensaram recentemente que não. "Podemos ter a humanidade [de Cristo] sem preexistência e podemos ter preexistência sem humanidade. Não há absolutamente nenhuma maneira de ter as duas coisas." **[6]** Os anjos pertencem a uma categoria diferente dos seres humanos precisamente por causa da sua origem fora do sistema de procriação humana. Se o Filho de Deus foi verdadeiramente um ser que se mudou (ou foi mudado por Deus) para entrar na raça humana através de Maria, ele pertence claramente a um ser de uma categoria imensamente diferente do resto da humanidade.

Existem outras considerações. O Messias, segundo as Escrituras, seria descendente de Davi, 7º de Abraão (Gálatas 3:16), e descendente da mulher (Gênesis 3:15). Paulo constantemente pensa em Cristo como o último Adão (homem). Se ele existia como pessoa antes de sua conceição, em que sentido ele é – a pessoa real – um ser humano e descendente de Davi e Abraão? Será que as Escrituras realmente colocam Jesus numa classe de seres cuja origem está fora do ventre humano? A nossa sugestão é que as evidências frequentemente citadas da Bíblia, especialmente do Evangelho de João, para a crença numa pré-existência literal do Messias não podem resistir a um exame cuidadoso. Afirmamos que a ideia deve ser apoiada antes de uma investigação da evidência bíblica e depois lida na Bíblia. Há também um viés significativo em nossas traduções padrão, devido aos preconceitos da ortodoxia, que nos encorajam a ler o NT através de lentes coloridas por dogmas posteriores. O mesmo preconceito faz com que os teólogos representem os Apóstolos, mesmo depois do Pentecostes, como crentes "primitivos" que lutam pelo credo trinitário dos concílios eclesiásticos post-bíblicos.

João divergiu de Mateus, Marcos e Lucas na questão da pré-existência?

Voltando-nos aos antecedentes do exame do Evangelho de João, é de vital importância ter em mente os fatos sobre a origem de Jesus apresentados nos Evangelhos Sinópticos (Mateus, Marcos, Lucas). Lucas pretende apresentar a Teófilo as grandes verdades cristãs que ele aprendeu como crente: "*a certeza das coisas de que já estás informado*" (*Lucas 1:4*). Poucos tentaram contestar a verdade de que Lucas nunca incluiu no seu retrato de Jesus uma única palavra que sugerisse que Jesus era outro que não um ser humano, concebido sobrenaturalmente. O mesmo pode ser dito dos registos de Mateus e Marcos e da apresentação de Jesus no livro de Atos. Tanto teólogos como historiadores concordam que isto é assim: "Nos Sinóticos não há nenhuma declaração direta da preexistência de Cristo... eles em nenhum lugar declaram a sua pré-existência". **[8]**

Primeiro, temos a cristologia dos Evangelhos Sinópticos, e a partir disso não se pode afirmar, com base suficiente, que eles nos dão a menor justificativa para avançarmos além da ideia de um Messias puramente humano. A ideia de pré-existência está inteiramente fora da esfera da opinião sinóptica. Nada pode demonstrar isso mais claramente do que a narrativa do nascimento sobrenatural de Jesus. Tudo isto o eleva acima da humanidade – embora isso não tire a humanidade pura da sua pessoa – deve ser referido apenas ao "*pneuma hagion*" [Espírito Santo], que causou a sua conceição... A Cristologia Sinótica tem por seu fundamento substancial a noção do Messias, designado e concebido como o "*huios theou*" [Filho de Deus]; e todos os pontos de compreensão da noção baseiam-se na mesma suposição de natureza essencialmente humana. **[9]**

A preexistência não pertence aos dados primários da fé cristã no Jesus histórico e exaltado, mas é uma implicação necessária dessa fé [é necessária uma evidência mais sólida do que a implicação]. Não constitui nenhum elemento da doutrina primitiva registada nos capítulos iniciais de Atos. [Em Atos] não surge a crença de que sua origem deva ser transcendente como seu destino – não há indício de preexistência. *O lugar de Cristo na eternidade está na presciência e no conselho do Pai*. **[10]**

Mais significativamente, a opinião de que Jesus existiu antes do seu nascimento apenas nos conselhos de Deus é expressa por Pedro na sua primeira epístola. No final de sua carreira ele não mudou a opinião expressa em seus primeiros sermões em Atos: "[Jesus] destinado antes da fundação do mundo, mas manifestado nos últimos tempos por amor de vós" (*1 Pedro 1:20*). *E. G. Selwyn* observa corretamente: Nem temos o direito de dizer que [Pedro] estava familiarizado com a ideia da pré-existência de Cristo... Pois esta ideia não está necessariamente implícita em sua descrição de Cristo como 'já destinado [predestinado] antes da fundação do mundo', uma vez que os cristãos também são objetos da presciência ou predestinação de Deus". **[11]**

Todos os fiéis foram igualmente "pré-conhecidos" ou "predestinados" (*1 Pedro 1:2*), mas isto obviamente não significa que eles preexistiram. Se Pedro não acreditasse que Jesus existiu antes do seu nascimento, então este notável apóstolo não poderia ter acreditado na Trindade.

Um professor de história eclesiástica que examinou o tema cuidadosamente não encontrou nenhuma evidência para acreditar na preexistência de Jesus em Mateus, Marcos e Lucas:

> Que Jesus, cuja mente estava impregnada de profetas, derivou a sua conceição messiânica das fontes hebraicas comuns é evidente... embora a sua missão messiânica esteja assim enraizada na profecia, à qual o próprio Jesus recorre como testemunho, não parece que ele assumiu ou atribuída uma existência pré-temporal... Segundo o que relatam Mateus e Lucas sobre sua origem, ele é gerado divinamente. *Mas ele não pré-existiu*. Ele é representado como tendo surgido no ventre da Virgem por uma geração do Espírito Santo... ninguém pode razoavelmente sustentar que, de acordo com as versões de sua geração sobrenatural dadas por Mateus e Lucas, Jesus existia antes deste ato. criativo divino... Nem há qualquer indicação explícita em sua própria afirmação de que ele próprio estava consciente de uma pré-existência pessoal... é assim que não

> temos nada a ver com um ser etéreo, encarnado em forma humana no Evangelhos Sinópticos, mas com um que, embora divinamente investido de uma vocação e de um destino exaltados, entra em ambos no tempo e está completamente sujeito às condições da existência humana, desde o nascimento até a morte. **[12]**

Ninguém duvidará da profundidade do exame de *Raymond Brown* das narrativas do nascimento do Messias. Ele também descobre que nem Mateus nem Lucas acreditavam que Jesus preexistia à sua conceição:

> O fato de *Mateus* poder falar de Jesus como "gerado" (passiva de *Gennan*) em *1:16, 20* sugere que para ele a conceição através da agência do Espírito Santo é a geração do Filho de Deus... Claramente aqui a Filiação Divina não é filiação adotiva, *mas não há sugestão de uma encarnação pela qual um personagem que estava anteriormente com Deus toma corpo*. **[13]**

Na mesma obra diz: "No comentário devo enfatizar que Mateus e Lucas não mostram conhecimento da pré-existência; aparentemente para eles a conceição era a "vinda à existência" ou a geração do Filho de Deus". **[14]**

Esta admissão alarmante de um respeitado estudioso da Bíblia confirma o fato de que a doutrina da encarnação não é encontrada em Mateus ou Lucas. O mesmo se aplica ao evangelho de Marcos. Brown observa que estes são fatos embaraçosos para teólogos treinados na crença tradicional num Filho eternamente pré-existente:

> *Lyonnet, L'Annonciation*, **[15]** aponta que isso (a omissão de Lucas de qualquer referência à pré-existência) embaraçou muitos teólogos ortodoxos, uma vez que na cristologia da pré-existência uma conceição do Espírito Santo no ventre de Maria é não causa a existência do Filho de Deus. Aparentemente, Lucas não tem conhecimento de tal cristologia; *a conceição está causalmente relacionada para ele com o relacionamento divino do Filho*. **[16]**

O cristianismo tradicional, extraordinariamente, insistiu, no entanto, que Jesus existia antes da sua conceição e como o Filho de Deus e o segundo membro da Trindade divina. Este conceito, contudo, não pode ser encontrado em Mateus ou Lucas. Ambos nos apresentam um Jesus que começou a existir quando Maria o concebeu sob o poder do Espírito Santo. A mensagem de Lucas é clara: foi o ato sobrenatural de Deus afetando Maria que trouxe à existência o Filho de Deus. Ninguém que leia as palavras de Lucas poderia imaginar que esta pessoa fosse o Filho de Deus antes do milagre que Deus realizou em Maria. O Jesus de Lucas começa, como qualquer outro ser humano, no ventre de sua mãe: "você conceberá em seu ventre e dará à luz um filho… o Espírito Santo virá sobre você, e o poder do Altíssimo o cobrirá com a sua sombra". Portanto também o Ser Santo que há de nascer será chamado Filho de Deus". (*Lucas 1:31, 35*).

Este versículo-chave não fornece evidências para pensar que Jesus existiu antes de sua conceição. Para Lucas, o Filho de Deus é gerado por volta de 3 a.C., e não na eternidade. Mateus está totalmente de acordo com Lucas. Ele declara que Jesus é "*filho de Davi e filho de Abraão*" (*Mateus 1:1*), concebido milagrosamente por Maria sob a influência do Espírito Santo (*Mateus 1:18, 20*).

A ortodoxia tradicional baseia-se fortemente em vários textos do Evangelho de João (*João 17:5; 8:58*). Supõe-se que estes demonstrem que a origem de Jesus não está no ventre de Maria, mas na eternidade, para que ele esteja verdadeiramente consciente de sua existência pré-mundana com o Pai. Será que esses versículos podem realmente suportar o peso de uma proposição tão estupenda, que parece colocar o Jesus de João numa classe de ser inteiramente diferente daquela dos Sinópticos? Ou existe outra forma de ler João que coloque o seu testemunho em harmonia com os outros Evangelhos? A questão surgiu ao longo da

história cristã, especialmente na obra (entre muitos outros) de *Pablo de Somosata* (200-275 DC), *Photinus* (300-376 DC), do anabatista Adam Shepherd (1500 -1570), *Michael Servetus* (1511-1553), os anabatistas poloneses, o britânico *John Biddle* (1615-1662 d.C.) e os estudiosos antitrinitários da América, Grã-Bretanha e Alemanha do século XIX, e recentemente em Cambridge. O comentário de *Maurice Wiles* reafirma significativamente o que há muito tem sido a convicção entre um grupo minoritário de crentes:

> Dentro da tradição cristã, o NT tem sido lido há muito tempo através do prisma dos credos conciliares posteriores... falar de Jesus como o Filho de Deus tinha uma conotação muito diferente no primeiro século daquela que teve desde Nicéia. Falar da pré-existência de Jesus [nas Escrituras] deveria provavelmente na maioria, ou talvez em todos os casos, ser entendido, na analogia da Torá, como indicando o eterno propósito divino que está sendo realizado através dele, em vez de uma pré-existência. de um tipo completamente pessoal. **[17]**

O problema para os trinitarianos é que eles devem recorrer a João como seu principal apoio, sob o risco de contradizer Mateus e Lucas. **[18]** Há outra maneira, no entanto, de ler o Evangelho de João – uma maneira que o harmoniza com seus colegas escritores evangélicos. O fato de Mateus e João concordarem sobre quem era Jesus é fortemente indicado por um simples fato: *Mateus 16:16, 18* regista Jesus fazendo da crença de que ele é o Messias a base da fé cristã. *João 20:31* anuncia o propósito de João ao escrever seu Evangelho. Foi para demonstrar exatamente a mesma verdade, ou seja, que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus.

A Palavra no Prólogo de João

Comentários recentes sobre João admitem que, apesar da longa tradição em contrário, o termo "palavra" no famoso prólogo de João não exige que se refira ao Filho de Deus antes de ele nascer. Nossas traduções assumem a crença na doutrina tradicional da encarnação capitalizando a "Palavra". Mas o que foi que se tornou carne em João 1:1-14? Seria uma pessoa pré-existente? Ou foi a atividade auto expressiva de Deus, o Pai, Seu plano eterno? Um plano pode ter tomado corpo, por exemplo, quando o projeto na mente do arquiteto finalmente toma forma como uma casa. O que pré-existia aos tijolos e argamassa visíveis era a intenção do arquiteto. Assim é perfeitamente correto ler *João 1:1-3a*: "No princípio era o propósito criador de Deus"; **[19]** "estava com Deus e era plenamente expressivo de Deus [*theos*]" **[20]** (Assim como a sabedoria estava com Deus antes da criação, *Provérbios 8:30*). "Todas as coisas vieram à existência através dele." Esta tradução corresponde admiravelmente ao uso de "palavra" no Antigo Testamento: "Assim será a palavra que sair da minha boca; ela não voltará para mim vazia, mas fará o que eu quero e prosperará naquilo para que a enviei" (*Isaías 55:11*). **[21]** Jesus é aquela palavra expressa como um ser humano – a última palavra de Deus ao mundo, o Filho em quem Deus falou no fim destes dias (*Hebreus 1:1, 2*). É significativo que o escritor aos Hebreus coloque o Filho "nestes últimos dias", como o agente divino que segue os profetas. Ele não o coloca na eternidade, mas pensa no Filho como o Cristo histórico.

A ambiguidade no grego ("*dia autou*", "por ela" ou "por ele", *João 1:3*) permite uma palavra impessoal antes de Jesus nascer. A impessoalidade da palavra é sugerida pelo próprio comentário sobre João 1:1 em 1 *João 1:2*. Era a "vida eterna" impessoal que estava "com o Pai" ("*pros ton theon*", *1 João 1:2*; compare, A "palavra" que era "*pro ton theon*"), ou seja, a promessa de vida eterna que seria fornecida por Cristo. Pedro parece ecoar exatamente a mesma ideia quando descreve Jesus como o cordeiro de Deus que foi "*em outro tempo foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo, mas manifestado nestes últimos tempos*" (*1 Pedro 1:20*). Apenas alguns versículos antes ele usa o mesmo conceito de predestinação ao falar do plano de Deus para chamar os cristãos à salvação (*1 Pedro 1:2*). Deus tomou nota daqueles a quem mais tarde chamou, mas eles não existiam literalmente. A aplicação deste conceito a Jesus no *versículo 20* indica uma "pré-existência ideal" nos conselhos eternos de Deus, e não uma existência real em outra dimensão antes de seu nascimento como ser humano. Um paralelo interessante ocorre no livro de Apocalipse, "*porque tu criaste*

todas as coisas, e por tua vontade são e foram criadas" (*Apocalipse 4:11*). *Mounce* comenta que "esta frase incomum sugere que todas as coisas que existem existiram primeiro na vontade eterna de Deus e, por Sua vontade, passaram a existir no Seu tempo determinado". **[22]**

Os comentaristas trinitários reconhecem que não há nenhuma razão convincente para acreditar que os leitores originais do prólogo de João teriam acreditado no "verbo" como o Filho que era literalmente pré-existente como *pessoa*: Até *João 1:14* ("*o Verbo se fez carne* "), "teria sido perfeitamente possível que o leitor entendesse que a Palavra se referia a algum princípio cósmico supremo ou coisas assim. **[23]** É um fato pouco conhecido que as traduções inglesas de *João 1:2* anteriores à versão King James descreviam a palavra como "ela" e não "ele". A questão é apresentada por *James Dunn*. No seu exame exaustivo da doutrina tradicional da encarnação, ele argumenta que fora do Evangelho de João não existe doutrina de uma pré-existência literal. *Dunn,* no entanto, ressalta o importante ponto de que, antes de *João 1:14*, não há necessidade de pensar na "palavra" como um segundo ser pessoal junto ao Pai. *Sobre João 1:1* ele diz:

> A conclusão que parece emergir da análise [de *João 1:1-4*] até agora é que é somente com o *versículo 14* ["o verbo se fez carne"] que podemos começar a falar de um "*Logos*" pessoal. O poema usa uma linguagem bastante impessoal (ele se tornou carne), mas nenhum cristão deixaria de reconhecer aqui uma referência a Jesus – a palavra não se tornou carne em geral, mas Jesus Cristo. Antes do versículo 14, estamos no mesmo âmbito em que os pré-cristãos falavam da Sabedoria e do "*Logos*", a mesma linguagem e ideias que encontramos em *Fílon*, onde, como vimos, estamos lidando com *personificações em vez de pessoas*, ações personificadas de Deus, em vez de um ser divino individual como tal. A questão é obscurecida pelo fato de que temos que traduzir o Logos masculino como "ele" ao longo do poema. Mas se traduzirmos "*Logos*" como "a manifestação ou expressão de Deus", ficará mais evidente que o poema não pretende necessariamente que o "*Logos*" dos *versículos 1-13* seja pensado como um ser divino pessoal. Em outras palavras, o significado revolucionário do *versículo 14* pode muito bem ser o fato de ele marcar não apenas a transição, no pensamento do poema, da preexistência para a encarnação, mas também a transição da personificação impessoal para a pessoa real. **[24]**

Mas por que "temos de traduzir" o "*Logos*" masculino como "ele"? Apenas para apoiar uma interpretação tradicional do prólogo de João. Se o "*Logos*" for tomado como "o plano de Deus", e não como o Filho vivo antes do seu nascimento, um grande apoio da estrutura da opinião tradicional é removido da preexistência e da Trindade no Evangelho de João.

Uma análise adicional de João 1:1

Será a tradução atual de *João 1:1* realmente uma tradução, se por tradução entendemos a transmissão do original para um equivalente inteligível na língua alvo? A frase "o Verbo estava com Deus" significa alguma coisa em português? Quando foi sua última palavra "com você"? Suspeitamos que nossas atuais traduções padrões, embora possam estar literalmente corretas, simplesmente permitem que o leitor se sinta bem com a cristologia ortodoxa aceita do Filho eterno assumindo a natureza humana. A letra maiúscula da palavra "Palavra" sugere imediatamente uma *pessoa* pré-existente. E a muitos leitores (11 milhões de exemplares em todo o mundo em muitas línguas) é oferecida uma paráfrase tal como a Bíblia das Boas Novas: "Antes de qualquer outra coisa existir, havia Cristo, com Deus. Ele sempre esteve vivo e é ele mesmo Deus. Ele criou tudo o que existe. Não existe nada que ele não tenha feito." **[25]** A ortodoxia do leitor está completamente confirmada. Mas o estudioso católico romano *Kart Josef Kuschel*, no seu recente tratamento extensivo da questão da origem de Jesus, pergunta: "por que lemos instintivamente: 'No princípio era o Filho e o Filho estava com Deus'?" **[26]**

Parece-nos que a Bíblia Hebraica deveria fornecer a nossa primeira linha de investigação, se quisermos alcançar o propósito de João no prólogo. Como um professor me disse no seminário: "se você entender mal o AT, você entenderá mal o NT". Surpreendentemente, nenhuma ocorrência da palavra hebraica "*davar*" (palavra) correspondente à palavra grega "*Logos*" de João fornece qualquer evidência de que a "palavra desde o princípio" significa uma pessoa, muito menos uma segunda pessoa divina incriada, o Filho de Deus. ao lado do único Deus do credo de Israel. "*Davar*" no AT significa "palavra", "matéria", muitas vezes "promessa" ou "intenção", mas nunca uma pessoa. A presença omnipresente de um P maiúsculo na palavra, 'palavra' nas nossas versões portuguesas é injustificada. João não disse que a palavra pré-existente era uma segunda e distinta pessoa antes de ela encarnar como o Messias.

Por que João não estaria, portanto, dizendo que a atividade criativa e expressiva de Deus, Sua palavra ou sabedoria, o expoente ou índice de Sua mente, estava "com Ele", assim como a sabedoria estava "com [*para*] Ele" em *Provérbios 8:30* (LXX)? Na verdade, *Provérbios 8* tem paralelos excecionais com o que João diz mais tarde sobre Jesus. A vida é encontrada nas palavras de Jesus (*João 6:63*), assim como é encontrada na sabedoria. A sabedoria clama como Jesus (*João 12:44*), ao exortar as pessoas a seguirem seus ensinamentos. O que é pregado sobre Sabedoria em Provérbios é atribuído a Deus em outros lugares (*Jó 12:13-16*).

Significativamente, *João* sempre usa a preposição para (com) para expressar a proximidade de uma pessoa com outra (*1:39; 4:40; 8:38*, etc.). Porém, em seu prólogo ele escolhe "*pros*" (com) sugerindo que "a palavra" não significava designar uma pessoa próxima a Deus. O primeiro versículo também evoca o que diz em *Eclesiásticos 24:9*: "*Deus me criou desde o princípio, antes do mundo*". Há boas evidências de que as preposições hebraicas "*im ou et*" que significam "com" podem descrever a relação *entre uma pessoa e o que está dentro do seu coração ou mente*. Aqui estão alguns exemplos interessantes do uso das preposições hebraicas "*im e et*" da Bíblia Hebraica **[27]**:

Números 14:24: "*porquanto nele houve outro espírito*" (operando em sua mente)

1 Reis 11:11: "*Pois que houve isto em ti* [Salomão]" (era o que queria)

1 Crônicas 28:12: "*a planta de tudo quanto tinha em mente*"

Jó 10:13: "*bem sei eu que isto esteve contigo* (paralelo a "guardados em seu coração"; "*em sua mente*", NVI; "*Eu sei que essas coisas são o seu propósito*", NASV)

Jó 15:9: "*que não haja em nós*" (não entendemos).

Jó 23:10: "*Porém ele sabe o meu caminho*" (o caminho que conheço)

Jó 23:14: "*Porque cumprirá o que está ordenado a meu respeito, e muitas coisas como estas ainda tem consigo*" (Ele tem muitos desses propósitos); LXX: "*Ele desejou uma coisa e a fez*")

Job 27:11: "*e não vos encobrirei o que está com o Todo-Poderoso*" (Seus propósitos)

Salmo 50:12: "*pois meu é o mundo e toda a sua plenitude*" (Eles são conhecidos por Mim, em Meu pensamento e cuidado)

Salmo 73:23: "*Todavia estou de contínuo contigo*" (em seus pensamentos) Et: "um sonho ou palavra de Yahweh Diz-se que ele está com o profeta." **[28]**

Gênesis 40:14: "*Porém lembra-te de mim, quando te for bem*" (lit. "Lembra-te de mim contigo"), (A Palavra era o que Deus tinha em mente)

2 Reis 3:12: "*Está com ele a palavra do SENHOR*" (comparar, *2 João 2*: "*da verdade que está em nós*"; *Gálatas 2:5*: "*a verdade do evangelho permanecesse entre vós*"

Isaías 59:12: "*porque as nossas transgressões estão conosco*" (pelo que sabemos, presentes em nossa mente). (Compare, *João 17:5*, a glória que Jesus tinha com Deus – presente na mente de Deus, como Seu propósito.)

Jeremias 12:3: "*provas o meu coração para contigo*" (lit. "provaste o meu coração para contigo")

Jeremias 27:18: "*e se há palavras do SENHOR com eles*"

Jó 14:5: "*Visto que os seus dias estão determinados, contigo está o número dos seus meses*" (conhecido por ti)

Provérbios 2:1: "*esconderes contigo os meus mandamentos*"

Provérbios 11:2: "*Mas com os humildes está a sabedoria*"

Tendo em vista este contexto hebraico, sugerimos uma tradução para *João 1:1,14* da seguinte forma: "No princípio Deus tinha um Plano e o Plano foi estabelecido como o Decreto de Deus e o Plano era plenamente expressivo da mente de Deus, e o Plano se encarnou no homem Messias Jesus".

O propósito de João

João, em seu prólogo, está se opondo à tendência gnóstica em direção a uma ideia dualista ou pluralista de Deus. Um cristão gnóstico acreditava que o Deus inefável e inacessível, que estava remoto e distante de Sua criação, era mediado de Seu mundo por figuras divinas menores – "*aiones*", ou uma simples figura divina menor (os vários sistemas gnósticos diferiam neste ponto). *Justino Mártir*, que certamente não alegou nenhuma filiação gnóstica, no entanto não teve escrúpulos em falar do Filho pré-existente que é "um segundo Deus aritmeticamente", ainda não incriado e eterno como o Filho no sentido trinitário desenvolvido, mas pré-existindo como o Filho e aparecendo em um momento pouco antes da criação de Gênesis. Justino embarca em um caminho estranho ao NT quando vê o Filho de Deus ativo nos tempos do AT como o anjo do Senhor.

> Em meados do século II, Justino compôs a sua Apologia e o Diálogo e neles a influência da filosofia sobre o Cristianismo aparece com toda a sua força.... Ele revela a ligação entre as formas pagãs de filosofia, a ponte sobre a qual estas últimas cruzaram dentro o território posterior…. [O Cristianismo] encontrou no Judaísmo Helenístico de Alexandria os meios pelos quais, embora preservando seu vínculo com a revelação cristã e hebraica, ele ainda foi capaz de adotar os pensamentos filosóficos e reter os conceitos filosóficos da época. **[29]**

Tertuliano, conhecido como o fundador do cristianismo latino, conhece como Justino um segundo ser divino que foi gerado no tempo pelo Pai. **[30]** Esta cristologia, que tem afinidades sinistras com o dualismo gnóstico, não poderia ter prosperado a menos que fosse primeiro assumido que João pretendia implicar que o Filho era distinto da palavra de sabedoria de Deus que existia desde o início. O público continua a confiar fortemente em João 1:1 para a doutrina da divindade coigual de Cristo. Mas e se eles tivessem sido instruídos em qualquer uma das oito versões em inglês que precederam a publicação da versão King James em 1611? **[31]**

Outra linha de pesquisa sobre o significado de João é a literatura extra bíblica do Judaísmo. No *Manual de Disciplina de Qumran* aprendemos que "Pelo conhecimento de Deus tudo acontece; e tudo o que ele é, ele estabelece pelo seu propósito; e sem isso [ou isso?] não é realizado". Certamente este é um eco de "por meio dela [a palavra] todas as coisas vieram a existir e sem ela nada veio a existir" de *João 1:3*. Em I QS iii 15 lemos: "Do Deus do conhecimento vem tudo o que é e tudo o que será", e nos Apócrifos: "*Ó Deus que fez todas as coisas pela tua palavra*" (*Sabedoria 9:1*) e novamente, em *Eclesiástico 42:15*: "Agora me lembrarei das obras do Senhor e declararei as coisas que tenho visto: Suas obras estão nas palavras do

Senhor." Nas Odes de Salomão, aprendemos que "*os mundos foram feitos pela palavra de Deus*" e pelo "*pensamento do seu coração*" (*16:19*).

Certamente estamos na atmosfera do Deus que falou e foi feito em *Gênesis 1*, e em *João 1:1* aprendemos mais sobre a atividade auto expressiva e criativa da palavra que (não "quem") Jesus veio a ser. Jesus é, portanto, o que a palavra veio a ser. Acredito que muitos estudiosos chegariam a esse tipo de interpretação se não estivessem sob as restrições da ortodoxia. É interessante, por exemplo, que o grande *F.F. Bruce*, surpreendentemente, escreveu sobre *João 1:1* e o problema da preexistência de Cristo. "Na questão da preexistência, pode-se pelo menos aceitar a preexistência da palavra eterna ou sabedoria de Deus que (quem?) veio a encarnar-se em Jesus. Mas não está muito claro se algum escritor do NT acreditava em sua existência consciente separada como uma segunda pessoa divina... Não tenho muita certeza de que Paulo acreditasse". **[32]** Será isto, afinal, diferente da definição completa que nos é oferecida pelo léxico padrão de *Arndt e Gingrich*? Eles dizem que a "palavra" em *João 1:1*: "Nossa literatura mostra traços de uma forma de pensar que foi difundida no sincretismo contemporâneo, bem como na literatura judaica de sabedoria e em Filo, o protagonista mais proeminente de quem o conceito é do "*Logos*", a 'Palavra' personificada independente (de Deus) … esta 'Palavra' divina assumiu a forma humana numa pessoa histórica". **[33]** É muito reconfortante que esta definição nos seja oferecida por uma autoridade tão prestigiada. Você percebe que *Arndt e Gingrich* nada dizem sobre a palavra que significa o Filho antes do nascimento de Jesus. A "palavra" em *João 1:1*, eles pensam, é uma personificação, não uma pessoa.

E, no entanto, sem acreditar nesse segundo Filho pré-existente, não é possível, em muitos círculos eclesiásticos, qualificar-se como um crente genuíno! Que paradoxo surpreendente. A situação é diferente no nível dos estudos bíblicos acadêmicos.

Quanto mais, então, está em jogo no termo "palavra"? É uma pessoa pré-existente ou um propósito? Os trinitarianos às vezes argumentam o seguinte: **1)** A palavra era Deus; **2)** Jesus era a Palavra; **3)** Portanto Jesus era Deus. Estas premissas devem ser examinadas. A Palavra não é idêntica a Deus. **[34]** Ela se distingue de Deus em certo sentido por estar "com Ele". A Palavra não era um segundo Deus. Se, então, o Verbo não é idêntico a Deus (como pode ser se também está "com Deus"?) nem é um Deus independente, a frase "*o Verbo estava com Deus*" só pode significar, como *A.E. Harvey* aponta, "que a palavra era uma expressão ou reflexo de Deus (compare, *Sabedoria 7:25, 26*), que ela era em certo sentido divina, ou seja, de Deus". **[35]**

A segunda premissa, "Jesus era a palavra", não precisa significar que a palavra seja idêntica a Jesus desde a eternidade. Jesus é o que a palavra veio a ser. Ele é uma expressão da palavra desde o seu nascimento como Filho de Deus (*João 1:14*). Dizer que Jesus era uma expressão da atividade reveladora de Deus não prova de forma alguma que o Filho de Deus fosse um membro não criado da Trindade.

Pensando como Jesus

Toda a questão da preexistência é profundamente afetada pela forma como lemos as declarações bíblicas. O que significa algo "ser" antes de existir na terra? Estamos lidando com preordenação (predestinação) ou preexistência literal? O fato é que "*quando o judeu desejava designar algo como predestinado, ele falava disso como já existente no céu*". **[36]** A herança prometida para o nosso futuro existe no plano de Deus desde a eternidade. O que é futuro para nós é, neste sentido especial, passado para Deus. Da mesma forma, o mistério do futuro Reino foi escondido com Deus em seus propósitos eternos (*Romanos 16:25*). Assim também a sabedoria que agora nos foi dada foi ordenada diante do mundo para nossa glória (*1 Coríntios 2:7-9*). De acordo com esta forma de descrever os propósitos predeterminados de Deus, a Bíblia pode até dizer que Jesus foi "morto desde a fundação do mundo" (*Apocalipse 13:8*, KJV, KJV). Pode-se assim dizer que o que é decretado ocorreu na intenção de Deus, embora o evento não tenha realmente ocorrido. O importante princípio bíblico também aparece no pensamento de Paulo: "*Deus chama as coisas que não existem como se existissem*" (*Romanos 4:17*, KJV). Neste contexto, a referência é a Isaque, que era "*real*

no pensamento e no propósito de Deus antes de ser gerado". **[37]** O Todo-Poderoso se dirige... para seres inexistentes… como se existissem, porque estão perto de existir segundo o Seu propósito. **[38]** Na mesma epístola Paulo pode dizer que Deus "glorificou" os crentes, o que significa que a sua glória futura está assegurada porque Deus a decretou (*Romanos 8:30*). As Escrituras anunciam 700 anos antes do nascimento de Jesus que "*um filho nos foi dado*" (*Isaías 9:6*). As traduções modernas traduzem apropriadamente esses verbos passados para o futuro – "um filho nos será dado" – porque é isso que elas implicam. **[39]** É justo perguntar se este "pretérito da profecia" ou "intenção" não pode também aparecer no Evangelho de João.

Não temos dificuldade em reconhecer que a promessa de Deus de dar a terra a Abraão se referia ao futuro. No entanto, foi expresso no pretérito: "Aos teus descendentes dei esta terra" (*Gênesis 15:18*). O comentário de *Soncino* observa corretamente: "A promessa de Deus é expressa como se já tivesse sido cumprida". **[40]** O pretérito não deve ser interpretado literalmente aqui, uma vez que a terra não foi (e ainda não se tornou **[41]**) de Abraão. Estêvão diz claramente: "E ele (Deus) não lhe deu nenhuma herança nela, nem mesmo para estabelecer um pé; mas ele prometeu-lhe que lhe daria em propriedade" (*Atos 7:5*). A aparente contradição entre *Gênesis 15:18* ("Eu dei") e *Atos 7:5* ("Deus não deu") é facilmente resolvida reconhecendo o "pretérito profético" que aponta para a certeza de um devido cumprimento futuro. de um decreto passado no grande propósito de Deus. Da mesma forma, Deus deu a terra a Abraão e Isaque (*Gênesis 35:12*), embora eles não a tenham recebido. **[42]** Deveríamos sugerir a aplicação deste princípio à linguagem da preexistência em João quando considerarmos *João 17:5* (abaixo). Mas primeiro é necessário um exame de outros textos pré-existentes de João.

O que João quer dizer com a vinda de Jesus e ser enviado Baseando-se no preconceito de que Jesus no Evangelho de João veio de uma existência pré-humana no céu, os leitores do quarto Evangelho sustentam que a "vinda de Jesus do Pai", "vindo do Pai" ou "sendo enviado por Deus" são uma prova clara da doutrina da encarnação – que o Filho preexistiu ao seu nascimento e se tornou um homem. No entanto, a mesma linguagem é usada para pessoas para as quais nenhuma preexistência é afirmada. João Batista também foi "enviado por Deus" (*João 1:6*). Nicodemos pensava que Jesus era um mestre "vindo" de Deus, não significando que Jesus tivesse preexistido, mas apenas que Deus o havia comissionado (*João 3:2*). Jesus era "de Deus" (*ek theou*), mas os discípulos também são de Deus (*ek theou*) (João 8:47). Na linguagem de João, os falsos profetas "saíram" (*exerchesthai*) pelo mundo (*1 João 4:1*), isto é, para pregar. Jesus também afirmou que "veio" para pregar o Evangelho do Reino (*Marcos 1:38*). Marcos não faz referência à preexistência em nenhum lugar de seu Evangelho, e a versão de Lucas da mesma afirmação é que Jesus foi "enviado" por Deus (*Lucas 4:43*). "Vir" e "ser enviado" são formas sinônimas de expressar a noção de que Jesus foi comissionado por Deus como Seu agente, no sentido tipicamente judaico do "*shaliach*", ou Embaixador, que é empoderado ou investido com autoridade completa de quem o envia com uma mensagem. **[43]**

Dunn ressalta que Moisés, os profetas e outros são enviados por Deus: "É evidente… que enviado [*exapostellein*] quando usado por Deus não nos diz nada sobre a origem ou ponto de partida daquele que foi enviado; Isto sublinha a origem celestial da sua comissão, mas não do comissário". **[44]**

A questão é ainda estabelecida pelas observações de *Rengstorf*. Seu comentário revela uma tendência persistente dos expositores de confundir a ideia de preexistência em vários termos bíblicos "inocentes": "Linguisticamente não há suporte para a tese de Zn (Zn Gl.199 ad *Gálatas 4:4, 6*, assim também muitos comentaristas mais antigos e mais recentes) que em Gálatas 4:4 o "*ex en exapostellein*" está apontando que antes de ser enviado, aquele que foi enviado estava na presença daquele que o enviou". **[45]**

A mesma cautela deve ser aplicada ao uso da palavra "*exapostellein*" (enviado) em João. Por si só, isto não implica que o Filho preexistisse com o Pai antes de ser enviado.

Ser "enviado por Deus" significa ser comissionado para realizar uma tarefa especial para Deus; e "sair pelo mundo" é aparecer diante do público com uma missão. Não tem nada a ver com existir antes do nascimento. João é comumente lido, entretanto, com a suposição de que Jesus foi literalmente enviado de

uma existência pré-mundana para outra esfera. Da mesma forma, "desceu do céu" não implica necessariamente uma existência anterior no céu no sentido literal. Na linguagem do NT, "toda boa dádiva desce do alto" (*Tiago 1:17*; compare com *3:15*), não que toda boa dádiva desça pelo céu. A cidade santa também descerá do céu (*Apocalipse 21:2*). Mas isso não prova que ela literalmente desce do céu. A palavra "descendência" é uma linguagem que reflete a característica bem conhecida do pensamento hebraico de que muitas das pessoas ou coisas proeminentes no plano de Deus "existiram" no céu antes de serem vistas na terra. **[46]**

Quando Cristo traçou o paralelo entre a sua "descida" do céu (*João 6:33, 38, 50, 51, 58*) e a descida do maná do céu (*Êxodo 16:4,15; Números 11:9*, LXX), ele não deu nenhuma indicação de que desceu literalmente. O próprio maná não passou literalmente pelos céus até o deserto vindo do trono de Deus. Este apareceu milagrosamente na terra. A "*vinda de Cristo do céu*" significa, portanto, que Ele é um dom de Deus à humanidade, previsto nos seus conselhos eternos. Jesus também "veio ao mundo", mas na linguagem de João todo ser humano igualmente "*vem ao mundo*" (*João 1:9*) e a expressão significa simplesmente nascer: "*Tu dizes que eu sou rei. Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo*" (*João 18:37*). A versão sinóptica deste ditado transmite o mesmo significado, embora a linguagem seja diferente: "Ele deve… anunciar o evangelho do reino de Deus; pois para este fim fui enviado" (*Lucas 4:43*; compare com *Marcos 1:38*). **[47]**

Jesus antes de João

João Batista diz de Jesus que "ele existiu antes de mim" (*João 1:15*). Muitos leitores naturalmente encontram nestas palavras uma confirmação de sua crença de que o Filho estava vivo no céu antes de nascer. Morris, no entanto, mostra que a frase ambígua "antes de mim" pode referir-se à superioridade de posição, em vez de prioridade no tempo. O versículo pode ser traduzido: "Um seguidor meu teve precedência sobre mim, pois ele (sempre) foi antes de mim, meu superior". Embora o comentário apoie a ideia de que Jesus existiu antes de João no tempo, ele admite que isso não deveria significar que "alguém que é 'primeiro' é 'primeiro no tempo', 'antes', mas 'primeiro em importância', o que será dê um significado como *'ele era meu chefe'*". **[48]** É assim que *Murray e Abbot* entendem este versículo. **[49]** *João 1:15, 30* não pode ser alegado como prova de que Jesus existia antes de seu nascimento.

João 3:13 e 6:62

Tem havido muita discussão sobre a declaração enigmática de Jesus de que "ninguém subiu ao céu, exceto Aquele que desceu do céu, o Filho do Homem". Se estas palavras forem tomadas como palavras do próprio Jesus, e não como um comentário posterior de João, Jesus parece estar dizendo que só ele desceu do céu. Os comentaristas ficam loucos com o uso surpreendente do tempo perfeito. "o tempo perfeito 'subiu' é inesperado." **[50]** "O uso do tempo perfeito é uma dificuldade, porque parece implicar que o Filho do Homem já ascendeu ao céu." **[51]** "A dificuldade do versículo reside no tempo verbal de 'ascendeu'. Isto parece implicar que o Filho do Homem já havia, quando foi dito isso, ascendido ao céu." **[52]**

Em que sentido Cristo já poderia ter afirmado ter ascendido ao céu? A declaração foi interpretada por alguns como significando que em algum momento durante seu ministério histórico Jesus foi literalmente transportado para a presença de seu Pai. Mas os Evangelhos em nenhum lugar registam tal evento. Outros defenderam um sentido profético do pretérito, ou seja, que o Filho do Homem estava destinado a ascender, uma profecia de sua ascensão após sua ressurreição.

Há uma explicação mais fácil para a ascensão de Jesus ao céu, baseada em precedentes bíblicos e no modo de falar judaico. "Ninguém subiu ao céu, senão Aquele que desceu do céu, o Filho do Homem" é uma descrição figurativa da visão única de Jesus sobre o plano salvador de Deus. Jesus possui uma

compreensão única dos segredos do universo que ele agora revela a quem quiser ouvir. A frase "que está no céu", que aparece em alguns manuscritos gregos, bem como em latim e siríaco, indica que Jesus, enquanto vivia na terra, estava ao mesmo tempo também "no céu", em constante comunicação com seu Pai, de quem ele dependia de tudo. Como ponte entre o céu e a terra, ele afirmava ter acesso único à informação divina. Um status semelhante mais tarde se aplica a todos os crentes que Paulo descreve como "assentados nos lugares celestiais" (*Efésios 2:6*).

A frase "subiu ao céu" de Jesus durante o seu ministério indica então a sua comunhão íntima com o seu Pai. Como Filho, ele reside "*no seio do Pai*" (*João 1:18*). O contexto de *João 3:13* mostra Jesus conversando com Nicodemos sobre os segredos da imortalidade. Jesus "*que nós dizemos o que sabemos*" (*João 3:11*). Em contraste com a falta de familiaridade de Nicodemos com as chaves para entrar no Reino e a necessidade de nascer de novo, Jesus diz: "*Na verdade, na verdade te digo que nós dizemos o que sabemos, e testificamos o que vimos; e não aceitais o nosso testemunho*" (*João 3:11*). Jesus duvidou da capacidade de Nicodemos de receber "coisas celestiais". São esses segredos celestiais que Jesus é capaz de revelar porque ele "subiu ao céu" e "está no céu". Em *Provérbios 30:2-4* as palavras de Agur contêm uma referência semelhante à ascensão ao céu. O objetivo de tal "ascensão" ao céu é obter compreensão e revelação divinas. "Certamente sou mais rude do que qualquer homem, nem tenho o entendimento de um homem. Não aprendi a sabedoria, nem conheço a ciência do santo. "Quem subiu ao céu e desceu?" Da mesma forma, Baruque 3:29 pergunta: "*Quem subiu ao céu e o tomou? Quem fez* (Sabedoria) *descer das nuvens?* (Compare, *Deuteronômio 30:12*) **[53]**

No caso de Jesus, o revelador supremo e final dos propósitos de Deus, foi construída uma ponte do céu à terra. O Filho "exegetado" o Pai (*João 1:18*). Ninguém, exceto o Filho do Homem, recebeu tal medida de sabedoria divina. Ao mesmo tempo, o Filho do Homem – o ser humano – desceu do céu, uma expressão judaica que não significa que Jesus estava vivo antes do seu nascimento, mas que ele é um presente de Deus ao mundo (compare, *Tiago 1:17; 3:15*).

*Adam Clark*e comentando nossa passagem diz:

> Esta parece ser uma expressão figurativa para "ninguém conheceu os mistérios do Reino", como em *Deuteronômio 30:12* e *Romanos 10:6*; e a expressão encontra-se na máxima geralmente aceita de que, para estar perfeitamente informado sobre os assuntos de um lugar, é necessário que uma pessoa esteja no local. **[54]**

Um expositor alemão, *Christian Schoettgen*, na sua *Horae Hebraicae* observou a respeito de *João 3:13*: "Era uma expressão comum entre os judeus que frequentemente diziam de Moisés que ele ascendeu ao céu e ali recebeu uma revelação a respeito da instituição da adoração divina." Ele cita os rabinos dizendo: "Não está no céu que vocês devam dizer: 'Oh, se tivéssemos alguém como Moisés, o profeta do Senhor, que ascenderia ao céu e traria [a Lei] para nós'" (Jerusalém Targum em *Deuteronômio 30:12*).

Em *João 6:62*, Jesus fez uma declaração desafiadora sobre seu destino como o Filho do Homem predito. Depois de se referir às suas próprias "afirmações difíceis" de ser "*o pão que desceu do céu*" (*João 6:58-60*), Jesus perguntou se este ensino também poderia fazer com que seu público tropeçasse: "*E se você vir o Filho? do Homem subir até onde estava primeiro?*"

Jesus falou de si mesmo nesta passagem como o Filho do Homem. Como é bem sabido, o título tem origem em *Daniel 7:13* onde, 550 anos antes do nascimento de Jesus, Daniel teve uma visão do Filho do Homem no céu recebendo autoridade para governar com os santos no futuro Reino Messiânico:

> Jesus usou [o título Filho do Homem] para si mesmo com a implicação de que nele estava o cumprimento da visão de Daniel... É o título que ele empregou especialmente, quando estava prevendo aos seus discípulos a paixão como a questão predestinada e inevitável. parte de seu ministério público. **[55]**

Os seguintes textos dos Evangelhos Sinóticos ilustram esse ponto. Em cada caso, Jesus fala de si mesmo como o Filho do Homem – um título que significa "membro da raça humana" – que está destinado a sofrer, morrer e ressuscitar: "*Em verdade o Filho do homem vai, como acerca dele está escrito*" (*Mateus 26:24*). Marcos fala da Paixão do Filho do Homem como o tema da profecia do AT: "*Em verdade Elias virá primeiro, e todas as coisas restaurará; e, como está escrito do Filho do homem, que ele deva padecer muito e ser aviltado*" (*Marcos 9:12*).

Também no Evangelho de João o título "Filho do Homem" está associado à predição, ao que está destinado a acontecer a Jesus em cumprimento da profecia ou tipologia do AT: "*E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado*" (*João 3:14*).

O tema da enigmática afirmação de *João 6:62* é o Filho do Homem, título que designa Jesus como *o* Ser Humano. Se perguntarmos onde Cristo estava antes, a resposta bíblica se encontra em *Daniel 7:13*. O *homem* Messias foi visto no céu numa visão do futuro que se tornou realidade na ascensão (*Atos 2:33*), quando Jesus foi exaltado à direita de Deus. Davi não subiu ao céu (*Atos 2:34*). Ao contrário da tradição mais acalentada, os patriarcas não "foram para o céu". Eles estão dormindo em seus túmulos aguardando a ressurreição de todos os fiéis (*Daniel 12:2; João 5:28, 29*). Somente o Messias estava destinado a essa posição. Em *João 6:62* ele antecipa sua futura ascensão para cumprir o que está predeterminado para ele de acordo com o plano divino revelado na visão de Daniel.

Esses versículos não dão suporte à doutrina de que um segundo membro da Trindade, o "eterno Filho de Deus", estava no céu antes de seu nascimento. É o "Filho do Homem", *uma pessoa humana*, que preexistiu no céu. Não havia "Filho eterno" no céu antes do nascimento de Jesus. O Filho do Homem não se refere a um segundo ser divino incriado, como exige a teologia trinitária. O texto refere-se à atividade do Filho do Homem. Os trinitaristas não afirmam que o Filho do Homem, o Jesus humano, existisse antes da sua conceição.

Ressaltando a aparente complexidade de *João 6:62*, este é um conceito muito simples, ao qual os leitores de João devem se acostumar. Jesus se via como cumpridor do "programa" preordenado dado antecipadamente pelas Escrituras. Pode-se dizer que o que lhe foi prometido realmente aconteceu em *visão* ou em qualquer outra previsão antes de realmente acontecer. O Filho do Homem estava no céu, visto, por assim dizer, numa "prévia celestial" antes de realmente chegar lá (*João 6:62*). Um fenômeno semelhante registado pelos Sinópticos é o aparecimento em visão, e não realmente, de Elias e Moisés (*Mateus 17:1-9*). Em *João 3:13* o Filho do Homem já obteve acesso à sabedoria divina. Mas mais tarde, em *João 20:17*, Jesus declara que "*ainda não subiu ao Pai*". A primeira afirmação (*João 3:13*) deve ser tomada figurativamente, enquanto a última se refere à partida real de Jesus para o Pai.

Devemos considerar com esta forma especial de pensar o Evangelho de João, lembrando que João foi um pensador e teólogo profundo que se deleitava em relatar as trocas, por vezes enigmáticas, do judeu Jesus com o seu público. Isto deveria nos alertar contra a leitura de João de uma forma que coloque sua cristologia em oposição a Mateus, Marcos, Lucas e ao livro de Atos. É significativo que a cristologia tradicional que sustenta o credo trinitário seja derivada quase exclusivamente de João, sem muita preocupação com o retrato de Jesus nos Sinópticos ou com o de Pedro nos seus sermões no livro de Atos e nas suas cartas. É na confissão de Pedro de Jesus como o Messias que a Igreja deve ser fundada (*Mateus 16:16, 18*). Pedro não nos dá nenhuma razão para acreditar que ele pensava que Jesus realmente existia antes do seu nascimento. E João escreveu com o único propósito de nos convencer de que "Jesus é o Cristo, o Filho de Deus", certamente não o próprio Deus (*João 20:31*).

Glória Antes Que O Mundo Existisse

Se alguém abordar o texto com a firme crença de que Jesus existia antes do seu nascimento, *João 17:5* certamente parecerá dar força a essa convicção. "*Agora então, Pai, glorifica-me ao teu lado, com aquela*

glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse". À luz da estrutura conceitual de João, é questionável se este versículo pode ser apresentado como prova de que Jesus estava vivo desde a eternidade passada. Nas formas bíblicas de falar e pensar, alguém pode "ter" algo que é prometido no plano de Deus antes de realmente obtê-lo. Abraão recebeu a terra por meio de um contrato divino (aliança), embora ainda não tenha recebido nada dela. A promessa diz: "*Aos teus descendentes* ***dei*** *esta terra*" (*Gênesis 15:18*). Neste ponto a sua semente ainda não existia. Embora a terra tenha sido dada a eles. A promessa de Deus é expressa, porém, como se já tivesse sido cumprida.

Assim, em *João 17:5*, a glória que Jesus "teve" com o Pai foi a glória ordenada para ele no propósito de Deus para Seu Filho. Uma ilustração impressionante deste uso curioso do pretérito é descoberta no *versículo 22*. Aqui a mesma glória prometida ao Filho foi dada aos discípulos que nem sequer viviam. Eram os discípulos que seriam convertidos mais tarde (*versículo 20*). Falando deles, Jesus disse: "a glória que me deste, *eu dei a eles*". O significado é obviamente que Jesus havia *prometido* dar-lhes isso. Eles já o possuíam, embora não realmente. Como Deus, Jesus falou de "coisas que não são como se fossem" (*Romanos 4:17*). Quando ele orou pela glória que sabia que Deus lhe havia prometido, ele também falou dela como a glória que ele "tinha" com o Pai, o que significa que ele a tinha "pronta com o Pai", como um depósito potencialmente seu no plano de Deus. Em outro lugar, ele encorajou seus discípulos com a promessa de que "*é grande o vosso galardão nos céus*" (*Mateus 5:12*). A recompensa já estava lá, esperando para ser dada a eles no futuro, no retorno de Cristo (*Mateus 16:27*). Assim também a glória que seria dada a Jesus foi decretada como sua posse desde o início. Agora ele orou para recebê-la.

Comentando sobre o uso especial da linguagem, *H.H. Wendt*, professor de teologia em Heidelberg, escreveu:

Depende de um equívoco do discurso do NT se inferirmos imediatamente que a afirmação de Jesus [em João 17:5], de que ele teve glória com o Pai antes que o mundo fosse criado, é simples e necessariamente idêntica, em significado, à crença de que ele mesmo pré-existia... De acordo com o modo de falar e conceição predominante no NT, um bem celestial, e portanto também uma glória celestial, pode ser concebido e falado como existindo com Deus e pertencendo a uma pessoa, não porque isso pessoa já existe e está investida de glória, mas porque a glória de Deus está de alguma forma depositada e preservada para essa pessoa no céu. Lembramos como, segundo o relato de Mateus, Jesus também fala do tesouro (*Mateus 6:20*) ou da recompensa (*Mateus 5:12, 46; 6:1*) que os discípulos têm no céu com Deus... e além disso, como, na descrição do julgamento final das nações, o reino que os abençoados pelo Pai herdarão é descrito como aquele preparado para eles desde a criação do mundo (*Mateus 25:34*); e como também (*Colossenses 1:5* e *1 Pedro 1:4*) a esperança de salvação dos cristãos é representada como uma bênção preparada no céu para eles... Jesus pede para si não algo arbitrário, mas o que lhe seria dado. de acordo com o decreto de Deus e o que sempre lhe pertenceu idealmente... o pressuposto para esta afirmação, porém, é certamente a crença, que encontra expressão decidida no final da frase do *versículo 24*, de *que o próprio Jesus, como Messias, não existia de facto com Deus desde o início Na verdade, Jesus não existia desde o princípio com Deus, mas era o objeto do amor de Deus, dos seus pensamentos, planos e propósitos amorosos*. **[56]**

É importante procurar significados bíblicos para expressões bíblicas. Se lermos João dentro da estrutura estritamente monoteísta que ele estabelece (*João 17:3; 5:44*), deveríamos ser cautelosos ao atribuir ao Messias uma existência pré-natal como um segundo membro incriado da Divindade. A armadilha de comprometer o monoteísmo bíblico pode ser evitada se insistirmos, com João e Jesus, que o Pai "somente é Deus" (*João 5:44*) e que Ele é "o único Deus verdadeiro" (João 17:3). Seria tolice ler no texto as nossas próprias ideias post-bíblicas derivadas do credo, quando uma solução melhor para o enigma da cristologia de João está disponível dentro dos limites do seu próprio monoteísmo judaico-cristão autoimposto.

A visão que defendemos foi apresentada em vários livros escritos na virada do século pelo professor de língua e literatura do NT no Seminário Teológico de Chicago, *G.H. Gilbert*. Ele primeiro observa que:

Não se entende [a aceitação da "adoração" de Jesus] que o cego considerava Jesus como sendo da mesma natureza de Deus. O termo *adoração* traduzida é usado para designar a homenagem que os súditos prestam aos seus soberanos e simplesmente implica que aquele que a recebe tem uma dignidade mais elevada do que aquele que a presta (compare, *Apocalipse 22:8*).

Sobre o discurso de Tomé a Jesus como "Deus", ele diz: "Jesus aceitou a homenagem de Tomé como a homenagem prestada ao seu caráter como Messias... não há nenhuma sugestão de que ele considerasse a homenagem como implicando que ele era da mesma substância que o Pai". **[57]**

O ponto é importante contra a noção popular de que, porque Jesus foi adorado, ele deve ser Deus. A "adoração", entretanto, pode ser oferecida aos reis como representantes de Deus, e até mesmo aos santos glorificados (*1 Crônicas 29:20; Apocalipse 3:9*). É falacioso, portanto, argumentar que, porque Jesus é "adorado", ele deve ser Deus. Jesus pode ser "adorado" como Messias. Somente o Pai é adorado como Deus. O mesmo verbo grego serve, portanto, ambos os sentidos de "adoração".

Gilbert aborda o tema da preexistência em João, observando que os Evangelhos Sinópticos não abordam este tema. Falando da glória pela qual Jesus orou em *João 17:5*, *Gilbert* a vê como uma recompensa pela obra que Jesus realizou agora:

> Jesus possuía essa glória antes da fundação do mundo no sentido de que ela foi divinamente determinada para ele. Ele sabia que esta obra messiânica havia sido planejada por Deus desde a eternidade, e que o resultado glorioso havia sido fixado e guardado para ele... concluímos, então, que estas três passagens em *João* [*6:62; 8:58; 17:5*], onde Jesus alude à sua pré-existência, não envolve a afirmação de que esta pré-existência fosse pessoal e real. Devem ser classificados com o outro fenômeno da consciência messiânica de Jesus, nenhum dos quais, nem nos Sinóticos nem no quarto Evangelho, tem a ver com relações metafísicas com o Pai. **[58]**

Será que uma exegese tão rigorosa deste capítulo confirma que esta é a maneira correta de entender a linguagem pré-existente de João? O uso do pretérito em *João 17* precisa ser cuidadosamente examinado. Há indicações claras neste capítulo de que os tempos passados podem de fato descrever não o que realmente aconteceu, mas o que está destinado a acontecer, uma vez que Deus o decretou. Devemos primeiro notar a advertência feita por *Brown*: "Nas referências de João a Jesus há uma estranha independência de tempo ou indiferença à sequência de tempo que deve ser admitida". **[59]** *Bernard* observa que "o fim predestinado é visto desde o início". **[60]**

Na sua análise de *João 17*, Morris observa que "comum a todas estas secções [de *João 17*] é o desejo de que o propósito do Pai seja levado avante". **[61]** Em *João 17:2* "Temos a ideia da predestinação divina **[62]**" *Brown* observa que "o poder de conceder vida não se tornaria totalmente eficaz até a exaltação de Jesus", embora Jesus declare que este poder "tem sido dadas". **[63]** Podemos comparar *João 5:27*: "*E deu-lhe o poder de exercer o juízo*". A autoridade foi concedida, embora a sua implementação deva aguardar a ressurreição, como diz o próximo versículo. Em *João 17:4* Jesus fala "como se a ação estivesse concluída". **[64]** Também em *João 3:35* o Pai entregou todas as coisas nas mãos de Jesus. Hebreus 2:8 concorda: "Todas as coisas lhe pusestes sob os pés..., mas ainda não vemos todas as coisas sujeitas a ele" (*Hebreus 2:8*). Claramente, eventos divinos futuros divinamente planejados podem ser descritos no pretérito.

O princípio comum que sublinha muitas das declarações de Jesus na sua oração final é que Deus decretou dar-lhe poder e autoridade, muitos dos quais ainda não foram implementados. Este padrão de tempos passados com significados futuros continua: Em *João 17:4*, Meyer sustentou que Jesus "já inclui neste relato… o fato de sua morte como já consumada", **[65]** mas Cristo ainda não havia morrido. Alford observa que "nosso Senhor se coloca antecipadamente no final de sua carreira realizada e olha para trás como se fosse passado". **[66]** Mesmo em *João 17:9*, uma vez que "os discípulos históricos são um modelo para

todos os cristãos…, os cristãos de um tempo futuro são visionados". **[67]** Mas Jesus falava como se a sua atividade em favor da sua Igreja já tivesse terminado.

Quando Jesus diz "*Eu fui glorificado neles*", o tempo perfeito é "muito provavelmente proléptico [antecipando o futuro], apontando para a glória que ainda estava por vir, mas isso era certo". certamente será cumprido mais tarde, num futuro próximo, Jesus o vê, falando no perfeito com antecipação profética, como concluído e realmente existente" (*versículo 10*). **[69]**

A oração de Jesus continua: "*E eu já não estou mais no mundo*" (*João 17:11*). Ele fala como se já tivesse saído. "*Sua partida está tão próxima que ele pode usar o presente*". **[70]** Mesmo no *versículo 12*, estritamente falando, Judas ainda não havia morrido finalmente. No entanto, está implícito que ele morreu, em cumprimento das Escrituras como um "destino divino" **[71]**

Os tempos passados com significados futuros continuam: "*Eu os enviei…*" (*João 17:18*). *Morris* observa que "quando chegamos aos Apóstolos, deveríamos ter esperado um presente ou um futuro em vez de "eu os enviei…". Talvez seja mais provável que a palavra seja usada de uma forma que denota antecipação no plano de Deus. Acrescenta um toque de certeza ao futuro envio dos discípulos". **[72]** *Meyer* faz a mesma observação: "A missão de fato ainda não era um fato objetivo (*João 20:21; Mateus 28:19*), mas já era concebido em sua ideia na nomeação e instrução para o ofício apostólico". **[73]**

Finalmente, Jesus reza pelos discípulos que ainda não estão convertidos, mas que serão cristãos como resultado da pregação apostólica. Jesus diz que a glória que Deus "deu" a ele "foi dada" aos discípulos de todas as épocas (*João 17:22*). A glória em questão:

> O Pai *deu-lhe* isso, ainda não em efeito objetivo, mas como uma posse segura do *futuro imediato*; ele a *obteve* de Deus, designada como propriedade, e a tomada da posse real está agora próxima para ele. De maneira semelhante, ele deu esta glória... aos seus crentes, que entrarão em posse real na "*Parousia*", onde serão glorificados juntos (*Romanos 8:17*), depois de terem, até aquele momento, *sido salvos em esperança* (*Romanos 8:17; 8:24*). Eles são seus co-herdeiros em Cristo e o espírito que receberão será o pagamento inicial (*Efésios 1:14; 2 Coríntios 1:22; 5:5*); mas a verdadeira entrada na herança será cumprida na "*parousia*". **[74]**

Aqui, novamente, o pretérito descreve vividamente o que são certezas para o futuro no plano de Deus.

Jesus fala novamente da glória que "*aqueles que me deste*" (*João 17:24*). *Morris* sente que "Jesus pode estar se referindo à majestade e esplendor que será dele na vida futura". **[75]** Esta glória já foi «conferida a [seus discípulos], mas por enquanto como posse de esperança». **[76]**

Ao longo de *João 17*, Jesus fala constantemente de coisas que aguardam cumprimento no futuro como já tendo ocorrido. Ele usa o pretérito da profecia, o que não é incomum nas Escrituras. Em *João 17:5* ele ora pela glória que "tinha com [o Pai] antes da fundação do mundo". Tendo em vista o contexto deste capítulo, fica claro que a glória que ele "tinha" é a glória preparada para ele no plano de Deus. É a mesma glória que todos os discípulos "tinham" (ou seja, "foi dada", *João 17:22*), embora ainda não a tenham. É a glória destinada a Jesus no propósito predeterminado de Deus. Ele (Deus) "mandou" isso guardado para ele desde a Eternidade, assim como os cristãos agora "têm" sua herança ainda futura do Reino de Deus. Isto será manifestado na terra na Segunda Vinda (*1 Pedro 1:4, 5*). Jesus em *João 17* orou para receber o que Deus havia designado para ele. *João 17:5*, lido à luz do seu contexto, não fornece base para uma preexistência literal de Jesus. **[77]** Retirado desse contexto e tendo em vista o subsequente ensino post-bíblico sobre a Trindade, parecerá reforçar a ideia de que o Filho existiu, literalmente e não idealmente, desde a eternidade.

João 17:5 foi entendido da maneira que propomos pelos Anabatistas Poloneses do século XVII que escreveram no Catecismo Racoviano:

Que uma pessoa poderia ter tido algo e, consequentemente, poderia ter tido glória com o Pai antes que o mundo existisse, sem ter de concluir que ela realmente existia, é evidente em *2 Timóteo 1:9*, onde o apóstolo diz dos crentes que a graça foi dada para eles antes do mundo começar. Pois é aqui [em *João 17*] declarado que Cristo orou por esta glória. Cristo implora a Deus que lhe dê, em posse real, com Ele, a glória que ele tinha com Ele, em propósito e em decretos, antes que o mundo existisse. Pois muitas vezes se diz que uma pessoa tem algo com alguém, quando lhe é prometido ou destinado. Por isso o evangelista diz que os crentes têm a vida eterna. Portanto, acontece que Jesus não diz absolutamente que teve essa glória, mas que a teve com o Pai; como se ele tivesse dito que agora orava para realmente ter conferido a ele aquela glória que havia sido ordenada para ele com o Pai de antigamente e antes da criação do mundo. **[78]**

Jesus antes de Abraão

Em *João 8:58* Jesus afirmou sua superioridade sobre Abraão. Sua posição suprema, porém, depende do Pai que glorifica o Filho (*João 8:54*). Ele afirmou que Abraão se alegrou por "ver o meu dia" (*João 8:56*) – isto é, Abraão, pela fé, viu a vinda do Messias antes de sua chegada real. O dia do Messias "pré-existia", por assim dizer, na mente de Abraão. **[79]** Os judeus entenderam mal o que Jesus havia dito, acreditando que ele havia afirmado ser realmente contemporâneo de Abraão (João 8:57). Jesus reafirmou sua preeminência absoluta no plano de Deus com a declaração surpreendente: "Antes que Abraão existisse, "Eu sou [ele]" (*João 8:58*).

Para compreender o significado da frase "eu sou" neste texto, é essencial compará-la com o uso frequente da mesma frase por João, que em alguns lugares está ligada ao caráter messiânico de Jesus:

> **João 18:5**: "*Disse-lhes Jesus: Sou eu* [ele]" (identificando-se como aquele que procuravam).
>
> **João 6:20**: "*Mas ele lhes disse: Sou eu, não temais*".
>
> **João 9:9**: "*Ele* [o homem curado da cegueira] *dizia: 'Sou eu* [ele]'". (ou seja, "Eu sou isso")
>
> **João 4:26:** "*Jesus disse-lhe* [à mulher junto ao poço]: '*Eu o sou* [aquele] *que falo contigo*'"
>
> **João 8:24**: "porque se não crerdes que EU SOU [ele], *morrereis em vossos pecados*"
>
> **João 8:28**: "*Quando levantardes o Filho do homem, então conhecereis quem EU SOU* [ele]".
>
> **João 13:19**: "*Desde agora vo-lo digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, acrediteis que eu sou* [ele]."
>
> **João 9:35-37**: "*Crês tu no Filho de Deus?... e é aquele que fala contigo*"
>
> **Cp. Juan 10:24, 25**: "'*Se tu és o Cristo, dize-no-lo abertamente*.' Respondeu-lhes Jesus: Já vo-lo tenho dito, e não o credes'"
>
> **Juan 8:58**: "*antes que Abraão existisse, eu sou* [él]."

Neste ponto, o propósito expressamente declarado por João ao escrever todo o seu Evangelho deve ser mantido em mente. Seu objetivo era para que "*que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus*" (*João*

20:31). O fato de que no AT Deus fala de si mesmo como "eu sou [ele]" não nos leva, como muitas vezes se pensa, à conclusão de que nos lábios de Jesus "eu sou [ele] significa "eu sou Deus". no sentido trinitário. As declarações de Jesus "Eu sou ele" em João podem ser satisfatoriamente explicadas como uma afirmação de ser *o Messias*. Como tal, Jesus apresenta-se como o único agente do Deus único e por ele confiado para agir em seu nome.

Mesmo que alguém quisesse conectar as declarações "*ego eimi*" (eu sou) de Jesus com as palavras de Deus no AT, ainda não haveria justificativa para identificar Jesus com Deus no sentido trinitário. Jesus, como Messias, pode ter um título divino sem ser Deus. Uma vez levado em conta o princípio judaico de "arbítrio", será rapidamente compreendido que Jesus representa perfeitamente o seu Pai. Como agente ele atua e fala pelo seu mandante, para que as obras de Deus se manifestem em Jesus. Nada disso, porém, faz de Jesus literalmente Deus. Ele continua sendo o Messias humano prometido pelas Escrituras. A Teologia Trinitária frequentemente exibe seu viés anti messiânico e ignora as evidências de João, deixando de reconhecer suas simples declarações monoteístas que definem o Pai como "*o único Deus verdadeiro*", distinto de Seu Filho (*João 17:3; 5:44*). Este procedimento coloca João contra Mateus, Marcos e Lucas/Atos. Também apaga o ponto central do NT que é proclamar a identidade de Jesus como o Messias.

A evidência que temos diante de nós (citada acima) mostra que a famosa frase "*ego eimi*" significa: "Eu sou o prometido", "Ele em questão". O cego se identifica dizendo "Eu sou a pessoa que você procura"; "Eu sou esse." Em contextos onde o Filho do Homem ou o Cristo é mencionado, Jesus afirma ser "quem" ou "aquilo", ou seja, Filho do Homem, Cristo. Em cada caso é apropriado (como os tradutores reconhecem) adicionar a palavra "ele" a "eu sou". Há todos os motivos para ser consistente e fornecer "ele" em João 8:58 também. Assim, em *João 4:26*, "Eu sou" = "Eu sou [ele, o Messias]". Em *João 8:58*, Jesus também declara: "Antes que Abraão existisse, eu sou [ele, o Messias designado]".

É importante notar que Jesus não usou a frase revelando o nome de Deus a Moisés. Na sarça ardente, o único Deus declarou Seu nome como "Eu sou o que sou" ou "Eu sou aquele que existe por si mesmo" (*Êxodo 3:14*). A frase na versão grega do AT diz "*ego eimi ho hown*", que é muito diferente do "eu sou ele" usado por Jesus. Se Jesus realmente tivesse afirmado ser Deus, é extraordinário que num encontro subsequente com judeus hostis ele afirmasse não ser Deus, mas sim o agente singular de Deus que carrega o título de Filho de Deus" (*João 10:34-36*).

É justo perguntar como alguém pode "ser" antes de realmente ser ou existir. Será a doutrina tradicional da encarnação de um segundo ser divino a única forma possível de lidar com as afirmações de João sobre a pré-existência? O padrão de linguagem de preordenação encontrado no Evangelho de João não exige uma preexistência literal do Filho. Abraão se alegrou ao aguardar a vinda do Messias. O dia do Messias foi uma realidade para Abraão através dos olhos da fé. Da mesma forma, o Messias "existia" como sujeito supremo do plano de Deus muito antes do nascimento de Abraão. "Antes que Abraão existisse, eu sou [Ele]" é uma declaração profunda sobre o plano original de Deus para o mundo centrado em Jesus, a quem João também pode descrever como "crucificado antes da fundação do mundo (*Apocalipse 13:8*). Não temos dificuldade em compreender como isto deve ser entendido: Jesus foi aquele que foi marcado - aquele que foi marcado para morrer - muito antes de Abraão, como o agente supremo do plano de Deus. Se Cristo foi "crucificado antes de Abraão", pode-se dizer que ele próprio "existiu" nos conselhos eternos de Deus. Nesse sentido, ele foi efetivamente designado como Salvador do mundo antes do nascimento de Abraão.

Em apoio a esta interpretação citamos novamente os comentários de Gilbert. Em João 8:58 ele diz:

> Jesus estava enfatizando sua reivindicação messiânica. Ele não diz que antes de Abraão nascer o "logos" existia; Ele diz "eu sou". É Jesus o Messias, Jesus o homem que o Pai consagrou à obra messiânica quem fala. Pouco antes disso, ele havia falado do "meu dia", que Abraão viu (*João 8:56*), pelo qual devemos entender o aparecimento histórico de Jesus como Messias. Abraão tinha visto isso, virtualmente visto isso na promessa de Deus de uma semente (*Gênesis 12:3; 15:4, 5*) e a saudou de longe (*Hebreus 11:13*). E

agora é ele quem realiza conscientemente a visão distante de Abraão que diz: "Antes que Abraão existisse, eu sou". Jesus, portanto, parece afirmar que sua personalidade messiânica histórica existia antes do nascimento de Abraão. Se for este o caso, então a sua existência anterior à de Abraão deve ser considerada ideal. **[80]**

A Ambiguidade de João 8:58

Os comentadores do livro de João notam frequentemente uma certa ambiguidade nas palavras de Jesus, especialmente em conexão com o fracasso do público judeu hostil em compreender o que Jesus queria dizer. A Ortodoxia está frequentemente ansiosa por apoiar as opiniões judaicas contra Jesus. Argumenta-se que os judeus pensavam que Jesus afirmava ser Deus. Portanto, é. Mas a audiência hostil de Jesus não é um guia seguro para as intenções de Cristo. Acabamos de ver que Jesus teve de corrigir o entendimento errôneo dos judeus de que ele afirmava *ser* Deus. Sua afirmação era que ele era o *Filho de Deus*, que é a categoria de um ser humano, não de Deus. Em *João 8:58* há uma ambiguidade gramatical interessante que torna possível uma tradução diferente. A tradução padrão: "Antes que Abraão existisse, eu sou" não é a única maneira de traduzir o grego.

É um fato elementar da linguagem que o infinitivo aoristo grego extrai seu significado do contexto. Isso pode se referir a eventos futuros ou passados. Assim, Mateus escreve: "Antes que o galo cante" (*Mateus 26:34*; prin, "antes", + aoristo infinitivo). Mas antes no mesmo Evangelho temos "antes que eles se reunissem" (*Mateus 1:18*; prin + aoristo infinitivo). No Evangelho de João temos: "Senhor, desce antes que meu filho morra". (*João 4:49*; prin + infinitivo aoristo); "E agora eu vos disse antes que aconteça" (*João 14:29*; prin+aoristo infinitivo). Surge a pergunta: Qual é a tradução correta de *João 8:58*? Jesus disse: "Antes que Abraão existisse [isto é, voltasse à vida na ressurreição], eu sou" ou "Antes que Abraão existisse [isto é, nascesse], eu sou [ele]"?

Pode ser que a Ortodoxia interprete mal este versículo como prova da preexistência de Cristo. Apenas alguns versículos antes, Jesus havia falado da ressurreição como algo que confere vida infinita àqueles que O seguem (*João 8:51*). Os judeus objetaram que esta declaração tornava Jesus superior a Abraão, que já estava morto. Jesus justifica a sua afirmação salientando que Abraão tinha de facto previsto o dia do Messias. Os judeus interpretaram mal Jesus, acreditando que ele estava dizendo que ele e Abraão eram contemporâneos ("Você viu Abraão?"; *João 8:53, 56, 57*). É possível que Jesus os tenha incomodado com a afirmação estupenda de que precederá Abraão na ressurreição. Antes de Abraão ganhar a imortalidade na ressurreição, Jesus já estará vivo e imortal. Isto justificaria plenamente a afirmação de ser superior a Abraão. "tornar-se" (o infinitivo aoristo de "*ginomai*") é na verdade usado para a ressurreição na Septuaginta de *Jó 14:14*: "Esperarei até que eu volte a existir".

Se o texto for lido como as versões padrões o traduzem, Jesus teria afirmado ser o Messias designado desde a eternidade. Ou ele pode ter estabelecido a sua superioridade sobre Abraão noutro sentido. Abraão antecipou o triunfo do Messias. Jesus certamente desfrutará uma vida sem fim como o Salvador ressuscitado muito antes de Abraão reaparecer na futura ressurreição.

Preexistência Ideal

A preexistência nos conselhos de Deus, em vez da preexistência real, enquadra-se bem no ambiente judaico em que os Evangelhos foram escritos. Nos escritos judaicos, que fornecem uma base essencial para a compreensão do NT: "A pré-existência é atribuída ao Messias esperado, *mas apenas em comum com outras coisas e pessoas veneráveis, como o tabernáculo, a lei, a cidade de Jerusalém, o mesmo legislador Moisés, o povo de Israel*". **[81]**

A figura do Messias que eles construíram a partir do AT não incluía a ideia de que o Messias realmente existisse antes do seu nascimento:

> A figura apocalíptica [do Messias] é, em sua maior parte, a de um príncipe humano, majestoso e ricamente dotado – cujo advento inaugurará um futuro glorioso para Israel. O Messias se tornará o instrumento de julgamento sobre os opressores humanos, o vingador vitorioso dos justos [como Jesus Cristo será em sua Segunda Vinda]. Ele é humano, como o Filho do Homem, embora possua dons transcendentes de sabedoria e poder. De acordo com nossa opinião, ele aparecerá quando a tribulação dos justos atingir o seu clímax, e seu reino começará com uma destruição massiva de seus inimigos, após o que ele reinará em tranquilidade e paz, a terra santa será a sede de seu domínio…. Não se pode dizer honestamente que as alusões ao seu ser revelado e à sua pré-existência eterna implicam mais do que predestinação e presciência no propósito divino. **[82]**

Outro estudioso também encontra no contexto do NT a preexistência do Messias apenas no plano de Deus: "*Dalman,* de quem suponho que não haja maior autoridade em assuntos judaicos, [diz], 'O judaísmo nunca conheceu uma preexistência peculiar ao Messias, *antecedente ao seu nascimento como ser humano*'". **[83]**

Notas Finais

[1] *James Yates*, "*Vindication of Unitarianism*" (Vindicação do Unitarismo) (Boston: Wells and Lilly, 1816), 66, 153.

[2] "*Treatise on Christian Doctrine*" (Tratado de Doutrina Cristã) (republicado pela Associação Unitarista Britânica e Estrangeira,1908), 16, 17.

[3] "*Epistle of Paul to the Romans*" (Epístola de Pablo a los Romanos), citado por *Hugh Schonfield*, "*The Politics of God*" (As Políticas de Deus (London: Hutchinson, 1970), 105.

[4] "*Paul and His Interpreters*" (Paulo e seus intérpretes) (London, 1912), v.

[5] "*Tyndale's New Testament: A Translation from the Greek by William Tyndale in 1534*" (Novo Testamento de Tyndale: uma tradução do grego por William Tyndale em 1534), *ed. David Daniell* (New Haven: Yale University Press, 1989), énfasis añadido.

[6] *John Knox*, "*The Humanity and Divinity of Jesús*" (A Humanidade e Divindade de Jesus) (Cambridge University Press, 1967), 106.

[7] *Salmo 132:11; Atos 2:30; 2 Samuel 7:14-16; Mateus 1:1.*

[8] *B.F. Westcott*, "*The Gospel of John*" (O Evangelho de João) (Grand Rapids: Eerdmans, 1981), lxxxiv, lxxxvii.

[9] *F.C. Baur*, "*Church History of the First Three Centuries*" (História da Igreja dos Primeiros Três Séculos) (Londres: Williams e Norgate's, 1878), 65.

[10] "*Dictionary of the Apostolic Church*" (Dicionário da Igreja Apostólica) (T & T Clark, 1916), 2:264, ênfase adicionada.

[11] "*The First Epistle of St. Peter*" (A Primeira Epístola de São Pedro), 248

[12] *James MacKinnon*, "*The Historic Jesus*" (O Histórico Jesus) (Longmans, Green and Co., 1931), 375-379, ênfase adicionada.

[13] "The Birth of the Messiah" (O Nascimento do Messias), 140, 141, grifo nosso. Compare, *Aaron Milavec*, "*Matthew's Integration of Sexual and Divine Begetting*" (A Integração da Geração Sexual e Divina de Mateus), no Biblical Theology Bulletin 8 (1978): 108: "A doutrina cristã da preexistência seria completamente incompatível com a descrição de Mateus das origens de Jesus".

[14] *Ibid*., 31, nota 7.

[15] "*L'Annonciation et la Mariologie Biblique*," em "Maria na Sacra Scriptura", 4:61.

[16] Brown, "*The Birth of the Messiah*" (O Nascimento do Messias), 291.

[17] "*The Remarking of Christian Doctrine*" (A Observação da Doutrina Cristã), 52, 53.

[18] De acordo com muitos MSS, Mateus regista a gênese ou "origem", "princípio" de Jesus em *Mateus 1:18*. Não foi apenas o seu nascimento. Marcos e Lucas nada sabem sobre um Jesus que preexistiu ao seu nascimento. A narrativa do nascimento de Lucas exclui expressamente uma "geração eterna" para o Filho, que se tornou Filho de Deus na conceição. Uma possibilidade razoável é que a visão de João sobre Cristo esteja, de facto, em harmonia com a dos outros escritores dos Evangelhos.

[19] *Gabriel Fackré* em "*The Christian Story*" (A História cristã) (Eerdmans, 1978), 103, refere-se com aprovação ao entendimento de *Teófilo de Antioquia* de "*logos*" como o plano, propósito, razão e visão de Deus e sugere como tradução de João 1:1, "A Visão estava com Deus e a Visão era Deus".

[20] A NEB tenta transmitir o significado com "*O que a Palavra era, Deus era*".

[21] Para o uso do termo "palavra" no AT, veja *Salmos 33:6-12* e *James Dunn*, "*Christology in the Making*" (Cristologia em formação)", 217, 218.

[22] *RH Mounce*, "*The Book of Revelation*" (O Livro do Apocalipse) (Marshall, Morgan & Scott, 1977), 140 (sobre Apocalipse 4:11).

[23] *Leon Morris*, "*The Gospel According to John*" (O Evangelho Segundo João), o *New International Commentary on the New Testament* (Novo Comentário Internacional sobre o Novo Testamento) (Grand Rapids: Eerdmans, 1971), 102.

[24] "*Christology in the Making*" (Cristologia em formação), 243, grifo nosso.

[25] Compare, GNB em 1 João 1:1: "Cristo estava vivo quando o mundo começou".

[26] "*Born Before All Time? The Debate About the Origin of Christ*" (Nasceu antes de todos os tempos? O Debate Sobre a Origem de Cristo) (Nova York: Crossroads, 1992), 381.

[27] *Brown, Driver e Briggs*, "*Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*" (Léxico Hebraico e Inglês do Antigo Testamento), 768.

[28] *Ibid*., 86.

[29] G.T. Purves, "*The Influence of Paganism on the Post-Apostolic Christianity*", (A Influência do Paganismo no Cristianismo Post-apostólico), Presbyterian Review 36 (outubro de 1888). O impacto desastroso da filosofia Alexandrina é bem reconhecido pelos estudiosos modernos. Na "*Bible Review*" (Revisão Bíblica) de junho de 1997, o professor *J. Harold Ellens* observou que "de Nicéia à Calcedônia, a visão especulativa e neoplatônica da cristologia alexandrina ganhou enorme terreno e tornou-se dogma cristão ortodoxo em 451 EC.

[30] **"**Houve um tempo em que o Filho não existia; Deus nem sempre foi Pai" (*Contra Hermógenes*, cap. 3).

[31] Com a única exceção observada, a seguinte tradução verteu *João 1:3*: "*Por ela todas as coisas foram feitas. Sem ela nada foi feito*": *Tyndale Bible* (1535), Coverdale (1550; esta versão tem "o mesmo", em vez de "ela"), Matthew (1535), Taverner (1539), The Great (Cranmer's) Bible (1539), Wittingham (1557), Genebra (1560), Bíblia do Bispo (1568).

[32] *Correspondência*, 13 de junho de 1981.

[33] *William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich*, "*A Greek-English Lexicon of the New Testament and other Early Christian Literature*" (Um Léxico Grego-Inglês do Novo Testamento e outras literaturas cristãs primitivas) (Chicago: University of Chicago Press, 1957), 480.

[34] A identidade poderia ser expressa por "*o theos*", não "*theos*".

[35] "*Jesus and the Constrains of History*" (Jesus e as restrições da história) (Filadélfia: Westminster Press, 1982), app. III, 176, 177.

[36] *E.G. Selwyn*, "*First Epistle of St. Peter*" (Primeira Epístola de São Pedro), 124, ênfase adicionada.

[37] *Harrison*, "*Romans, Expositor's Bible Commentary*" (Comentario Biblico do expositor) (Zondervan, 1976), 52, ênfase adicionada.

[38] *Moule*, "*Romanos, Cambridge Bible for Schools and Colleges*" (Romanos, Biblia Cambrige para esuelas y colegios) (Cambridge UP, 1918), 95.

[39] Os seguintes "tempos passados em profecia" nos profetas são típicos do modo de pensar hebraico: "Meu povo foi levado cativo" (*Isaías 5:13*); "Um Filho nos foi dado" (*9:6*); "O povo que andava nas trevas viu uma grande luz" (*9:2*); "Devoraram Israel"; "Ele veio para Achat" (*10:28*); "Eis que me estabeleci em Sião." (*28:16*); "ele os entregou ao matadouro" (*34:2*).

[40] *Morris Simon*, "*The Soncino Chumash*" (Os Chumash de Soncino) (Londres: Soncino Press, 1947). 3. 4.

[41] Apesar de uma herança anterior da terra sob Josué (*Josué 21:43-45*), os profetas esperam que a antiga promessa feita a Abraão receba um cumprimento final (*Jeremias 3:18; 30:3*).

[42] O escritor aos Hebreus espera que Abraão ainda herde a terra em que habitou como estrangeiro (*Hebreus 11:9*).

[43] Compare, *P. Borgen*, "*God's Agent in the Forth Gospel*" (El Agente de Dios en el Cuarto Evangelio), em "*Religions in Antiquity: Essays in Memory*" (As religiões na Antiguidade: Ensaios em Memória) of *E.R. Bom, ed. J. Neusner* (Leiden, 1968), 137-148.

[44] "*Christology in the Making*" (Cristologia em formação), 39.

[45] "*Theological Dictionary of the New Testament*" (Dicionário Teológico do Novo Testamento), *ed. Gerhard Kittel, Gerhard Friedrich e Geoffrey W. Bromiley, trad. Geoffrey W. Bromiley*, 10 vols, (Grand Rapids: Eerdmans, 1964-1976), 1:406.

[46] Compare a declaração de *Emil Schurer* de que no pensamento judaico: "tudo que é verdadeiramente valioso pré-existia no céu" ["*The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ*" (História do povo judeu na era de Jesus Cristo), T&T Clark, 1979, 2:522].

[47] Cp. João *A. T. Robinson*, "*The Human Face of God*" (A Face Humana de Deus) (Londres: SCM Press, 1973), 172-179. para um exame do uso que João faz da mesma linguagem para Jesus e os crentes.

[48] *Leon Morris*, "*The Gospel According to John*" (O Evangelho Segundo João), 108, 109.

[49] *J.O.F. Murray*, "*Jesus According to St. John*" (Jesus Segundo São João) (Londres: Longmans, Green, 1936); E.A. Abbot, Johannine Grammar (Londres: A. e C. Black, 1906) citado por Leon Morris em The Gospel Segundo John, 109.

[50] Morris, "*The Gospel According to John*" (O Evangelho Segundo João), 223.

[51] *Raymond Brown*, "*The Gospel According to John*" (O Evangelho Segundo João), 1:132.

[52] *CK Barrett*, "*The Gospel According to St. John*" (O Evangelho Segundo São João) (Londres: SPCK, 1972), 177.

[53] Ver *Brown*, "*The Gospel According to John, 1: 128-146*" (O Evangelho Segundo João, 1: 128-146).

[54] Citado por John Wilson, "*Concessions to Trinitarians*" (Concessões aos Trinitários) (Boston: Munroe& Co, 1845), 324.

[55] *JH Bernard*, "*St. John, International Critical Commentary*" (St. João, Comentário Crítico Internacional) (Edimburgo: T&T Clark, 1948), 1: cxxx, cxxxi.

[56] "*The Teaching of Jesús*" (O Ensino de Jesus) Edimburgo: T&T Clark, 1892), 2:169-172, ênfase adicionada.

[57] "*The Revelation of Jesus, A Study of the Primary Sources of Christianity*" (A Revelação de Jesus, Um Estudo das Fontes Primárias do Cristianismo) (Nova York: Macmillan Co., 1899), 225 226. Gilbert também foi o autor de "*The Student's Life of Jesus*" (A vida de estudante de Jesus) e "*The Student's Life of Paul*" (A vida de estudante de Paulo).

[58] *Ibid*., 221, 222.

[59] "*The Gospel According to John*" (O Evangelho Segundo João), 1:132.

[60] "*St. John, International Critical Commentary*" (S. João, Comentário Crítico Internacional), 1:76.

[61] "*Gospel According to John*" (Evangelho Segundo João), 716.

[62] *Ibid*., 716.

[63] "*Gospel According to John*" (Evangelho Segundo João), 2:740.

[64] *Ibid*., 2:741.

[65] "*Commentary on the New Testament: Gospel of John*" (Comentário sobre o Novo Testamento: Evangelho de João) (NY: Funk & Wagnalls, 1884), 462.

[66] "*Greek New Testament*" (Novo Testamento grego), 823.

[67] *Brown*, "*The Gospel According to John*" (O Evangelho Segundo João), 758.

[68] *Morris*, "*Gospel According to John*" (Evangelho Segundo João,), 726, grifo nosso.

[69] Meyer, "*Commentary on the New Testament: Gospel of John*" (Comentário sobre o Novo Testamento: Evangelho de João), 465.

[70] *Morris*, "*Gospel According to John*" (Evangelho Segundo João), 726.

[71] *Meyer*, "*Commentary on the New Testament: Gospel of John*" (Comentário sobre o Novo Testamento: Evangelho de João), 466.

[72] *Morris*, "*Gospel According to John*" (Evangelho Segundo João), 731.

[73] *Meyer*, "*Commentary on the New Testament: Gospel of John*" (Comentário sobre o Novo Testamento: Evangelho de João), 468.

[74] *Meyer*, "Commentary on the New Testament: Gospel of John" (Comentário sobre o Novo Testamento: Evangelho de João), 470.

[75] *Morris*, "*Gospel According to John*" (Evangelho Segundo João), 736.

[76] *Meyer*, "*Commentary on The New Testament: Gospel of John*" (Comentário sobre o Novo Testamento: Evangelho de João), 471, 472.

[77] Brown, "*The Gospel According to John*" (O Evangelho Segundo João), refere-se a uma variante textual em João 17:5: "Entre os Padres Latinos e alguns MSS etíopes, não há suporte para a leitura, aquela glória que estava convosco, 'ler een = 'era' em vez de "eu tinha" (743).

[78] *O Catecismo Recoviano* (Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme e Brown, traduzido do latim por T. Rees, 1818), 144, 145. O escritor do texto original (1609). B. Wissowaitus, observa em nota: "Agostinho e Beda também devem ser observados aqui, que tem sido a opinião unânime dos judeus até os dias atuais, que o Messias não teve preexistência antes da criação do mundo, exceto em forma divina. decretos". Todas as cópias existentes do catecismo na Inglaterra foram ordenadas pelo Parlamento para serem queimadas em abril de 1652.

[79] As tradições rabíbicas declaram que Abraão teve uma visão de toda a história de seus descendentes (Midrash Rabbah, XLIV, em Gênesis 15:18). IV Esdras 3:14 diz que Deus concedeu a Abraão uma visão do fim dos tempos.

[80] "*The revelation of Jesús, A Study of the Primary Sources of Christianity*" (A revelação de Jesus, Um Estudo das Fontes Primárias do Cristianismo), 214, 215. O ponto que "*o ego eimi*" de Jesus afirma ter a ver com seu caráter como Messias é apresentado por *Edwin Freed* em "*ego eimi*" em *João 8:24* à luz de seu contexto e da crença judaica messiânica". Journal of theological Studies 33 (1982): 163167. Comparar, also Barrett, Essays on John (London: SPCK, 1982), 71: "o '*ego eimi*' não é uma afirmação de divindade; "Juan tem outras maneiras, mais explícitas e mais cautelosas, de fazer essa afirmação."

[81] *C. Ottley*, "*The Doctrine of the incarnation*" (A Doutrina da Encarnação) (Methuen and Co., 1896), 59, grifo nosso.

[82] *Ibid*., 59, 60.

[83] *Charles Gore*, "*Belief in Christ*" (Crença em Cristo), 31.

IX. O ESPÍRITO SANTO: UMA TERCEIRA PESSOA OU DEUS EM AÇÃO

"A conceição convencional do Espírito Santo como uma Pessoa Divina separada e distinta é uma expansão. "Não era uma crença do Cristianismo Primitivo." – *Basil Wilberforce, DD*

De acordo com o Trinitarianismo ortodoxo, o Espírito Santo é um terceiro membro da Divindade eterna, coigual e coeterno com o Pai e o Filho. Esta "Pessoa" ou "distinção" na Divindade, contudo, não tem nome pessoal. A questão apresentada pelos não-trinitarianos é: será que a Bíblia realmente apoia a crença numa terceira "substância" (para usar a linguagem trinitária), que é tão distinta do Pai como o Filho obviamente é?

É difícil para nós acreditar que as Escrituras, lidas sem o benefício de credos posteriores, apresentem claramente o Espírito Santo como uma "Pessoa" (seja lá o que isso signifique – os trinitarianos parecem incapazes de definir a palavra com qualquer confiança). do Pai e do Filho. O uso habitual, mas arbitrário, do pronome "O" para o Espírito condicionou-nos a pensar numa terceira pessoa. Uma impressão muito diferente é criada se traduzirmos espírito como "isso" ou "isso". **[1]**

A nossa dificuldade em aceitar o Espírito como uma terceira pessoa do Deus Triúno reflecte-se no surpreendente reconhecimento do proeminente líder da Igreja Ortodoxa Grega, Gregório de Nazinazen, que em 381 DC declarou: "Dos sábios entre nós, alguns sustentam que o Espírito Santo é uma potência [*energeia*], outros uma criatura, outros dizem Deus, e outros ainda relutam em falar, por reverência (como dizem) às Escrituras, que não falam expressamente sobre o assunto". **[2]**

Onde então esteve a Trindade durante os 300 anos que separam esta tradição grega da morte dos Apóstolos? Nosso teólogo parece ter sido extraordinariamente lento em compreender o que sempre foi considerado ortodoxia apostólica. Uma leitura completa da Bíblia apoia uma visão trinitária do Espírito? Se pesquisarmos os dicionários bíblicos padrão, é óbvio que noventa e nove por cento da informação bíblica serão satisfeitos se definirmos o Espírito como Deus em ação eficaz, Deus em comunicação, Seu poder e personalidade estendendo suas influências para entrar em contato uns com os outros. sua criação em uma variedade de formas. A evidência restante poderia ser empurrada na direção do Trinitarianismo posterior, mas será isto justificado? O Espírito é outra coisa senão a energia de Deus, inspirando os seres humanos a realizar feitos extraordinários de valor, investindo-os com habilidades artísticas ou poderes milagrosos e, especialmente, comunicando verdades bíblicas? Dada a novidade que ocorreu desde o Pentecostes – o foco do Espírito no Cristo ressuscitado – não há necessidade de alterar o significado original revelado de "espírito" como o "vitalizador" de Deus, inspirando energia e Sua santa inteligência. revelada e transmitida através de Cristo, de coração a coração, àqueles que O buscam ele e Sua verdade.

A palavra "espírito" na Bíblia tem alguns significados diferentes, todos relacionados, porém, à ideia básica de poder e mente invisíveis. Em ambos os Testamentos, "Espírito Santo" descreve a energia de Deus dirigida para a criação e inspiração. É Deus em ação e uma extensão de Sua personalidade. Onde quer que o Espírito esteja trabalhando, reconhecemos a presença operacional de Deus: "*Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto. Não me lances fora da tua presença, e não retires de mim o teu Espírito Santo*" (Salmos 51:10, 11). Alguns versículos anteriores, Davi deseja ter "*a verdade no mais íntimo do seu ser*" e a capacidade de conhecer a sabedoria (*Salmos 51:6*). **[3]** A obra do Espírito de Deus em Davi produziria este efeito desejável. Em outra passagem "espírito" e a presença de Deus são equiparados: "*ara onde me irei do teu espírito, ou para onde fugirei da tua face?*" (*Salmo 139:7*). Há uma estreita conexão no *Salmo 33:6* entre o Espírito de Deus e sua atividade criativa: "*Pela palavra do SENHOR foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo espírito* [Hebreo, *Ruach*; LXX *pneuma*] *da sua boca*" O

facto de "espírito" e "respiração" serem traduções das mesmas palavras hebraicas e gregas revela-nos o significado original de espírito como o poder criativo de Deus, a energia por detrás da Sua expressão.

O Espírito de Deus certamente não é apenas um poder abstrato. Visto que é Deus em ação, é muito pessoal. É a extensão de Deus. O espírito de Deus é Sua personalidade estendida à Sua criação. Pode ser resistido por seres humanos pecadores. Assim, a rebelião de Israel entristeceu o Espírito de Deus (*Isaías 63:10*). No mesmo contexto, aprendemos que o "*anjo da Sua presença*" estava ativamente envolvido na salvação do povo de Deus (*Isaías 63:9*). Há aqui evidências de que os anjos estão envolvidos na mediação da atividade espiritual de Deus nos assuntos humanos. Lucas observou que "*um anjo falou com Filipe*" (*Atos 8:26*). Três versículos depois ele diz que "*o Espírito falou a Filipe*" (*versículo 29*). Um "anjo do Espírito" é encontrado na literatura judaica fora da Bíblia e poderia explicar a referência indireta de Lucas a um mensageiro divino mediando o Espírito de Deus. **[4]**

É ir além da evidência das Escrituras equiparar o Espírito de Deus a uma pessoa distinta do único Deus, *no mesmo sentido em que o Filho é distinto do Pai*. Existem diferenças claras entre o que a Bíblia diz sobre o Pai e o Filho e o que diz sobre o Espírito. Deus e Cristo são obviamente indivíduos separados, dignos de adoração. O Pai na qualidade de criador, o Filho Jesus como instrumento e agente na salvação da humanidade. Contudo, o Espírito Santo não tem um nome pessoal. Porque é que em nenhum texto das Escrituras o Espírito Santo é adorado ou orado? Nem uma vez o Espírito Santo envia saudações às igrejas. Quando os Apóstolos escreviam às suas igrejas, as saudações eram sempre enviadas por duas pessoas, o Pai e o Filho. É extraordinário que Paulo pudesse constantemente deixar de mencionar a terceira pessoa da Trindade, se acreditasse que ela existia. Quando ele exorta Timóteo a manter a fé, ele fala na presença invisível de "*o Senhor Jesus Cristo, e dos anjos eleitos*" (*1 Timóteo 5:21*).

Um importante teólogo bíblico deste século, e um membro proeminente da Igreja da Inglaterra, parece rejeitar a ideia de que a Bíblia apresenta o Espírito como uma terceira pessoa:

> Perguntar se o espírito no NT é uma pessoa no sentido moderno da palavra seria como perguntar se o espírito de Elias é uma pessoa. O Espírito de Deus é obviamente pessoal, é o "*dunamis*" [poder] de Deus em ação. Mas o Espírito Santo não é uma pessoa que existe independentemente de Deus; É uma forma de falar da personalidade de Deus agindo na história, ou da personalidade ressuscitada de Cristo agindo na vida e no testemunho da Igreja. O NT (e na verdade o pensamento patrístico em geral) em nenhum lugar representa o Espírito, nada além da sabedoria de Deus, como tendo personalidade independente. **[5]**

A cuidadosa escolha de palavras de Lucas em três passagens importantes mostra como espírito e poder são termos intercambiáveis: João Batista irá como precursor antes do Messias "*no espírito e virtude de Elias*" (Lucas 1:17). Na conceição do Filho de Deus, é dito a Maria que "*Descerá sobre ti o Espírito Santo* [não há artigo no grego]*, e a virtude do Altíssimo te cobrirá*" (*Lucas 1:35*). Quando Jesus anuncia a vinda do Espírito Santo no Pentecostes, ele declara sua intenção: "*E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder*" (*Lucas 24:49*). O termo "Espírito de Deus" em uma passagem é substituído por "o dedo de Deus" no texto paralelo (*Mateus 12:28; Lucas 11:20*). O "dedo de Deus" dificilmente descreve uma pessoa.

O espírito que funcionou na Igreja primitiva foi reconhecido como o "Espírito de Jesus", a sua verdadeira personalidade estendeu-se para dar poder e inspiração aos crentes. Lucas escreve: "*E, passando pela Frígia e pela província da Galácia, foram impedidos pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia. E, quando chegaram a Mísia, intentavam ir para Bitínia, mas o Espírito não lho permitiu*" (*Atos 16:6, 7*). Aparentemente não há diferença essencial entre o espírito de Deus e o Espírito de Jesus: "*Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele*" (*Romanos 8:9*). Na mesma passagem Paulo fala do Espírito que

intercede pelos santos. Visto que ele em nenhum lugar reconhece o Espírito como uma Terceira Pessoa, é razoável pensar que ele não vê diferença entre a intercessão do Espírito e a intercessão de Cristo mencionada no mesmo contexto (*Romanos 8:27, 34*). Embora o próprio Cristo esteja com o Pai, o seu Espírito está ativo nos corações dos crentes.

Alguns argumentaram que deve haver uma terceira pessoa associada a Deus e a Cristo, uma vez que a inteligência e a bondade são atribuídas ao Espírito Santo. Por exemplo, Neemias escreve sobre Deus dando Seu "*bom Espírito para instruí-los*" (*Neemias 9:20*). É óbvio, porém, que o Espírito de Deus possui todas as qualidades de Deus. Mas não há necessidade de pensar no Espírito como uma pessoa distinta. Uma explicação simples é dada por Paulo quando compara o Espírito de Deus com o espírito do homem. Ele começa falando do Espírito de Deus: "*Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus. Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus*" (*1 Coríntios 2:10, 11*). O espírito do homem se refere aos seus próprios pensamentos assim como o Espírito de Deus se refere aos seus próprios pensamentos. O Espírito Santo é, portanto, "inteligência santa", uma revelação da verdadeira mente de Deus. Espírito e coração estão frequentemente intimamente ligados, até mesmo intercambiáveis, na Bíblia Hebraica. O que poderia ser mais seguro então do que Deus revelar-nos os Seus planos e propósitos mais íntimos, falando de coração a coração com o homem, Sua criatura, e efetuando a sua conexão através da Sua própria inteligência criativa e espírito.

Proeminentes escritores trinitários parecem ter ido além da evidência das Escrituras quando afirmam que a terceira pessoa da Trindade estava envolvida na conversa quando Deus disse: "Façamos o homem à nossa imagem" (*Gênesis 1:26*). Torrey escreveu:

> Há muitos que dizem que a doutrina da Trindade não está no AT, que embora esteja no NT, não está no AT. Mas a doutrina da Trindade está no AT, logo no primeiro capítulo da Bíblia. Em *Gênesis 1:26* lemos: "*Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança*" **[6]**

Parece imaginativo dizer que Deus aqui falou com o Espírito Santo. Deus não fala com seu próprio Espírito. Ele estaria falando consigo mesmo (a menos que você queira dizer que "espírito" é um anjo mensageiro de Deus). Existe em algum lugar nas Escrituras uma alusão a Deus falando com o Espírito Santo? Tal ideia é tão estranha à Bíblia quanto a noção de que o Espírito Santo deve ser adorado ou agradecido, como recomenda *Torrey*. **[7]** O hino que nos encoraja a "louvar o Pai, o Filho e o Espírito Santo" tem origem num ambiente que perdeu de vista a doutrina bíblica do espírito. *Torrey* até nos diz que o "*Shemá*" de Israel (*Deuteronômio 6:4*) é na verdade um credo trinitário. **[8]** A forma plural de "*elohim*" é a base do seu argumento, que foi rejeitado por muitos estudiosos trinitarianos. Porque é que a literatura popular se torna mais atrativa enquanto as investigações muito mais profundas de autoridades reconhecidas sobre a língua hebraica passam despercebidas?

Nos últimos discursos de Jesus aos seus discípulos, fala do "consolador" que virá encorajar os fiéis depois de Jesus ter sido levado ao Pai. Visto que "consolador" (*parakletos*) é uma palavra masculina em grego, os tradutores que acreditavam na "terceira Pessoa da Trindade" traduziram-na com o pronome "ele". O mesmo "consolador", porém, é também "o espírito da verdade". Este título dificilmente sugere uma pessoa. Se não assumirmos que o Espírito Santo é uma pessoa diferente do Pai e do Filho, os textos serão traduzidos da seguinte forma:

> "*Se você me ama, guarde meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para estar convosco para sempre: o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece* [auto, neutro concordando com o espírito]*; mas você o conhece, porque ele habita e estará com você. Não vos deixarei órfãos; eu virei para você. Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai*

> *enviará em meu nome, ele* [ekeinos, masculino em grego que concorda com "*parakletos*", mas traduzido como "ele" se for assumido que significa apenas uma pessoa] *lhe ensinará todas as coisas, e ele vos lembrará tudo o que eu vos disse*" (*João 14:15-18, 26*).

Os comentários do trinitarista *James Denny* são instrutivos:

> O que nos choca aqui é o novo nome dado ao Espírito – "outro Consolador". Na verdade, é apenas o nome que é novo. Em ideia, ele responde de perto à única promessa do Espírito que encontramos nos Evangelhos Sinópticos. A expressão "outro Consolador" implica que os discípulos já tiveram a experiência de um, nomeadamente o próprio Jesus. Enquanto Ele estava com eles, a força deles foi fortalecida por Ele e quando Ele parte, Seu lugar é ocupado pelo Espírito. Há outro poder com eles agora que faz por eles o que Jesus fez antes. No entanto, ele é realmente outra pessoa? Em *1 João 2:1* é Jesus quem é o *Paráclito* (Consolador), mesmo depois de Pentecostes, e mesmo aqui (*João 14:18*), Ele diz: "*voltarei para vós*". A presença do Espírito é a própria presença de Jesus no Espírito. **[9]**

A equação do Espírito de Deus ou Jesus com seu poder e personalidade vivificante é muito óbvia no restante das Escrituras. Jesus disse aos seus discípulos: "*Quando, pois, vos conduzirem e vos entregarem, não estejais solícitos de antemão pelo que haveis de dizer, nem premediteis; mas, o que vos for dado naquela hora, isso falai, porque não sois vós os que falais, mas o Espírito Santo*" (*Marcos 13:11*). A versão de Lucas deixa evidente que o Espírito que fala nos discípulos é o próprio Cristo: "*Proponde, pois, em vossos corações não premeditar como haveis de responder; Porque eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir nem contradizer todos quantos se vos opuserem*" (*Lucas 21:14, 15*). O cumprimento desta promessa ocorreu quando os inimigos de Estêvão foram incapazes de "*resistir à sabedoria, e ao Espírito com que falava*" (*Atos 6:10*). É esclarecedor descobrir que "o Espírito Santo" de *Marcos 13:11* é simplesmente, na passagem paralela em *Mateus 10:20*, "*o Espírito de vosso Pai*". Ambas as passagens são ainda mais esclarecidas por Lucas, que vê o espírito de Deus como Deus trabalhando para comunicar suas palavras e sabedoria ao discípulo perseguido (*Lucas 21:15*). Esta opinião do Espírito está em completa harmonia com a Bíblia Hebraica. Mas seria impossível inserir nestas passagens uma definição do Espírito como uma pessoa distinta do Pai e do Filho.

Deveria a evidência clara de quase todas as partes das Escrituras ser perturbada por um punhado de versículos do Evangelho de João? *Alan Richardson* conclui que para João "o próprio Cristo vem na vinda do Espírito… o Espírito que interpreta as Escrituras não é outro senão o próprio Senhor". **[10]** Na verdade, João chama Cristo de Consolador em sua primeira epístola (*1 João 2:1*). Esta é a única outra ocorrência de "*parakletos*". A opinião de Paulo é exatamente a mesma. Ele diz: "*Ora, o Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade*" (*2 Coríntios 3:17*).

Um estudioso trinitariano e comentarista do Evangelho de João recapitula suas descobertas: "Não precisamos inferir que João considera o Espírito uma personalidade no sentido da doutrina posterior da Igreja. Os discursos de João baseiam-se na relação do Pai com o Filho, *sem qualquer pensamento de uma terceira pessoa coordenada com eles numa Deidade*". **[11]**

Outro estudioso bíblico do século passado definiu o consolador: "O poder divino, personificado como um assistente, é aqui comparado, como em *João 15:26*, ao embaixador de um príncipe, que fala apenas em harmonia com o cargo que lhe foi conferido pelo remetente. e de acordo com sua vontade e gosto." **[12]**

Não há evidências suficientes para mostrar que Paulo cria em "três pessoas em um só Deus". Vimos que Paulo entendia o Espírito como a autoconsciência e a mente de Deus. Quando ele fala do Espírito como um poder celestial distinto do Pai e que ajuda os cristãos com a oração, ele se refere na mesma passagem ao

próprio Cristo "*intercedendo por nós*" (*Romanos 8:26, 34*). O Espírito é o próprio Cristo estendendo sua influência aos crentes.

Em resumo, podemos dizer que o Espírito Santo na Bíblia Hebraica (o AT) nunca foi pensado como uma pessoa distinta do Pai. A seguinte declaração foi feita por um eminente professor de línguas bíblicas:

> Não pode ser provado, fora de uma série de passagens do AT nas quais o Espírito Santo é mencionado, que ele é uma pessoa na Divindade; e agora é [c. 1775] a opinião quase universalmente aceita de comentaristas treinados, de que, na linguagem dos judeus, o Espírito Santo significa nada mais do que inspiração divina, sem qualquer referência a uma pessoa. **[13]**

E o NT então? Em nossa época, *Kart Rahner* diz claramente: "*Ho theos* [Deus] nunca é usado no NT para falar do *pneuma hagion* [Espírito Santo]". **[14]** *Atos 5:3, 4* não é exceção. Alguns trinitarianos oferecem estes versículos como prova de uma terceira pessoa na Trindade – Deus, o Espírito Santo. Os textos equiparam mentir ao Espírito Santo com mentir a Deus. O Espírito Santo aqui significa o poder e a autoridade investidos por Deus em Pedro. Diz-se corretamente que aqueles que mentem aos Apóstolos que falam em nome de Deus e pelo seu Espírito mentem ao Espírito e a Deus. O ponto é confirmado por um comentário de Paulo: "*Portanto, quem despreza isto não despreza ao homem, mas sim a Deus, que nos deu também o seu Espírito Santo* (*1 Tessalonicenses 4:8*). Há um paralelo notável no AT, quando os israelitas se rebelaram contra Moisés e Arão. Moisés disse-lhes que a rebelião deles não era "contra nós, mas contra Deus, de quem somos mensageiros". A "equação" de Moisés e Arão com Deus certamente não torna estes dois homens parte da Divindade (*Êxodo 16:2, 8*). O Espírito de Deus, no entanto, residia em Moisés e pode ser que a rebelião israelita mencionada nos Salmos tenha sido dirigida diretamente contra o "*espírito de Moisés*" (Salmos 106:33, AV, RV, RSV), ou possivelmente contra a presença do anjo de Deus que foi investido da autoridade e poder de Yahweh (*Isaías 63:9-11*).

A nossa impressão é que trintários ilustres estão por vezes ligados ao credo oficial, apesar das suas próprias reservas sobre a forma como este é expresso. *Lutero* não gostou do termo Trindade: "A palavra Trindade nunca é encontrada nos Registos Divinos, mas é de invenção humana e, portanto, parece bastante fria". **[15]** *Calvino* sentiu que a oração a um Deus Triuno não era bíblica: "Tenho aversão a esta oração vulgar: 'Santíssima Trindade, um só Deus! Tenha piedade de nós! como um gosto completamente ultrajante. Repudiamos tais expressões como sendo não apenas insípidas, mas profanas" **[16]**

Mas por que, se Deus é realmente uma Trindade, alguém deveria objetar? O que de facto há de errado com a expressão "Mãe de Deus" (que os protestantes rejeitam) se de facto Jesus era Deus e Maria era a sua mãe? E se o Espírito Santo é realmente uma personalidade distinta, ele era o Pai de Jesus, em vez de Deus, o Pai? Foi o Espírito que causou a conceição de Maria (*Lucas 1:35*).

Quando o maduro Apóstolo João escreveu sua primeira epístola, ele limitou seu uso de "espírito" a uma atividade de Deus e a um atributo dado aos cristãos: "*isto conhecemos que estamos nele, e ele em nós, pois que nos deu do seu Espírito* [*ek tou pneumatos autou*]" (*1 João 4:13*). Deus não nos dá uma porção de uma pessoa, mas uma medida de sua mente e poder. João está pensando em algo que pode ser quantificado, como Pedro faz quando cita uma passagem que se refere a um derramamento "*do Meu Espírito*" (Atos 2:17). As pessoas, sem dúvida, não são despejadas. Mas Deus pode conceder a provisão de Sua energia ilimitada. A linguagem é totalmente inadequada para o Espírito como terceira pessoa. Em outra passagem, João fala do Espírito como "aquele que testifica", porque ele próprio é a verdade em nossas mentes (*1 João 5:6*). Como é bem conhecido, um famoso versículo espúrio segue este versículo. Isto fala das três testemunhas "no céu, o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um." Estas palavras "não têm o direito de permanecer no NT" **[17]**. Elas são omitidas nas traduções modernas da Bíblia. Suas primeiras aparições em grego datam de 1215 e apenas como uma tradução dos *Atos do concílio luterano* latino. Somente no século XVI é que as palavras foram encontradas em qualquer um dos manuscritos gregos, e só então como uma tradução da versão latina da Bíblia. **[18]**

A ordem de Jesus de batizar "*em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*" (*Mateus 28:19*) não é convincente para provar que Jesus cria na Trindade de três pessoas coiguais, uma vez que ele reconheceu o Pai como "*o único Deus verdadeiro*" (*João 17:3*) e subscreveu o credo não-trinitário de Israel (*Marcos 12:29*). Como disse o Trinitariano *Michaelis*: "É impossível compreender nesta passagem se o Espírito Santo é uma pessoa. O significado de Jesus pode ter sido este: aqueles que foram batizados deveriam, em seus batismos, confessar que acreditavam no Pai e no Filho, e em todas as doutrinas inculcadas pelo Espírito Santo". **[19]**

A bênção de Paulo que falava das "*A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo*" (2Coríntios 13:14) também não é uma fórmula trinitária, embora soe trinitária se alguém abordar o texto com a ideia preconcebida de que Paulo acreditava em três pessoas eternas. Paulo falou em outro lugar da "*comunhão do Espírito*" e da "*consolação em Cristo*" (*Filipenses 2:1*). Estas passagens podem ser explicadas como a influência de Jesus através do seu Espírito operando nos crentes. É desnecessário postular a existência do terceiro membro de uma Trindade. Um uso incomum de "*pneuma hagion*" (espírito santo) por Lucas, companheiro de Paulo, sugere fortemente que para ele o Espírito sempre foi a influência divina, não uma terceira pessoa. Ele fala do "*Que disseste pela boca de Davi*" (*Atos 4:25*). A expressão nos lembra a consciência do próprio Davi de que "*o espírito de justiça desceu à boca de Jacó*" (*Livro dos Jubileus 25:14*). Toda essa linguagem não cabe na ideia de outra pessoa. A mesma dificuldade que o Trinitarismo enfrenta quando o Espírito é quantificado, como quando Malaquias fala de Deus tendo "*que lhe sobrava o espírito*" (*Malaquias 2:15*). João também pensa no Espírito como dado em diferentes quantidades. Jesus recebeu-o em plena "*medida*" (*João 3:34*). Paulo também fala do "*socorro do Espírito de Jesus Cristo*" (*Filipenses 1:19*). A linguagem sugere um reservatório de poder e não uma pessoa. É significativo que Paulo dependa das orações da igreja para obter ajuda contínua do Espírito Santo.

Uma séria dificuldade para o Trinitarianismo é o fato de que nada é dito nos primeiros tempos post-bíblicos sobre o Espírito como uma terceira pessoa na Divindade. Nenhuma definição trinitária formal do Espírito Santo aparece até 381 DC no Concílio de Constantinopla. Só então foi declarado que existem "três Pessoas em um Deus". Mais de trezentos anos depois do ministério de Jesus, os líderes da Igreja estavam indecisos sobre a natureza do Espírito Santo. Mesmo assim, muitos deles não acreditavam no Espírito Santo como pessoa. **[20]** Existe, portanto, uma tradição trinitária inquebrantável que nos une aos escritos dos Apóstolos.

A informação bíblica é explicada adequadamente pensando no Espírito como a mente, o coração e a personalidade de Deus e de Cristo estendidos à sua criação. O Espírito tem personalidade porque reflete as pessoas do Pai e do Filho. O Espírito Santo é outra forma de falar do Pai e do Filho em ação, ensinando, guiando e inspirando a Igreja. Não vemos necessidade de afirmar a existência de uma terceira pessoa, separada e distinta de Deus e de Seu Filho. Há de facto apoio bíblico para uma "trindade" de Pai, Filho e crentes que estão unidos e ligados pelo Espírito Santo. Assim, João informa Jesus orando: "*Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós… Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade*" (*João 17:21, 23*). O Espírito Santo, o Espírito da verdade, é a mente do criador disponibilizada graciosamente à humanidade sofredora. O acesso ao Espírito Santo é encontrado nas palavras de Jesus, que são "*espírito e são vida*" (*João 6:63*). Os cristãos possuem a unção que lhes ensina a verdadeira doutrina, os mantém longe das mentiras destrutivas do diabo e os permite permanecer em união com Cristo (*1 João 2:27*). Não podemos deixar de pensar que a verdadeira função do Espírito Santo é obscurecida quando a atenção é desviada para a questão do Espírito como um terceiro membro da Divindade. O enorme significado do Espírito reside no facto de ser o próprio Deus na sua função criativa e comunicativa, abrindo o seu verdadeiro coração às Suas criaturas. "O Espírito fala" não é diferente de "Deus fala". Palavra, sabedoria e espírito estão intimamente ligados. Estes são atributos divinos do único Deus, não de pessoas distintas Dele. Definir o Espírito como uma terceira pessoa é desnecessário. Isto levanta um problema especulativo (com resultados catastróficos). O problema surgiu quando um atributo divino (que às vezes pode ser personificado na Bíblia) foi convertido em pessoa.

Não há nenhuma boa razão para abandonar a analogia óbvia entre a expressão "*o espírito e virtude de Elias*" (*Lucas 1:17*) e "o espírito de Deus". O espírito de Elias não é diferente de Elias, nem o espírito de Deus é uma pessoa diferente de Deus. O Espírito de Deus nos fornece uma visão do ser mais íntimo da Deidade. Encontramos Deus à medida que Ele se estende através do Seu espírito, predominantemente nas palavras "inspiradas" das Escrituras (*2 Timóteo 3:16*). Quando lemos que "*Então arrependeu-se o SENHOR de haver feito o homem sobre a terra e pesou-lhe em seu coração*" (*Gênesis 6:6*), foi o espírito de Deus que ficou entristecido (compare com *Efésios 4:30*). Quando os olhos e o coração de Deus residiam no Templo (*1 Reis 9:3*), poderíamos igualmente dizer que Seu espírito estava presente ali. A estreita associação de espírito, mente, coração e palavra(s) aparece nas palavras reveladoras de *Provérbios 1:23*: "*Atentai para a minha repreensão; pois eis que vos derramarei abundantemente do meu espírito e vos farei saber as minhas palavras*". *Moffat* assume outra faceta de significado com "*Eu farei com que minha mente seja conhecida por ti*". A Versão Padrão Revisada expõe o aspeto intelectual do espírito: "*Derramarei meus pensamentos sobre você*", enquanto a Bíblia de Jerusalém nos permite ver ainda outra camada de significado: "*Eu abrirei meu coração para ti*".

O espírito de Deus é Sua santa inteligência, caráter e caráter, o expoente dos planos e propósitos de Seu coração. Através do Espírito somos convidados a participar nessa gama de atividade divina, tornando-nos "*santos como Deus é santo*", e tendo acesso ao Seu conselho secreto que Ele anseia partilhar connosco. "*O segredo do SENHOR é com aqueles que o temem; e ele lhes mostrará a sua aliança*" (*Salmos 25:14*).

Não sabendo nada sobre dogmas posteriores, Paulo troca livremente "espírito" e "mente", dando-nos assim uma definição apostólica do Espírito Santo. "*Porque, quem compreendeu a mente* [*nous*] *do Senhor? ou quem foi seu conselheiro?*" (*Romanos 11:34*). O texto hebraico que Paulo está citando diz: "*Quem ensinou o espírito do Senhor?*" (Isaías 40:13). Ao receber o Espírito, o que equivale a "*termos recebido o conhecimento da verdade*" (*Hebreus 10:26*), ganhamos acesso à personalidade divina estendida a nós no Espírito.

Notas Finais

[1] Como, por exemplo, na KJV em Romanos 8:16 onde "o próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus". Mas a KJV em outros lugares torna o espírito uma pessoa como "ele".

[2] Citado em "Macedonian", The New SCAF-Herzog Enclycopedia of Religious Knowledge (Grand Rapids: Baker Book House, 1963). 7:112.

[3] Compare "o espírito no homem interior" (Efésios 3:16), mostrando a estreita ligação entre a verdade e o espírito, como também em João 6:63.

[4] Ascensão de Isaías 4:21; 7:23; 9:36, 39; 10:4; 11h35. O anjo talvez seja identificado com Gabriel (Ascensão 3:16; 11:4). Compare: Uma associação de Gabriel com a atividade do espírito em Lucas 1:26, 35.

[5] Alan Richardson, "Introduction to the Theology of the New Testament" (Introdução à Teologia do Novo Testamento) (Londres: SCM Press, 1958), 120.

[6] *R.A. Torrey*, "*The Holy Spirit*" (O Espírito Santo) (Fleming Revell Co., 1977), 20.

[7] *Ibid*., 13, 19.

[8] *Ibid*., 21, 22.

[9] "*Holy spirit*, *Dictionary of Christ and the Gospels*" (Espírito Santo", Dicionário de Cristo e dos Evangelhos) (Edimburgo: T&T Clark, 1917), 742.

[10] "*Introduction to the Theology of the New Testament*" (Introdução à Teologia do Novo Testamento), 121.

[11] *E.F. Scott*, "*The Fourth Gospel*" (O Quarto Evangelho) (T&T Clark, 1926), 342, ênfase adicionada.

[12] *CT Kuionel*, citado por *Wilson*, "*Concessions*" (Concessões), 372, grifo nosso.

[13] *JD Michaelis*, "*Remarks on John 16:13-15*" (Observações sobre João 16:13-15), citado por Wilson, "*Unitarian Principles Confirmed*" (Princípios Unitários Confirmados), 477.

[14] "*Theological Investigation*" (Investigações Teológicas) (Baltimore: Helicon Press, 1963), 1:143.

[15] "*Concessions*" (Concessões), 331.

[16] "*Concessions*" (Concessões), 40.

[17] B.M. Metzger, "*A Textual Commentary on the Greek New Testament*" (Um Comentário Textual sobre o Novo Testamento Grego) (United Bible Society, 1971), 715.

[18] *Ibid.*

[19] "*The Burial and Resurrection of Jesus Christ*" (O Sepultamento e Ressurreição de Jesus Cristo), citado em "*Concessions*" (Concessões), 281.

[20] *Philip Schaff*, "*History of the Christian Church*" (História da Igreja Cristã), 3:664.

X. O CONFLITO SOBRE A TRINDADE NA HISTÓRIA DA IGREJA E NO DEBATE ATUAL

"No século V, o cristianismo tinha conquistado o paganismo e o paganismo tinha infetado o cristianismo" – Macaulay

Antecipações históricas do debate atual sobre a preexistência

O problema da Preexistência (e, portanto, da Trindade), e o seu efeito sobre a natureza do Salvador, tem uma longa história na Igreja. Nos últimos anos, tem exercido as mentes de vários estudiosos bíblicos proeminentes que se perguntaram se o nosso legado dos Padres da Igreja faz menos do que justiça ao monoteísmo unitário professado pelos Apóstolos. **[1]**

Persistiu também a questão até que ponto o Jesus dos credos pode ser considerado uma pessoa genuinamente humana. **[2]** Um esboço histórico ajudará a definir o cenário para o debate contemporâneo.

Notamos primeiro que *Justino Mártir* (c. 114-165) foi um dos primeiros escritores post-bíblicos a desenvolver a doutrina da pré-existência de Cristo, embora reconhecesse que nem todos os seus irmãos crentes partilhavam esta visão. Ele confessou a um judeu, *Trypo*, que:

> Jesus ainda pode ser o Cristo de Deus, embora eu não deva ser capaz de provar a sua pré-existência como o Filho de Deus que fez todas as coisas... pois embora eu não devesse provar que ele tinha pré-existido, seria correto dizer que neste aspeto só eu fui enganado, e não nego que ele é o Cristo… embora possa parecer que ele nasceu homem dos homens… pois há alguns... de nossa raça que admitem que ele é Cristo, embora mantenham que ele é um homem dos homens; com quem não concordo. **[3]**

Trypo, falando como alguém familiarizado com as expectativas judaicas sobre o Messias, acrescenta a sua voz àqueles que "pensam que Jesus era um homem e, sendo escolhido por Deus, Cristo foi ungido". Ele considera esta uma opinião mais provável do que a de *Justino*. Embora *Justino* aqui possa estar se referindo a uma cristologia adocionista (ou seja, Jesus se tornou o Filho de Deus em seu batismo), distinta do conceito de Lucas (Jesus é o Filho de Deus em virtude de sua conceição milagrosa; *Lucas 1:35*), é parece claro, a partir do seu debate com *Justino*, que a crença na pré-existência não é, nesta fase, o dogma universalmente sustentado da "ortodoxia" que mais tarde se tornou. É também extraordinário que "*Justino* em nenhum lugar afirme que o Pai, o Filho e o Espírito constituem um só Deus, como se tornou habitual em séculos posteriores. A rigor, ele era um unitarista, como o eram os Padres Ortodoxos do seu tempo: isto é, eles acreditavam que o Filho era um ser verdadeiramente distinto do Pai e inferior a Ele". **[4]**

Outra indicação de disputa sobre o Evangelho de João e a pré-existência é encontrada nos escritos do Padre Epifânio da Igreja Grega (c. 310-403), que estava interessado em identificar a "heresia". Ele se refere a um grupo de crentes gentios, os *Alogi* (c.180), que foram acusados de rejeitar o Evangelho de João. *Joseph Priestley* arrisca a opinião de que os *Alogi* foram criticados por *Epifânio* porque "eles explicaram o '*logos*' na introdução do Evangelho de João de uma forma diferente da dele". **[5]** Assim, a questão crucial do significado de "*logos*" no prólogo de João já era causa de incerteza. A resolução da questão sobre a natureza da preexistência em João em favor da crença em um *Filho* preexistente teria um efeito longo e duradouro no que se tornou a cristologia ortodoxa do credo. A doutrina da Trindade não pode ser sustentada a menos que se possa demonstrar que Jesus existia como o *Filho eterno de Deus* antes do seu nascimento. Protestos contra uma leitura particular de João, que aumentam a tensão entre ele e as visões sinóticas de Cristo, emergem novamente.

Monarquianismo Dinâmico

Logo começou uma reação contra a ameaça evidente ao monoteísmo representada pela introdução de um "segundo Deus" na forma do Cristo pré-existente. Justino e outros primeiros escritores mergulharam na filosofia antes de se tornarem cristãos. Foi muito fácil para eles renunciarem à sua capacidade de especulação e lerem o prólogo de João como se concordasse com a visão grega do universo:

Os apologistas do século II estavam mais familiarizados com a cosmologia platônica do que com a soteriologia bíblica e, portanto, ampliaram a doutrina cristã para se ajustar ao molde filosófico de Procusto. Eles conceberam Deus acima e longe de toda essência, inefável, incomunicável, impassível, exaltado além de todo comércio com a matéria, o tempo e o espaço. Este Deus platônico estendeu a Palavra… por um ato de Sua vontade para ser Seu intermediário para a criação, revelação e redenção. *A doutrina interpreta o Filho como pré-existente*. **[6]**

A reação veio quando um grupo de crentes protestou que a Deidade era estritamente uma – "uma monarquia". *Teódoto*, o curtidor, levantou o tema da humanidade de Jesus em Roma por volta de 190-200. Apelando para a declaração estritamente monoteísta de Paulo em *1 Timóteo 2:5*, ele sustentou que Jesus não tinha o direito de ser chamado de Deus. Seu sucessor, outro *Teodoro*, continuou a defender a visão de Jesus como um homem concebido sobrenaturalmente. Cerca de trinta anos depois, *Artemas*, mantendo o entendimento ("monarquismo dinâmico") da Divindade, argumentou contra o bispo romano que a cristologia primitiva que os monarquistas defendiam estava sendo distorcida pela Igreja oficial.

Pablo de Somosata

O tema da natureza da preexistência reaparece posteriormente na teologia de *Pablo de Somosata*, bispo de Antioquia, em meados do século III. Embora Paulo tenha sido oficialmente condenado por heresia em 268 d.C., os escritores modernos apreciaram a força do seu protesto contra a "ortodoxia". "Nossa teologia foi moldada em moldes acadêmicos", escreveu o Arcebispo *Temple*. "Precisamos e estamos sendo gradualmente forçados a uma teologia de base psicológica. A transição, temo, não será isenta de muita dor, mas nada pode impedi-la". *Temple* prosseguiu dizendo que "não devemos esquecer que houve uma tentativa muito antiga feita por *Pablo de Somosata*. "Ele viu uma séria dificuldade na formulação da crença da Igreja a respeito de Cristo, embora fosse expressa em termos de substância, e procurou expressá-la em termos de vontade". **[7]**

Outro orador, o professor *Bethune-Baker*, expressou sua convicção de que "*Paul de Somosata* tinha por trás dele uma tradição histórica genuína, à qual, em nossa reconstrução da doutrina, devemos retornar". [8] *Loofs*, o historiador da Cristologia, chegou à conclusão de que *Paulo de Somosata* "é um dos teólogos mais interessantes do período pré-Niceno, porque se coloca na linha de uma tradição que tem suas raízes num período antes da devastadora avalanche do helenismo sobre a Igreja". **[9]**

A compreensão de *Pablo de Somosata* do "*Logos*" era que ele tinha uma existência independente de Deus; em outras palavras, que não houve Filho até a *conceição* de Jesus. Uma ampla familiaridade com esta mesma tradição é extraordinariamente confirmada por uma observação casual de Orígenes em seu comentário sobre João. Ele afirma que houve "numerosos cristãos que usaram apenas o *nome* '*logos*' para o Cristo pré-existente (sem sua conotação filosófica e apenas no sentido de uma manifestação do Pai) que veio a se expressar no Filho quando Jesus foi concebido" (compare, *Hebreus 1:1, 2*). Eles não atribuíram ao "logos" uma hipóstase ou individualidade separada. **[10]** É interessante que *Tertuliano* (c.155.230) traduza "*logos*" como *sermo*, "expressão". Ele então observa que "é costume do nosso povo dizer [de *João 1:1*] que a palavra da *revelação* estava com Deus". Ele mesmo defendia que "*logos*" deveria ser entendido como "tudo o que você pensa" e "*expressão*" como "tudo o que você entende". Referindo-se a um tempo antes da criação, ele acrescenta que "embora Deus ainda não tivesse enviado a Sua Palavra, Ele as tinha

dentro de Si mesmo com a razão". **[11]** É claro que a "palavra" ainda não era entendida como o Filho eternamente pré-existente, como na ortodoxia posterior.

Green admite que a doutrina da Trindade de *Paul de Somosata* (não a Trindade como foi formulada mais tarde) era "pelo menos tão bíblica quanto a de *Orígenes*) e se baseava numa tradição sólida e difundida na Igreja". **[12]** Ele então faz uma declaração extraordinária de que:

> Não se pode enfatizar demais que a tradição antioquena nada conhecia do termo Filho aplicado ao "*Logos*" pré-existente, usado em qualquer sentido. Pela palavra "Filho" eles sempre quiseram significar o Cristo histórico… *Loofs* observa que a transferência da conceição do Filho para o Logos pré-existente pelos teólogos Alexandrinos foi o fator mais importante no estabelecimento do caráter pluralista da doutrina cristã. **[13]**

Falar de Jesus como o Filho pré-existente foi a mudança fatal que retirou o Salvador da categoria de ser humano e deu início à série de terríveis disputas sobre Cristo. Uma vez que o princípio de Cristo deixou de existir na conceição, a especulação correu desenfreada, a uni personalidade da Deidade foi ameaçada e Jesus já não era o "homem-Messias" previsto pela Bíblia Hebraica. Uma reconstrução que confine o termo "Filho" a Jesus como o Cristo humano pareceria ter uma base sólida na história da Igreja primitiva, bem como na própria Bíblia. É encorajador encontrar *William Temple* apoiando uma compreensão mais autêntica da natureza da pré-existência em João: "A identificação joanina de Cristo com o '*logos*' originalmente significava, nos escritos do evangelista, que: 'Você acredita em um singular 'começo do mundo', mas você não conhece seu caráter; nós fazemos; Isto se fez carne na pessoa de Jesus de Nazaré'." **[14]**

O falecido e ilustre estudioso da Bíblia, *F.F. Bruce*, parece apoiar uma visão de preexistência que deixa em aberto a questão de saber se em *João 1:1* o Filho preexistia. Ele diz: "Sobre a questão da pré-existência, pode-se pelo menos aceitar a pré-existência da palavra eterna ou sabedoria de Deus, que (quem?) se encarnou em Jesus. Mas se algum escritor do NT acreditava em sua existência consciente separada como uma 'segunda Pessoa Divina' antes de sua encarnação, não está muito claro". **[15]**

A pergunta franca de Bruce é muito reveladora. Se nenhum escritor do Novo Testamento realmente acreditou que o Filho de Deus era uma segunda pessoa divina pré-existente, deve-se concluir que nenhum escritor do NT acreditou na Trindade.

Potino e os Potinianos

A objeção à preexistência de Jesus emerge novamente com o bispo *Potino de Sirmio,* do século IV. Sua compreensão de Jesus era provavelmente idêntica à de *Pablo de Somosata*. *Potino* sustentou que a filiação de Jesus começou em sua conceição sobrenatural. Alguns concílios o condenaram por dizer que o Filho existia antes de Maria apenas na presciência e no propósito de Deus. O historiador da igreja Sozomen descreveu *Potino* como reconhecendo que "havia apenas um Deus Todo-Poderoso, por cuja própria palavra todas as coisas foram criadas". Contudo, *Potino* não admitia que "a geração e a existência do Filho ocorreram antes de todos os séculos; Pelo contrário, ele alegou que Cristo derivou a sua existência de Maria". A tradição que negava a preexistência literal do Filho sobreviveu na Espanha e no sul da Gália pelo menos até o século VII. Potinianos, juntamente com certos seguidores do Bispo *Bonoso* que negaram a pré-existência de Cristo, foram condenados como hereges pelo Sínodo de Toledo em 675 DC. **[16]**

Miguel Servet e Adam Shepherd

O espanhol *Miguel Servet* (1511-1553) foi um dos mais claros expoentes da cristologia anti Nicena. A sua tese fundamental era que a queda da Igreja datava da desastrosa intervenção de *Constantino* nos assuntos da doutrina cristã em Nicéia. Ele argumentou que a aceitação de Jesus Cristo como o Filho

Messiânico de Deus deveria ser a base de uma cristologia reconstruída. O Filho, afirmou ele, passou a existir quando foi concebido em Maria. Ele então rejeitou como especulação filosófica grega qualquer ensino de uma "geração eterna" pré-mundana do Filho. Ele via o Espírito Santo como o poder e a personalidade de Deus estendidos à criação, e não como uma pessoa distinta da Divindade. *Servet* enfatiza que o Filho só pode ser pensado como eterno no que diz respeito à *intenção* de Deus de gerá-lo num momento posterior da história. **[17]** Como é bem sabido, Servet pagou com a vida pela sua cristologia "herética". Ele foi queimado numa estaca em Genebra, por instigação da Igreja Católica Romana e do reformador protestante, *João Calvino*, em 27 de outubro de 1553. Este trágico episódio é um lembrete sombrio da terrível violência e do zelo equivocado que marcaram alguma forma "magisterial" de professar o cristianismo. **[18]**

A questão da preexistência foi uma preocupação crítica entre os anabatistas holandeses do século 16 na disputa entre *Menno Simons* e um colega anabatista, *Adam Shepherd* (c.1500-1570). Ex-monge originalmente chamado *Rudolf Martens*, *Pastor* era inquestionavelmente "o homem e estudioso mais brilhante de toda a comunidade anabatista holandesa de sua época". **[19]** A cristologia de *Pastor* antecipa questões contemporâneas sobre a natureza da preexistência, e uma cristologia semelhante emergiu no trabalho dos teólogos holandeses do século XX, *Hendrikus Berkhof* e *Ellen Flesseman*. **[20]** *Pastor* repudiou o Trinitarianismo ortodoxo em 1547 em Emden e foi imediatamente excomungado por *Simons* e *Obbe Philips*. Como vemos na obra, há uma diferença entre a Verdadeira Doutrina e a Falsa Doutrina, **Pastor [21]** negou a pré-existência de Cristo. Não é de surpreender que *Sandio* e outros escritores poloneses antitrinitários se refiram a *Pastor* como "o homem em nosso país que foi o primeiro e capaz escritor nessa direção", ou seja, a opinião de que a "palavra" de *João 1:1* não foi uma pessoa, mas a palavra criativa ou vontade personificada de Deus. [22] *HE. Dosker* comenta que "Quando lemos *Adan Pastor* temos de esfregar os olhos para ver se estamos acordados ou dormindo. O que ele tem a dizer é tão surpreendentemente moderno que confunde o leitor. E acordamos para ver que nem toda modernidade… é moderna." **[23]**

Pastor critica a doutrina de *Menno* e Melchor Hoffman de que a palavra só passou por Maria sem ter contato pleno com seu corpo. Isso teria feito de Maria uma espécie de mãe substituta que na verdade não concebeu Jesus como afirma a Escritura. Tal cristologia dificilmente poderia escapar de uma acusação de docetismo e gnosticismo. *Pastor* insiste que Cristo é verdadeiramente humano e descendente de Davi, concebido sobrenaturalmente. Sua opinião parece coincidir bem com o que *Raymond Brown* descreve como a de Lucas e Mateus. É certo que os Anabatistas Polacos, um século antes, afirmaram que *Pastor* era o primeiro homem a ter articulado claramente os seus pontos de vista sobre a pré-existência. Sem dúvida, *Adam Pastor* antecipa a discussão moderna sobre a humanidade de Jesus quando define o "*logos*" não como uma pessoa pré-existente, mas como a atividade auto expressiva de Deus, manifestando Sua energia na criação, na verdade revelada e gerando o Messias. **[24]**

John Biddle, Pai Dos Antitrinitários Ingleses

John Biddle (1615-1662), educado em clássicos e filosofia em Oxford, embarcou numa "investigação imparcial das Escrituras" depois de começar a questionar a doutrina recebida da Igreja. De 1641 a 1645, Biddle foi diretor do Crypt College, Gloucester. Foi durante esse período que seu estudo aprofundado do NT fez com que ele ficasse insatisfeito com a doutrina da Trindade. O assunto era de tal gravidade que os magistrados emitiram uma ordem de detenção e encarceramento. Após um debate com o *Arcebispo Ussher* (de fama cronológica), *Biddle* resumiu o resultado de seu estudo do cristianismo primitivo: "Os Padres dos primeiros dois séculos, ou por aí, quando as opiniões dos cristãos ainda eram livres, e não aprisionadas com as determinações dos Concílios, afirmaram que o Pai era apenas o único Deus".

Biddle reclamou que a linguagem filosófica grega foi "primeiramente incubada pela sutileza de Satanás nas cabeças dos platônicos, para perverter a adoração do verdadeiro Deus". O Parlamento não perdeu tempo

em ordenar que o trabalho de *Biddle* fosse queimado. Em 1648, o governo britânico aprovou o que tem sido chamado de "Portaria Draconiana" para a punição com a morte de "blasfêmias e heresias", abordando a afirmação de *Biddle* de que a doutrina trinitária introduz "três Deuses, e assim subverte a Unidade de Deus". frequentemente inculcado nas Escrituras." O Credo Atanasiano não é uma resposta ao problema: "Pois quem está aí (se pelo menos ousa usar a razão em sua religião) que não vê que esta (A Trindade) é tão ridícula como se alguém dissesse: Pedro Ele é um Apóstolo, Tiago, um Apóstolo, e João, um Apóstolo; e apesar disso não há três apóstolos, mas apenas um apóstolo?".

Em 1655, *Biddle* foi internado na prisão de Newgate por "negar publicamente que Jesus Cristo era o Todo-Poderoso ou o Deus Altíssimo".

Os apoiantes de *Biddle* foram rápidos a salientar que todos os cristãos devem ser considerados culpados de morte pela última tentativa do Parlamento de suprimir o anti Trinitarianismo, pois "aquele que diz que Cristo morreu, diz que Cristo não era Deus, porque Deus não era". morreu. Mas todo cristão diz que Cristo morreu, portanto, todo cristão diz que Cristo não era Deus".

Uma petição para libertar *Biddle* o descreveu como "um homem, embora divergindo de muitos de nós em muitas questões importantes de fé, seja por causa de seu estudo diligente das Sagradas Escrituras, ou por sua conversa soberba e impecável, com quem alguns de nós estamos íntimos e de quem temos bom conhecimento, não podemos deixar de considerar todos os caminhos possíveis para a liberdade prometida no Governo".

Embora tivesse apenas quarenta e sete anos, *Biddle* passou dez anos de sua vida na prisão por insistir que Deus era uma pessoa. Morreu na prisão em 1662, "vítima do *odium theologicum* e das condições repugnantes do local onde estava alojado". Um biógrafo compassivo escreveu sobre o grande zelo de *Biddle* em promover a santidade da vida e dos costumes; pois esse sempre foi seu objetivo e intenção naquilo que ensinava. Ele valorizava suas doutrinas não pela especulação, mas pela prática". **[25]**

John Milton, Sir Isaac Newton, John Locke

O célebre poeta inglês *John Milton* (1608-1674) é menos conhecido pelo seu Tratado sobre a Doutrina Cristã, cujo conteúdo ficou perdido ao público durante 150 anos após a sua morte. Redescoberto em 1823, o tratado demonstrou os argumentos bíblicos de *Milton* contra o Trinitarianismo Ortodoxo. *Milton* só queria:

> comunicar os resultados da minha pesquisa ao mundo em geral; Se, como Deus é minha testemunha, é com um sentimento bondoso e benigno para com a humanidade, que dou tão facilmente quanto possível uma ampla circulação ao que considero ser o meu melhor e mais precioso bem, espero encontrar uma receção sincera de todos os grupos..., embora devam ser trazidas à luz muitas coisas que seriam imediatamente vistas em contraste com certas opiniões recebidas.

Ele continua com um apelo a "todos os amantes da verdade" para "provarem todas as coisas" à luz das Escrituras. Seu único desejo é defender a Bíblia contra a tradição:

> De minha parte, sigo apenas as Sagradas Escrituras – não sigo nenhuma heresia ou seita. Eu nem li as obras dos assim chamados hereges, quando os erros daqueles que são reconhecidos como ortodoxos e seu manejo descuidado das Escrituras me ensinaram pela primeira vez a concordar com seus adversários sempre que esses adversários concordassem com as Escrituras. **[26]**

Milton baseia sua defesa antitrinitária nas declarações explícitas do credo unitarista do NT. Seu argumento é caracterizado por uma lógica hermética, um conhecimento profundo das línguas bíblicas e

alguma frustração com as tentativas tradicionais de evitar a declaração unitária de Paulo de que "não há Deus senão o Pai": É surpreendente com quantas sutilezas inúteis, ou melhor, com que malabarismos dispositivos, certos indivíduos têm se esforçado para iludir ou obscurecer o significado completo dessas passagens". **[27]**

Milton está familiarizado com a grande variedade de argumentos trinitários e a sua resposta proporciona uma contribuição inestimável para a discussão moderna.

Sir Isaac Newton (1642-1727) e *John Locke* (1632-1704) são reconhecidos como algumas das maiores mentes do século XVII. Com *Milton* protestaram contra a criação de mistificações não encontradas na Bíblia. Seus argumentos são "em última análise, lógicos e de bom senso". **[28]** Ambos sustentaram que a essência do Cristianismo é reconhecer Jesus como o Messias, não como Deus. **[29]**

O Debate Contemporâneo Sobre A Preexistência

O tema da preexistência foi o foco do esclarecedor ensaio de *John Knox* sobre "*The Humanity and Divinity of Christ*" (Humanidade e a Divindade de Cristo). O seu ponto principal é que "a afirmação da pré-existência de Cristo colocou uma tensão, por assim dizer, na humanidade de Jesus que ele foi incapaz de suportar". **[30]** Continua a argumentar que, no Evangelho de João, a humanidade de Cristo é "no sentido formal, afirmada de forma ambígua e firme, más na verdade, ele foi tão transformado pela divindade que o cerca em todos os quatro lados, como se ele não fosse mais um homem em qualquer sentido comum. Com estas palavras ele reflete sua objeção ao retrato de Jesus Cristo feito pelo apóstolo João. Mas será que Juan está realmente se contradizendo? Somente, afirmamos, quando interpretado de acordo com credos posteriores. *Knox* define os termos do debate que continuou com particular interesse na cristologia de João e na natureza da preexistência. Se, de facto, João pensava em Jesus como pessoalmente pré-existente como o Filho, isso não nega automaticamente a sua verdadeira humanidade? *Knox* está convencido de que nega: "podemos ter humanidade sem preexistência e podemos ter preexistência sem humanidade. Não há absolutamente nenhuma maneira possível de ter os dois". **[31]** *Knox* acredita que "é simplesmente incrível que uma pessoa divina tivesse se tornado uma pessoa humana completa e normalmente – isto é, se ela também **continuasse a ser**, em sua identidade essencial, a mesma pessoa". **[32]**

A figura tradicional de Jesus como a Encarnação de um Filho pré-existente é um problema agudo para *Knox*. Ele considera a cristologia ortodoxa como "meio história e meio dogma, uma mistura de mitologia e filosofia, poesia e lógica, tão difícil de definir quanto de defender… Isso é verdade para a cristologia patrística em geral (e, portanto, para a cristologia formal que temos). herdado)". **[33]**

Estas questões foram recentemente abordadas por vários teólogos ilustres, mostrando que o antigo problema da natureza do divino e do humano em Jesus está tão vivo como sempre.

Knox considera o desenvolvimento em direção ao Cristo pré-existente uma distorção, envolvendo, gostemos ou não, uma negação da plena realidade da humanidade de Jesus. Ele ressalta que os protestos dos Padres da Igreja de que seu Jesus era plenamente humano são pouco convincentes, porque "há, no caso das palavras, não menos do que no caso de outras coisas, maneiras de remover com uma mão o que se termina". encontre o outro. Pode-se afirmar a humanidade como um fato formal e então prosseguir para defini-la ou descrevê-la como uma negação de sua realidade em qualquer sentido comumente aceito". **[34]**

Nesta opinião ele é totalmente apoiado por *Norman Pittenger*, que faz o seguinte julgamento importante sobre a cristologia patrística, que se inspirou muito em sua leitura de João:

> Na minha opinião, uma dificuldade fundamental com a cristologia da era patrística é que, embora em palavras ela afirmasse a realidade da humanidade de Jesus Cristo, *na verdade*, ela não levava essa humanidade suficientemente a sério... [curiosamente, ele

> exclui *Paulo de Somosata* desta crítica.] A tendência do pensamento cristológico na corrente principal do que se acreditava ser "ortodoxo" pesava muito mais no lado da divindade do que na humanidade de Jesus. [35] A cristologia ortodoxa, embora os excessos do ensino alexandrino tenham sido de alguma forma contidos na Calcedônia em 451 DC, tendeu para uma humanidade impessoal que é, creio eu, uma humanidade nada genuína. **[36]**

Este parece ser precisamente o problema. Mas *Knox* está errado ao acusar João de introduzir esta distorção. João não era culpado de tal dissimulação sobre a humanidade de Jesus. Pelo contrário, o problema reside na má compreensão por parte dos Padres da Igreja Nicena, e de alguns dos seus predecessores, do "*logos*" de João e, portanto, do significado da pré-existência. A fórmula oficial posterior de que Jesus era "homem", mas não "um homem" (que permanece nos livros do Trinitarianismo tradicional até hoje) não reflete totalmente a intenção de João, pois não há maneira concebível de ser "homem" exceto sendo "um homem". **[37]**

À luz destas considerações, não é difícil ver que a acusação do Docetismo pode muito bem ser atribuída à definição ortodoxa de Cristo. Se ser humano significa ser um homem, e a Ortodoxia tem de evitar dizer que Jesus era "um homem", talvez esta crítica devesse ser aceite. Mas será que João exige que acreditemos num "Deus, o Filho" pré-existente? Muitos pensaram desta forma e mantiveram-se fiéis à crença ortodoxa na pré-existência, apesar da abordagem perigosa do "Apolinarismo" (ou seja, uma heresia que nega a humanidade de Cristo) na qual se podem encontrar envolvidos. O trabalho recente de três importantes estudiosos mostra não apenas a natureza aguda do problema, mas sugere o caminho para resolvê-lo – uma solução que não é nova, embora nem sempre o crédito seja dado pelos escritores modernos àqueles que na história dos primeiros igreja já havia nos apontado a direção certa. A solução resulta da exegese de João proposta anteriormente.

James Dunn e James Mackey

James Dunn, num extenso estudo, pretende examinar a questão da Encarnação (e, portanto, da Trindade) no NT. **[38]**

Ele resgata a visão tradicional apenas no Evangelho de João, argumentando que Paulo e os outros escritores do NT pensavam apenas numa preexistência ideal ou nocional de Cristo e, portanto, não num Filho preexistente. Uma importante contribuição ao debate foi feita por *James Mackey* em 1983. **[39]** Em um capítulo intitulado "*The Problem of the Pre-existence of the Son*" (O Problema da Preexistência do Filho), ele começa perguntando como algo em si pode preexistir, "o que exatamente, de acordo com este termo [preexistir] preexiste outro, e em que sentido isso acontece". Ele observa que são exatamente essas questões que levam às dificuldades envolvidas na teologia trinitária e na encarnação tradicional. Ele percebe que os exegetas são "frequentemente vítimas inconscientes, no curso de seu trabalho mais profissional, de suposições inteiramente dogmáticas (isto é, acríticas)". **[40]**

As tentativas de *Mackey* de encontrar a verdadeira origem do termo "preexistência" em relação a Cristo alertam que os estudiosos muitas vezes o leem em passagens que tradicionalmente supostamente o contêm. Nos Sinópticos, argumenta ele, o termo Filho de Deus certamente não carregará o significado de "Filho Pré-existente", mas antes se ajusta apropriadamente à designação do AT do Rei de Israel como o Filho de Deus. "O caminho lógico para a alegada preexistência", afirma ele, "é tortuoso". **[41]** Em primeiro lugar, as fontes judaicas sobreviventes apontam apenas para "uma espécie de pré-existência nocional do Messias, na medida em que o seu nome, isto é, a sua essência e natureza, precedeu a formação da luz por Deus no primeiro dia da criação… Em "No pensamento judaico, a preexistência celestial do Messias não afeta a sua humanidade". **[42]**

Além disso, esse tipo de preexistência é:

> Parte integrante da revelação moldada na imaginação humana pela qual Deus, que não está limitado pelo nosso tempo, tinha em mente na eternidade antes de qualquer outra coisa ser criada, o mesmo que era a chave de toda a existência, que traria tudo à consumação, e para quem (em quem, por quem) tudo poderia então ser considerado criado. **[43]**

Mackey prossegue apontando que a descrição de João de Jesus Cristo como "*monogenes*" (único) não implica o "*unigenitus*" (o unigênito) da Vulgata, como se Jesus fosse o único Filho. Esta palavra significa melhor que ele era único entre outros de sua espécie. Ele cita *Schillebeecks*, que diz que o adjetivo de João "não nos dá a base na teologia joanina para a teologia escolástica posterior da processão do Filho desde o Pai dentro da Trindade, per "*modum Generationis*" (por nascimento). **[44]** Com base nesta evidência, é garantida a confirmação da tese de que João não vai além da "Cristologia da Conceição" de Lucas, uma vez que a filiação em João em nenhum lugar implica, apesar da opinião patrística, uma filiação na eternidade.

Além disso, *Mackey* sustenta que é desnecessário interpretar a "Palavra" de João de forma diferente do sentido já pretendido da "sabedoria" judaica como o plano pré-existente de Deus. "Esta Palavra, como a sabedoria [*Provérbios 8:30*], estava com Deus no princípio e por meio dela [não dele] todas as coisas foram feitas." **[45]** Mais uma vez, *Schillebeeckx* o apoia. "O Evangelho de João fala de Jesus de Nazaré quando ele apareceu na terra". **[46]** Mackey acrescenta que a linguagem que se refere à "descida" (isto é, Jesus "desceu do céu") em João não envolve crença em uma preexistência literal. Ou melhor, João quis dizer que Jesus é a revelação definitiva da natureza de Deus. Até mesmo a afirmação mais impressionante de Jesus de que "*antes que Abraão existisse, eu sou*" aponta não para uma vida pré-humana consciente, mas para o seu significado absoluto no plano divino, particularmente para o seu ofício messiânico, conforme imaginado por Abraão. *Mackey* conclui com uma poderosa afirmação. declaração:

> Se ainda tivermos algum respeito por aquilo que professamos com muita frequência e loquacidade ser o papel normativo das Sagradas Escrituras, simplesmente não podemos afirmar que a Escritura nos dá qualquer informação substancial sobre uma segunda "Pessoa" sagrada ou hipóstase distinta tanto de Deus Pai como do Jesus histórico antes de Jesus ter nascido, ou "antes da criação do mundo". **[47]**

A advertência é uma forte afirmação de que a doutrina trinitariana tradicional não é encontrada na Bíblia.

João A.T. Robinson

A questão muito antiga da preexistência, e em particular a questão de saber se João pretende que compreendamos que Jesus era um ser divino pessoalmente preexistente, foi vigorosamente discutida na revista "*Theology*" (Teologia). **[48]** O debate começou com uma troca de cartas entre *James Dunn* e *Maurice Wiles*. As questões críticas que surgiram deste diálogo foram discutidas nos comentários subsequentes de *Robinson*. **[49]**

Robinson começa observando que *Wiles* e *Dunn* concordam que no NT, apenas João apresenta Jesus como tendo uma existência pré-humana. *Wiles* considera isto um desenvolvimento cristológico desastroso, que enfraquece a humanidade de Jesus e, assim, encoraja uma carga de docetismo. *Robinson*, no entanto, aponta que em suas epístolas João reage violentamente a qualquer sugestão de que seu Jesus seja algo diferente de totalmente humano – "vindo em carne". nos que ele entende que Jesus era um ser divino pré-existente. O debate nos lembra assim o problema levantado por *Paulo de Samósata* e mais tarde por alguns dos Anabatistas, especialmente na Polônia.

Robinson levanta a questão de saber se estamos lendo João como ele pretendia. Não estaremos talvez abordando João com óculos tingidos com desenvolvimentos patrísticos posteriores na cristologia? Usando a advertência do próprio *Dunn*, *Robinson* nos exorta a compreender as palavras de John como seus leitores originais o teriam compreendido. Robinson lembra a que *Dunn* admite que para Paulo Jesus era a expressão da sabedoria de Deus, "sabedoria transformada em homem". **[50]** *Dunn* admitiu que mesmo *João 1:14* não fornece uma base sólida para a doutrina tradicional da Encarnação. Na verdade, ele demarca "a transição da personificação impessoal para a pessoa real". **[51]** Com isto *Robinson* concorda. disso, *Dunn* e *Robinson* apontam que a "palavra" de João é a "palavra" de Deus, personalizada e não personificada.

Robinson não conseguiu concordar com *Dunn*, entretanto, "a preexistência da Palavra como uma pessoa com Deus é afirmada em todo [o Evangelho]". **[52]** *Robinson* exorta-nos a limitar a nossa compreensão da palavra pré-existente, mesmo em João, à "declaração de Deus", ao seu "poder e propósito". A questão é simplesmente esta: deveríamos ver a substituição feita pela compreensão de João da "palavra" (*João 1:1*) como "*a autoexpressão de Deus*" por aquilo que é comunicado por uma pessoa divina pré-existente, como um ideia que está fora do escopo do NT. Juan não deve ser responsabilizado pela mudança. A mudança ocorreu com João quando ele foi mal compreendido como uma tendência gnóstica primitiva, que deixou sua marca na teologia patrística. Isso não ocorre em Juan. Robinson acredita que a "palavra", que era "*theos*" ("Deus", *João 1:1*), expressava plenamente o plano, o propósito e o caráter de Deus. Essa "palavra" tornou-se plenamente incorporada em uma pessoa humana quando se tornou carne (*João 1:14*). Jesus é, portanto, o que a palavra *se tornou*. Ele não deve ser identificado um por um com a palavra pré-existente, como se ele próprio tivesse pré-existido. A diferença é sutil, mas importante. tem implicações devastadoras para todo o desenvolvimento da cristologia. Portanto, não era que a palavra fosse uma pessoa, uma hipóstase, que então assumisse uma natureza humana além da sua, mas que a palavra fosse "hipostática", impessoal, embora completamente expressivo de Deus, até se tornar uma pessoa histórica individual em Jesus. Jesus, portanto, é uma pessoa plenamente humana que "exegeta" o único Deus para a humanidade (*João 1:18*).

Esta leitura de João tem a enorme vantagem de evitar os perigos de uma apresentação doutrinária de Cristo, bem como uma polarização entre João e os Sinópticos, ambos os quais nada sabem sobre um Cristo pré-existente. Além disso, permite que o termo "palavra" carregue seu significado judaico do Antigo Testamento de "propósito" ou "plano", ou mesmo "promessa". Jesus pode então ser visto como o cumprimento da antiga promessa feita a Abraão, que é tão importante para Mateus e Lucas. Jesus é o plano criativo de salvação de Deus. O plano de salvação expresso numa pessoa humana. A "divindade" de Jesus não é minimizada, pois "*Quem me vê a mim vê o Pai*" (*João 14:9*). Mas é "divindade" em certo sentido, à parte daquela expressa pela ortodoxia trinitária. Pois a divindade é a atividade de Deus que ocorre dentro e através de uma pessoa perfeitamente humana e rendida. Jesus, nesta leitura, não é Deus no sentido trinitário, mas uma pessoa humana que manifesta plenamente Deus, Seu agente para a conciliação do mundo. A coisa maravilhosa que Deus fez será então vista em termos da glorificação de uma pessoa humana perfeitamente obediente que foi genuinamente tentada como nós. Este retrato se harmonizará bem com a visão sinóptica de Jesus. Acima de tudo, evita uma apresentação de Jesus como algo menos que totalmente humano, que desde a eternidade foi ele próprio Deus. Mais tarde surgirá a verdade de que Jesus tinha "*a forma de Deus*" (*Filipenses 2:6*), e não que ele era Deus. "*Deus estava **em** Cristo*" (*2 Coríntios 5:19*), mas Cristo não era Deus.

Com seu intenso exame das Escrituras, Robinson aponta o caminho de volta à imagem bíblica de Jesus como a imagem perfeita e idêntica de seu Pai, o Cristo cujo sacrifício e obediência perfeitos lhe permitiram ser verdadeiramente "Filho de Deus". crença na conceição sobrenatural de Jesus que para Mateus e Lucas constitui o milagre pelo qual só Deus trouxe à existência a cabeça da nova criação, o Messias imaculado, Filho de Deus.

Frances Young

É fácil sentir pena daqueles estudiosos de mentalidade bíblica que responderam ao Mito do Deus Encarnado. **[53]** Parecia que os próprios pilares do Cristianismo estavam sendo abalados. Alguns dos proponentes da nova visão de Jesus aparentemente acreditavam muito pouco na Bíblia. *John Stott*, representando o evangelicalismo, repete as razões ortodoxas para acreditar na plena Divindade de Jesus. Ele insiste que Jesus era um homem real, mas não nos diz exatamente como isso pode ser, tendo em vista o volumoso livro de Leão (aprovado pelo Segundo Artigo Anglicano, 1563) de que o Filho eterno "assumiu a natureza do homem". Muitos sentiram que um ser que é "homem" sem ser "um homem" é muito menos humano do que "o homem Messias Jesus" do credo de Paulo (*1 Timóteo 2:5*). *Stott* concorda que Jesus não saiu por aí declarando inequivocamente que ele era Deus. No entanto, a "transferência dos títulos e textos de Deus de Yahweh para Jesus tem uma implicação inevitável. Ela identifica Jesus como Deus". **[54]** Além disso, Jesus é adorado, o que prova que ele é Deus.

Frances Young estava entre os contribuidores do *Mito do Deus Encarnado*. É apropriado acrescentar a este capítulo um resumo do seu notável ensaio, "Uma Nuvem de Testemunhas", porque representa o sentimento de muitos que lutaram pelo Jesus bíblico sem se inclinarem para a cristologia ortodoxa. O professor *Young* expõe as fraquezas das visões tradicionais de Jesus. Ela reclama que a riqueza das ideias cristológicas do NT foi obscurecida pela confissão dele como o Filho de Deus encarnado. Há uma nova maneira refrescante de ler o testemunho do NT sobre Cristo: "Se evitarmos ler o NT com os óculos coloridos do dogma posterior, então encontraremos emergindo uma imagem cristológica, ou melhor, retratos, muito diferentes daqueles da ortodoxia posterior". **[55]** Jesus foi a personificação de todas as promessas de Deus concretizadas. Tal cristologia, sugiro, representa a cristologia do NT melhor do que a ideia da encarnação, e foi de fato o germe de cada vez mais ideias cristológicas. todo o AT foi visto como cumprido em Cristo". **[56]**

Frances Young restaura a imagem bíblica de Jesus funcionando para Deus sem ser Deus: "Paulo não chama Jesus de Deus, nem o identifica em parte alguma com Deus. É verdade que ele faz a obra de Deus; Ele é certamente o agente sobrenatural de Deus., que age por iniciativa de Deus". **[57]**

A visão clara do autor sobre a distinção bíblica entre Deus e Jesus permite-lhe ver o pano de fundo dos erros dos Padres. Ela não está convencida de que no desenvolvimento da cristologia "as questões tenham sido colocadas da maneira certa, nem que as soluções certas tenham sido encontradas". **[58]** A ortodoxia que finalmente emergiu foi sustentada por "discussão inadequada e exegese distorcida". **[59]** A compreensão de Jesus como Deus encarnado foi determinada pelo ambiente filosófico predominante. Certamente existem semelhanças impressionantes entre a cosmologia triádica do Neoplatonismo e a Trindade.

Mais útil é a crítica de *Frances Young* à ideia de longa data de que só o próprio Deus pode assegurar-nos a salvação e que, portanto, Jesus deve ser Deus. O problema com a visão ortodoxa é que o Deus imutável é incapaz de sofrer, ser tentado ou morrer. O tratamento dado por Atanásio às tentações de Jesus cai no docetismo e leva à sua conclusão aparentemente absurda de que Jesus "sofreu sem sofrimento": "A sugestão de que enquanto o 'corpo' ou o 'homem Jesus' sofreu na cruz, o "*Logos*" de uma forma sofreu por simpatia porque era 'seu corpo' ou 'seu homem', embora por sua própria natureza ele não pudesse ter sofrido". **[60]**

Este ensaio fornece uma refutação urgente da visão confortável de que os Padres transmitiram fielmente o retrato de Cristo no NT. Em vez disso, seu filosofar levou "aos becos sem saída do paradoxo, da ilógica e do docetismo". **[61]**

George Carey

George Carey, que posteriormente se tornou Arcebispo de Canterbury, levantou-se em defesa da doutrina tradicional da Encarnação no "*God Incarnate: Facing the Contemporary Challenges of a Classic Christian Doctrine*" (Deus Encarnado: Enfrentando os Desafios Contemporâneos de uma Doutrina Cristã

Clássica). A força das mentiras nos seus ensaios reside no seu protesto justificável contra a tendência entre alguns dos escritores do *Mito do Deus Encarnado* de redefinir Jesus no interesse de torná-lo mais aceitável para o homem científico moderno. *Carey* está justamente perturbado pela negação da conceição virginal de Cristo, da sua impecabilidade e da sua ressurreição como um facto objetivo da história. Os contribuidores do Mito minaram assim a força das suas próprias objeções bíblicas à encarnação ortodoxa. Sua infeliz ambivalência em relação ao sobrenatural, especialmente a ressurreição, inevitavelmente prejudicou suas bem-apresentadas objeções ao Trinitarianismo. Os "liberais", portanto, muitas vezes agitam uma bandeira vermelha contra os conservadores. Contudo, um "Liberal" pode ser mais objetivo na sua investigação da Bíblia, uma vez que está menos inclinado do que um conservador a defender um sistema tradicional.

É possível acreditar firmemente no que *Carey* chama de "único vínculo especial com Deus" de Jesus, [62] sem subscrever a crença de que ele era Deus. Até *Carey* hesita em chamá-lo de Deus absoluto. Ele prefere uma descrição menos direta dele como "De alguma forma, Deus". **[63]** Abre-se assim o caminho para uma compreensão de Jesus entre os extremos de alguns dos expoentes do Mito e do verdadeiro Trinitarismo. Se a nova cristologia afirmasse os elementos sobrenaturais da imagem bíblica de Jesus, e se *Carey* pudesse reconsiderar as fraquezas da linguagem que têm a ver com o "envio" de Cristo como prova de pré-existência, uma cristologia mais bíblica poderia emergir. Jesus certamente deve ser proclamado, seguindo o precedente apostólico, como caminho exclusivo para a salvação. Mas o potencial para os cristãos se tornarem "*cheios de toda a plenitude de Deus*" (*Efésios 3:19*) deveria equilibrar a tensão da ortodoxia sobre "*a plenitude da Divindade*" (*Colossenses 1:19; 2:9*) em Jesus como prova de que ele é Deus. A defesa de *Carey* é vulnerável em vários pontos. Onde está o apoio bíblico para a afirmação do credo de que ele foi "gerado antes de todos os tempos", o que *Carey* parece afirmar sem o apoio da evidência do NT? E por que é claro que a frase "Deus envia seu filho" significa que o filho estava vivo antes de sua conceição? Pedro não tem em mente a preexistência quando diz que Deus "*Ressuscitando Deus a seu Filho Jesus, primeiro o enviou a vós* [Israel]" (*Atos 3:26*). Jesus foi comissionado para pregar, ele não foi enviado de uma vida anterior. Parece que as autoridades lexicais padrão reconhecem a fraqueza do argumento proveniente da palavra "enviar", enquanto as pressões para manter o status quo na cristologia podem fazer com que os expositores o ignorem.

Karl-Josef Kuschel

Em 1990, no campo dos mais sofisticados estudos católicos romanos, apareceu na Alemanha um estudo abrangente sobre o tema da preexistência e da Trindade: "Born Before All Time?" (Nascido antes de todos os tempos?) A disputa sobre a origem de Cristo. *Karl-Josef Kuschel* examinou as cristologias concorrentes de *Harnack*, *Barth e Bultmann* e depois empreendeu a sua própria análise dos dados do NT. Ele faz as perguntas certas: "O Jesus da história é levado a sério?" e "O significado concreto de 'carne' torna-se uma mera abstração em *Barth* e *Bultmann?*" **[64]** Ele questiona se ambos os teólogos, cujas influências foram massivas, "realmente acertaram o NT" **[65]** em suas representações da pessoa de Jesus Cristo. Surpreendentemente, como disse outro teólogo alemão, *Wolfgang Pannenberg*, "*Barth* não desenvolve principalmente a sua doutrina da Trindade com base em evidências exegéticas", ecoando a observação de *Ernst Fuchs* de que "se não houvesse textos bíblicos, a revisão de *Barth* seria preferível". **[66]**

O professor *Kuschel* examina então o papel da sabedoria na Bíblia Hebraica, descobrindo que ela é idêntica à palavra criativa de Deus e à Torá como modelo que guiou Deus na criação. Ele afirma que o homem Jesus é a personificação desta sabedoria pré-existente e não o Filho eterno que precedeu o seu nascimento em Belém. *Kuschel* sustenta que em *Filipenses 2* não há nenhuma declaração sobre Cristo ser igual a Deus. Em vez disso, Cristo é a grande figura comparada a Adão. **[67]** *Kuschel* concorda com *James Dunn* que não há nenhum Filho pré-existente em Paulo. Em relação ao Evangelho de João, "Deus essencialmente nunca é outro senão o Pai de Jesus Cristo. **[68]** Ele se pergunta por que o prólogo de João não começa (como muitos o leem instintivamente): "No princípio era o Filho e o Filho estava com Deus e o Filho era Deus". **[69]**

Esta crítica monumental do Trinitarianismo ortodoxo apoia a nossa convicção de que "A história da Cristologia do Cristianismo Judaico... precisa de investigação urgente... não apenas por uma questão de justiça histórica, mas também por uma questão de compreensão ecumênica". **[70]** A teologia dominante do **[71]** Na verdade, a relação com o Concílio de Calcedônia "toca apenas na vida e na história terrena de Jesus". entre o Pai e o Filho proposto pelo concílio "não teria sido compreendido por um cristão judeu como Paulo, assim como não teria sido compreendido por João". **[72]** O brilhante estudo do Professor *Kuschel*, com a aprovação entusiástica de *Hans Kung* que escreve o prefácio, alerta-nos para a ameaça do Trinitarismo ao monoteísmo, bem como para o seu poder de erguer barreiras desnecessárias contra o diálogo entre judeus e muçulmanos. "*Born Before All Time?*" (Nascido Antes de Todos os Tempos?) repete no nosso tempo a longa tradição de protesto contra as visões "ortodoxas" de Jesus que parecem suprimir a sua humanidade e, assim, o seu carácter como Messias é obscurecido.

Karl-Heinz Ohlig

Em 1999 foi publicada uma brilhante história do problema trinitário, e também na Alemanha. *Ein Gott* de *Karl-Heinz Ohlig* em *Drei Personen*? *Der Trinitat* de "*Mysterium*" del *zum de Vom Vater Jesé zum* "*Mysterium*" *der Trinität* (Um Deus em Três Pessoas? Do Pai de Jesus ao "Mistério" da Trindade) expõe a tênue conexão da Bíblia com o Trinitarianismo. O autor destaca que o dogma trinitário manteve judeus e muçulmanos distantes do cristianismo. *Ohlig* quebra um tabu de longa data. Ele não recorre a conversas vagas sobre "mistério" como explicação para a Trindade. Ele nos dá um relato maravilhosamente sucinto e totalmente informado do desenvolvimento do Trinitarianismo. Ele atribui esse desenvolvimento às pressões culturais sobre a igreja, começando no início do segundo século. Ele lamenta a perda do monoteísmo judaico original e afirma que, uma vez que Jesus não era um trinitariano, por que seus seguidores deveriam ser? Além disso, uma vez que o trinitarismo não surgiu em sua forma final até o século V, e certamente não estava presente no século II como um dogma sobre três pessoas eternas, que estágio de sua evolução deveria ser obrigatório para os cristãos? *Ohlig* afirma que é histórica e teologicamente ilegítimo tornar a doutrina da Trindade normativa para os crentes.

> Considerada teologicamente, a Trindade surgiu de um sincretismo do Judaísmo e do Cristianismo com o Helenismo e de uma combinação que resultou do monoteísmo judaico e cristão com o monismo helenístico [a crença em um Deus] ... o que o teólogo assim descobre levanta uma pergunta teológica sobre a legitimidade de tal construção. Quando está claro – e não há outra solução – que o próprio Jesus conhecia apenas o Deus de Israel, a quem chamava de Pai, e nada sabia sobre a sua própria "declaração de Deus" que se originou mais tarde, que direito temos de chamar a doutrina da Trindade normativa e obrigatória para os cristãos?... Seja como for que interpretemos as várias etapas do desenvolvimento da Trindade, é claro que esta doutrina, que se tornou "dogma" no Oriente e no Ocidente, não tem base bíblica e não pode ser continuamente rastreada até o NT, gradualmente, a teologia deve enfrentar os fatos. **[73]**

As observações de *Ohlig* confirmam poderosamente os resultados de um antigo e memorável professor de história da doutrina, que escreveu:

Os Apologistas lançaram as bases para a perversão/corrupção (*Verkehrung*) do Cristianismo num ensinamento [filosófico] revelado. Especificamente, sua cristologia afetou desastrosamente o desenvolvimento posterior. Tomando como certa a transferência do conceito do Filho de Deus na pré-existência de Cristo, eles foram a causa do problema cristológico do século IV. Eles causaram uma mudança no ponto de partida do pensamento cristológico – afastando-se do Cristo histórico e voltando-se para a questão da pré-existência. Assim, desviaram a atenção da vida histórica de Jesus, colocando-a nas sombras

e promovendo, em vez disso, a encarnação. Eles vincularam a cristologia à cosmologia e não conseguiram vinculá-la à soteriologia. O ensino do "*Logos*" não é uma cristologia "mais elevada" do que o habitual. Ela fica muito aquém da apreciação genuína de Cristo. Segundo o seu ensinamento, já não é Deus quem se revela em Cristo, mas o "*Logos*", o Deus inferior, um Deus que, como Deus, está subordinado ao Deus supremo (inferioríssimo ou subordinacionismo). Além disso, a supressão das ideias económicas trinitárias por conceitos metafísicos-pluralistas da tríade divina (trias) pode ser rastreada até aos Apologistas. **[74]**

Notas Finais

[1] *Marcos 12:29-34; João 5:44; 17:3; 1 Coríntios 8:4-6; Efésios 4:6:1 Timóteo 2:5*, etc.

[2] *Cap. Thomas Hart*, "*To Know and Follow Jesus and the well-known God Was in Christ*" (Conhecer e seguir Jesus e o bem conhecido Deus estava em Cristo), de Donald Baillie (Londres: Faber, 1961).

[3] "*Dialogue with Trypo*" (Diálogo com Trypo), caps. 48, 49.

[4] *Alvan Lamson, D.D.*, "The Church of the First Three Centuries" (A Igreja dos três primeiros séculos) (Boston: Houghton, Osgood & Co., 1880), 80. Justino, no entanto, estabelece a direção para o desenvolvimento posterior em direção ao Trinitarianismo ao afirmar a pré-existência literal de Jesus. O Trinitarianismo não era a crença do período post-apostólico por pelo menos 80 anos, como é mostrado pela admissão da *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religion Knowledge* (que no período 100-180 "não há nada que mostre que naquele tempo Cristo era considerado como a verdadeira Deidade [*Harnack*, "*Monarchianism*" (Monarquismo), 7:453].

[5] "*History of the Corruptions of Christianity*" (História das Corrupções do Cristianismo) (J. & JW Prentiss, 1838), 21.

[6] *William Childs Robinson*, "*Jesus Christ Is Jehovah*" (Jesus Cristo é Jeová) (Parte 2), Evangelical Quarterly 5:3 (1933): 275, ênfase adicionada. Para o desenvolvimento do Trinitarianismo no período post-bíblico, veja M.M Mattison, "*The Making of a Tradition*" (A construção de uma tradição) (Ministry School Publications, 1991).

[7] "*Foundations*" (Fundações) (Londres: Macmillan & Co., 1913), 226.

[8] Citado por *F.W. Green*, "*The Later Development of the Doctrine of the Trinity*" (O Desenvolvimento Posterior da Doutrina da Trindade), em "*Essays on the Trinity and the Incarnation*" (Ensaios sobre a Trindade e a Encarnação) (Longmans, Green Y Co., 1928), 259.

[9] *Ibidem*. Comparar, O comentário do Cônego Goudge de que "quando a mente grega e em vez da mente hebraica passou a dominar a Igreja, ocorreu um desastre na doutrina e na prática do qual nunca nos recuperamos" ("O Chamado dos Judeus", nos ensaios completos sobre o Judaísmo e cristianismo).

[10] *FW Green*, "*Essays on the Trinity and the Incarnation*" (Ensaios sobre a Trindade e a Encarnação), 262.

[11] Tertuliano, Ad. Praxeu, 5.

[12] *F.W. Green*, "*Essays on the Trinity and the Incarnation*" (Ensaios sobre a Trindade e a Encarnação), 64.

[13] *Ibid.*

[14] "*Foundations*" (Fundações), 227.

[15] *De Correspondência*, 13 de junho de 1981.

[16] Ver *M.M. Mattison*, "*Biblical Unitarianism from the Early Church Through the Middle Ages*" (Unitarianismo Bíblico desde a Igreja Primitiva até a Idade Média), Um Diário da Reforma Radical: Um Testemunho do Unitarismo Bíblico (inverno de 1992): 4-13. Uma riqueza de informações sobre todos os aspetos da controvérsia trinitária pode ser encontrada neste Jornal, publicado de 1991 a 2000. Os números anteriores podem ser obtidos em 800-347-4261. Recursos adicionais podem ser encontrados em www.restorationfellowship.org.

[17] *G. H. Williams*, "*The Radical Reformation*" (A Reforma Radical) (Philadelphia Wastminster Press, 1962), 271, 322, 333.

[18] Para detalhes sobre o tratamento dado por Calvino a Servet, ver *R.H. Bainton*, "*Hunted Heretic: The Life and Death of Michael Servetus*" (Herege caçado: a vida e a morte de Michael Servetus) (Beacon Press, 1953), e *Stefan Zweig*, "*The Right to heresy*" (O direito à heresia) (Beacon Press, 1951).

[19] *HE Dosker*, "*The Dutch Anabaptis*" (Os anabatistas holandeses) (Judson Press, 1921), 58.

[20] Ver *Hendrikus Berkhof,* "*Christian Faith*" (Fé cristã) (Grand Rapids: Eerdmans, 1979), e *Ellen Flesseman*, "*A Faith for Today*" (Uma fé para hoje), trad. J. E. Steely, (Associação de Professores Batistas de Religião, Caixa A, Mercer University, 1980).

[21] *Underscheit tusschen rechte und falsche leer* (Bibliotheca Reformatoria Nederlandica), 5:315-581.

[22] *Dosker,* "*The Dutch Anabaptists*" (Os Anabatistas Holandeses), 163.

[23] *Ibid*., 93.

[24] Para um relato completo de *Adão Pastor*, ver *A.H. Newman*, "*Adam Pastor, Anti-trinitarian, Anti-pedobaptist*" (Adam Pastor, Anti-trinitário, Anti-paedobaptista) em Papers of the American Society of Church History (G. Putnam's Sons, 1917), 2ª série, 5:98. Veja também *Anthony Buzzard*, "*Adam Pastor: Anti-Trinitarian Anabaptist*" (Adam Pastor: Anabatista antitrinitário) A Journal from the Radical Reformation 3:3 (abril de 1994): 23-30.

[25] As informações para esta seção foram retiradas de "*The Socinianism of H.J. McLachlan*" (O Socinianismo de H.J. McLachlan) na Inglaterra do Século XVII (Oxford University Press, 1951), 163-217.

[26] *John Milton*, "*Treatise on Christian Doctrine*" (Tratado sobre Doutrina Cristã) ["*London: British and Foreign Unitarian Association, 1908*" (Londres: Associação Unitarista Britânica e Estrangeira, 1908)], x, xi.

[27] *Ibid*., 20.

[28] Christopher Hill, "*Milton and the English Revolution*" (Milton e a Revolução Inglesa) (Nova York: Viking Press, 1977), 286, 296.

[29] Ver "*The Reasonableness of Christianity as Delivered in the Scriptures*" (A razoabilidade do cristianismo tal como é apresentado nas Escrituras) (1695), de Locke.

[30] *John Knox*, "*The Humanity and Divinity of Christ*" (A Humanidade e Divindade de Cristo) (Cambridge University Press, 1987), 53.

[31] *Ibid.,* 106

[32] *Ibid.,* 98

[33] *Ibid.,* 98, 99

[34] *Ibid.,* 62

[35] *Cp. Thomas Hart*, "*To Know and Follow Jesus*" (Conhecer e Seguir Jesus), Especialmente 44-48.

[36] "*The Word Incarnate*" (A Palavra Encarnada) (Nisbet, 1959), 89.

[37] Cp. A confusão de *A.T. Hanson* quando refletiu sobre o que havia ensinado no seminário sobre a definição ortodoxa de Jesus: "Durante meu treinamento teológico, fui bem instruído no relato tradicional da encarnação de Deus em Jesus Cristo. Lembro-me claramente de ter sido instruído de que a Palavra de Deus, quando assumiu a natureza humana; assumiu uma humanidade impessoal; que Jesus Cristo não possuía personalidade humana; que Deus se tornou homem em Cristo Jesus, mas que ele não se tornou homem… Duas considerações me convenceram de que esta cristologia tradicional é incrível" ["*Grace and Truth: A Study in the Doctrine of the Incarnation*" (Graça e Verdade: Um Estudo sobre a Doutrina da Encarnação), Londres: SPCK, 1975, 1].

A mesma perplexidade é expressa por Oliver Quick, "*Doctrines of the Creed*" (Doutrinas do Credo) (*Nisbet*, 1938): "Se afirmarmos que Jesus era uma pessoa humana, seremos levados, de qualquer forma, a uma conceição impossível de uma dupla personalidade no Filho de Deus encarnado, ou então dentro da cristologia do protestantismo liberal que consideramos inadequada. Se negarmos que Jesus era uma pessoa humana, negamos implicitamente a totalidade da sua masculinidade e seremos condenados pelo Apolinário. *Raven* insiste (ver seu livro, Apolinário) que a maioria daqueles a quem a tradição católica honrou como doutores da ortodoxia eram de fato Apolinários, embora condenassem o Apolinário." (178). Cp. Com a observação de *Norman Pittenger* de que "a Calcedônia não conseguiu evitar que um apolinário modificado se tornasse a ortodoxia da Idade Média". (O Verbo Encarnado, 102).

[38] "*Christology in the Making*" (Cristologia em formação).

[39] "*The Christian Experience of God as Trinity*" (A Experiência Cristã de Deus como Trindade) (Londres: SCM Press, 1983).

[40] *Ibid*., 51.

[41] *Ibid*., 56.

[42] *Ibid.*, 56, 57.

[43] *Ibid.*, 57.

[44] *Ibid*., 59.

[45] *Ibid.*, 59.
[46] *Ibid.*
[47] *Ibid*., 64.
[48] 85 (março e setembro de 1982). Para um resumo mais cuidadoso da discussão moderna, consulte *Klass Runia*, "*The Present-Day Christological Debate*" (O atual debate cristológico).
[49] "*Dunn on John*, "*Theology 85*" (Teologia 85) (setembro de 1982): 332-338.
[50] "*Christology in the Making*" (Cristologia em formação), 212.
[51] *Ibid*., 243.
[52] *Ibid*., 250.
[53] *Ed. John Hick* (Londres: SCM Press, 1977).
[54] "*The Authentic Jesus*" (O Jesus Autêntico) (Marshall, Morgan e Scott, 1985), 33.
[55] "*The Myth of God Incarnate*" (O Mito do Deus Encarnado), 14.
[56] *Ibid*., 19.
[57] *Ibid*., 21.
[58] *Ibid*., 23.
[59] *Ibid.*
[60] *Ibid*., 27.
[61] *Ibid*., 29.
[62] "*God Incarnate: Meeting the contemporarym Challenges to a Classic Christian Doctrine*" (Deus Encarnado: Enfrentando os Desafios Contemporâneos para uma Doutrina Cristã Clássica) (InterVarsity Press, 1977), 7.
[63] *Ibid*. 18.
[64] "*Born Before All Time?*" (Nasceu antes de todos os tempos?) A Disputa sobre a Origem de Cristo, 174.
[65] *Ibid.*
[66] *Ibid*., 179.
[67] *Ibid*., 251.
[68] *Ibid*., 276.
[69] *Ibid*., 381.
[70] *Ibid*., 394, 395.
[71] *Ibid*., 425.
[72] *Ibid*., 409.
[73] *Ein Gott in drei Personen?* Mainz: Matthis Grünewald-Verlag. 1999, 123-125, nossa tradução.

XI. O DESAFIO DE ENFRENTAR O TRINITARISMO HOJE

"O conceito desenvolvido de três parceiros coiguais na Divindade encontrado em formulações de credos posteriores não pode ser claramente detetado dentro dos limites do Cânon" - Oxford Companion to the Bible

O Trinitarianismo contemporâneo enfrenta uma formidável bateria de argumentos que minaram algumas de suas queridas "provas" bíblicas. abandona alguns dos principais apoios do Trinitarianismo. O Anti-Trinitarianismo há muito apresenta seu caso, demonstrando que vários Trinitarianos ortodoxos explicaram os principais versículos Trinitarianos de uma forma Unitarista. Um notável compêndio das concessões dos Trinitarianos foi produzido por *John Wilson* em 1845. **[1]** O trabalho tem importância para a discussão contínua da Trindade. Examinando um extenso corpo de escritos acadêmicos, eles documentam explicações não trinitárias feitas por trinitarianos de versículos que popularmente se acredita apoiarem a Trindade. A literatura teológica do século XIX e contemporânea fornece evidências de concessões semelhantes. Este capítulo examina alguns dos pontos apresentados como "provas" trinitárias na literatura mais popular da Bíblia. Parece que um grande número de trinitarianos já não confia nestas discussões para apoiar uma visão ortodoxa da Deidade.

O plural de Elohim

A organização Judeus por Jesus e outros grupos evangélicos perseveram para encontrar o Deus Triuno nas Escrituras Hebraicas. A forma plural da palavra hebraica para Deus, "*elohim*", entretanto, não fornece pistas que apontem para a Trindade. É tão enganoso falar de "*elohim*" como uma palavra "uni plural" quanto dizer que "*echad*", "um", implica uma Deidade plural. Não se pode argumentar com sucesso contra a Trindade pelo fato de que "*Echad*" pode modificar um substantivo como "aglomerado" ou "rebanho" e poderia, portanto, nos levar a pensar que Deus é composto. "*Echad*" é simplesmente o numeral "*um*" em hebraico. "Yahweh é um Senhor", assim afirma o credo de Israel *(Deuteronômio 6:4*). "*Echad*" aparece como um modificador de "Abraão" (*Ezequiel 33:24; Isaías 51:2*), e às vezes pode ser traduzido corretamente como "único" (*Ezequiel 7:5*). Seu significado normal é "um e não dois" (*Eclesiastes 4:8*). Não há nada na palavra "*Yahweh*" que sugere uma pluralidade, especialmente porque a palavra aparece com verbos e pronomes singulares em todos os seus muitos milhares (cerca de 5.500) de ocorrências. Se os pronomes singulares, que apontam constantemente para um Deus, não conseguem persuadir o leitor de que Deus é um único indivíduo, não podemos fazer muito mais com a linguagem para fazê-lo fazer isso. "*Elohim*" tem verbos singulares em quase todas as suas 2.500 referências ao único Deus. Uma anomalia ocasional prova tão pouco quanto o fato de que o mestre de José é descrito por um nome plural várias vezes (*Gênesis 39:2, 3, 7, 8, 19, 20*. Alguém diria que "o mestre de José [plural em hebraico] o levou [verbo singular]" está traduzido incorretamente? Abraão é o "*amos*" (plural em hebraico) de seu servo (*Gênesis 24:9, 10*). Existe pluralidade em Abraão? Ninguém gostaria de alterar a tradução de outra passagem em Gênesis: "Aquele homem, o senhor do terra, falou-nos duramente". Mas embora o verbo seja singular, o substantivo tem uma forma plural, "os senhores da terra" (*Gênesis 42:30*). **[2]** Temos nestes exemplos a mesma pluralidade em Abraão, Potifar. e José como supostamente se encontra em "*elohim*" quando se refere ao Deus supremo. Esses fatos autorizam a observação do escritor na "*Enciclopédia de Religião e Ética*": "É uma exegese de tipo malicioso, embora piedoso, que encontraria a doutrina da Trindade na forma plural *elohim*". **[3]**

O artigo sobre Deus na mesma obra conclui: "Não há nenhuma indicação no AT de distinções na Divindade; é um anacronismo encontrar a doutrina da encarnação ou a da Trindade em suas páginas". **[4]**

A definição de "*elohim*" ("Deus") fornecida pelo *Dicionário Bíblico Ilustrado* contradiz a noção de que Deus é "três Pessoas": "Embora seja uma forma plural, "*elohim*" pode ser tratado como singular, caso em que significa o único. Divindade Suprema... Existe apenas um Deus supremo e ele é *uma Pessoa*". **[5]**

Deus é um

Uma consideração do uso do numeral "um" em conexão com Deus é instrutiva. Ninguém tem qualquer dificuldade com as seguintes afirmações. De acordo com Ezequiel, "Abraão era um [Heb. "*echad*", grego "*heis*"]" (*Ezequiel 33:24*). A NVI traduz esse fato em inglês simples: "*Abraão era apenas um homem*". Jesus usou a palavra "um" da mesma maneira para significar um único indivíduo: "*não queirais ser chamados Rabi, porque um* [*heis*] *só é o vosso Mestre, a saber, o Cristo, e todos vós sois irmãos. E a ninguém na terra chameis vosso pai, porque um só* [*heis*] *é o vosso Pai, o qual está nos céus. Nem vos chameis mestres, porque um* [*heis*] *só é o vosso Mestre, que é o Cristo*" (*Mateus 23:8-10*). Em cada caso, "um" significa uma pessoa. Para Paulo, Cristo é "uma só pessoa" (*heis*): "[Deus] *Não diz: E às descendências, como falando de muitas, mas como de uma só: E à tua descendência, que é Cristo*" (*Gálatas 3:16*). Alguns versículos depois, a mesma linguagem se aplica a Deus. Paulo diz: "*Ora, o medianeiro não o é de um só* [eles] *mas* [literalmente 'não de um' ele é] *Deus é um* [*heis*]" (*Gálatas 3:20*). O significado é que Deus é "*uma parte*" ou "*uma pessoa*". Tudo isso é consistente com o testemunho uniforme das Escrituras de que o único Deus é o Pai de Jesus ... É verdade que ele pode indicar uma unidade coletiva: "*todos vós sois um em Cristo Jesus.*" (*Gálatas 3:28*). Este significado é absolutamente inadequado no caso de Deus, que é constantemente descrito por pronomes singulares e comparado com o Pai, que obviamente é uma pessoa.

Estes fatos apresentam um problema agudo para o Trinitarianismo. Alguns foram levados ao ponto de sustentar que a palavra "Pai" no NT pode descrever não apenas uma pessoa da Trindade, mas todos os três, "Pai, Filho e o Espírito Santo: Às vezes "Pai" não é usado para um que é distinto do Filho e do Espírito Santo – uma pessoa distinta da Divindade – mas da própria Deidade. Deixe-nos dar alguns exemplos disso... [Paulo diz que] há um Deus que tem uma existência verdadeira, e Ele é o único que os cristãos adoram. Então ele escreve: "*Todavia para nós há um só Deus, o Pai*" (*1 Coríntios 8:6*). Aqui a palavra "Pai" é equivalente às palavras "um só Deus". Paulo está dizendo que existe apenas um Deus, e ele não está pensando nas Três Pessoas da Divindade. É nesse sentido que ele usa a palavra "Pai", assim como faz em *Efésios 4:6*, onde ele escreve sobre "*um deus e Pai de todos*".

O escritor luta com a definição unitarista completa de Deus como "um só Deus, o Pai". A força da convicção do próprio *Olyott* de que Deus é realmente três força-o a imaginar que "o Pai" realmente significa três pessoas. A teoria é imaginária. O escritor não pode permitir-se pensar que Paulo não poderia ter sido um trinitariano.

Jesus é "louco, mau ou Deus"?

Os trinitarianos estão presos ao conhecido lema de que Jesus deve ser um mentiroso, um louco ou o Deus supremo. Eles não foram capazes de conceituar outra categoria – a do Messias. Quando *Anderson Scott* descreveu a visão de Jesus apresentada pelo livro do Apocalipse, ele nos dá a chave para o retrato bíblico de Jesus: "[João] leva a comparação de Cristo com Deus ao ponto mais distante, *exceto torná-los eternamente iguais*". **[7]**

Avaliando a cristologia de Paulo, ele diz: "São Paulo nunca dá a Cristo o nome ou a descrição de Deus.... Analisando o conjunto das elocuções de Paulo sobre Cristo, a impressão geral é de uma convicção consistentemente monoteísta que resiste ao impulso de chamar Deus a Jesus". **[8]**

A exatidão desta avaliação é confirmada pelo fato surpreendente de que não há nenhum texto no NT em que "*ho theos*" ("Deus") signifique o "Pai, o Filho e o Espírito Santo". que Deus era "três em um". Deveria ser motivo de preocupação para os trinitarianos que quando eles dizem "Deus", eles se referem ao Deus Triuno, mas quando o NT (ou mesmo toda a Bíblia) diz "Deus", Um Deus Triuno nunca foi concebido. Seria difícil encontrar evidências mais conclusivas de que o Deus Triuno não é o Deus das Escrituras. Nosso ponto é confirmado por *Karl Rahner*: "Em nenhum lugar do NT pode ser encontrado um texto com "*ho theos*" [literalmente, 'o Deus'] que deva indiscutivelmente ser referido em sua totalidade ao Deus existente do Trinitarianismo." "em três pessoas. Em um grande número de textos, "*ho theos*" refere-se ao Pai como uma pessoa da Trindade". **[9]**

Discordamos que o Pai seja parte de uma Trindade, mas a observação de *Rahner* está correta: Deus no NT quase invariavelmente significa o Pai de Jesus e nunca três pessoas ou "Pessoas".

Encarnação nos Evangelhos Sinópticos:

Uma questão importante sobre o Trinitarianismo é levantada pela completa falta de evidências para a doutrina da encarnação no Evangelho de Lucas (o mesmo pode ser dito de Mateus). *Raymond Brown* observa: "Não há nenhuma evidência de que Lucas tivesse uma teologia da Encarnação e da preexistência: em vez disso, para *Lucas* (**1:35**), a filiação divina parece ter sido realizada através da conceição virginal... Jesus foi concebido e nasceu, e isto é suficiente solidariedade com a raça humana". **[10]**

Lucas definiu quem era Jesus com total precisão quando o chamou pela primeira vez de "O Senhor Messias", ou seja, "o Senhor Cristo". Alguns versículos depois ele o designa "O Cristo [Messias] do Senhor" (*Lucas 2:11, 26*). O título "Senhor Messias" também é encontrado na literatura judaica contemporânea de Lucas (*Salmo Salomão 17:31; 18:7*). Isto descreve o libertador prometido de Israel, a antiga esperança da nação. A mesma descrição messiânica é dada a um governante histórico de Israel na Septuaginta traduzida de *Lamentações 4:10*. Em nenhum caso este título real implica que o Messias seja Deus. Isto é derivado do *Salmo 110:1*, onde o Messias será o "senhor" de Davi, ou seja, seu rei.

Lucas seleciona um segundo título para Jesus, "o Messias do Senhor", porque é exatamente equivalente à expressão do AT "O Ungido do Senhor", o rei de Israel. Davi fala do rei Saul como, "*meu senhor, o ungido do Senhor* [Messias]" (*1 Samuel 24:6*; compare com *versículo 10*). Abner deveria ter cuidado de Saul, "*o senhor, teu rei*", "*teu senhor, o ungido* [Messias] *do Senhor*" (*1 Samuel 26:15, 16*). Jesus é o Ungido final, o prometido rei de Israel. As descrições que Lucas faz dele estão em completa harmonia com João, que apresenta Jesus como "Filho de Deus" e "*rei de Israel*" (*João 1:49*). Paulo reconhece que os cristãos servem ao "*Senhor Messias*" (*Colossenses 3:24*), e Pedro, que havia declarado num sermão anterior que Deus havia chamado Jesus de "*Senhor e Messias*" (*Atos 2:36*), no final de sua vida exorta os crentes a santificar "*O Senhor Cristo em seus corações*" (*1 Pedro 3:15*). No último livro da Bíblia, o Jesus glorificado ainda é "*O Ungido* [Messias] *do Senhor*" (Apocalipse 11:15; 12:10). O título muito negligenciado de Jesus como "*O Senhor Messias*" é constantemente apresentado diante de nós em o nome favorito no NT para ele, "*O Senhor Jesus Messias*".

O Trinitarianismo confunde o Senhor Deus com o senhor ungido ou nomeado, o rei. A categoria do Messias é inteiramente adequada para explicar a compreensão neotestamentária de Jesus. A Bíblia não precisa da "ajuda" de desenvolvimentos adicionais na cristologia que vão além da confissão de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus. Como Cristo, Jesus é a imagem perfeita do único Deus. O caráter e a obra de Jesus demonstram o caráter e a obra de seu Pai, assim como um agente representa seu remetente.

Filiação Eterna

É uma batalha difícil para os trinitarianos manter a noção da "filiação eterna" das Escrituras. Um trinitariano contemporâneo informa-nos que Jesus procedeu "através da geração eterna como Filho de Deus vindo do Pai, *num nascimento que nunca ocorreu porque ele sempre existiu*". **[11]** Nós nos perguntamos se essa linguagem mistificadora ajuda a promover a verdade da fé cristã. Nas Escrituras, a geração do Filho ocorreu e ocorreu no tempo. A previsão clássica da nomeação do Messias para ser rei aparece no *Salmo 2:7*. Somente Deus declara: "Tu és meu filho, hoje eu te gerei". Lucas sabia que o Filho de Deus foi gerado milagrosamente no ventre de Maria (*Lucas 1:35*). Num sermão na Pisídia de Antioquia, Paulo pregou sobre o nascimento do Messias, mostrando que Deus "ressuscitou Jesus", isto é, o trouxe à cena cumprindo a predição sobre sua geração no *Salmo 2*. **[12]** Lucas já havia usado o mesmo expressão – "ressuscitado" – do nascimento do profeta prometido. **[13]** Não existe nas Escrituras algo como geração ou geração do Filho na eternidade, exceto nos decretos de Deus.

Um distinto trinitariano do século passado expressou a sua perplexidade diante da ideia de uma filiação que não tem começo e, portanto, de toda a doutrina de um "Filho eterno". Falando de *Lucas 1:35*, *Adam Clarke* observou:

> Podemos perceber aqui plenamente que o anjo não dá o título de *Filho de Deus* à natureza divina de Cristo, mas à *pessoa ou coisa santa*, "*to hagion*", que nasceria de uma Virgem, pela energia do Espírito Santo ... aqui espero que me seja permitido dizer, com o devido respeito àqueles que divergem de mim, que a doutrina da filiação eterna de Cristo é, em minha opinião, antibíblica e extremamente perigosa. Rejeito esta doutrina pelas seguintes razões. **1.** Não consegui encontrar nenhuma declaração expressa nas Escrituras a respeito. **2.** Se Cristo é o Filho de Deus no que diz respeito à sua natureza divina, então ele não pode ser eterno: pois filho implica pai, e pai implica a ideia de geração, e geração implica um tempo em que foi realizado e o tempo também. É antecedente a essa geração. **3.** Se Cristo é o Filho de Deus no que diz respeito à sua natureza divina, então o Pai é por necessidade anterior, consequentemente superior a ele. **4.** Novamente, se esta natureza divina foi gerada pelo Pai, então deve ocorrer no tempo, isto é, houve um período em que ela não existiu e um período em que ela passou a existir. Isto destrói a eternidade do nosso abençoado Senhor e rouba-lhe a sua Divindade de uma vez por todas. **5.** Dizer que ele foi gerado desde toda a eternidade é, na minha opinião, um absurdo, e a frase filho eterno é uma auto contradição positiva. A eternidade é aquilo que não tem começo, nem está situada em qualquer referência ao tempo. Filho pressupõe tempo, geração e Pai: e o tempo também precede tal geração. Portanto a conjunção destes dois termos é absolutamente impossível, uma vez que implicam essencialmente ideias diferentes e opostas. **[14]**

Um eminente estudioso bíblico, conhecido como "o pai da literatura bíblica americana", *Moses Stuart*, tem o seguinte a dizer sobre este assunto. Ele falou como um trinitário. "A geração do Filho como divino, como Deus, parece estar fora de questão – a menos que seja uma doutrina expressa de revelação, o que está tão longe de ser o caso, que concebo o contrário ser claramente ensinado". **[15]**

TEXTOS DISPUTADOS

As discussões sobre a Trindade muitas vezes giram em torno de um punhado de versículos do NT que se acredita provarem que Jesus é a Deidade Suprema, em vez do reflexo perfeito da Deidade, o embaixador humano autorizado do único Deus. Alguns proponentes modernos do Trinitarianismo apresentam estes versículos como se fossem evidentes que o seu testemunho favorece o Trinitarianismo. Há, no entanto, uma

forte tradição entre os trinitarianos da mais alta reputação de que estes textos não estabelecem a Divindade de Jesus.

O Novo Testamento chama Jesus de Deus? Tito 2:13; 2 Pedro 1:1

Uma série de discussões contemporâneas promovem a chamada regra de Granville Sharp para apoiar suas afirmações de que Jesus é chamado de "*do grande Deus e nosso Salvador*" em *Tito 2:13*. *Sharp* sustentou que quando a palavra grega "*kai*" (y) une dois substantivos do mesmo caso, e o primeiro substantivo tem o artigo definido e o segundo não, os dois substantivos referem-se a um sujeito. É por isso que o versículo contestado deveria ser "…. *nosso grande Deus e salvador Jesus Crist*o", e não como diz a versão King James, "…*do grande Deus e nosso Salvador Jesus Cristo*". A norma sobre a omissão do artigo, porém, não pode ser contada para resolver a questão. Como diz *Nigel Turner* (que escreve como trinitariano):

> Infelizmente, neste período grego não podemos ter a certeza de que tal regra seja realmente decisiva. Às vezes, o artigo definitivo não é repetido, mesmo quando há claramente uma separação de ideias. "A repetição do artigo não era estritamente necessária para garantir que as questões fossem consideradas separadamente" (Moulton-Howard-Tumer, Grammar, Vol.III. p.181. A referência é a *Tito 2:13*). **[16]**

Visto que a ausência de um segundo artigo não é decisiva, é natural ver aqui o aparecimento da glória de Deus refletida em seu Filho na segunda vinda. Há um paralelo óbvio com a descrição de Mateus da vinda de Jesus em poder: "*Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos*" (*Mateus 16:27*). Visto que o Pai confere glória ao Filho (como também a compartilhará com os santos), é muito apropriado que o Pai e o Filho estejam intimamente ligados. Paulo havia falado alguns versículos antes sobre "*Deus Pai, e da do Senhor Jesus Cristo, nosso Salvador*" (**Tito 1:4**).

Uma ampla gama de gramáticos e estudiosos da Bíblia reconheceram que a ausência do artigo definido antes de nosso Salvador Jesus Cristo "é absolutamente inadequada para estabelecer a afirmação trinitária de que Jesus é aqui chamado de "o grande Deus". Na melhor das hipóteses, o argumento é "duvidoso". **[17]** É lamentável, como diz Brown, "que nenhuma certeza possa ser alcançada aqui, pois parece que esta passagem é a que moldou a confissão das Igrejas do Conselho Mundial em 'Jesus Cristo como Deus e Salvador'". **[18]** Deve-se notar também que o imperador romano poderia ser chamado de "Deus e Salvador", sem a implicação de que ele era a Deidade Suprema. Mesmo que o título "Deus e Salvador" fosse usado excecionalmente para Jesus, isso não estabeleceria sua posição como coigual e coeterno com o Pai. Isto antes o designaria como o agente supremo do único Deus, que é a visão de toda a Bíblia.

O mesmo problema gramatical enfrenta os expositores em *2 Pedro 1:1*. *Henry Alford* é um dos muitos trinitarianos que afirmam que Jesus não é chamado de "Deus" neste versículo. Para ele, a ausência do artigo importava mais aqui, como em Tito 2:13, pelo fato muito mais significativo de que tanto Pedro como Paulo normalmente distinguiam claramente entre Deus e Jesus Cristo. O escritor da Cambridge Bible for Schools and Colleges concordou que a regra de que um artigo indica um assunto… [não pode] ser totalmente considerada decisiva". **[19]** Um escritor trinitariano do século passado foi muito menos generoso com aqueles que buscavam provas da Divindade de Cristo na omissão do artigo: "Alguns eruditos eminentemente eruditos e piedosos ... até certo ponto superestimaram o argumento encontrado na presença da ausência do artigo, a ponto de tropeçar em um sofisma errôneo e, na intensidade de seu zelo para manter a 'honra do Filho', não estavam cientes de que estavam empenhados em 'desonrar o Pai'." **[20]**

A última afirmação pode de fato ser verdadeira em relação a todo o esforço da Ortodoxia para tornar Jesus igual em todos os sentidos ao Pai.

Romanos 9:5

Alguns trinitarianos oferecem *Romanos 9:5* como prova conclusiva de que Jesus é "Deus sobre todos" e, portanto, parte da Divindade. Esta (prova) depende de qual tradução se lê, porque existem sete maneiras diferentes de apontar o versículo em que Cristo ou o Pai é chamado de "Deus bendito para sempre". **[21]** A questão é esta: Deveríamos ler "e de quem, segundo a carne, é Cristo, que é sobre todas as coisas. Deus bendito para sempre" ou "e de quem, segundo a carne", é Cristo, que "Sendo Deus sobre todos, ele é bendito para sempre?" Entre os comentaristas mais antigos, *Erasmo*, embora trinitário, foi cauteloso ao usar este versículo como texto de prova:

> Aqueles que afirmam que neste texto Cristo é claramente chamado de Deus, ... negam todo entendimento aos arianos, ou quase não prestam atenção ao estilo do Apóstolo. Uma passagem semelhante ocorre em *2 Coríntios 11:31*: "*O Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que é eternamente bendito,*"; a última cláusula é inegavelmente restrita ao Pai. **[22]**

Usando o princípio da comparação texto a texto, é muito provável que Paulo tenha descrito o Pai como "Deus sobre todos". Paulo faz uma distinção uniforme entre Deus e o Senhor Jesus. No mesmo livro, Paulo abençoa o Criador e não há razão para duvidar que ele se refere ao Pai (*Romanos 1:25*). Em outra passagem ele fala de "*Deus nosso Pai, Ao qual seja dada glória para todo o sempre. Amém*" (*Gálatas 1:4, 5*). *Romanos 9:5* é um paralelo óbvio. Não devemos esquecer que a palavra teso ocorre mais de 500 vezes nas cartas de Paulo e não há um único caso inequívoco em que se aplique a Cristo. Vários críticos textuais conhecidos (*Lachmann, Tischendorf*) colocam um ponto final após a palavra "carne", permitindo que o resto da frase seja uma doxologia do Pai. Os manuscritos gregos antigos geralmente não contêm pontuação, mas o Código Ephraemi do século V tem um ponto final depois de "carne". O mais notável é o fato de que durante as controvérsias arianas, este versículo não foi usado pelos trinitarianos contra os unitaristas. É evidente que isto não atesta Jesus como o segundo membro da Divindade.

Nos tempos modernos, *Raymond Brown* descobre que "no máximo pode-se afirmar alguma probabilidade de que esta passagem se refira a Jesus como Deus". **[23]** No comentário conservador de *Tyndale* sobre Romanos, *F.F. Bruce* adverte contra-acusar aqueles que tratam as palavras como aplicáveis ao Pai de "heterodoxia cristológica". **[24]** É apropriado acrescentar que mesmo que Jesus seja excecionalmente chamado de "Deus", o título pode ser usado em seu sentido messiânico secundário, de alguém que reflete a majestade divina somente de Deus, seu Pai.

Quando o detalhe das nuances gramaticais tiver sido totalmente explorado, as balanças de probabilidade serão pesadas de várias maneiras. É incrível imaginar que o credo cristão deva depender de pontos sutis de linguagem sobre os quais não seria razoável pedir a muitos que fizessem um julgamento e sobre os quais os especialistas discordariam. A linguagem simples do credo de Paulo e de Jesus está aberta a todos os estudantes da Bíblia: "*Não há outro Deus senão um só*... Há para nós [cristãos] *um só Deus, o Pai*" (*1 Coríntios 8:4, 6*).

Esse "um só Deus" é diferenciado na mente de Paulo de "um só Senhor Jesus Messias", assim como Ele o é dos muitos deuses do paganismo. A categoria de "um só Deus" pertence exclusivamente ao Pai, assim como o "Senhor *Messias*" se refere exclusivamente a Jesus. O próprio Jesus forneceu a base para a compreensão simples de Paulo da frase "um só Deus". Tanto o Mestre quanto o discípulo compartilhavam o credo de Israel que acreditava em Deus como uma única pessoa.

Os aspetos técnicos de João 1:1

João 1:1 foi submetido a uma análise minuciosa por parte dos comentaristas de todas as nuances de opinião. É óbvio que algumas traduções modernas são evidentemente interpretações trinitárias. Os

Evangelhos Vivos **[25]** dizem: "Antes de qualquer coisa existir, havia Cristo, com Deus. Ele sempre esteve vivo e é Ele mesmo Deus". Mas isto está levantando todo o problema trinitário. De repente, Deus é duas pessoas. Um fato pouco conhecido é que a "palavra" não era considerada uma segunda pessoa nas traduções anteriores à versão King James. A Bíblia dos Bispos de 1568, substituída pela Bíblia King James em 1611, entendia a palavra como impessoal e usava o pronome "ela", assim como a Bíblia de Genebra de 1560.

É uma suposição que por "palavra" João quis dizer um segundo ser pessoal incriado junto com o único Deus. João em outro lugar reconhece que o Pai é o "*único Deus verdadeiro*" (*João 17:3*) e "*o único que é Deus*" (*João 5:44*). Muitos reconheceram uma conexão óbvia entre a "palavra" e o que é dito sobre Sabedoria na Bíblia Hebraica. Em Provérbios, a "Sabedoria" é personificada e diz-se que está "com" Deus. (*Provérbios 8:30*). João diz que a "palavra" estava "com [*pros*] Deus". No AT, diz-se que uma visão, palavra ou propósito está "com" a pessoa que a recebe ou possui. A palavra tem uma quase existência própria: "A palavra do Senhor está com ele"; "o profeta… tem um sonho com ele." Estava no coração de Davi (literalmente, "com o coração") construir o templo. A sabedoria está "com Deus". **[26]** A última é um paralelo notável com a oração inicial de João. No NT, algo impessoal pode estar "com" uma pessoa, como, por exemplo, onde Paulo confia que "a verdade do evangelho permanece com você", presente na mente (*Gálatas 2:5*). Na abertura da primeira epístola de João, que pode fornecer exatamente o comentário que precisamos sobre *João 1:1*, ele escreve que "*a vida eterna estava com* [*pros*] *o Pai*" (*1 João 1:2*). Com base nestes paralelos, é impossível dizer com certeza que a "palavra" em João 1:1, 2 deve significar um segundo membro da Trindade, isto é, o Filho de Deus pré-existente.

João continua dizendo que "*o Verbo era Deus*" (*João 1:1*). Uma intensa discussão sobre o significado exato de "Deus" (que não tem artigo definido) fez com que toda a passagem parecesse complexa. Segundo alguns, uma regra estabelecida por *Colwell* exige que a ausência do artigo não enfraqueça a intenção de João de dizer que a palavra era completamente Deus e identificada com Ele. Outros insistiram que "Deus" sem o artigo é a maneira de João nos dizer que a palavra tinha o *caráter* de Deus e era completamente expressiva de sua mente. A opinião do Bispo Trinitário *Wescott* é mais respeitada e tem a aprovação provisória do Professor *Moule*:

> A nota de *Bislop Wescott* [sobre *João 1:1*], embora possa exigir a adição de alguma referência à linguagem, ainda assim, talvez, represente a intenção [de João]: "[Deus] está necessariamente sem o artigo (*theos,* não *ho theos*) como contanto que descreva a natureza da "Palavra" e não identifique Sua Pessoa. Seria puro sabelianismo dizer que "a palavra era *ho theos*". **[27]**

O argumento de *Bishlop* era que a "palavra" não pode ser distinta de Deus (com Deus) e ao mesmo tempo identificada com Ele. Isto apagaria todas as distinções na Divindade. Em vez disso, João descreve a natureza da "palavra", e a ausência do artigo diante de Deus "coloca uma pressão no aspeto qualitativo do substantivo, em vez de na sua mera identidade". Um objeto de pensamento pode ser concebido sob dois pontos de vista; em termos de identidade ou qualidade. Para comunicar o primeiro ponto de vista o grego usa o artigo; para o segundo é usada a construção anartro". **[28]**

Após um exame minucioso, *Philip Harne*r sugere: "Talvez a cláusula devesse ser traduzida, 'a palavra tinha a mesma natureza que Deus'." **[29]** Ele acrescenta que "não há base para considerar o predicado "*theos*" como definido". **[30]** "Assim", diz outro estudioso, João 1:1b denota, não a identidade, mas sim o caráter do "*Logos*". **[31]**

A dificuldade que os tradutores enfrentam é como expressar essas nuances sutis em espanhol. *James Denny* insistiu que o NT não diz o que nossas traduções inglesas sugerem: "A Palavra era Deus". Ele quis dizer que em grego "Deus" (*theos*) sem o artigo realmente significa: "tendo a qualidade de Deus", não que eles sejam identificados individualmente com Deus. **[32]** Uma tentativa de expressar a tonalidade correta do significado é encontrada na tradução: "A palavra era deus". **[33]** Infelizmente, as traduções padrões em espanhol expressam o significado errado. Como diz *Harner*: "O problema com todas essas traduções [RSV,

A Bíblia de Jerusalém, A Nova Bíblia Inglesa, Boas Notícias para o Homem Moderno] é que elas poderiam representar [a ideia de que a palavra e Deus são intercambiáveis]". **[34]**

O prólogo do evangelho de João não exige a crença na Divindade de mais de uma pessoa. É mais provável que João esteja corrigindo uma tendência gnóstica contemporânea de distinguir Deus de figuras divinas menores. A intenção de João é vincular a "Sabedoria" ou "palavra" de Deus tão estreitamente quanto possível ao próprio Deus. A palavra é a atividade criativa do próprio Deus. Desta forma, João diz que desde o início a sabedoria de Deus, que o único Deus tinha consigo, como um arquiteto tem o seu plano, era completamente expressiva de Deus. Foi o próprio Deus em Sua auto manifestação. Todas as coisas foram feitas através deste plano. A mesma "palavra" finalmente se encarnou num ser humano, o Messias, quando Jesus nasceu, quando o "verbo se fez carne" (*João 1:14*). Jesus é, portanto, o que a palavra veio a ser. Ele é a expressão perfeita da mente de Deus em forma humana. Jesus não deve ser identificado um por um com a palavra de *João 1:1*, como se o Filho existisse desde o princípio. Jesus é o mensageiro autorizado de Deus e, como a palavra, tinha o caráter de Deus.

A conclusão de *James Dunn* sobre a intenção de João confirma uma leitura não-trinitária de *João 1:1-3, 14*:

> A conclusão que parece emergir de nossas análises [de *João 1:1-14*] até agora é que é somente no *versículo 14* ["o verbo se fez carne"] que podemos falar de um "*Logos*" pessoal. O poema usa uma linguagem bastante impessoal ("ele se tornou carne"), mas nenhum cristão deixaria de reconhecer uma referência a Jesus aqui – a palavra passou a significar não carne em geral, mas Jesus Cristo. Antes do *versículo 14*, estamos no mesmo reino do falar pré-cristão da Sabedoria e do "*Logos*", a mesma linguagem e ideias que encontramos em *Fílo*, onde, como vimos, estamos lidando com personificações em vez de pessoas, ações personificadas. de Deus, em vez de um ser divino individual como tal. A questão é obscurecida pelo fato de que temos de traduzir o "*Logos*" masculino como "ele" ao longo do poema. Mas se traduzirmos "*Logos*" como "A Expressão de Deus", ficará mais claro que o poema não pretende necessariamente que o "*Logos*" dos *versículos 1-13* seja pensado como um ser divino pessoal. Em outras palavras, o significado revolucionário do *versículo 14* pode muito bem ser o fato de ele marcar não apenas a transição, no pensamento do poema, da preexistência para a encarnação, mas também a transição da personificação impessoal para a pessoa real. **[35]**

Esta leitura de João tem a enorme vantagem de se harmonizar com o testemunho de Mateus, Marcos e Lucas e permitir que a unidade indivisível do único Deus, o Pai, permaneça inalterada.

Marcos 13:32

Este versículo relata a afirmação de Jesus de que ele não sabe o dia de seu retorno. Parece totalmente contraditório afirmar que a Deidade omnisciente pode ser ignorante em qualquer aspeto. Alguns trinitarianos apelam à doutrina das naturezas humana e divina de Jesus para resolver o problema. O Filho de fato sabia, mas não como ser humano. Isto parece pouco diferente de dizer que alguém é pobre porque não tem dinheiro num bolso, embora tenha um milhão de dólares no outro bolso. Neste texto é o *Filho* distinto do *Pai* que não o conhece. É, portanto, totalmente impossível afirmar que apenas a natureza humana em Jesus era ignorante. De qualquer forma, a Bíblia não distingue "naturezas" em Jesus como Filho de Deus e Filho do Homem. Ambos são títulos messiânicos para uma única pessoa. Se perguntarmos a uma testemunha num tribunal se ela viu o acusado num determinado dia e ela respondeu negativamente, o que significa que não o viu com o olho defeituoso, embora o tenha visto com o segundo olho, eu o consideraria

desonesto. Quando Jesus se referiu a si mesmo como o Filho, ele não poderia estar se referindo a uma parte de si mesmo. A teoria pela qual Jesus sabia e não sabia o dia da sua futura vinda tornaria todas as suas palavras ininteligíveis. O fato óbvio é que uma confissão de ignorância é compatível com a teoria da Divindade absoluta de Jesus.

Uma dificuldade comparável enfrenta os trinitarianos quando afirmam que apenas a parte humana de Jesus morreu. Se Jesus fosse Deus, e Deus fosse imortal, Jesus não poderia ter morrido. Nós nos perguntamos como é possível sustentar que "Jesus" não representa a pessoa inteira. Nada na Bíblia sugere que Jesus seja apenas o nome de sua natureza humana. Se Jesus é a pessoa completa e morreu, ele não pode ser uma Deidade imortal. Parece que os trinitarianos sustentam que somente a Divindade é suficiente para fornecer a expiação necessária. Mas se a natureza divina não morreu, como é assegurada a expiação na teoria trinitária?

É difícil entender por que Deus, se assim o desejar, não poderia nomear um único ser humano concebido sem pecado como oferta suficiente pelos pecados do mundo. Não é convincente insistir que somente a morte de uma pessoa eterna pode expiar o pecado. As Escrituras não dizem tal coisa. Diz, no entanto, que Jesus morreu e que Deus é imortal. A inferência quanto à natureza de Jesus parece inevitável.

Mateus 1:23 (Isaías 7:14)

Mateus 1:23 (Isaías 7:14)

Às vezes afirma-se que o nome Emmanuel – "Deus conosco" – deu a Jesus a prova de que ele é Deus. Se fosse assim. Portanto, a criança nascida logo após a predição de Isaías ter sido dada nos dias de Acaz também teria sido Deus. O nome, porém, não nos diz que Jesus é Deus, mas sim que na sua vida Deus interveio para salvar o seu povo. Os pais que nos tempos do AT chamaram seu filho de Itiel (Provérbios 30:1) – "Deus está comigo" – não acreditavam que seu filho fosse uma Deidade. Nomes deste tipo indicam o evento divino associado à vida do indivíduo assim nomeado. Deus, o Pai de Jesus, estava de fato com Israel enquanto trabalhava através de Seu único Filho. Na vida de Jesus, o Filho de Deus, Deus visitou o seu povo. Um erudito trinitariano do século passado escreveu: "Afirmar que o nome Emanuel prova a doutrina [da Deidade de Jesus] é um argumento ilusório, embora muitos trinitarianos tenham insistido nisso. Jerusalém é chamada: "Jeová, justiça nossa". Jerusalém também é divina?" **[36]**

João 10:30

Neste versículo Jesus declarou ser "um" com o Pai. A palavra "um" neste texto muito discutido é o termo grego "*hen*". Não é o numeral masculino "*heis*" que descreve a divindade no credo cristão anunciado por Jesus (Marcos 12:29). É injusto que as Testemunhas de Jeová sejam por vezes atacadas nas apresentações populares da Trindade por dizerem apenas o que até os evangélicos conservadores admitem: "A expressão ["Eu e o Pai somos um"] parece… implicar principalmente que o Pai e o Filho Pai são unidos em vontade e propósito. Jesus ora em *João 17:11* para que seus seguidores sejam um (*hen*), isto é, unidos em propósito, como ele e seu Pai estão unidos". **[37]**

Isto é o que os unitaristas (e numerosos trinitarianos) têm defendido durante muitos séculos. O Erasmo Trinitariano viu o perigo de levar este versículo além do seu significado natural: "Não vejo como este texto tenha algum valor para confirmar a opinião dos ortodoxos, ou para conter a obstinação dos hereges". **[38]**

O significado da afirmação é completamente claro em seu contexto. Jesus estava falando sobre o Pai protegendo as ovelhas. Visto que o poder de Jesus deriva de Seu Pai, esse poder é capaz de manter as ovelhas seguras. Jesus e o Pai são um só no que diz respeito à proteção das ovelhas. João Calvino foi mais sábio neste ponto do que alguns dos expoentes modernos. Ele comentou que "os antigos usaram

indevidamente esta passagem para provar que Cristo é da mesma substância que o Pai. Pois [Jesus] não defende a unidade da substância, mas fala de seu acordo com o Pai; para que tudo o que for feito por Cristo seja confirmado pelo poder do Pai". **[39]**

Outra autoridade trinitária observa que "se a doutrina da Trindade e a unidade da essência forem imediatamente inferidas, esta é uma má aplicação do sistema dogmático, porque o contexto da passagem é abandonado". **[40]**

É costume que os trinitarianos presumam que a impressão judaica hostil das palavras de Jesus deve estar correta. Visto que o acusaram de blasfêmia e de "fazer-se igual a Deus" (*João 5:18*), argumenta-se que Jesus devia estar fazendo uma afirmação trinitária. É injusto presumir que os judeus avaliaram corretamente as palavras de Jesus. Se tivessem feito isso, Jesus não teria necessidade de se justificar ainda mais. Ele só precisava repetir que era de fato o Deus Supremo. Em Sua resposta muito rejeitada aos judeus irados (*João 10:34-36*), Jesus afirma: "Visto que magistrados e juízes são nas Escrituras expressamente chamados de 'deuses', é injusto acusar-Me de blasfêmia porque Eu, a quem o Pai nomeado "Como o Messias e, portanto, maior que todos os reis, superior a todos os profetas, anúncio a mim mesmo que sou o Filho de Deus, isto é, o Messias, que reflete perfeitamente a vontade de meu Pai". Jesus liga a sua própria autoridade à dos "deuses" humanos, a quem Deus assim designou (*Salmo 82:1, 6*). Admitindo que ele era muito superior a qualquer "autoridade divina" anterior, uma ideia correta de seu status será alcançada, assim sustentou Jesus, ao considerar que mesmo os líderes israelitas tinham o direito de serem chamados de "deuses". Jesus é a mais alta autoridade humana, completa e somente autorizada pelo Pai.

A convicção trinitária sobre a unidade de substância dá-lhes motivos para interpretar mal a descrição do "remetente/agente" de Jesus. Quando os homens viram Jesus, estavam vendo Deus; Ao acreditarem nele, eles estavam acreditando em Deus; Ao honrá-lo, eles estavam honrando a Deus e, ao odiá-lo, estavam odiando a Deus. **[41]** Nada disso requer uma explicação trinitária. João nos dá um belo retrato de um indivíduo humano milagroso em quem Deus investiu Seu Espírito e a quem Deus estendeu Sua autoridade e caráter – e tudo isso de uma forma nunca vista antes ou depois. Jesus é o único embaixador do único Deus. Não é que Deus se tornou um homem, mas que Deus providenciou no descendente prometido de David o homem que é a razão do Seu plano cósmico.

João 20:28

As conhecidas palavras de Tomé a Jesus, "Meu Senhor e meu Deus", são supostamente decisivas para a completa Deidade de Cristo. Jesus, porém, já havia negado ser Deus (veja acima em *João 10:34-36*). João distingue Jesus como um e único Deus, seu Pai (*João 17:3*). Os leitores do NT muitas vezes não percebem que a palavra "Deus" pode ser aplicada a um representante de Deus. Há boas evidências de que João incorpora em seu retrato de Jesus como Messias ideias extraídas do *Salmo Messiânico 45*. Em resposta a Pilatos, Jesus declarou que ele era um rei cuja tarefa era ser uma testemunha da verdade (*João 18:37*). Há um precedente no Antigo Testamento para este tema. O *Salmo 45* foi escrito em louvor ao Messias (*Hebreus 1:8*), que é chamado de "o mais poderoso", e nos exorta a "cavalgar em triunfo pela causa da verdade". O salmista antecipa que os inimigos do rei "cairão sob você" (*versículo 5*). O status real deste líder é enfatizado quando o escritor se dirige a ele com estas palavras "Ó Deus" (*Salmo 45:6*). A carreira do Messias delineada no *Salmo 45* reflete-se na observação de João de que os inimigos de Jesus recuam da sua afirmação de ser o Messias e "caíram por terra" (*João 18:6*). **[42]** O reconhecimento de Jesus por Tomé como "Deus" é um belo cumprimento do tratamento mais elevado dispensado ao rei de Israel nos Salmos. Nesse Salmo, o Messias é aclamado como o Senhor da igreja e "Deus". Mas o Messias "Deus" recebeu o nome de seu Deus, o único Deus infinito (*Salmo 45:7*).

O próprio Jesus estava interessado no uso da palavra "Deus" para designar governantes humanos (*João 10:34; Salmo 82:6*). O Messias tem todo o direito de ser chamado de "Deus" neste sentido especial, particularmente porque ele incorpora a "palavra" que é em si "*theos*" (*João 1:1*). É possível que João tenha

acrescentado uma declaração adicional sobre Jesus como "Deus". Ele declara que ele é (se esta for a leitura correta do manuscrito – o ponto é contestado) "filho único, 'Deus' [*theos*]" (*João 1:18*). Esta é a descrição messiânica final, que expressa o fato de que Jesus é a imagem do único Deus. Como Filho de Deus, porém, ele deve ser distinguido daquilo que não é derivado, a saber, Seu Pai. Permanece o fato de que João escreveu todo o seu livro para provar que Jesus era o Cristo (*João 20:31*) e que o Deus de Jesus é também o Deus dos discípulos (*João 20:17*). Uma ocorrência incomum de "*theos*" em referência a Jesus não deveria derrubar a insistência uniforme de João e Jesus no credo de Israel. É uma proposição injustificada (deve-se notar *2 João 9*) além da intenção de João de torná-lo o inovador da equação Cristo = "o Deus supremo". É suficiente acreditar em Jesus como o Messias, o Filho de Deus (*João 20:31*).

1 João 5:20

Alguns escritores que promovem a ideia de que o NT chama Jesus de Deus no mesmo sentido que seu Pai nos dizem que *1 João 5:20* diz definitivamente que Jesus é o verdadeiro Deus. O texto diz: "*E sabemos que já o Filho de Deus é vindo, e nos deu entendimento para que conheçamos ao Verdadeiro; e no que é verdadeiro estamos, isto é, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna*".

Muitos trinitarianos não acreditam que Jesus seja aqui descrito como verdadeiro Deus. *Henry Alford*, o ilustre expositor britânico e autor do famoso comentário sobre o *Testamento Grego*, refere-se a uma tendência que historicamente desempenhou um papel importante na interpretação da Bíblia. Ele observa que os Padres interpretaram *1 João 5:20* doutrinariamente e não exegeticamente. Em palavras simples, eles foram mais influenciados pelo desejo de defender a sua posição teológica já estabelecida do que pela determinação de dar o significado real do texto.

Alford compara a declaração de João sobre o único Deus em *1 João 5:20* com a estrutura de sentenças semelhantes nas epístolas de João. Ele também observa o paralelo óbvio em *João 17:3*, onde Jesus é cuidadosamente distinguido somente de Deus. Ele conclui que os expositores que buscam o significado claro desta passagem não verão a frase "Deus verdadeiro" como uma referência a Jesus, mas ao Pai. Este (*houtos*) na última frase de *1 João 5:20* não precisa se referir ao substantivo mais próximo (Jesus Cristo, neste caso).

Henry Alford cita duas passagens das epístolas de João para defender seu ponto de vista: "*Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? É o anticristo esse mesmo …*" (*1 João 2:22*). "*Porque já muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este tal é o enganador e o anticristo*" (*2 João 7*). A partir dessas duas passagens fica claro que "isto" não se refere necessariamente ao substantivo imediatamente anterior. Se fosse, isso faria de Jesus o enganador e o anticristo. O pronome "este" em *1 João 5:20* refere-se antes à frase anterior "Aquele que é verdadeiro", que descreve o Pai, não Jesus. Se compararmos *João 17:3*, veremos *1 João 5:20* como uma repetição desse versículo: "*Esta é a vida eterna, que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste*".

Em seu livro "*The Trinity in the New Testament*" (A Trindade no Novo Testamento), o trinitarista *Arthur Wainwright* chega à mesma conclusão. **[43]** Ele não acredita que Jesus seja chamado de verdadeiro Deus em *1 João 5:20*. *Henry Alford*, que tinha o mais alto respeito pelas Escrituras, conclui: "Eu mesmo não consigo ver, depois desta palavra de nosso Senhor: 'Tu és o único Deus verdadeiro' (*João 17:3*), como alguém pode imaginar que o próprio Apóstolo poderia ter tido nestas palavras (João 17:3) alguma outra referência além daquela que é dada nelas (*1 João 5:20*). **[44]**

Se pesarmos cuidadosamente as evidências, parece inquestionável que João nunca se afastou da crença num Deus unipessoal da sua herança do AT. Isto o coloca em sintonia com seu amado Mestre, que também nunca se desviou de sua devoção ao único Deus de Israel.

O argumento da história

Visto que as Escrituras são o árbitro final em questões de crença cristã, muitos podem não sentir necessidade de examinar o Trinitarianismo de um ponto de vista histórico. Será de interesse para outros saber que a doutrina da Trindade conforme solidificada em Nicéia (325 DC) e Calcedônia (451 DC) foi o produto final de um processo de desenvolvimento. É totalmente impossível demonstrar a crença em três pessoas coiguais e coeternas a partir dos escritos cristãos anteriores ao final do segundo século. Este fato é amplamente reconhecido pelos estudiosos trinitarianos. Os católicos romanos admitem francamente que a sua doutrina da Trindade lhes veio não da Bíblia, mas da tradição post-bíblica. Vale a pena ouvir o comentário do *Cardeal Hosier* do século XVI: "Acreditamos na doutrina do Deus Triuno porque a recebemos por tradição, embora não seja mencionada de forma alguma nas Escrituras". **[45]**

Os comentários de outro estudioso católico romano apresentam aos trinitarianos um desafio semelhante:

> Que o Filho seja da mesma essência do Pai ou consubstancial com Ele não se manifesta em nenhum lugar da Sagrada Escritura, em nenhum dos casos, por palavras expressas ou por dedução certa ou imutável. Estas e outras opiniões protestantes ninguém pode provar, a partir dos escritos sagrados, que a tradicional Palavra de Deus é posta de lado... As próprias Escrituras, em muitos lugares, parecem mostrar o contrário, a menos que a Igreja nos tenha ensinado o contrário. **[46]**

Alguns teólogos protestantes, embora permanecendo trinitários, admitiram a dificuldade de basear a Trindade na Bíblia:

> Deve-se reconhecer que a doutrina da Trindade, tal como proposta nos artigos da nossa Igreja na Inglaterra, da nossa liturgia, dos nossos Credos, não é ensinada com muitas palavras nas Sagradas Escrituras. O que professamos em nossas orações não lemos em nenhum lugar das Escrituras – que o único Deus, o único Senhor, não é uma pessoa, mas três pessoas em uma substância. Não existe tal texto nas Escrituras como este, que "a unidade na Trindade e a Trindade na unidade devem ser adoradas". Nenhum dos escritores inspirados afirmou expressamente que na Trindade ninguém é anterior ou posterior ao outro, nenhum é maior ou menor que o outro, mas que todas as três pessoas são coeternas e coiguais. **[47]**

Se a Trindade tem a sua origem na Bíblia, esperamos poder rastreá-la numa tradição inquebrável através dos primeiros escritores post-bíblicos. Mas isso pode ser efetuado? Há muitos no campo trinitariano que confessam a dificuldade de encontrar o Trinitarianismo nos escritos dos principais expositores da fé antes do Concílio de Nicéia. Os eventos foram documentados em um artigo informativo de *Mark Mattison*. **[48]** Citando fontes originais, bem como autoridades padrões, *Mattison* demonstra que o "Trinitarianismo" de Justino Mártir e Teófilo envolve um elemento claro de subordinação no Filho. Irineu, também do século II, fala do Pai como *autotheos*, Deus em si mesmo. A divindade do Filho deriva da divindade do Pai. Isto não é verdade para o Trinitarianismo desenvolvido, onde todas as três pessoas são coiguais. Tertuliano (160-225 DC) acreditava na preexistência do Filho, mas negou expressamente a sua eternidade: "Deus nem sempre foi Pai e juiz antes do pecado. Houve, porém, um tempo em que nem o pecado nem o Filho existiam". **[49]**

Outro influente Padre da Igreja, Orígenes (185-254 DC) não acreditava em Cristo como coigual ao Pai. Nos seus comentários sobre João, ele sustenta que "Deus, o "*Logos*", isto é, o Filho, é "superado pelo Deus do universo". **[50]** "O Filho não deve ser comparado em nenhum aspeto com o Pai, pois ele é a imagem de sua bondade, e o esplendor não de Deus, mas de sua glória e sua luz eterna", **[51]** Embora as origens tenham sido O primeiro a desenvolver a ideia do "Filho eterno", insiste na posição subordinada de Cristo. "O Pai que enviou Jesus é apenas bom e maior do que aquele que foi enviado". **[52]** Na verdade, *Orígenes* negou

que a oração deveria ser oferecida a Jesus e ensinou que ele não é objeto de adoração suprema. **[53]** O "*Oxford Dictionary of the Christian Church*" (Dicionário Oxford da Igreja Cristã) observa que as origens consideravam o Filho "divino apenas em um sentido inferior ao de seu Pai. O Filho é "*theos*" (deus), mas apenas o Pai é "*autotheos*" (Deus absoluto, Deus em si mesmo)". **[54]**

Os primeiros "Apologistas" e Padres da Igreja não eram Trinitarianos no mesmo sentido que o credo Niceno posterior. Este facto pode ser verificado lendo os escritos originais destes expoentes da fé ou consultando autoridades clássicas em história da igreja. Um estudioso alemão do século XIX escreveu: "o sistema doutrinário da igreja pré-Nicena é inconciliável com a letra e a autoridade das formulações de Constantino e, em geral, dos concílios bizantinos, e com os sistemas medievais construídos sobre eles". **[55]** Este facto é tão óbvio no século XXI. O "*Westminster Dictionary of Christian Theology*" (Dicionário Westminster de Teologia Cristã) afirma que o subordinacionismo "era de fato característico da cristologia pré-Nicena. *Orígenes*, por exemplo, pensava em termos de uma hierarquia de ser onde Deus Pai era o fundamental e que o "*Logos*" era o elo mediador entre o essencial e as essências criadas. **[56]** Tomando o ímpeto do Concílio de Nicéia, o Credo posterior de *Atanásio* atribuiu a igualdade completa às três pessoas da Divindade. Se o Trinitarianismo reivindica a "filiação eterna" de Cristo, os primeiros escritores bíblicos eram hereges, e até mesmo Orígenes ficou aquém do que seria um credo aceitável na maioria dos círculos trinitarianos hoje.

Conclusão

Parece que a exegese trinitária especializada frequentemente mina a tentativa de basear a Trindade nas Escrituras. Não há textos propostos em apoio à compreensão ortodoxa da Divindade que não tenha sido atribuída outra interpretação pelos próprios trinitarianos. A doutrina bíblica de Deus pode realmente ser tão sombria? Pode ser simples aceitar o "*Shemá*" de Israel e a sua crença num Deus unipessoal. Visto que este foi o credo falado pelo próprio Jesus, parece que temos uma afirmação absoluta de que é o credo cristão. Nada da glória do Filho se perde se ele for reconhecido como o único representante humano de Deus, para quem Deus criou o universo inteiro e a quem o Pai elevou à imortalidade. Sua posição como juiz da humanidade reflete o status exaltado de seu status como Messias, embora ele receba toda autoridade do Pai.

Notas Finais

[1] *Boston*: Munroe & Co.

[2] Veja também *Gênesis 42:33*: "o homem, que é o 'senhor' da terra."

[3] *W. Fulton*, "T*rinity*" (Trinde), em "*Enciclopedia of Religión and Ethics*" (Enciclopédia de Religião e Ética), 12:458.

[4] *W.T. Davidson*, "Deus (Bíblico e Cristão)", em Enciclopédia de Religião e Ética, 6:252-269.

[5] (InterVarsity Press, 1980), 571, ênfase adicionada.

[6] *Stuart Olyott*, "*The Three Are One*" (Os Três São Um) (Evangelical Press, 1979), 28, 29.

[7] "*Cristologia*", Dicionário da Igreja Apostólica, 1:185, ênfase adicionada.

[8] *Ibid*., 194.

[9] "*Theological Investigations*" (Investigações Teológicas), 143.

[10] "*The Birth of the Messiah*" (O Nascimento do Messias), 432.

[11] *Kenneth Wuest*, "*Great Truths to Live By*" (Grandes Verdades para Viver) (Grand Rapids, Eerdmans, 1952), ênfase adicionada.

[12] Ver *Atos 13:33*, citando o *Salmo 2:7; 2:7*. "Levantar" refere-se aqui mais naturalmente ao nascimento de Jesus, não à sua ressurreição. Paulo continua a referir-se à ressurreição de Jesus de entre os mortos no versículo seguinte. A KJV parece ter confundido a questão ao inserir a palavra "novamente" depois de "levantar" no *versículo 33*.

[13] *Atos 2:30* (Texto Rec.); *Atos 3:22; 3:26; 7:37*.

[14] "*Clarke's Commentary*" (Comentário de Clarke) (New Cork*: T. Mason e G. Lane*, 1837) sobre *Lucas 1:35*.

[15] *Moses Stuart*, "Answer to Channing" (Resposta a Channin), citado por *Wilson*, "Concessions" (Concessões), 315 (ênfase de Stuart).

[16] "*Grammatical Insights Into the New Testament*" (Introdução gramatical ao Novo Testamento) (Edimburgo: T&T Clark, 1965), 16. Um infeliz erro de digitação ocorre na declaração de *Negel Turner*. A palavra "não" é omitida antes de "repetido", invertendo a intenção de *Turner* de apontar que o artigo não precisa ser repetido para separar dois tópicos diferentes. Tivemos oportunidade suficiente para discutir este assunto com o falecido *Dr. Turner*.

[17] Ver *Raymond Brown*, "*Jesus God and Man*" (Jesus Deus e Homem), 15-18

[18] *Ibid*., 18. Comparar, A objeção de Nels Ferré de que este título implica um Jesus docético ("A base do Conselho Mundial é herética?" Expository Times 73:12 (dezembro de 1962): 67).

[19] *A.E. Humphreys*, "*The Epistles to Timothy & Titus*" (As Epístolas a Timóteo e Titus) (Cambridge University Press, 1895), 225.

[20] *Granville Penn*, "*Supplemental Annotations to the New Covenant*" (Anotações suplementares à Nova Aliança), 146. citado em "*Unitarian Principles Confirmed by Trinitarian Testimonies*" (Princípios unitaristas confirmados por testemunhos trinitários) de Wilson's, 431.

[21] Para um exame completo das diversas possibilidades, veja os ensaios no "*Journal of the Society of Bible Literature and Exegesis*" (Jornal da Sociedade de Literatura Bíblica e Exegese), 1883.

[22] "*Works*" (Obras), ed. Jean Leclerc, 10 vols. (Leiden, 1703-1706), 6:610, 611.

[23] "*Jesus, God and Man*" (Jesus, Deus e Homem), 22.

[24] "*Romans*" (Romanos), Comentários do Novo Testamento de Tyndale (Gran Rapids: Eerdmans, 1985), 176.

[25] "*Tyndale House*" (Casa Tyndale), 1966.

[26] *2 Reis 3:12; Jeremias 23:28* (Hebreus); *1 Reis 8:17; 2 Crônicas 6:7; Jó. 12:13,16; Jó 10:13*: "contigo" é paralelo a "escondido em seu coração", ou seja, "fixado em seu decreto". Veja também *Jó 23:10, 14*.

[27] *CFD Moule*, "*An Idiom Book of New Testament Greek*" (Um livro idiomático do grego do Novo Testamento) (Cambridge University Press, 1953), 116.

[28] *Dana e Mantey*, "*A Manual Grammar of the Greek New Testament*" (Manual de Gramática do Novo Testamento Grego) (Nova York: Macmillan, 1955), sec. 149.

[29] "*Qualitative Anarthrous Predicate Nouns: Marcos 15:39 y Juan 1:1*" (Substantivos Predicados Anartros Qualitativos: Marcos 15:39 e João 1:1), Journal of Biblical Literature 92 (1973): 87.

[30] *Ibid*., 85.

[31] *D.A. Fennema*, "*João 1:18: 'Deus, o Filho Único'*", New Testament Studies 31 (1985): 130.

[32] *Cartas do Diretor James Denny para W. Robertson Nicoll* (Londres: Hodder and Stoughton, 1920), 121-126.

[33] *C.C. Torrey*, "*The Four Gospels – a New Translation*" (Os Quatro Evangelhos – uma Nova Tradução) (Nova York: Harper, 1947, segunda edição).

[34] *Harner*, "*Qualitative Anarthrous Predicate Nouns: Marcos 15:39 y Juan 1:1*" (Substantivos predicados anartros qualitativos: *Marcos 15:39* e *João 1:1*), 87. A equivalência de "palavra" e "Deus" ele lista como "Cláusula A", *ho theos* em "*ho logos*", e está descrito na página 84 do seu artigo. A tradução "o Verbo era Deus" induz os leitores a acreditar que João está promovendo a ideia trinitária de que a palavra (e, portanto, Jesus) é equivalente ao Deus Supremo.

[35] **"***Christology of the Making*" (Cristologia em Proceso), 243.

[36] *Moses Stuart*, "*Answer to Channing*" (Resposta a Channing), citado em "*Concessions*" (Concessões), 236.

[37] *RVG Tasker, John*, "*Tyndale Commentaries*" (Comentários de Tyndale) (Grand Rapids: Eerdmans, 1983), 136.

[38] Citado por *Wilson*, "*Concessions*" (Concessões), 353.

[39] Citado por *Wilson*, "*Concessions*" (Concessões), 354.

[40] *CF Ammon*, citado por *Wilson*, "*Concessions*" (Concessões), 355.

[41] *João 14:9; 12:44; 5:23; 15:23.*

[42] Ver *Reim*, "*Jesús as God in the Fourth Gospel: The Old Testament Background*" (Jesus como Deus no Quarto Evangelho: O Contexto do Antigo Testamento), "*New Testament Studies*" (estudos do Novo Testamento) 30 (1984): 158-160.

XII. NÓS O MUDÁMOS POR OUTRO DEUS?

"No cristianismo mais antigo, a ortodoxia e a heresia não estão relacionadas entre si como primárias ou secundárias, mas em muitas regiões a heresia é a manifestação original do cristianismo" – *George Strecker*

Se Jesus fosse Deus, então ele sempre existiu, e uma discussão mais aprofundada sobre sua origem seria irrelevante. Em Nicéia, os argumentos sobre a origem de Jesus foram oficialmente estabelecidos. Sob a liderança de *Constantino* e dos teólogos gregos do século IV, a crença na Deidade consubstancial de Jesus tornou-se um ponto fundamental no sistema doutrinário da igreja, e assim permanece. Mas a emergente teoria trinitária apresentava um problema considerável para os teólogos: como explicariam uma Deidade de duas (e mais tarde três) pessoas e ao mesmo tempo sustentariam que existe apenas um Deus? A unidade que o Concílio de *Constantino* tentou promover acabou atolada em intermináveis debates sobre a natureza de Jesus. Se Jesus fosse Deus, e seu Pai fosse Deus, isso não seria dois deuses?

O ponto era uma fonte permanente de irritação. Os Docetistas apresentaram uma solução. Deus era um, aparecendo como Jesus em outra maneira de ser. Jesus, portanto, não era realmente uma pessoa diferente, mas Deus em outra forma. "Como o corpo de Cristo era um fantasma, o seu sofrimento e a sua morte eram uma mera aparência: 'Se ele sofreu, não era Deus. Se ele fosse Deus, ele não sofreu'." **[1]**

Outros raciocinaram que se o Pai tem um Filho, deve haver um tempo em que o Filho não existia. A decisão em Nicéia, em 325 d.C., e mais tarde no Concílio de Calcedônia, em 451, foi declarar Jesus "verdadeiro Deus do verdadeiro Deus" e plenamente homem ao mesmo tempo. O termo técnico para esta combinação de naturezas era "união hipostática". A doutrina da união das naturezas divina e humana em Cristo, as duas naturezas constituindo uma pessoa. A ideia de que Cristo era totalmente Deus e totalmente homem, entretanto, era em si contraditória para muitos. Eles objetaram que Deus é, por sua grande natureza, um ser infinito, enquanto o homem é um ser finito. Uma pessoa não pode ser um ser infinito e finito ao mesmo tempo. Além disso, o Jesus apresentado pelos evangelhos, especialmente nos registos de Mateus, Marcos e Lucas, é obviamente uma pessoa humana plena, distinta de Deus, seu Pai. Nem uma única palavra é dita por esses autores que ele é Deus, nem que ele pré-existiu ao seu nascimento.

Os tortuosos detalhes da disputa sobre a identidade de Cristo podem ser examinados em qualquer livro padrão de história da igreja. A batalha tornou-se acirrada sobre a natureza do Messias. Como poderia a sua humanidade resignar-se à noção agora profundamente enraizada de que ele também era Deus? E como, visto que o Jesus dos evangelhos era claramente uma pessoa diferente do seu Pai, poderia ser evitada uma acusação de politeísmo? O debate, embora dogmaticamente resolvido pelos concílios eclesiásticos, nunca foi deixado de lado. Tanto os leigos como os académicos de todo o mundo cristão continuaram preocupados com os termos aparentemente contraditórios destas decisões conciliares, para não mencionar a confusão de palavras confusas envolvidas na discussão. Como podem dois indivíduos separados (como obviamente são ao longo dos registos do NT), Pai e Filho, ambos Deidade completa, na verdade constituírem apenas uma Deidade? Geralmente tem sido mais seguro apenas aceitá-lo como é.

Discordar da ortodoxia trouxe uma severidade inexplicável. Aparentemente, a religião estabelecida não via nada de anticristão em expressar raiva contra os oponentes. Um dos muitos oponentes posteriores do Trinitarismo foi "um cirurgião unitarista" *Dr. George van Parris*… que se recusou a renunciar à sua fé. Foi dito sobre ele em seu julgamento perante o Arcebispo de Cantebury, *Thomas Cranmer*: 'que ele acredita que Deus, o Pai, é o único Deus, e que Cristo não é o verdadeiro Deus.'" Ele foi queimado até a morte pelos líderes da Igreja da Inglaterra em Smithfield, Inglaterra, em 25 de abril de 1551. **[2]**

Duzentos e cinquenta anos mais tarde, um ministro britânico não-conformista, *Joseph Priestley*, viu uma vida inteira de trabalho académico arder em chamas pelas mãos de uma turba em Birmingham, Inglaterra. Priestley foi vítima do incêndio que foi aceso pela decisão do concílio de Nicéia de suprimir todos os oponentes. Ele acreditava que Deus é uma pessoa e Jesus é um homem mortal, contrariando a decisão ortodoxa do Concílio de Constantino. Este brilhante cientista e ministro da religião, professor de grego e hebraico, chegou à conclusão de que muito do que havia sido ensinado como cristianismo não poderia ser apoiado pela Bíblia. Suas opiniões o levaram a ser atacado. Sua casa, biblioteca, laboratório, documentos e capela foram destruídos por uma multidão rebelde. Embora fosse um defensor ferrenho da Bíblia contra os ataques de críticos e detratores, seu desvio das crenças aceitas por seus colegas clérigos fez dele um anátema.

O que estes homens, e muitos outros que pagaram com as suas vidas, encontram na Bíblia que os levaria a ter uma convicção diferente sobre a natureza de Deus? Por que essa persuasão foi tão poderosa que eles estavam dispostos a desistir de tudo por ela? Porque é que os líderes religiosos se sentiram tão ameaçados que puniram os seus oponentes, condenando-os à morte? Por que ainda hoje, em muitos círculos, qualquer questionamento da Trindade provoca um alarme tão extraordinário?

Se houvesse pelo menos uma declaração bíblica ambígua para apoiar a ideia extraordinária de que a existência anterior do Filho de Deus, ele mesmo verdadeiramente Deus, tornou-se homem e foi ele mesmo o criador de tudo o que existe, não deveriam esses crentes sentir tal ideia uma confiança silenciosa? acompanhado de um sentimento de piedade e caridade para com o incrédulo ignorante? Por que a história regista tanta violência e raiva intensa enfurecida no crente trinitário em defesa de algo que até ele admite ser um mistério em grande parte enigmático?

É muito difícil acreditar que aceitar uma proposta tão incrivelmente difícil seja o único grande critério para a salvação. Um bispo ortodoxo da Igreja da Inglaterra do século XVII parece ter sido apanhado numa armadilha contra o seu melhor julgamento.

> Devemos considerar a ordem dessas pessoas na Trindade descrita diante de nós nas palavras de *Mateus 28:19*. Primeiro o Pai e depois o Filho e depois o Espírito Santo; cada um dos quais é verdadeiramente Deus. Este é um mistério em que todos somos obrigados a acreditar, mas temos mesmo de ter muito cuidado na forma como falamos dele, pois é fácil e perigoso errar na forma de expressar uma verdade tão grande como ela é. Se pensarmos bem, quão difícil é imaginar numericamente alguém de natureza divina sendo mais do que uma mesma pessoa divina. Ou três pessoas divinas como nada mais do que uma e da mesma natureza divina. Se falamos sobre isso, como é difícil encontrar palavras para expressá-lo. Se eu disser que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três, e cada um deles claramente Deus, isso é verdade. Mas se eu disser que existem três e cada um deles é um Deus diferente, isso é falso. Posso dizer que Deus Pai é um só Deus, e o Filho é um só Deus, e o Espírito Santo é um só Deus, mas não posso dizer que o Pai é um só Deus, o Filho é outro Deus, e o Espírito Santo é um terceiro. Deus. Posso dizer que o Pai gerou outro que é Deus, porém, não posso dizer que o Pai gerou outro Deus. Posso dizer que o Pai e o Filho são seguidos por outro que é Deus. No entanto, não posso dizer que outro Deus decorra do Pai e do Filho. Porque embora a sua natureza seja a mesma, as suas pessoas são diferentes; e embora suas pessoas sejam diferentes, sua natureza é a mesma. Assim, embora o Pai seja a primeira pessoa na divindade, o Filho a segunda e o Espírito Santo a terceira, ainda assim o Pai não é a primeira, o Filho a segunda e o Espírito Santo o terceiro Deus. É difícil expressar corretamente um mistério, ou encaixar uma verdade tão sublime com expressões adequadas e corretas a ela, sem de alguma forma se desviar dela. **[3]**

Se nos limitarmos às simples declarações dos documentos cristãos, qual é a sólida evidência bíblica da origem de Jesus? Não é óbvio que Jesus não pensava que ele era o criador, quando se referiu a Deus como aquele que "*Deus os fez macho e fêmea*" (*Marcos 10:6*)? Em *Hebreus 4:4* lemos que Deus descansou depois de todas as suas obras criativas. O escritor aos Hebreus menciona o Pai quando se refere a Deus (o termo "Deus" é usado, num sentido secundário, para Jesus em *Hebreus 1:8*). Jesus é apresentado dizendo que ele não era Deus (*Marcos 10:18*). Mesmo uma leitura rápida de Mateus e Lucas nos leva a concluir que Jesus veio à existência através do nascimento da virgem Maria (*Lucas 1:35*). Isso pareceria ser exatamente o que o AT esperava sobre o Messias, a menos que lemos nas Escrituras Hebraicas a ideia de uma pré-existência e a atribuamos erroneamente aos autores da Bíblia.

O breve resumo de Paulo sobre a história de Jesus não é uma declaração trinitária: "E sem dúvida, grande é o mistério da piedade; aquele que se manifestou na carne (isto é, como um ser humano) … foi recebido na Glória (*1 Timóteo 3:16*). Paulo afirma que Jesus foi revelado em carne. Uma declaração clara da maneira pela qual o salvador apareceu pela primeira vez ao homem. Esta era uma pessoa humana. Nenhum indício de pré-existência, como anjo ou como Deus, está implícito nesta figura concentrada do Messias. Alguns manuscritos inseriram a palavra "Deus" no lugar das palavras "aquele que". Os tradutores modernos admitem que a alteração é não autorizada e imprópria. É muito improvável que a palavra "Deus" fizesse parte dos manuscritos antigos. Tais interpolações, como as famosas adições espúrias trinitárias a *1 João 5:7*, que são omitidas pelas traduções modernas, sugerem que alguém estava tentando forçar uma nova ideia no texto original. Exatamente a mesma violência às Escrituras aparece na tradução Vulgata (latina) da Bíblia quando altera uma predição do Messias de "ele é o seu senhor" para "ele é o senhor seu Deus" (*Salmos 45:11*). A mudança simboliza uma perda fatal da identidade de Jesus como o Messias. As declarações de teólogos e historiadores que reconheceram a tragédia sofrida pelo cristianismo dos séculos IV e V poderiam preencher um volume inteiro. Um ex-professor de história da filosofia da Universidade de Viena escreveu:

> O Cristianismo hoje é como uma árvore, ou uma floresta se você quiser, no topo da montanha: Desenraizado por uma tempestade, de repente se vê como tinha pouco terreno para sustentá-lo... A razão para este fato alarmante é que o Cristianismo é não está enraizado no solo de onde veio – da piedade judaica, do medo do Deus judeu, do amor pela humanidade, do amor pelos prazeres terrenos, da alegria no presente e da esperança para o futuro. O Cristianismo colocou-se numa posição perigosa através da sua identificação com o estado político-religioso de *Constantino*. Desde o *Papa João XXIII*, tem havido algumas oportunidades reais para se libertar da influência de *Constantino*. **[4]**

Infelizmente, esta influência de *Constantino*, sem oposição, exceto por algumas vozes dissidentes, provou ser o cemitério da verdadeira unidade cristã. Podemos chamar de verdadeiramente cristão um corpo reunido em torno de uma síntese da verdade bíblica e da filosofia grega estrangeira, amalgamada com sistemas políticos gentios, crenças e costumes pagãos? Desde a época em que *Constantino* patrocinou os concílios eclesiásticos do século IV, a história testemunhou a longa agonia de um cristianismo dividido, dilacerado por conflitos sectários, com os mais vergonhosos conflitos sangrentos registados nos anais do homem. Há uma profunda ironia no facto de tal luta ter reivindicado o nome de Cristo. O bebê envolto em panos, descansando em uma manjedoura, foi apresentado ao mundo com um anúncio do exército celestial louvando a Deus, dizendo: "*Glória a Deus nas alturas, Paz na terra, boa vontade para com os homens* [Seu povo escolhido]" (*Lucas 2:14*). E embora a comunidade cristã, que deveria ter sido um exemplo para o mundo de paz entre os homens, tenha falhado miseravelmente, mesmo em sua própria casa, em demonstrar essa paz.

O próprio Jesus anunciou que "*não vim trazer paz, mas espada*" (Mateus 10:34). Ele estava plenamente consciente de que o seu Evangelho do Reino vindouro, concebido para incutir nos crentes o amor pela paz, pela verdade e pelo respeito pelo único Deus Criador, e para libertar as nossas mentes da armadilha do

medo e da superstição, não seria incorporado pacificamente. dentro de um sistema cheio de supressão e controle de seres humanos por membros seres humanos. Sob a bandeira do príncipe da paz, algumas das guerras mais cruéis foram travadas. O espetáculo de cristãos assassinando cristãos e a Igreja apoiando a tortura e a violência contra aqueles considerados hereges confirma a predição de Cristo de que "*vem mesmo a hora em que qualquer que vos* [verdadeiros cristãos] *matar cuidará fazer um serviço a Deus*" (*João 16:2*). Uma pesada responsabilidade deve recair sobre os ombros de todos aqueles que usaram o nome de Cristo para perpetuar sistemas de violência. A ética absoluta do amor de Jesus deveria ter evitado que os crentes entrassem na máquina de guerra, que muitas vezes envolvia a carnificina daqueles que afirmavam ser irmãos na fé. Afinal, não há nada de complexo na mensagem de Jesus de reverência ao único Deus, seu Pai, e de amor por todos, até mesmo pelo inimigo:

> O Evangelho foi dirigido a mentes claras e honestas, e mentes claras e honestas podem compreender as suas importantes e práticas lições. Os grandes princípios da religião natural são tão simples que nosso Salvador acreditava que os homens poderiam colhê-los dos pássaros do céu, das flores do campo e das nuvens do céu; e ele reclamou com aqueles que estavam ao seu redor, por que eles não julgavam por si mesmos o que era certo. O Evangelho era dirigido aos pobres, aos incultos, e destinava-se a homens iletrados para ensinarem outros. Seria muito estranho, portanto, se apenas os educados pudessem compreendê-lo ou explicá-lo. Na verdade, seus grandes e práticos princípios e caráter são muito simples, assim como aqueles que o encontram, que estudam nos ensinamentos e no exemplo de Jesus, e não no meio da confusão de linguagens, da hipercrítica, ou de polêmicas frívolas, preconceituoso, intolerante e furioso; e envolto em todos os aspetos metafísicos e misteriosos da controvérsia teológica. **[5]**

Os historiadores teriam dificuldade em encontrar um exemplo mais marcante de confusão e conflito eclesiástico do que as batalhas sobre o que e quem são Deus e Jesus, questões que surgiram formalmente nos séculos que se seguiram à escrita do NT e que levaram às trágicas decisões tomadas. na época do Concílio de Nicéia. Hoje evitamos matar dissidentes, a lei os protege. No entanto, eles podem ser punidos de outras maneiras. Aqueles que não concordam com os dogmas aceites são frequentemente condenados ao ostracismo e marcados como hereges por outros que afirmam ser os cães de guarda da ortodoxia. Ouvidos e mentes estão fechados ao que os dissidentes têm a dizer, como se algum tipo de conspiração satânica fosse lançado quando uma opinião contrária se tornasse pública. Poucos cristãos podem conceber a possibilidade de terem abrigado um erro de longa data. Fomos bem-ensinados pelos nossos professores a envolver a nossa verdade imaginada com uma armadura protetora, mesmo quando isso pode ser um erro insustentável. Estamos propensos a dar consentimento inquestionável à tradição santificada da Igreja. Muitas vezes somos dominados pela autoridade e pelo título. Raramente paramos para considerar que a liderança religiosa está nas mãos daqueles que se conformaram com o padrão prevalecente ou pensamento aceitável e foram recompensados pela sua ortodoxia. Mas será que todos os nossos atuais sistemas denominacionais, entre os quais existem sérios conflitos e desacordos, podem representar fielmente Deus e a verdade? Um estudioso bíblico britânico e autor de artigos de revistas sobre cristologia admitiu numa correspondência que "minha experiência tem sido que a cristologia é um assunto sobre o qual alguns não são tão francos como deveriam ser, especialmente se, como religiosos, estão formalmente comprometidos com os credos tradicionais".

A insistência da teologia de que devemos acreditar numa teoria não comprovada de que três é um e um é três – uma teoria que ela admite não poder ser explicada ou compreendida – impôs um fardo insuportável ao Cristianismo e sobrecarregou o bom senso de qualquer um que tenta adorar a Deus tão sensatamente quanto a mente pode reunir, como ele é instruído a fazer. Impor uma aura de santidade sobre um conceito não comprovado e antibíblico, porque os teólogos do século IV, em aliança com um imperador "cristão", ditaram os termos do credo, promove uma aceitação cega do dogma em vez da busca honesta pela verdade bíblica.

O Cristianismo apontou acertadamente um dedo corretivo ao mundo secular pela sua tentativa de impor a teoria não comprovada da evolução à humanidade. Os cristãos têm exposto com extraordinária acuidade e alertado os seus irmãos crentes sobre as origens orientais do movimento contemporâneo da Nova Era. Embora o Cristianismo não tenha reconhecido que escondeu no seu próprio sistema doutrinário uma teoria sobre Deus que o aliena das suas raízes na teologia hebraica e em Jesus, cuja compreensão de quem é Deus foi moldada pelos profetas de Israel, não pela filosofia ou igreja conselhos.

Foi dito aos cristãos que *Constantino*, que está ligado ao concílio que estabeleceu a crença trinitária, foi convertido ao cristianismo. O que realmente aconteceu foi completamente o oposto. Este astuto gigante político colocou o Cristianismo sob suas asas para promover seus objetivos políticos. Um grande número de cristãos acabou por se abrigar sob a proteção do sistema de *Constantino* e desde então tem desfrutado de uma relação harmoniosa com os poderes políticos. O Cristianismo chegou a *Constantino* e juntou-se a uma coligação político-religiosa cujo patrono continuou a ter moedas cunhadas em honra do seu Deus – o "*Sol Invictus*", o deus do sol, e não o Deus dos primeiros cristãos. Estes são os factos verificáveis da história, apesar das tentativas dos apologistas de reinterpretar os factos de uma forma que realce a imagem cristã de Constantino. Poucos parecem estar conscientes do acordo da Igreja com o paganismo e do compromisso com a verdadeira reverência ao Deus de Abraão, Isaque e Jacó. O Filho de Deus ressuscitado teve que competir com o invencível deus sol, "*Sol Invictus*", o deus de *Constantino*.

O Cristianismo fechou os olhos para a realidade e simplicidade bíblica quando decidiu que duas ou três pessoas constituem o único Deus. A promoção desta Divindade múltipla foi um dos grandes sucessos ideológicos já alcançados. Isto foi conseguido com a ajuda da coerção, da espada, da tortura e do enorme peso da pressão da coligação do clero e do Estado unidos numa aliança profana e beneficiando de um conceito misterioso. Chamar-se a si mesmos de Sacro Império Romano, no entanto, mal refletia sua verdadeira natureza.

No Concílio de Nicéia, Constantino não só excomungou e exilou qualquer pessoa que se recusasse a conformar-se, mas também tomou a precaução de queimar quaisquer cartas de reclamação e disputa. Esta foi uma supressão trágica de acontecimentos indesejados, e a história está repleta de exemplos paralelos. Ao promover Jesus como outro Deus, além do Pai – o Cristianismo, na verdade, "trocou por outro Deus" (*Salmo 16:4*). Foi à custa da sua vergonha e arrependimento que o Cristianismo trocou o homem histórico, Jesus, o Messias, cujo desejo, como único agente humano de Deus, era conduzir os homens ao único Deus, e colocou o Deus-homem no seu lugar. A mitologia grega triunfou sobre a teologia hebraica. Assim, o Cristianismo vendeu o seu direito de primogenitura.

A religião estabelecida não conseguiu aceitar a Cristo ou a sua mensagem durante a sua breve estadia na terra. Nem a sua mensagem do Evangelho do reino de Deus encontrou ampla aceitação entre os clérigos daquele tempo em diante. Jesus foi transmutado no Deus-homem, uma figura menos que humana, uma construção metafísica do gênio especulativo grego, e não no homem Messias, Rei de Israel, descrito pelos documentos cristãos. Perdida na confusão teológica estava a realidade do Messias humano que realmente morreu e foi ressuscitado para a imortalidade como um exemplo para a humanidade, iluminando o caminho para outros que pudessem segui-lo no caminho da imortalidade através da ressurreição no Reino de Deus na terra que será inaugurado na volta de Jesus.

Quando o Cristianismo adotou uma Deidade de mais de uma pessoa, inadvertidamente flertou com a idolatria. Ele embarcou num curso de anarquia ao abraçar "outro Deus" à parte do único Deus verdadeiro, o Pai. O Cristianismo quebrou assim o primeiro mandamento e continuou no mesmo caminho problemático, inconsciente da fonte dos seus problemas intratáveis. Pode-se argumentar que o peso líquido da multidão que concorda com o conceito da Trindade é evidência suficiente para a veracidade da crença. Como todas essas pessoas poderiam estar erradas? Em resposta, poder-se-ia perguntar: quando foi que a mentalidade da maioria julgou o certo e o errado? É a Terra plana ou o centro do universo? Os protestantes permitiram que toda a Igreja se comportasse mal durante cerca de mil anos antes de *Lutero* apelar ao regresso às Escrituras. Há razões para acreditar que a Reforma ainda precisa continuar. A adoção da doutrina do sono dos mortos

por *Lutero* aponta para um elemento no processo de restauração que seus seguidores consideraram muito radical para a época. Certamente a doutrina da Trindade é digna de uma inspeção minuciosa para ver se isso não pode ser parte da nossa herança dos Padres da Igreja e dos concílios, e não da Bíblia.

Até mesmo a sugestão de que Jesus não é Deus no mesmo sentido que o Pai parece para alguns ser um ataque imperdoável às Escrituras. Embora o próprio Jesus tenha esclarecido que só existe um Deus, e que ele chamou esse Deus de Pai. Ele sempre se distinguiu de Deus afirmando ser Seu mensageiro. Ele protestou que não era Deus, mas o Filho de Deus (*João 10:34-36*). Jesus foi continuamente referido como homem pelos escritores do NT, mesmo depois de sua ressurreição. Nenhum escritor jamais se referiu a Jesus como "o único Deus verdadeiro" ou o incluiu na frase "único Deus verdadeiro". Jesus e Deus são expressamente diferenciados sempre que são mencionados juntos. São duas pessoas separadas e distintas. Existem cerca de 1.350 textos unitários no NT, além de milhares no AT. Isso ocorre a cada momento em que o Pai é chamado de Deus. Jesus certamente é chamado de Deus (mas num sentido diferente) apenas duas vezes (*João 20:28; Hebreus 1:8*). *João 1:1, 14* afirma que a "palavra" que (não, quem) era totalmente expressiva de Deus – *theos* – tornou-se um homem, o homem Jesus. O uso constante de "Deus" para o Pai dificilmente sugere que Ele e Jesus devam ser considerados "co igualmente Deus". No AT, referências a Deus com pronomes pessoais singulares ocorrem cerca de 11.000 vezes, informando-nos que Deus é um indivíduo simples.

Tão vulnerável ao ataque é a fórmula calcedônia que declarou Jesus "verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado, não criado, de uma substância com o Pai" e "O muito perfeito em Divindade, o muito perfeito em humanidade, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem", que um estudioso católico romano afirma que "a exigência de uma reavaliação completa da crença da Igreja em Cristo nos dias atuais é de natureza urgente". **[6]**

Baillie admitiu "que um grande número de pessoas atenciosas que se sentem atraídas pelo Evangelho atualmente ficam completamente perplexas com a doutrina da encarnação – a ideia de que Deus simplesmente apareceu em Jesus em outra forma – muito mais do que nós, teólogos. Entender". **[7]** Um dos principais porta-vozes do evangelismo cristão fundamentalista comentou numa transmissão nacional de televisão que nenhum teólogo foi capaz de lhe explicar com sucesso a doutrina da Trindade. Isto parece implicar que se deve simplesmente depositar confiança pessoal nos decretos dos Padres da Igreja dos séculos IV e V de que assim é. Mas podemos fazer a pergunta: Quem deu a esses teólogos gregos o direito de decidir a teologia cristã para sempre? Quem os investiu com o poder de declarar infalivelmente que a Deidade consiste em três pessoas eternas?

Uma vez negada a crença em Deus como uma única pessoa, a especulação tornou-se abundante. O único Deus supremo dos hebreus já não governava sem rival nas mentes dos crentes. Paulo documenta a tendência persistente da mente humana de trocar o verdadeiro Deus por outras divindades:

> "*Porque… desde a criação do mundo... tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem, e claramente se veem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis; Porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. Pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém*" (*Romanos 1:20, 21, 25*).

Agora falamos sobre o quão grande é a Mãe Natureza. Removemos Deus, o Pai, o Criador, do nosso pensamento. Se alguém fizer o que quer, não seria mais aceitável falar de Deus como Pai, para não parecermos machistas. A perda de uma perceção clara do Deus único abriu as comportas do chamado pensamento da Nova Era; cada homem se declara um deus aguardando a autodescoberta. A filosofia não é realmente nova. É um antigo conceito oriental apresentado pela primeira vez a Adão e Eva com as palavras:

"*Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus*" (Gênesis 3:5). A busca pelo conhecimento é apropriada, mas deve ser o verdadeiro conhecimento do verdadeiro Deus. Todo o resto é em vão.

O desvio para o politeísmo foi inevitável, uma vez que o Deus da Bíblia foi rejeitado. O Cristianismo cumpriu a predição do salmista David quando ele diz: "*As dores se multiplicarão àqueles que fazem oferendas a outro deus*" (*Salmo 16:4*). Como o Apóstolo Paulo advertiu a Igreja do Primeiro Século: "*Porque, se alguém for pregar-vos outro Jesus que nós não temos pregado… com razão o sofreríeis*" (*2 Coríntios 11:4*). É impossível encontrar um Deus/Filho pré-existente nos escritos de Paulo, exceto rejeitando suas principais declarações de credo a respeito do Filho de Deus, "*que nasceu da descendência de Davi segundo a carne*" (*Romanos 1:3*; compare, *Gálatas 4:4*). O verbo usado por Paulo significa simplesmente "vir à existência", "vir à existência", isto é, de uma mulher (*Gálatas 4:4*), ela mesma descendente de Davi (*Romanos 1:3*). Paulo mantém firmemente o seu monoteísmo judaico irrestrito, um credo que declara nos termos mais simples que "*Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo* ***homem***" (*1 Timóteo 2:5*). E que não há Deus senão o Pai (*1 Coríntios 8:4, 6*).

Quando o Cristianismo proclamou "outro Jesus" que era "Deus verdadeiro", automaticamente pregou "outro Jesus" que se tornou parte de um triângulo divino. O Deus do AT que disse através de Isaías: "*para que o saibais, e me creiais, e entendais que eu sou o mesmo, e que antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá... a minha glória, pois, a outrem não darei*" (*Isaías 43:10; 42:8*) era um ser único nas mentes dos judeus e da Igreja do primeiro século.

O Cristianismo começou a adorar como um Deus que foi criado. A fé caiu assim na idolatria. Os leitores da Bíblia negligenciaram notar que Cristo foi chamado Filho de Deus *por causa de sua conceição sobrenatural* (*Lucas 1:35*). Jesus veio à existência no ventre de sua mãe e, portanto, era parte da criação, não o criador. Os credos oficiais sancionavam a crença em "outro Jesus" e "outro Deus". À menor evidência, como, por exemplo, a crença de Paulo de que Deus enviou seu Filho, propagou-se a ideia de que Jesus existia antes de seu nascimento. *James Dunn* aponta o problema:

> É possível que nas duas passagens onde ele fala de Deus enviando Seu Filho (*Romanos 8:3* e *Gálatas 4:4*) ele quisesse dar a entender que o Filho de Deus era pré-existente e veio a encarnar como Jesus, mas isso é provável que, de facto, possivelmente mais provável, o significado de Paulo não se estendeu muito longe e nestes pontos *ele e os seus leitores simplesmente pensaram em Jesus como alguém comissionado por Deus; como alguém que compartilhou plenamente a fraqueza, a escravidão e o pecado do homem, e cuja morte cumpriu o propósito de Deus de libertação e transformação do homem*. **[8]**

É claro que os trinitarianos exercem uma pressão considerável sobre certos "textos de prova" oferecidos como prova da pré-existência de Cristo. "*Elohim*" não dá nenhuma evidência de pluralidade na Deidade Hebraica. "Enviado por Deus" não prova que você viveu uma vida no céu antes de vir à Terra. Nas escrituras, os profetas e João Batista foram "enviados". Jeremias era pré-reconhecido, mas não pré-existente. **[9]** Jesus foi primeiro trazido à existência e depois enviado (*Atos 3:26*). Isto é comissionamento após o nascimento, e não chegada de uma existência pré-humana.

Uma Distorção Firmemente enraizada do Monoteísmo

O problema oculto que a igreja enfrenta hoje é o erro na sua compreensão de Deus que a invadiu a partir das filosofias gentias. A Igreja primitiva lutou e perdeu a batalha pela crença no Deus unipessoal. Mas com uma determinação proposital, um novo olhar para a evidência sólida da Bíblia, podemos descobrir que o conceito do Deus Triuno se torna pouco mais do que um grande mito teológico. Os trinitarianos estão

desesperados para produzir uma única passagem na Bíblia onde a doutrina da Trindade seja claramente declarada. Se aceitarmos as palavras do fundador do Cristianismo pelo seu valor nominal, a crença na Trindade desafia o seu ensinamento sobre a lei mais importante e o ponto focal de toda a religião verdadeira – a crença no Deus que é um ser único e indivisível. Antes de todas as outras considerações vem a questão do "primeiro mandamento de todos", "ouvir" e crer no Deus de Israel que é "*o único Senhor*" (*Marcos 12:29*, Bíblia da Nova Jerusalém). Paulo segue Jesus quando declara que não há Deus senão o Pai (*1 Coríntios 8:4, 6*).

Isso nos leva à importante questão: aquilo em que acreditamos realmente importa? Um dos conceitos mais devastadores que podem invadir a Igreja moderna é que as crenças de uma pessoa são insignificantes enquanto ela ama a Deus e ao próximo. Afinal, todas as versões religiosas não promovem a adoração do mesmo Deus? O facto bíblico claro é que as Escrituras insistem na verdade, distinta do erro, como base da adoração e da própria salvação. Paulo vinculou expressamente a salvação a uma compreensão correta da identidade de Deus e Jesus: "*Porque isto é bom e agradável diante de Deus nosso Salvador, Que quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade. Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem*" (*1 Timóteo 2:3-5*). A conexão entre a crença bíblica correta, isto é, ortodoxa, e a salvação é inevitável aqui, como também nas declarações de Paulo, onde "crer na verdade" é nitidamente contrastado com ser mau, e onde a salvação depende da receção do "amor" da verdade". (*2 Tessalonicenses 2:10-13*).

O profeta Jeremias não tinha nenhuma ilusão sobre a importância de conhecer o Deus de Israel quando disse: "*Assim diz o SENHOR: Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem se glorie o forte na sua força; não se glorie o rico nas suas riquezas, Mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me entender e me conhecer…*" (*Jeremias 9:23, 24*). Ele prosseguiu declarando que, "Mas Jeová é o verdadeiro Deus", uma verdade que foi repetida por Jesus séculos mais tarde, quando disse: "*E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste*". (*João 17:3*).

Com surpreendente consistência, a Bíblia insiste na personalidade única do único Deus, criador e Pai, e na necessidade de conhecer este único Deus, o Pai, e o Seu Filho, o Messias. Estes textos estritamente monoteístas dissipam qualquer ideia de que possa haver mais de alguém que seja verdadeiramente Deus. As Escrituras opõem-se à ideia de que somos livres para acomodar a nossa conceição de Deus ao ambiente cultural, não importa quão bem-intencionados sejam os nossos propósitos. Fazer isso seria cortejar o paganismo e o inevitável politeísmo, que é a ruína da verdadeira fé.

Os cristãos de todo o mundo são desafiados a enfrentar a velha questão: "O que é a verdade?" Quando dois pontos de vista conflitantes se apresentam, é responsabilidade de quem busca a verdade determinar qual deles, se for o caso, é a verdade. Não ousamos escapar à força do desafio afirmando que a verdade é ilusória ou inatingível. Isto seria abraçar o questionamento familiar de Pilatos no julgamento de Cristo, quando perguntou a Jesus: "*O que é a verdade*?" (*João 18:38*). Mais do que uma questão genuína, esta era uma filosofia que rejeitava a crença de que a verdade absoluta é alcançável. Ela deu a entender, num estilo pós-iluminista, que a opinião de alguém é tão válida quanto a de outra. Ela ignorou a declaração que Jesus acabara de fazer de que viera ao mundo com o propósito preciso de dar testemunho da verdade (*João 18:37*). Dizer que toda verdade é relativa nega a promessa de Jesus de que "*E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*" (*João 8:32*).

O apóstolo Paulo nunca admitiu, nem por um momento, que o erro de outra pessoa tivesse o mesmo valor que a sua verdade. A sua severa advertência à igreja em Tessalónica sobre um grande engano que se aproximava no mundo, que causaria a ruína daqueles que não amavam a verdade, não deveria passar despercebida. Ele afirma claramente que é o próprio Deus quem vai enviar sobre eles um poderoso engano para fazê-los acreditar numa mentira "*porque não receberam o amor da verdade para se salvarem*" (*2 Tessalonicenses 2:10, 11*). Ele repetiu sua advertência a Timóteo de que chegaria um tempo em que "as pessoas não suportariam a sã doutrina", mas ouviriam apenas aqueles que agradassem aos desejos humanos. Como resultado, eles deixarão de ouvir a verdade e se voltarão para os mitos (*2 Timóteo 4:3-5*). Ele não

estava falando sobre pontos teológicos menores, mas sobre sérios erros e mitos que levariam à cegueira espiritual, a falsos objetivos, a falsos deuses, à desobediência a Deus e à morte. Dezanove séculos depois, um observador astuto da Igreja contemporânea quererá saber por que existe tal fragmentação na questão mais ampla da identidade do único Deus e Jesus. Podemos traçar a origem do problema até uma fratura na mais preciosa de todas as crenças de que existe um Deus, o Pai, e nenhum outro além Dele (*1 Coríntios 8:4, 6*). *John Locke* acreditava que a teologia tradicional era inútil porque não se preocupava principalmente com a verdade. Ele defende esse ponto de forma poderosa em seu ensaio "*Concerning Human Understanding*" (Sobre a compreensão humana), escrito em 1661:

> Aquele que estiver seriamente determinado a buscar a verdade deverá, em primeiro lugar, preparar a mente com amor por ela. Porque quem não ama não trabalhará muito para consegui-lo; nem ficará muito preocupado quando a perder. Não há ninguém na comunidade que não professe ser um amante da verdade; e não há criatura racional que não ficaria mal se fosse considerada de outra forma. E, no entanto, apesar de tudo isto, pode-se dizer verdadeiramente que há muito poucos amantes da verdade pela verdade, mesmo entre aqueles que se convencem de que o são. **[10]**

Após a análise da perspetiva do Cristianismo e a exposição do perigo da teologia da Nova Era no nosso tempo, é agora tempo de desviar a nossa atenção do seu exame no seu próprio campo e considerar a invasão do paganismo que data do século II. A influência da filosofia grega que *Canon Goudge* descreveu como um "desastre do qual a Igreja nunca se recuperou". **[11]** permanece em grande parte despercebido pela maioria dos cristãos sinceros. Isso ainda afeta a fé em sua essência. É ingênuo supor que podemos traduzir o conceito hebraico bíblico de Divindade, considerado o fundamento da verdadeira fé por Jesus, para o pensamento grego sem o risco de danos desastrosos.

É fantasioso pensar que os sistemas Trinitário e Binitário, que afirmam ter as suas raízes na Bíblia, possam realmente harmonizar-se com o Unitarismo estrito de Jesus e das Escrituras. A objeção persistente dos Judeus de que o Cristianismo traiu as suas origens ao corromper a doutrina fundamental de Deus deve ser admitida.

Nem deveriam ser ignoradas as observações penetrantes dos historiadores contemporâneos. Os historiadores têm uma maneira de ver a verdade com clareza, enquanto os teólogos tendem a ter a visão turva pela traição. *Ian Wilson* testemunha contra a maneira irracional como a Trindade ainda governa, apesar da ignorância do próprio Jesus sobre qualquer ensinamento desse tipo. Ele escreveu:

> Se Jesus quisesse instituir uma fórmula para o ensino da religião, houve um momento, descrito no evangelho de Marcos, em que ele teve a oportunidade perfeita para fazê-lo. Ele é informado que um escriba lhe perguntou: Qual é o primeiro de todos os mandamentos? Foi uma ocasião em que Jesus poderia ter dado uma daquelas reviravoltas características, trazendo algo novo, algo que o envolvesse, se ele realmente quisesse que acreditássemos que ele era membro da Trindade, em igualdade de condições com Deus Pai. Em vez disso, concentrou-se sem hesitação nas suas raízes judaicas tradicionais. **[12]**

Ao citar o "*Shemá*" – "*Ouve Israel*" – Jesus estava afirmando com a maior ênfase possível o dogma fundamental da crença verdadeira. Somos convidados a acreditar apenas que o credo de Cristo é o credo cristão, vinculativo, portanto, a todas as igrejas cristãs. Se o "*Shemá*" for incompatível com o Trinitarianismo, o credo de Jesus não se encaixará no nosso credo ortodoxo. Muitos fiéis agem como se Jesus (para parodiar o Sermão da Montanha) dissesse em algum lugar: "Vocês ouviram o que foi dito: 'O Senhor vosso Deus é o único Senhor', mas eu vos digo, Ele é três em um".

O primeiro passo para a recuperação do cristianismo bíblico será um reconhecimento honesto de que Jesus era judeu e que, como tal, confirmou a teologia dos profetas de Israel. A história do fracasso de Israel em conhecer a Deus baseia-se precisamente na sua incapacidade de se ligar ao Deus unipessoal, o Criador do céu e da terra. Enquanto Israel caiu nas mãos dos assírios e da Babilônia, a Igreja Cristã foi capturada pelo mundo sedutor da filosofia grega. Ela abandonou o Deus de Israel. O "*Israel de Deus*" (*Gálatas 6:16*; compare com *Filipenses 3:3*), o novo povo cristão, abandonou de forma muito irracional o credo de Israel.

Quando o Cristianismo modificou o seu credo original e adotou a crença num Deus composto por três pessoas, trocou-o por outro Deus – para seu detrimento multiplicado. Desse desastre, somente uma recuperação incondicional da crença bíblica em um Deus, o Pai, em Jesus como o Senhor Messias, e em sua mensagem do Evangelho do Reino de Deus **[13]** pode levar às glórias de um novo dia.

Notas Finais

[1] *Paul Johnson*, "*A History of Christianity*" (Uma História do Cristianismo), 90.
[2] *G. H. Williams*, "*The Radical Reformation*" (A Reforma Radical), 779, 780.
[3] *Bishop Beverage*, "*Private Thoughts, Part 2*" (Pensamentos privados, Parte 2) 48,49, Citado por *Charles Morgridge*, "*The true Believer's Defense Against Charges Preferred by Trinitarians For Not Believe in the Deity of Christ*" (A defesa do verdadeiro crente contra as acusações preferidas pelos trinitarianos por não acreditar na divindade de Cristo) (Boston: B. Greene, 1837), 16.
[4] *Frederich Heer*, "*God's First Love*" (O Primeiro Amor de Deus) (Weidenfeld e Nicolson, 1970), xiv, xv.
[5] *Valedictory*, de los Sermones por *Henry Colman* (n.p., 1820), 322, 323.
[6] *Aloys Grillmeier*, SJ, "*Christ in Christian Tradition*" (Cristo na Tradição Cristã) (Atlanta: John Knox Press, 1975), 1:557.
[7] "*God Was in Christ*" (Deus estava em Cristo), 29.
[8] "*Christology in the Making*" (Cristologia em formação), 46, grifo nosso.
[9] Compare *Jeremias 1:5* com *1 Pedro 1:20* e veja *Jeremias 1:7; 7:25; João 1:6*.
[10] Citado por Paul Johnson em "*A History of Christianity*" (Uma História do Cristianismo), 355.
[11] "*The Calling of the Jews*" (O Chamado dos Judeus), na coleção de *Ensaios Sobre Judaísmo E Cristianismo*.
[12] "*Jesus, the Evidence*" (Jesus, a Evidência), 176, 177.
[13] *Mateus 4:17, 23; 9:35; 13:19; 24:14; Marcos 1:14,15; Lucas 4:43; 8:1, 12; 9:2, 6, 11; Atos 8:12; 19:8; 20:25; 28:23, 31; 2 Timóteo 4:1, 2*. Para um exame do evangelho cristão a respeito do Reino de Deus, veja Anthony Buzzard, "*The Coming Kingdom of the Messiah: A Solution to the Riddle of the New Testament*" (O vindouro reino do Messias: uma solução para o enigma do Novo Testamento) (Restoration Fellowship, 1998).

XIII. UM APELO POR UM RETORNO AO CRISTO BÍBLICO

"Devo informar-te, leitor, sobre a origem da doutrina da Trindade: podes assegurar-te de que não provém das Escrituras nem da razão." – William Penn

O Evangelho de João maltratado pelos Padres da Igreja

Grande parte da linguagem teológica tradicional sobre a natureza de Jesus baseia-se numa "reinterpretação" da Bíblia, especialmente do Evangelho de João. Mas é uma reinterpretação que altera o significado do original. John Robinson diz que "está claro que a teologia patrística de qualquer escola abusou desses textos [em João], tirando-os do contexto e *dando-lhes um significado que João claramente nunca pretendeu*". **[1]** Dito de outra forma, o Evangelho de João foi assumido pelos **[2]** gnósticos". A tendência assim introduzida está connosco até hoje.

Os textos que sofreram violência nas mãos dos Padres da Igreja foram aqueles que tinham a ver com a origem de Jesus. As palavras de João receberam novos significados para dar suporte à noção de que Jesus era o eterno Filho de Deus, em vez de um ser humano concebido sobrenaturalmente como o Filho de Deus no ventre de sua mãe, conforme registado por Mateus e por Lucas. A transição ocorreu quando a cristologia foi exposta de forma modificada em termos da filosofia grega que eram incompatíveis com os documentos bíblicos. A "linguagem funcional sobre o Filho e o Espírito sendo enviados ao mundo pelo Pai foi *transposta* para a das relações eternas e internas entre as Pessoas na Divindade e palavras como 'geração' e 'processão' convertidas em termos técnicos que o novo o uso do NT simplesmente não confirmará". **[3]**

Agostinho, quando confrontado com *João 17:3*, onde o monoteísmo unitário de João é mais claro, foi forçado a sugerir uma alteração do texto para incluir Jesus Cristo na frase "único Deus verdadeiro". Ele propôs reestruturar o versículo: "*Esta é a vida eterna, que te conheçam e a Jesus Cristo, a quem enviaste, como o único Deus verdadeiro*". **[4]** Agostinho herdou uma tradição na qual o monoteísmo bíblico foi expandido para incluir uma segunda pessoa como o Ser Supremo.

A alteração da Escritura por Agostinho para se adequar ao seu sistema é o resultado inevitável da tentativa de explicar as Escrituras essencialmente hebraicas em termos do pensamento do mundo estranho da filosofia grega. Essa tentativa deve ser abandonada. A filosofia grega pensa em termos de "essência". As coisas estão relacionadas porque são da mesma "matéria". Os objetos que são verdes bebem da essência do "verde". Assim, teólogos post-bíblicos argumentaram que o Pai, o Filho e o Espírito Santo compartilham uma qualidade comum de "*Deusiade*" (Divindade). dados bíblicos. Isso obscurece os contornos nítidos da definição bíblica do único Deus, seu Filho e o Espírito Santo. Parece-nos que a doutrina da Trindade seria como dizer que um avião, um carro e um triciclo são essencialmente a mesma coisa. Eles têm a qualidade comum de "transporte". Há verdade nisso, mas não é toda a verdade. Essas três coisas são realmente muito diferentes. É aquela diferença entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo que é inundado pelo dogma de que todos eles são "um só Deus." O facto de o Filho de Deus ter um início, de acordo com Lucas, foi esmagado pelo ensino de que o Filho nunca teve um início. A influência da filosofia grega tem sido um desastre, especialmente porque produziu tentativas desesperadas de dividir injustamente o texto da Bíblia no molde prescrito de credos posteriores.

Documentando esta mudança de opinião post-bíblica sobre a Divindade, outro proeminente estudioso do NT observa que "não há base na teologia de João para a teologia acadêmica posterior do processão do Filho do Pai dentro da Trindade por 'geração'". **[5]** A ideia do Filho de Deus gerado na eternidade é estranha à Bíblia. Jesus na Bíblia é o Filho de Deus devido ao nascimento virginal (*Lucas 1:35*) e posteriormente marcado como tal "com poder" por a ressurreição (*Romanos 1:4*) Contudo, a crença na geração eterna do Filho tornou-se a marca registada da crença ortodoxa e um requisito para a salvação.

Raymond Brown admite que a linguagem antibíblica foi introduzida na linguagem de João sobre Jesus vindo de Deus. Comentando *João 8:42*: "*Porque eu saí e vim de Deus*" (KJV), ele observa que:

> A frase "de Deus" encontrou seu caminho no credo niceno na expressão [antibíblica] "Deus de Deus". Os teólogos usaram este passo como uma descrição da vida interior da Trindade que indicava que o Filho procede do Pai. Contudo, o tempo aoristo indica que a referência é antes à missão do Filho. **[6]**

Da mesma forma, Jesus diz: "*Eu saí do Pai*" (*João 16:28*). *Brown* nos adverte que "'de' [*ek*] não pode ser interpretado teologicamente em referência ao relacionamento Intra trinitário de Pai e Filho ('do Pai')". A frase não significa o que "a teologia posterior chamaria mais tarde de procissão". do Filho". **[7]** Além disso, *Brown* aponta que em *João 8:47* a frase "de Deus" (*ek tou theou*) é usada "para descrever um crente comum: 'o homem que pertence a Deus'." **[8]** A linguagem usada para Jesus também se aplica aos cristãos. Assim também em *João 17:8*, "Eu saí de ti" "refere-se à missão terrena do Filho e não a uma procissão Intra trinitária". **[9]** Podemos acrescentar que os textos que falam de "envio", às vezes usados para sustentar a preexistência eterna do Filho, não terão o peso que lhes é colocado. As mesmas palavras são usadas para os crentes, que também são "enviados", "assim como" Jesus "é enviado" (*João 17:18; 20:21*).

Apesar desta evidência clara, os comentários continuaram a interpretar mal a intenção de João no interesse de promover a teologia nicena. *Plummer* diz dogmaticamente, mas sem provas do texto: "'Eu vim de' inclui a Geração Eterna do Filho". **[10]** Isto parece ser um exemplo de leitura de João dentro de uma estrutura post-bíblica, em vez de reconhecer que João não tinha "um pé na filosofia do mundo grego e na teologia nicena, como é tantas vezes apresentado". **[11]**

Os chamados Padres da Igreja dos séculos III e IV mudaram a linguagem da Bíblia ao lerem os seus próprios significados filosóficos nas palavras bíblicas, em vez de permitirem que o texto bíblico lhes falasse dentro do seu próprio contexto hebraico messiânico. O resultado foi uma reconstrução da pessoa de Jesus que o transformou numa abstração, contrariamente à afirmação transparentemente clara de Lucas de que Jesus é uma nova criação através da conceição sobrenatural de Maria: "*Descerá sobre ti o Espírito Santo* [*pneuma hagion*]*, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus*" (*Lucas 1:35*).

Este é o relacionamento do Filho criado na história, não na eternidade. Este (Filho) cumpriu perfeitamente o grande texto fundamental de *2 Samuel 7:14*, a promessa de Davi de que Deus seria, no futuro, o Pai de seu descendente. A relação filial do Messias está firmemente cimentada num acontecimento histórico por volta do ano 3 AC. Sua geração ocorreu quando Deus trouxe o Filho à existência (*Atos 13:33*, citando *Salmo 2:7*). **[12]**

O resultado da má interpretação da linguagem bíblica pelos Padres foi a criação do Jesus Trinitário que é igual em "substância" ao único Deus. Embora seja claro que no Evangelho de João:

> Jesus se recusa a afirmar ser Deus (*João 10:33*) ou de qualquer forma usurpar a posição do Pai... Jesus está preparado para ignorar a acusação de que, ao chamar seu próprio Pai de Deus, ele está reivindicando igualdade com Deus (*João 5:18*) e ele aceita ser o Filho de Deus (*10:36*), enquanto nega vigorosamente a blasfêmia de ser Deus ou seu substituto. **[13]**

Jacob Jervell concorda: "Jesus não é Deus, mas o representante de Deus e, como tal, atua plena e completamente em nome de Deus, de modo a colocar-se no lugar de Deus perante o mundo. O Evangelho diz claramente que Deus e Jesus não devem ser entendidos como pessoas idênticas, como em *14:28: 'O Pai é maior do que eu'*". **[14]**

Paradoxalmente, a teologia tradicional atribuiu a Jesus a pretensão de ser Deus, uma blasfêmia que ele rejeitou ao afirmar seu direito de ser o *Filho de Deus* (*João 10:36*). Ser Filho de Deus era demonstrar obediência perfeita ao Pai, o status ideal de Israel, cujos cidadãos estão destinados a ser "*filhos do Deus vivo*" (Oseias 1:10). "Filho de Deus" é também o título reconhecido do Messias, o rei escolhido de Deus. [15] E foi para provar o status de Messias de Jesus que João escreveu em todo o seu Evangelho (*João 20:31*). Em todo o NT é declarado que Jesus é o "Senhor Messias" ou o "Senhor Jesus Messias". **[16]** O termo "senhor" não significa, como tantas vezes se pensa erroneamente, que Jesus é Senhor Deus (criando assim o "problema" trintário). Jesus é o "Senhor Messias", baseado no *Salmo 110:1*, onde o segundo "senhor" é o Messias prometido. Pedro sabia que este Salmo descrevia a designação de Cristo como "Senhor" (*Atos 2:34-36*). O enorme significado do *Salmo 110:1* para a cristologia do NT tem sido largamente ignorado pelos trinitarianos. O fato de este versículo ser citado pelo NT com mais frequência do que qualquer versículo das Escrituras Hebraicas deveria ter nos alertado para sua importância crítica. O uso de "*adoni*", e não de "*adonai*", para apontar para o Messias neste oráculo divino deveria ter evitado que os estudantes da Bíblia pensassem que Cristo se tornaria Deus.

É claro que Jesus afirmou funcionar para Deus como Seu agente. Suas palavras são as palavras de Deus. Suas obras são as obras de Deus; e o Pai conferiu-lhe o direito de perdoar pecados, julgar o mundo e até ressuscitar os mortos. Assim é que os versículos do AT que têm "*Yahweh*" como tema podem ser aplicados no NT à atividade do Filho que trabalha para "*Yahweh*". Os trinitarianos não conseguem compreender o princípio hebraico de arbítrio quando tentam demonstrar a partir destes versículos que Jesus é "Yahweh". Ele não é "*Yahweh*", mas seu representante supremo. A igualdade de função de Jesus com seu Pai não significa que Jesus seja Deus. Tal ideia é uma impossibilidade no Evangelho de João, que insiste que o Pai é "o único Deus verdadeiro" (17:3) e "*o único que é Deus*" (*5:44*). "Deve ser observado" diz Robinson, "que João permanece como uma testemunha que não se desvia como qualquer outra pessoa no NT do principal credo fundamental do Judaísmo, o monoteísmo unitário. Existe alguém que é um Deus verdadeiro (*João 5:44; 17:3*); todos os outros são ídolos (*1 João 5:21*)". **[17]** Parece razoável que as Escrituras sejam primeiro lidas dentro de sua própria estrutura linguística e cultural. Acima de tudo, a sua pedra fundamental no "*Shema*" de Israel deve ser reconhecida. Hoje, os leitores e comentaristas da Bíblia "ouvem" instintivamente João conforme os credos os ensinam, e o leem através dos óculos turvos da filosofia grega.

O Dicionário Bíblico e o Filho de Deus

É interessante notar a dificuldade encontrada pela teologia "ortodoxa" ao tentar justificar o novo significado não-bíblico atribuído ao termo "Filho de Deus" pelos Padres post-bíblicos. *Sanday* discute o título "Filho de Deus" e questiona se a frase, conforme usada pelo NT, em algum lugar implica preexistência. "Filho de Deus" na Bíblia refere-se exclusivamente a Jesus após seu nascimento, ou poderia significar que ele existiu como Filho antes de seu nascimento? A questão é absolutamente crítica para todo o problema trinitário. Sem um Filho eterno não há Trindade. Quais são, então, os fatos bíblicos sobre o Filho de Deus?

> Este termo implica pré-existência ou não? Que conclusão seria tirada dos Evangelhos? Com respeito a estes, não há dúvida de que na grande maioria dos casos as palavras seriam satisfeitas por uma referência ao Cristo encarnado. Todos os casos em Mateus, Marcos e Lucas estariam sob este título. [João alguma vez fala de Jesus como o *Filho* pré-existente?] *Isso é mais discutível. Temos de procurar em torno de expressões que estejam livres de ambiguidade. Talvez não haja nenhuma*. **[18]**

A admissão de que não pode de facto haver certas referências em João a Jesus como o Filho pré-existente confirma o quanto a ortodoxia posterior se afastou da evidência das Escrituras na sua definição de Jesus. O dogma posterior relativo à crença no "Filho eterno", um título para o qual as Escrituras não fornecem nenhum apoio, **[19]** como necessário para a salvação, baseou-se, como vimos, numa interpretação errada

das palavras de João. e na substituição por novos significados. para os termos-chave de João que descrevem Jesus. O desenvolvimento da cristologia poderia ter sido muito diferente se os exegetas tivessem permanecido dentro do significado de Filho de Deus como "a designação cristológica mais elevada, judaico-messiânica em princípio". **[20]**

A Sabedoria de James Denny

James Denny (1856-1917) foi um ilustre teólogo da Igreja Livre Escocesa que percebeu que havia algo antibíblico na afirmação de que "Jesus é Deus", embora ele confessasse ser um trinitário. Em suas "*Cartas a W. Robertson Nicoll*", ele declarou: "Jesus é Deus" 'parece ser uma daquelas formas provocativas [de descrever a crença na Divindade de Cristo]. Tem as mesmas rejeições em minha mente que chamar Maria de mãe de Deus. Em grego e no primeiro século, você poderia dizer que "Jesus é Deus". Mas o equivalente espanhol disso não é "Jesus é Deus" (com D maiúsculo), mas, eu digo isso como um crente em sua verdadeira Deidade, "Jesus é deus" (com g minúsculo - não um deus, mas um ser em que está a natureza que pertence ao único Deus) ... Uma forma de proposição que em nossa linguagem sugere inevitavelmente a equivalência exata de Jesus e Deus que produz um certo tipo de injustiça à verdade. **[21]** A objeção de *Denny* merece a atenção daqueles que insistem que Jesus é Deus. Um ser humano em quem a Deidade habita excecionalmente está bem qualificado para ser o Salvador. Este é o Salvador que Deus providenciou.

Uma Tendência Gnóstica na Doutrina Tradicional da Trindade

Os fatos da história da igreja sugerem que os hereges gnósticos usaram mal o Evangelho de João: "eles adotaram João como 'seu' Evangelho e a ênfase nas epístolas de João sobre Jesus vindo em carne [ou seja, como uma verdadeira pessoa humana] (*1 João 4:2; 2 João 7*) deve ser visto como a reação à impressão doutrinária que seu ensino evidentemente causou". **[22]** Um Jesus não totalmente humano foi, na verdade, construído com base em um mal-entendido de João pelos gnósticos: a reação de João Esta leitura errada do seu Evangelho foi rotular tal tratamento como muito "anticristo" (*1 João 4:3; 2 João 7*). "Foi uma interpretação errada da sua intenção". **[23]**

Mas será que a "ortodoxia" evitou a mesma armadilha quando transpôs a linguagem de João para termos filosóficos gregos? Muitos reclamaram que a definição de Jesus nos credos como "totalmente Deus e totalmente homem" falsifica o que João escreveu e ignora as descrições claras do Jesus humano dadas por Mateus, Marcos e Lucas. Deve ser significativo que o ensino sobre o "Filho eterno" se baseie quase inteiramente no Evangelho de João, embora o dicionário bíblico admita que talvez, mesmo em João, não haja nenhum texto certo que apoie uma filiação pré-humana de Jesus.

Resumo e Conclusão

A humanidade de Jesus torna-se menos que real quando se propõe que ele não surgiu no ventre de Maria. A ausência de qualquer evidência bíblica de Jesus ser o Filho de Deus antes da sua conceição sugere que a crença amplamente difundida na sua existência pré-humana não pode ser completamente baseada nas Escrituras. Propomos que se baseia numa leitura errada do Evangelho de João, porque ignora o peculiar conceito judaico de preordenação ali encontrado. O fato de nada ser dito sobre a preexistência em Mateus, Marcos, Lucas e Atos (e nas epístolas de Pedro) deveria nos fazer pensar se João realmente deu um retrato tão diferente de Jesus ao atribuir-lhe uma vida consciente antes de sua conceição. Apresenta João realmente o "problema trinitário" que causou tal problema nos primeiros séculos?

Os textos que foram reivindicados como evidência de uma preexistência literal de Jesus foram mal compreendidos, porque muito pouca atenção foi dada às categorias de pensamento judaico de Jesus e João.

O fenômeno de que os tempos passados nem sempre significam uma referência a eventos passados foi negligenciado (*João 17:5*; compare com *17:22, 24*). Em *João 3:13* Jesus não disse nada sobre uma preexistência eterna como "Deus Filho". Ele afirmou antes ter sido excecionalmente admitido nos conselhos divinos. Ele não havia literalmente "subido ao céu", nem o Filho de Deus estava no céu desde a eternidade. Ele estava destinado a ir para o Pai, cumprindo a profecia da visão de Daniel sobre o Filho do Homem (*João 6:62*). *João 13:3; 16:28* e *20:17* foram mal traduzidos na NVI (Nova Versão Internacional) para dar a impressão de que Jesus estava retornando para seu Pai (Ver KJV, RSV). Sua glória havia sido preparada para ele antes que o mundo existisse (*João 17:5*; compare com *Mateus 6:1*: recompensas futuras já estão garantidas), e ele foi escolhido como o representante humano supremo de Deus, o Messias, muito antes de Abraão (*João 8:58*). Foi como Filho do Homem humano que ele "pré-existiu" no decreto divino. Jesus está convencido de que deve realizar o plano determinado por Deus: "Não era necessário que o Cristo sofresse estas coisas?...que tudo o que está escrito sobre mim na lei de Moisés, nos profetas e nos salmos? (*Lucas 24:26, 44*).

A noção de existência real antes da conceição acabou levando a uma complexidade assustadora e a conflitos sobre a natureza de Jesus que nunca foram resolvidos. Os argumentos foram silenciados pela imposição de uma cristologia dogmática (em Nicéia e Calcedônia), que ditou uma solução oficial para o problema. A solução, contudo, tenta estabelecer a questão em grande parte com base na própria teologia judaica de João, que foi fácil e tragicamente mal interpretada pelos gregos. As vítimas na disputa sobre a natureza de Deus e de Jesus foram as verdades fundamentais sobre o Deus unipessoal e a verdadeira humanidade de Jesus. **[24]** Visto que o caminho para a vida eterna começa com uma apreciação adequada do Pai como o único Deus verdadeiro, e de Jesus como o Messias (*João 17:3*), os leitores da Bíblia devem ser alertados para o possível dano sério que é causado à fé quando os gregos de mentalidade filosófica leram o Evangelho de João sem uma base sólida no AT, e com muito pouca consideração pela cristologia de Mateus, Marcos, Lucas e Atos, que foi rejeitada precipitadamente como "primitiva". Neste contexto, as palavras de *Karl Rahner* são um encorajamento para regressar à primeira camada da cristologia. Ele confessa que:

Muitas vezes achamos a cristologia tradicional difícil de entender... e por isso muitas vezes temos perguntas a colocar sobre a sua fonte nas Escrituras. Por exemplo, tomemos uma declaração das Escrituras tão central quanto a declaração de que Jesus é o Messias e como ele se tornou Senhor no decorrer de sua vida, morte e ressurreição. É consensual que esta afirmação foi simplesmente tornada obsoleta pela doutrina da filiação metafísica, tal como a reconhecemos e expressamos na declaração calcedoniana, e que o seu único interesse real para nós agora é histórico...? A cristologia dos Atos dos Apóstolos, que começa de baixo, com a experiência humana de Jesus, é simplesmente primitiva? Ou ela tem algo especial para nos contar sobre o qual a cristologia clássica não fala com a mesma clareza? **[25]**

A análise de *Karl Rahner* do uso da palavra "Deus" no NT ecoa que: "em nenhum texto do NT "*theos*" [Deus] é usado de tal maneira que identifique Jesus com Ele, que em outras partes do NT aparece como "*ho theos*", que é o Deus Supremo". **[26]** Em nenhum lugar do NT você encontrará um texto com "*ho theos*" [Deus] que indiscutivelmente se refira ao Deus Trinitário como um todo, existindo em três pessoas. **[27]**

Sugerimos que foi traçada uma falsa distinção entre a chamada cristologia "alta" de João e a cristologia "inferior" dos sinópticos. João e os Sinópticos apresentam um Jesus que vem não apenas "de cima" (Mateus e Lucas descrevem a origem divina de Jesus no ventre de Maria), mas também "de trás". pelo qual Jesus é a culminação da promessa do AT de que um filho mais velho de Davi aparecerá. Na verdade, toda a cristologia do NT é messiânica. Cada escritor contribui, com ênfases diferentes, para o retrato de Jesus como Filho de Deus, nesse sentido messiânico. Foi a transição de "Filho de Deus" no sentido bíblico para "Deus Filho" que se revelou tão devastadora para a apresentação apostólica de Jesus. *Lampe* acerta em cheio quando diz que a introdução do conceito de pré-existência literal lança dúvidas sobre a verdadeira humanidade de Jesus:

> O conceito cristológico da preexistência divina do Filho reduz a personalidade real, social e cultural de Jesus à abstração metafísica "natureza humana..." A natureza humana, segundo a tradição clássica alexandrina, foi hipostasiada na pessoa divina do Filho; tornou-se na natureza humana um sujeito pessoal divino... segundo esta cristologia, o Filho eterno assume uma natureza humana eterna ou a torna eterna tornando-a sua; é uma natureza humana que nada deve de essencial às circunstâncias geográficas; não corresponde em nada ao mundo presente concreto; afinal, Jesus não "veio em carne". **[28]**

Uma advertência semelhante sobre o perigo de transformar Jesus num ser que tinha uma existência eterna antes de nascer vem de *Paul van Buren*:

> Não há nenhuma indicação clara de que a prioridade [de Jesus] fosse pretendida num sentido temporal. Podemos concluir que, para a Igreja primitiva, Jesus foi comparado à prioridade que os rabinos atribuíam à "*Torá*". Se alguém reivindicasse prioridade no sentido temporal, estaria afirmando que Jesus de Nazaré, nascido de Maria, existia com Deus antes da criação do mundo. Essa afirmação seria pior do que ininteligível; destruiria toda a coerência da afirmação cristã essencial de que Jesus era verdadeiramente humano, de que o Verbo se fez carne... Jesus de Nazaré começou a sua vida, veio à existência num momento definido da história: o Verbo tornou-se carne. **[29]**

Este presente volume é movido pelo desejo de evitar quaisquer semelhanças abstratas com Jesus e de pressionar por um retorno ao Jesus histórico, o Messias prometido de Israel. A leitura de João que sugerimos permite que o Jesus de João, ainda elevado, seja tão humano quanto o dos Sinópticos.

Encontrar um Filho pré-existente em João explicará a maneira depreciativa como os comentaristas "ortodoxos" às vezes rejeitam a cristologia de Lucas como "popular". O fato pode ser que Lucas seja representativo de uma cristologia messiânica comum do NT que não coincide com o que se tornou "ortodoxo" nos tempos post-bíblicos. Referindo-se a *Lucas 1:35*, "aquela coisa sagrada que está sendo gerada...", diz *Strachan*, "isso pertence ao meio onde a ideia teológica da preexistência de Jesus deu lugar a um conceito mais popular de seu corpo físico. aniversário." " [30] Mas este é um argumento circular. Será que Lucas realmente desistiu da ideia da preexistência de Jesus em prol de uma compreensão mais popular? Em vez disso, parece que a "ortodoxia post-apostólica" desenvolveu uma visão que substituiu Lucas, assim como João. A mudança foi mais facilmente conseguida trabalhando a partir da linguagem judaico-cristã de João, e pensou-se então que João havia retratado um Jesus extremamente diferente da imagem sinóptica. O restabelecimento de uma cristologia messiânica e da harmonia entre todos os quatro escritores dos Evangelhos contribuiria muito para reunir os crentes em torno da afirmação central do NT de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, arauto do vindouro reino de Deus. Afinal, era isso que João pretendia provar, declarando que a vida pode ser encontrada em Jesus, que é o Filho de Deus e Messias (João 20:31; compare com *Mateus 16:16*). O convite para acreditar e obedecer a Jesus permanece *tão* moderno e urgente como sempre. Um regresso a Jesus, o Messias, envolverá uma redescoberta dos Evangelhos Sinópticos e do Evangelho do Reino de Deus, a tão rejeitada mensagem salvadora do Jesus histórico e dos Apóstolos. Grande parte da pregação contemporânea procede como se *tudo* o que contasse fossem as seções ou versículos selecionados das epístolas de Paulo e a cruz de Jesus.

Alguns dos argumentos apresentados a favor da doutrina da Trindade são notavelmente enganosos. Na Bíblia, diz-se, há um chamado Pai que é Deus, um chamado Filho que é Deus e um chamado Espírito Santo que é Deus. Mas sabemos que existe apenas um Deus, portanto deve haver três pessoas que compõem o único Deus. Esta é uma forma extraordinária de apresentar as evidências. Na verdade, há um no NT chamado Pai, que é considerado o único Deus (*ho theos*) mais de 1.300 vezes. Ele também é designado "*o*

único Deus" (*Romanos 16:27; Judas 25*), "*o único Deus*" (*João 5:44*) e "*o único Deus verdadeiro*" (*João 17:3*). chamado de Filho, Jesus Cristo, a quem é dado o título de Deus (*theos*) duas vezes com certeza (*João 20:28; Hebreus 1:8*), mas nunca é chamado de "*ho theos*" (usado de forma absoluta), o "único Deus", "o único que é Deus" ou "o único Deus verdadeiro".

Esses dados apenas sugerem que há dois que devem estar igualmente alinhados como Deus, ambos que são o único Deus. Acrescente a isso o fato de que Deus, no AT, é dito milhares de vezes como um simples indivíduo, e deveria ficar claro que o Trinitarismo não faz justiça aos dados bíblicos. Por outro lado, os títulos "somente Deus", "o único que é Deus" ou "o único Deus verdadeiro", aplicados exclusivamente ao Pai, apontam para uma classificação única para Ele como distinto de Seu Filho. Um conglomerado de textos do NT apresenta Jesus como subordinado ao Pai, um facto que não é facilmente conciliado com a noção de que o Filho é coigual ao Pai. **[31]** Paulo acreditava que o Filho estaria para sempre sujeito ao Pai, depois de ter devolvido o (futuro) reino a Deus (*1 Coríntios 15:28*).

Se a Trindade fosse ensinada no NT, teríamos pelo menos um versículo em algum lugar indicando que Deus é "Pai, Filho e Espírito Santo". Tal afirmação está ausente das páginas das Escrituras. Quando eles colocam o Pai, o Filho e o Espírito Santo juntos em uma passagem bíblica, nunca se diz que eles são "o único Deus" (*Mateus 28:19; 2 Coríntios 13:14*). É notável que as saudações na abertura das epístolas de Paulo nunca são enviadas ao Espírito Santo. Tampouco alguém fala ou ora ao Espírito Santo.

Quando Paulo, porém, define o monoteísmo em oposição ao politeísmo, ele diz expressamente que existe um só Deus, o Pai, e que não existe outro Deus senão o único Deus, o Pai (*1 Coríntios 8:4, 6*). **[32]** Esta verdade em sua beleza simples é o credo bíblico. Isso deve colocar todos os argumentos de lado. A Deidade não foi expandida. Deus ainda é apenas o Pai como na Bíblia Hebraica. Ele é o Senhor Deus do credo de Jesus. Este último é claramente identificado como "senhor" que não é o único Senhor Deus do "*Shemá*" (*Marcos 12:35-37*). Jesus é o Senhor Messias e, portanto, é constantemente apontado como "o Senhor Jesus Cristo [Messias]". **[33]** Seu título messiânico "Senhor" é derivado do *Salmo 110:1*. A constante confusão dos trinitarianos sobre o título messiânico supremo "Senhor" com "Senhor" significando "Senhor Deus" é a causa de toda a dificuldade. Não há nenhuma boa razão para obscurecer a diferença clara entre o Senhor Messias (*adoni*) e o Senhor Deus (*Yahweh* e *Adonai*) (Salmo 110:1,5).[34] Podemos, no entanto, reconhecer plenamente que Jesus funciona em nome de Deus. Um ponto importante foi levantado por *Caird* quando ele se referiu à prática judaica de tratar um agente como se ele foram os principais:

> [em *2 Esdras 5:43-56*] ... O porta-voz de Deus, o anjo Uriel, é questionado por Esdras como se fosse o Criador e Juiz. Esdras usa o mesmo estilo para se dirigir a Uriel ("meu senhor, meu mestre") que usa na petição direta a Deus. Esta prática de tratar o agente como se ele fosse o principal é da maior importância para a cristologia do NT. **[35]**

Muitos trinitaristas parecem contentes em defender duas questões contraditórias ao mesmo tempo, sem tentar harmonizá-las: Deus é um e, no entanto, é três. Isto é o que os credos oficiais parecem pedir-lhes. Mas a Bíblia não exige tal façanha mental. Algumas tentativas dos trinitarianos de escapar da acusação de que a crença em três pessoas, cada uma das quais é Deus, deve implicar a crença em três deuses. Eles respondem que Deus e Jesus não são pessoas na forma como costumamos usar esse termo. O fato óbvio, porém, é que todo escritor do NT descreve Jesus como sendo auto consciente de sua diferença em relação ao Pai. Não há mistificação sobre o termo Filho e nenhuma palavra sobre "geração eterna". A afirmação contraditória incorporada na Trindade é desnecessária e também antibíblica. e tende a minar tanto o principal credo bíblico de que Deus é um quanto o fundamento de toda verdade de que Jesus é o Messias, Filho de Deus e filho de Davi (*Mateus 16:16; 2 Samuel 7:14; Hebreus 1:5*).

Os cristãos têm o direito de saber quais ideias formaram o sistema de crenças que lhes foi apresentado como fé. Muitos desconhecem o elemento cripto gnóstico que nos foi transmitido na Cristologia Trinitária. Ao longo de seu ministério, Paulo lutou para remover a ameaça do "conhecimento [*gnose*] tão falsamente

chamado". (*1 Timóteo 6:20*). Na Igreja post-apostólica o perigo da filosofia gnóstica invadir a fé não foi evitado. Embora a Igreja afirmasse rejeitar formas abertas de gnosticismo, não conseguiu evitar que uma influência gnóstica mais subtil corrompesse o ensino original sobre Deus e Cristo. A tentativa de proclamar a Divindade de Jesus levou à complexidade inexplicável de suas "duas naturezas" e ao empréstimo de conceitos pagãos que não encontram lugar nas Escrituras. A observação de um ilustre especialista em gnosticismo primitivo merece considerável atenção:

> Os primeiros Padres cristãos, primeiro Irineu e Tertuliano, esforçaram-se ativamente para encontrar maneiras de tornar inteligível a divisão predominante do único Jesus Cristo num sentido não-gnóstico. A rigor, não tiveram sucesso. *Harnack* já foi forçado a dizer: "Quem pode sustentar que a Igreja alguma vez superou a doutrina gnóstica das duas naturezas ou o docetismo valentiniano?" Mesmo os mais recentes concílios eclesiásticos, que discutiram problemas cristológicos em definições complicadas e hoje pouco inteligíveis, não conseguiram fazer isso; *a unidade da Igreja ruiu precisamente nisto... que* muitas vezes se esqueceu que os teólogos gnósticos viam Cristo como "consubstancial" ao Pai, antes que a teologia eclesiástica estabelecesse isto como um princípio, a fim de preservar a sua divindade. **[36]**

Se fosse concedido que os cristãos têm como objetivo aceitar e servir o Cristo das Escrituras e Deus, seu Pai, seguir-se-ia que eles desejariam possuir a compreensão mais precisa possível de quem é esse Cristo. Tal compreensão ficará confinada à representação de Jesus fornecida pelos documentos cristãos. É questionável se as definições ortodoxas tradicionais prestam atenção suficiente às proporções do material bíblico. O prólogo de João foi tão elevado em importância pela definição de Jesus que todas as outras evidências tiveram de se curvar diante do que foi percebido como a verdade daquela passagem. A famosa declaração cristológica de Paulo em *Filipenses 2* foi igualmente tomada como padrão para todas as suas outras referências a Jesus, embora muitos não acreditem que Paulo diga alguma coisa nesse texto sobre uma pessoa pré-existente. Em vez disso, ele apela aos crentes para que imitem o modo de vida abnegado do Messias Jesus, que, afinal de contas, é o objeto da declaração de Paulo (*Filipenses 2:5*). **[37]**

Se a evidência dos Sinópticos e Atos e das epístolas não paulinas receber todo o peso, fica claro que o seu testemunho combinado é de Jesus como Messias, e não de Deus no sentido calcedoniano. O mesmo pode ser argumentado para John. A própria declaração epilógica de João sobre o propósito do seu Evangelho, de que Jesus deve ser acreditado como o Messias (*João 20:31*), aponta para o fato de que ele está em sintonia com seus companheiros testemunhas de a fé. Mesmo Hebreus 1:10, que de todos os textos que podem parecer atribuir a criação de Gênesis a Jesus, na verdade não faz isso. O escritor diz expressamente que é sobre a "terra habitada do futuro" (*Hebreus 2:5*) que ele tem falado; e que foi Deus quem descansou na criação (*Hebreus 4:4*), assim como, segundo Jesus, Deus foi quem "os fez homem e mulher" (*Marcos 10:6*; compare, *13:19*). Se com a NASV lemos "quando ele novamente trouxer os primogênitos ao mundo" (*Hebreus 1:6*), é claro que o autor pretende que entendamos que é uma referência ao papel de Jesus como fundador do mundo vindouro do Reino (co. *Isaías 51:16*, NASV). "Versículos difíceis" ocasionais não devem eliminar todas as evidências distribuídas nas Escrituras.

Notas Finais

[1] "*Twelve More New Testament Studies*" (Mais Doze Estudos do Novo Testamento**), 172, ênfase adicionada.**

[2] *"Dunn on John"* (Dunn sobre João), Theology 85 (setembro de 1982), 235.

[3] *J.A.T. Robinson*,"*Twelve More New Testament Studies*" (Mais Doze Estudos do Novo Testamento), 172, ênfase adicionada.

[4] Ver suas Homilias sobre João, tratado CV, cap. 17.

[5] *Edward Schillebeeckx*, "*Christ*" (Cristo) (Londres: SCM Press, 1980), 875, nota 57.
[6] "*The Gospel of John*" (O Evangelho de João), Anchor Bible (Nova York: Doubleday & Co., Inc., 1966), 357.
[7] *Ibid*., 274.
[8] *Ibid*., 725.
[9] *Ibid*., 744.
[10] "*Gospel of John*" (Evangelho de João), Cambridge Bible for Schools and Colleges (Cambridge University Press, 1882), 296.
[11] *J.A.T. Robinson*, "*Twelve More New Testament Studies*" (Mais Doze Estudos do Novo Testamento), 178**.**
[12] *Atos 13:34* continua falando sobre a ressurreição de Jesus.
[13] *Ibid*., 175, 176.
[14] "*Jesus in the Gospel of John*" (Jesus no Evangelho de João) (Minneapolis: Augsburg, 1984), 21.
[15] *Salmos 2:6, 7; 89:26, 27, 35, 36; Mateus 16:16; 2 Samuel 7:14.*
[16] Veja *Lucas 2:11* para o título "*kurios*" do Cristo Messiânico **–** Senhor Messias.
[17] "*Twelve More New Testament Studies*" (Mais Doze Estudos do Novo Testamento), 175.
[18] *W. Sanday*, *"Son of God"* (Filho de Deus) em "*Hastings Dictionary of the Bible*" (Dicionario da Biblia Hasting), 4:576, ênfase adicionada.
[19] Comparar, A observação de *Buswell* de que "podemos dizer com confiança que a Bíblia não tem nada a dizer sobre 'gerar' como um relacionamento eterno entre Pai e Filho ["*A Systematic Theology of the Christian Religion*" (Uma Teologia Sistemática da Religião Cristã)], Zondervan, 1962, p.111). Mas sem a doutrina da filiação eterna a doutrina da Trindade desmorona.
[20] *Matthew Black*, "*Romans, New Century Bible*" (Romanos, Bíblia do Novo Século), (Marshall, Morgan e Scott, 1973), 35.
[21] Cartas do Diretor *James Denny* para *Robertson Nicoll*, 124, 125.
[22] *J.A.T Robinson*, "*Twelve more New Testament Studies*" (Mais doze estudos do Novo Testamento), 142.
[23] *Ibid.*
[24] *Juan 17:3; 5:44; Deuteronômio 6:4; Marcos 12:29 e segs. 1 Coríntios 8:4-6; Efésios 4:6; 1 Timóteo 2:5; Judas 25*.
[25] "*Theological Investigations*" (Investigações Teológicas), 1:155 e segs..
[26] *Ibid*.
[27] *Ibid*., 1:143.
[28] "*God as Spirit*" (Deus como Espírito), 144, ênfase acrescentada.
[29] "*A Theology of Jewish-Christian Reality*" (Uma Teologia da Realidade Judaico-Cristã) (Harper & Row, 1983), 82.
[30] *RH Strachan*, *"Santidade"* no Dicionário da Igreja Apostólica, 1:568.
[31] É um estímulo para a nossa tese que o ilustre exegeta I. Howard Marshall possa escrever: "Toda a cristologia do NT é subordicionalista" (revisão do livro de Jervell, ["*The theology of the Acts of the Apostles, en Evangelical Quarterly 70:1*"(A Teologia dos Actos dos Apóstolos, em Evangelical Quarterly 70:1)], jan. 1998, 76).
[32] Um sintoma de confusão sobre a Divindade é o facto de os estudiosos por vezes citarem inadvertidamente o próprio credo de Paulo. Assim, *Klaas Runia* afirma: "Paulo escreve aos Coríntios: 'Pois há um só Deus através de quem existem todas as coisas e através de quem existimos'" ["*An Introduction to the Christian Faith*" (Uma Introdução à Fé Cristã), Lynx Communications, 1992,114]. Mas Paulo realmente escreveu: "Para nós há um só Deus, o Pai…" *Runia* acrescenta que Tiago e os outros Apóstolos "dizem com igual ênfase que Jesus Cristo também é Deus" (Ibidem, sua ênfase). Mas onde Tiago ou Pedro disseram que Jesus é Deus?
[33] *Lucas 2:11; Romanos 16:18; Colossenses 3:24*, compare *Lucas 1:43* e o livro extra canônico *Salmos de Salomão 17:32; 18:7*.
[34] No grego da LXX, as três palavras aparecem como "*kurios*".
[35] GB. Cairo, "*The Language and Imagery of the Bible*" (A linguagem e as imagens da Bíblia) (Philadelphia: Westminster Press, 1980), 181. 36 Kurt Rudolph, "*Gnosis: The Nature and History of Gnosticism*" (Gnose: A natureza e a história do gnosticismo) (Harper & Row, 1983), 372, ênfase adicionada.
[36] **Kurt Rudolph, Gnosis: "The Nature and History of Gnosticism" (A Natureza e História do Gnosticismo) (Harper & Row, 1983), 372, énfasis añadido.**

[37] Cp. Observação de *AH Mc Neile* que “muitos duvidaram que Paulo teria apelado em tal contexto para um mistério tão transcendente”. Em *Filipenses 2*, Paulo está “suplicando aos filipenses que cessem a dissensão e ajam humildemente uns com os outros. Em *2 Coríntios 8:9* ele exorta seus leitores a serem liberais na esmola. Ele se perguntou se seria perfeitamente natural para ele vincular essas duas simples lições morais por referências incidentais (e a única referência que ele fez) ao vasto problema do modo de encarnação. E muitos pensam que os seus apelos indelicados teriam tido mais efeito se ele tivesse apontado para o exemplo inspirador da humildade e do autossacrifício de Cristo pela vida humana, como em *2 Coríntios 10:1*: “Rogo-vos por mansidão.” e ternura de Cristo” ["*New Testament Teaching in the Light of St. Paul's*" (Ensino do Novo Testamento à Luz de São Paulo), Cambridge University Press, 1923, 65]. O argumento de *Filipenses 2:5* y sigs., de que se trata de uma descrição do Jesus humano, pode ser examinado em artigos de *C.H. Talbert*, "*The Problem of the Preexistence en Philippians 2:6-11*" (O Problema da Preexistência em Filipenses 2:6-11), Journal of Biblical Literature 86 (1967): 141-153; *J. Murphy O'Connor*, "*Christological Anthropology in Phil. 2:6-1*" (Antropologia Cristológica em Filipenses 2:6-1), Revue Biblique (1976): 26-50; *G. Howard*, “*Filipenses 2:6-11* e o "*Human Christ*" (O Cristo Humano), Catholic Biblical Quarterly 40 (1978): 368-387.

XIV. EPÍLOGO: ACREDITAR NAS PALAVRAS DE JESUS

"O Senhor nosso Deus é Senhor" - Jesus Cristo

É um facto mais significativo, muitas vezes esquecido, que Jesus equipara a fé genuína à crença nas suas declarações e palavras. "Quem ouve a minha mensagem e crê naquele que me enviou tem a vida no mundo vindouro" (*João 5:24*). Esta insistência relativamente à mensagem e ao ensino de Jesus é fortemente enfatizada também pelos Sinópticos, e adverte-nos contra separar Jesus das suas próprias palavras e construir assim para nós mesmos uma imagem de outro Jesus. João relata que Jesus disse: "*aquele que me rejeita e não recebe as minhas palavras... será julgado por essas mesmas palavras*" (*João 12:48*). "Acreditar em Moisés" é o mesmo que "*acreditar nas suas escrituras*" (*João 5:46, 47*), e no mesmo contexto "acreditar em Jesus" é equivalente a acreditar *nas suas palavras* (*João 5:47*). Isto parece pôr fim a qualquer questão sobre a importância da "doutrina" em comparação com a "prática", "*pois quem... não permanece no ensino de Jesus não tem Deus*" (*2 João 9*). **[1]** O próprio credo de Jesus é central em tudo o que ele disse e fez. Mas será que a nossa tradição reflete fielmente esse credo "judaico"? Segundo o Salvador, não é possível acreditar se não estivermos preparados para acreditar em Moisés (*João 5:46, 47*). A falha em compreender o credo de Israel e o que Moisés disse sobre a vinda do Messias – especialmente *Deuteronômio 18:15-18* – levará a resultados desastrosos quando uma pessoa passa a acreditar em Cristo.

É evidente que os cristãos acreditam em tudo o que Jesus disse, quer se trate de uma exortação à conduta cristã ou de palavras relativas à sua própria pessoa. exortação à conduta cristã ou ditos relativos à sua própria pessoa. Os dois são inseparáveis na Bíblia, de modo que a "doutrina" não pode ser colocada em oposição às questões de conduta. conduta. Uma relação com Jesus só pode ser construída com base na Sua palavra. As palavras de Cristo são o veículo de Sua auto comunicação. Por elas, a "atmosfera" e a mente do Espírito são transferidas para o crente. para o crente. Pode ser que os cristãos estejam respirando o ar da filosofia grega e testemunhariam uma melhora impressionante em sua saúde espiritual se melhoria impressionante na sua saúde espiritual se tentassem respirar a atmosfera pura do mundo hebraico bíblico. Hebraico.

O cristianismo bem-sucedido depende da instrução do Salvador: "Se vós permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós" (*João 15:7*; compare com *2 João 9*). Toda crença falsa é perigosa porque se baseia na rejeição do que Jesus disse. Nenhuma apologia precisa ser feita, portanto, para tentar descobrir o que, de facto, Jesus disse sobre si mesmo e seu relacionamento com Deus de acordo com João e os outros Evangelhos. Ao longo dos Evangelhos, a crença em Jesus é sinônimo de crença no que Jesus disse, bem como no que ele fez e faz – e de fato fará quando ele retornar em poder e glória para estabelecer seu Reino na terra. Importa muito, portanto, o que um cristão entende e acredita. A opinião atual muitas vezes nos diz que a "doutrina" causa divisão e deve ser evitada. A verdade é exatamente o oposto: a doutrina baseada no testemunho das palavras de Jesus é a única esperança de unidade na atual divisão caótica nas igrejas. A igreja parece ter negligenciado a base do ensino de Jesus: que o arrependimento e o perdão dependem da receção inteligente, por parte do convertido, do evangelho do Reino de Deus do próprio Messias (*Marcos 4:11, 12; Lucas 8:12*).

Marcos 12:28 e segs., apresenta Jesus afirmando sua própria crença no monoteísmo unitário dos judeus. É a essa passagem das Escrituras que toda a discussão sobre a Deidade deve se referir. O monoteísmo "judeu" de João nunca está em dúvida. O Pai continua sendo o único Deus verdadeiro (*João 17:3*), "o único que é Deus" (*João 5:44*). Pessoa diferente do Pai, Jesus não é Deus ... Ele é o agente totalmente autorizado de Deus, o rei ideal de Israel por quem o AT ansiava. Jesus expressa perfeitamente o caráter de seu Pai e transmite a mensagem do Reino (*Lucas 4:43*). Assim, pode-se dizer que "o a plenitude da Divindade reside em Jesus" (*Colossenses 2:9*). **[2]** Mas isso não significa que ele próprio seja Deus.

O Jesus plenamente humano de João não é apenas o Jesus apresentado pelas Escrituras canônicas, mas também um modelo mais atraente para imitar do que algumas versões tradicionais de Jesus. Alguém que é realmente Deus (disfarçado?) pareceria tão exaltado acima de nós que não teríamos chance de viver como ele viveu. Mas o Jesus de João, embora seja único em virtude do Espírito que lhe foi dado "sem medida" (*João 3:34*), não se distancia dos discípulos, como se estes fossem incapazes de fazer o que ele fez. Ele constantemente lhes promete que "assim como" ele foi enviado ao mundo, eles serão "enviados ao mundo" para fazer obras grandes ou ainda maiores do que as dele (*João 17:18; 14:12*). ele é um com o Pai, assim também serão os discípulos (*João 17:11, 21*). Assim como ele foi enviado para anunciar o reino de Deus (*Lucas 4:43*), eles também o serão. O objetivo deste livro, portanto, tem sido propor maneiras de acreditar com mais precisão naquilo que Jesus acreditava sobre Deus e sobre si mesmo e, assim, alinhar nossas próprias doutrinas com as dele: "Aquele que persevera na doutrina de Cristo tem o Pai e o Filho" (2 João 9). Cada palavra dita pelo Messias é preciosa, porque as palavras que ele fala carregam "Espírito e vida" (*João 6:63*). São as únicas palavras, de facto, que podem nos direcionar para a "vida no século vindouro". a vida do Reino de Deus. João não difere em sua compreensão dos Sinóticos ao omitir o uso frequente do termo "Reino de Deus" que significa "vida na era por vir". O vocabulário de João, em seu relato da identidade de Jesus e de sua mensagem, deve ser traduzido de volta para seu "hebraico" original, para que uma imagem imutável de Jesus possa ser recuperada sob qualquer camada distorcida de tradição que pode obscurecê-la. É com isto em mente que pedimos uma reconsideração de algumas das formas post-bíblicas de compreender João que dificultam a leitura inteligente da Bíblia e obstruem a fé em Jesus e a obediência ao que ele acreditava e ensinava.

A recuperação da crença em Jesus como o Messias dissipará a névoa de confusão que envolveu o Evangelho proclamado por Jesus. No presente, grande parte do evangelismo contemporâneo continua hoje como se não tivesse havido pregação do Evangelho até a morte de Jesus. Uma olhada na ótica revela que é falso. Jesus anunciou o Evangelho sobre o Reino muito antes de fazer qualquer referência à sua morte e ressurreição. **[3]** É enganoso construir um sistema teológico sobre certos textos das epístolas de Paulo sem primeiro considerar a Bíblia Hebraica e os relatos sinópticos do Evangelho tal como vieram dos lábios de Jesus.

A perda de uma compreensão clara de quem é Jesus tem sido responsável por uma tradição teológica arraigada de que Jesus ficou de alguma forma ofendido pelo título "Messias" e que o NT se esforça para substituir o messianismo por categorias mais palatáveis para os gentios convertidos. A doutrina da Trindade é um desvio infeliz que substitui o foco bíblico no Messias e no seu reino vindouro por questões de metafísica e "relacionamentos" dentro da Divindade. Os cristãos há muito que olham na direção errada: para trás, para a descida do céu de um chamado "Filho eterno", em vez de para a frente, para a chegada do Messias na glória do seu Reino.

Já não é suficiente sustentar a simples equação "Jesus = Deus" como um reflexo válido do NT. Jesus não é chamado em nenhum lugar de "*ho theos*". **[4]** Parece-nos absolutamente surpreendente que não haja um único exemplo nas Escrituras da palavra "Deus", em milhares de referências ao Criador supremo, que possa ser demonstrado como significando "o Deus Triuno". Se "Deus" em nenhum lugar carrega o significado de "Deus em três pessoas", a defesa da Trindade desmorona. A evidência sugere fortemente que o Deus Triuno é estranho à revelação bíblica. Um estudo inteligente da Bíblia deve procurar uma cristologia revista que permita a óbvia e persistente subordinação de Jesus ao único Deus. A categoria do Messias, o agente divino de Deus supremamente elevado, será considerada adequada para explicar tudo o que o NT tem a dizer sobre Jesus. O serviço religioso descrito pela palavra grega "*latreuo*" é dirigido em suas 21 ocorrências a Deus Pai, enquanto a homenagem é prestada ao Messias como agente do único Deus.

Um professor de teologia comentou num curso sobre cristologia que "nossa tradição dança melhor em tom doutrinário". **[5]** No interesse de recuperar a plena humanidade de Jesus, a glória da sua condição de Messias e a incomparável majestade do único Deus, seu Pai, propomos que ele dance novamente ao ritmo da melodia bíblica hebraica, talvez, orquestre essa melodia melhor do que Juan.

Notas Finais

[1] Ficamos perplexos com o fato de o *Dr. Kennedy* parecer ignorar a enorme ênfase dada aos ensinamentos de Jesus. Ele escreve: “Muitas pessoas hoje acreditam que a essência do Cristianismo é o ensinamento de Jesus, mas não é assim… O Cristianismo não se centra nos ensinamentos de Jesus, mas na pessoa de Jesus como Deus encarnado que veio ao mundo para levar nossa culpa sobre ele e morrer em nosso lugar.” (“Como eu sei que Jesus é Deus”, Verdades que Transformam, 11 de novembro de 1989).

[2] A mesma linguagem semelhante sobre a plenitude de Deus habitando nos cristãos é encontrada em *Efésios 3:19*.

[3] Ver, por exemplo, *Marcos 1:14, 15; Lucas 4:43; Lucas 18:31-34*.

[4] *João 20:28* e *Hebreus 1:8* são apenas exceções aparentes. O artigo definido é usado nestes versículos com significado vocativo. Em nenhum dos versículos Jesus é chamado de Deus no sentido absoluto. Cp. CFD Moule, "*An Idiom Book of The New Testament Greek*" (Um Livro Idiomático do Novo Testamento Grego), 116, 117.

[5] *DM. Scholer*, "*Northern Baptist Seminary, winter quarter, 1986*" (Seminário Batista do Norte, trimestre de inverno, 1986).

BIBLIOGRAFIA

Abbot, E.A. Johannine Grammar. London: A. & C. Black, 1906.
Addis, W.E. Christianity and the Roman Empire. New York: W.W. Norton, 1967.
Alford, Henry. Greek New Testament. London: Rivingtons andDeighton, Bell & Co., 1861.

Baillie, Donald. God Was in Christ. London: Faber, 1961.
Bainton, R.H. Hunted Heretic: The Life and Death of Michael Servetus. Beacon Press, 1953.
Barrett, C.K. Essays on John. London: SPCK, 1982.
Barrett, C.K. The Gospel According to St. John. London: SPCK, 1972.
Baur, F.C. Church History of the First Three Centuries. London: Williams and Norgate's, 1878.
Beasley-Murray, G.R. John, Word Biblical Commentary. Waco, TX: Word Books, 1987.
Beisner, E. Calvin. God in Three Persons. Tyndale House Publishers, 1984.
Bernard, J.H. St. John, International Critical Commentary. Edinburgh: T. & T. Clark, 1948.
Berkhof, Hendrikus. Christian Faith. Grand Rapids: Eerdmans, 1979.
Bevan, R.J.W. Steps to Christian Understanding. Oxford University Press, 1958.
Black, Matthew. Romans, New Century Bible. Marshall, Morgan & Scott, 1973.
Boettner, Loraine. Studies in Theology. Grand Rapids: Eerdmans, 1957.
Borgen, P. "God's Agent in the Fourth Gospel," in Religions in Antiquity: Essays in Memory of E.R. Goodenough. Ed. J. Neusner. Leiden, 1968.
Boyd, Gregory. Oneness Pentecostals and the Trinity. Baker Book House, 1995.
Brown, Harold. Heresies. Doubleday, 1984.
Brown, Raymond. The Birth of the Messiah. London: Geoffrey Chapman, 1977.
Brown, Raymond. The Gospel According to John, Anchor Bible. New York: Doubleday, 1966.
Brown, Raymond. Jesus, God and Man. New York: Macmillan, 1967.
Bruce, F.F. The Epistle to the Hebrews, New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids: Eerdmans, 1964
Bruce, F.F. Romans, Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids: Eerdmans, 1985.
Brunner, Emil. Christian Doctrine of God, Dogmatics. Philadelphia: Westminster Press, 1950.
Buswell, J.O. A Systematic Theology of the Christian Religion. Zondervan, 1962.
Buzzard, Anthony. The Coming Kingdom of the Messiah: A Solution to the Riddle of the New Testament. Restoration Fellowship, 1988.
Buzzard, Anthony. Our Fathers Who Aren't in Heaven: The Forgotten Christianity of Jesus the Jew. Restoration Fellowship, 1995.

Cadoux, C.J. A Pilgrim's Further Progress: Dialogues on Christian Teaching. Blackwell, 1943.
Caird, G.B. The Language and Imagery of the Bible. Philadelphia: Westminster Press, 1980.
Carey, George. God Incarnate: Meeting the Contemporary Challenges to a Classic Christian Doctrine. InterVarsity Press, 1977.
Cave, Sydney. The Doctrine of the Person of Christ. Duckworth, 1925.
Clarke, Adam. Clarke's Commentary. New York: T. Mason and G. Lane, 1837.
Colman, Henry. Valedictory. n.p., 1820.
Constable, H. Hades or the Intermediate State. n.p., 1875.
Cupitt, Don. The Debate About Christ. London: SCM Press, 1979.

Dana and Mantey. A Manual Grammar of the Greek New Testament. New York: Macmillan, 1955.
Denny, James. Letters of Principal James Denny to W. Robertson Nicoll. London: Hodder and Stoughton, 1920.

Dewick, E.C. Primitive Christian Eschatology, The Hulsean Prize Essay for 1908. Cambridge University Press, 1912.
Dosker, H.E. The Dutch Anabaptists. Judson Press, 1921.
Dunn, James. Christology in the Making. Philadelphia: Westminster Press, 1980.
Dunn, James. Romans, Word Biblical Commentary. Dallas: Word Books, 1988.

Ehrman, Bart. The Orthodox Corruption of Scripture. Oxford University Press, 1993.
Eliot, W.G. Discourses on the Doctrines of Christianity. Boston: American Unitarian Society, 1886.
Erickson, M.J., ed. Readings in Christian Theology. Baker Book House, 1967.

Fackré, Gabriel. The Christian Story. Grand Rapids: Eerdmans, 1978.
Filson, F. The New Testament Against Its Environment. London: SCM Press, 1950.
Flesseman, Ellen. A Faith for Today. Transl. J.E. Steely. Mercer University Press, 1980.
Fortman, Edmund J. The Triune God. Baker Book House, 1972.
Friedmann, Robert. The Theology of Anabaptism. Herald Press, 1973.

Gesenius, H.F.W. Gesenius' Hebrew Grammar. Ed. E. Kautzsch. Oxford: Clarendon Press, 1910.
Gilbert, G.H. The Revelation of Jesus, A Study of the Primary Sources of Christianity. New York: Macmillan Co., 1899.
Gillet, Lev. Communion in the Messiah: Studies in the Relationship between Judaism and Christianity. Lutterworth Press, 1968.
Gore, Charles. Belief in Christ. London: John Murray, 1923.
Goudge, H.L. "The Calling of the Jews" in the collected essays on Judaism and Christianity. Shears and Sons, 1939.
Green, F.W. Essays on the Trinity and the Incarnation. Longmans, Green & Co., 1928.
Grensted, L.W. The Person of Christ. London: Nisbet and Co. Ltd., 1933.
Grillmeier, Aloys. Christ in Christian Tradition. Atlanta: John Knox Press, 1975.

Hanson, A.T. Grace and Truth: A Study in the Doctrine of the Incarnation. London: SPCK, 1975.
Harnack, Adolf. History of Dogma. Trans. Neil Buchanan. London: Williams and Norgate. 7 vols. 1895-1900.
Harnack, Adolf. What Is Christianity? Trans. T.B. Saunders. Gloucester, MA: Peter Smith, 1978.
Harrison, Everett F. Romans, Expositor's Bible Commentary. Grand Rapids: Zondervan, 1976.
Hart, Thomas. To Know and Follow Jesus. Paulist Press, 1984.
Harvey, A.E. Jesus and the Constraints of History. Philadelphia: Westminster Press, 1982.
Hay, David. Glory at the Right Hand: Psalm 110 in Early Christianity. Nashville: Abingdon, 1973.
Heer, Frederich. God's First Love. Weidenfeld and Nicolson, 1970.
Hertz, J.H. Pentateuch and Haftorahs. London: Soncino Press, 1960.
Hick, John, ed. The Myth of God Incarnate. London: SCM Press, 1977.
Hill, Christopher. Milton and the English Revolution. New York: Viking Press, 1977.
Hillar, Marian. The Case of Michael Servetus (1511-1553) — The Turning Point in the Struggle for Freedom of Conscience. Edwin Mellen Press, 1997.
Hodgson, Leonard. Christian Faith and Practice, Seven Lectures. Oxford: Blackwell, 1952.
Hodgson, Leonard. The Doctrine of the Trinity. Nisbet, 1943.
Humphreys, A.E. The Epistles to Timothy & Titus, Cambridge Bible for Schools and Colleges. Cambridge University Press, 1895.

Inge, W.R. A Pacifist in Trouble. London: Putnam, 1939.

Jervell, Jacob. Jesus in the Gospel of John. Minneapolis: Augsburg, 1984.
Johnson, Paul. A History of Christianity. New York: Atheneum, 1976.

Knight, G.A.T. Law and Grace. Philadelphia: Westminster Press, 1962.
Knox, John. The Humanity and Divinity of Jesus. Cambridge University Press, 1967.
Kuschel, Karl-Josef. Born Before All Time? The Dispute over Christ's Origin. Transl. John Bowden. New York: Crossroad, 1992.

Lampe, Geoffrey. God as Spirit. London: SCM Press, 1977.
Lamson, Alvan. The Church of the First Three Centuries. Boston: Houghton, Osgood & Co., 1880.
Lapide, Pinchas. Jewish Monotheism and Christian Trinitarian Doctrine. Philadelphia: Fortress Press, 1981.
Lindbeck, George. The Nature of Doctrine and Religion: Theology in a Postliberal Age. Philadelphia: Westminster Press, 1984.
Lockyer, Herbert. All the Divine Names and Titles in the Bible. Zondervan, 1975.
Loofs, Friedrich. Leitfaden zum Studium der Dogmengeschichte (1890). Halle-Saale: Max Niemeyer Verlag, 1951.
Lyonnet, S. "L'Annonciation et la Mariologie Biblique," in Maria in Sacra Scriptura. Acta Congressus MariologiciMariani In República Dominicana anno1965 Celebrati. Rome: Pontificia Academia Mariana Internationalis, 1967.

Mackey, James. The Christian Experience of God as Trinity. London: SCM Press, 1983.
MacKinnon, James. The Historic Jesus. Longmans, Green and Co., 1931.
Marshall, I. Howard. Acts, Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids: Eerdmans, 1980.
Mattison, M.M. The Making of a Tradition. Ministry School Publications, 1991.
Metzger, B.M. A Textual Commentary on the Greek New Testament. United Bible Society, 1971.
Meyer, H.A.W. Commentary on the New Testament: Gospel of John. New York: Funk & Wagnalls, 1884.
McLachlan, H.J. Socinianism in Seventeenth-Century England. Oxford University Press, 1951.
McNeile, A.H. New Testament Teaching in the Light of St. Paul's. Cambridge University Press, 1923.
Milton, John. Treatise on Christian Doctrine. Reprint. London: British and Foreign Unitarian Association, 1908.
Morey, Robert. The Trinity: Evidence and Issues. World Publishing, 1996.
Morgridge, Charles. The True Believer's Defence Against Charges Preferred by Trinitarians for Not Believing in the Deity of Christ. Boston: B. Greene, 1837.
Morris, Leon. The Gospel According to John, New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids: Eerdmans, 1971.
Mosheim, J. Institutes of Ecclesiastical History. New York: Harper, 1839.
Moule, C.F.D. An Idiom Book of New Testament Greek. Cambridge University Press, 1953.
Moule, H.C.G. Romans, Cambridge Bible for Schools and Colleges. Cambridge University Press, 1918.
Moulton, J.H., ed. Grammar of New Testament Greek. T&T Clark, 1963.
Mounce, R.H. The Book of Revelation. Marshall, Morgan and Scott, 1977.
Mowinckel, S. He That Cometh. Transl. G.W. Anderson. Nashville: Abingdon, 1954.
Murray, J.O.F. Jesus According to St. John. London: Longmans, Green, 1936.

Neusner, J., ed. Religions in Antiquity: Essays in Memory of E.R. Goodenough. Leiden, 1968.
Norton, Andrews, ed. General Repository and Review. Cambridge, MA: William Hilliard, 1813.

Ohlig, Karl-Heinz. Ein Gott in drei Personen? Vom Vater Jesu zum "Mysterium" der Trinität. Mainz: Matthias Grünewald-Verlag, 1999.
Olyott, Stuart. The Three Are One. Evangelical Press, 1979.
Ottley, C. The Doctrine of the Incarnation. Methuen and. Co., 1896.

Paine, L.L. A Critical History of the Evolution of Trinitarianism. Boston and New York: Houghton Mifflin and Co., 1902.
Pastor, Adam. Underscheit tusschen rechte und falsche leer. Bibliotheca Reformatoria Nederlandica.
Pittenger, Norman. The Word Incarnate. Nisbet, 1959.
Plummer, Alfred. Gospel According to S. Luke, International Critical Commentary. Edinburgh: T & T Clark, 1913.
Plummer, Alfred. Gospel of John, Cambridge Bible for Schools and Colleges. Cambridge University Press, 1882.
Priestley, Joseph. History of the Corruptions of Christianity. J. & J.W. Prentiss, 1838.
Purves, G.T. The Testimony of Justin Martyr to Early Christianity. New York: Randolph & Co., 1889.

Quick, Oliver. Doctrines of the Creed. Nisbet, 1938. The Racovian Catechism. Transl. T. Rees. London: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1818.

Rahner, Karl. Theological Investigations. Baltimore: Helicon Press, 1963.
Reese, Alexander. The Approaching Advent of Christ. Grand Rapids: International Publications, rep. 1975.
Richardson, Alan. Introduction to the Theology of the New Testament. London: SCM Press, 1958.
Robinson, J.A.T. The Human Face of God. London: SCM Press, 1973.
Robinson, J.A.T. Twelve More New Testament Studies. London: SCM Press, 1984.
Rogers, J.B. and Baird, F.E. Introduction to Philosophy. San Francisco: Harper & Row, 1981.
Rubenstein, R.E. When Jesus Became God: The Struggle to Define Christianity during the Last Days of Rome. Harcourt, 1999.

Rudolph, Kurt. Gnosis: The Nature and History of Gnosticism. Harper & Row, 1983.
Runia, Klaas. An Introduction to the Christian Faith. Lynx Communications, 1992.
Runia, Klaas. The Present-Day Christological Debate. InterVarsity Press, 1984.

Sanford, C.B. The Religious Life of Thomas Jefferson. University Press of Virginia, 1987.
Schaff, Philip. History of the Christian Church. Grand Rapids: Eerdmans, 1907- 1910.
Schillebeeckx, Edward. Christ. London: SCM Press, 1980.
Schonfield, Hugh. The Politics of God. London: Hutchinson, 1970.
Schurer, Emil. The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ. T&T Clark, 1979.
Schweitzer, Albert. Paul and His Interpreters. London, 1912.
Scott, E.F. The Fourth Gospel. T & T Clark, 1926.
Selwyn, E.G. First Epistle of St. Peter. Baker Book House, 1983.
Simon, Morris. The Soncino Chumash. London: Soncino Press, 1947.
Snaith, Norman. The Distinctive Ideas of the Old Testament. London: Epworth Press, 1944.
Stott, John. The Authentic Jesus. Marshall, Morgan and Scott, 1985.
Sumner, Robert. Jesus Christ Is God. Biblical Evangelism Press, 1983.

Tasker, R.V.G. John, Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids: Eerdmans, 1983.
Temple, William. Foundations. London: Macmillan & Co., 1913.
Torrey, R.A. The Holy Spirit. Fleming Revell Co., 1977.
Turner, Nigel. Grammatical Insights into the New Testament. Edinburgh: T&T Clark, 1965.

Van Buren, Paul. A Theology of Jewish-Christian Reality. Harper & Row, 1983.
Vaucher, Alfred. Le Problème de l'Immortalité. n.p., 1957.

Wainright, Arthur. The Trinity in the New Testament. London: SPCK, 1962.
Walvoord, John F. and Zuck, Roy B., eds. The Bible Knowledge Commentary. Victor Books, 1987.
Watson, David. Christian Myth and Spiritual Reality. London: Victor Gollanz, 1967.
Wendt, H.H. The Teaching of Jesus. Edinburgh: T&T Clark, 1892.
Wendt, Hans. System der Christlichen Lehre. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1907.
Wenham, G.J. Genesis 1-15, Word Biblical Commentary. Waco, TX: Word Books, 1987.
Werner, Martin. Formation of Christian Dogma: An Historical Study of Its Problems. A & C Black, 1957.
Westcott, B.F. The Gospel of John. Grand Rapids: Eerdmans, 1981.
Wiles, Maurice. The Remaking of Christian Doctrine. London: SCM Press, 1974.
Williams, G.H. The Radical Reformation. Philadelphia: Westminster Press, 1962.
Wilson, Ian. Jesus: The Evidence. Harper & Row, 1984.
Wilson, John. Concessions of Trinitarians. Boston: Munroe & Co, 1845.
Wilson, John. Unitarian Principles Confirmed by Trinitarian Testimonies. Boston: American Unitarian Association, 1848.
Wright, C.J. Jesus: The Revelation of God. Book 3 of The Mission and Message of Jesus. New York: E.P. Dutton and Co., 1938.
Wuest, Kenneth. Great Truths to Live By. Grand Rapids: Eerdmans, 1952.

Yates, James. Vindication of Unitarianism. Boston: Wells and Lilly, 1816.

Zweig, Stefan. The Right to Heresy. Beacon Press, 1951